

REVISTA DA SEMANA

Nº 10

Cr\$ 2.00 em todo o Brasil

6-3-48



O ANO ESPORTIVO

SINTESE COMPLETA



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948 À VENDA

Este e inúmeros outros assuntos (contos, romances policiais e de amor, calendário e informações sobre o ano, história, ciência e arte) são encontrados no **ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948**, à venda em toda parte por Cr\$ 15,00. Pedidos à **Cia. Editora Americana**, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio. — Rua Maranguape, 15, Rio.

UM HOMEM DE MUITAS VIDAS

BASILIO Vianna Junior viveu muitas vidas. A do homem do esporte, fundador do Botafogo e frequentador do Jockey Club. A do artista que fazia vitrines da Souza Cruz, a do repórter marítimo mais madrugador do Rio de Janeiro, a do boêmio, — a vida de todos os dias e a de todas as noites. E, mais, ainda, a vida que sonhava viver e que inventava, vivendo-a na imaginação. Amigo, era fiel e dedicado como poucos. Quando aluno do Lycée Français representara peças de Molière no original. Vivera alguns anos em Paris, em contacto com artistas de teatro e "music-hall". Tornara-se um "parigot". Dizia-se íntimo de príncipes e princesas. "Um destes dias eu te mostro um relógio de ouro que recebi de presente de Eduardo VIII, quando ele era príncipe de Gales e pegamos um pileque juntos em Montmartre". Ou, então: "Vou te dar uma gravata, que recebi por via aérea de Paris". Não cumpria essas promessas, mas alegrava as conversas sensaboranas, dava um rumo novo à palestra. Havia nele um fundo fantasista. Procurava criar um mundo seu evitando o contacto com a realidade quotidiana. Quando se era seu amigo, tinha-se de aceitá-lo, com essas fantasias, certos de que encontraríamos, da parte dele, a máxima boa fé, na aceitação das nossas. Poderíamos fazer, assim, um perfeito intercâmbio de sonhos.

Tão grande era a sua boa fé que, às vezes, não se advertia da perversidade de alguns colegas. Um dia, chegara tarde a um navio, cuja entrada no porto teria de registrar nas páginas d'"A Noite". Perguntou o que havia de importante. Um colega, — creio que foi Edmir Pedernheiras, — disse-lhe que de importante, propriamente, não havia nada. Mas havia uma coisa pitoresca: chegara Grock, o famoso palhaço europeu. E deu-lhe um retrato de um vasto homem, de nariz rubicundo e fisionomia sorridente. Saiu, n'"A Noite", o registro da chegada do "ilustre palhaço". E, no dia seguinte, o homem de fotografia subia as escadas da antiga redação do largo da Carioca, para reclamar:

— Isto é um absurdo! É uma indignidade! Eu, um palhaço!

Era, apenas, o chefe de uma sisuda delegação comercial inglesa, em visita de negócios à América do Sul. Tratava-se de uma "barriga", como se diz na linguagem de imprensa, — pregada por seus próprios colegas. Desde então, talvez para vingar-se, Basílio descobria príncipes e princesas, milionários em férias, estrelas de cinema, etc., em tudo quanto era navio. Algumas vezes, pegava. Os colegas davam a "barriga". Outras vezes, entretanto, ele mesmo acabava crendo naquilo. Com a rotina da reportagem marítima, habituou-se a certas fórmulas. Um diplomata em trânsito, — digamos, o embaixador de Portugal na Argentina, passando aqui, a caminho de Lisboa, diria sempre: "Estou encantado com a Argentina. É uma nação em franco progresso, acolhedora e magnífica. O governo argentino está realizando um belo esforço para desenvolver a jovem civilização, etc.". Acontece que, um dia, o diplomata era um embaixador japonês, que voltava indignado, depois de um caso a respeito da paralisação dos vistos em passaportes de súditos nipônicos. Caso tão grave que importara numa alteração nas relações diplomáticas entre o Japão e a Argentina. Dessa vez, houve um protesto formal contra as expressões gentis... Coisa com que Basílio, artífice do bom entendimento internacional, nunca sonhara...

A par de incidentes como êsse, entretanto, quantos "furos"! Não era raro vê-lo entrar na redação arrastando pelo braço uma celebridade internacional, — um Gigli, um Schipa, uma Josephine Baker, um Bing Crosby, a pretexto de tomar um cafézinho de jornal...

Com suas roupas mais ou menos espantosas, bengala e monóculo, chapéu debruado, sapatos de pano, Basílio era um tipo bizarro. Mas era também, apesar dessa aparência de "dandy" fora da moda, um esplêndido colega, sempre jovial e bem humorado. Não fazia mal a ninguém. Ajudava sempre que podia ajudar. Aos 60 anos de idade, — três anos antes de sua morte, — poucos lhe dariam cinquenta. Viviam roído pela saudade de Paris, — e talvez pela certeza de que para lá não voltaria. De regresso de sua última viagem, contava maravilhas aos amigos. A um deles, — Sérgio da Rocha Miranda, — descreveu com minúcias uma luxuosíssima indumentária de "maharajah" autêntica, que recebera de presente de um potentado, creio que o Aga Khan. Mais tarde, o amigo querendo brilhar num baile de carnaval, pediu-lhe a indumentária indú emprestada, afim de utilizá-la como fantasia. Basílio não titubeou:

— Vou mandar abrir minhas malas para procurar... Dentro de cinco ou seis dias, você me telefone...

E voou para o antigo Parc Royal, onde gastou cerca de uma dezena de contos com um deslumbrante trajo indú, na melhor seda que ali encontrou... e com a condição de não colocarem qualquer etiqueta! Era assim. Fabricava a realidade, como queria que ela tivesse acontecido.

Caso parecido é o das bengalas de junco. Um dia, aparecera no Palace Hotel com uma delas, extremamente flexível. Um amigo gabou-a.

— Artigo inglês, — disse Basílio. — Vêm diretamente do meu bengaleiro, em Bond Street. Como perco sempre muita bengala, faço meus pedidos em duplicata... Eu te dou a outra.

E deu mesmo. Mas, meses depois, esse amigo foi provar uma roupa no Almeida Rabello. Lá encontrou um porta-bengalas, com várias outras, no mesmo estilo.

— Como? Tem dessas bengalas aqui?

— Sim... E o senhor não calcula como se vendem! Só o dr. Basílio Vianna já me comprou dez!

Bacharel em direito, depois de haver conquistado um diploma de farmacêutico não exerceu nem uma, nem outra profissão. Foi, apenas, um homem de jornal, suprimindo com entusiasmo uma ou outra lacuna de ordem intelectual. Amou sua folha, "A Noite" como amava os esportes, sua cidade natal, o Rio, e aquela outra, Paris de que se fizera filho pelo coração. No seu entêro, — a que compareceram todos os que lhe queriam bem, — só faltou uma coisa: um padre que tivesse recitado o Padre-Nosso em francês. Foi para o céu, ele que era um bom. E se o céu não for exatamente aquilo que esperava, não fará mal. Inventará um outro... Um céu parisiense.

R. MAGALHÃES JUNIOR

(Para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

Um homem de muitas vidas (R. Magalhães Junior)	3
O homem que proclamou a República (Viriato Correia)	16
Luigi Pirandello, como o conheci (Ruggero Jacobbi)	17
Portinari, samba e outras coisas (Jorge Maia)	25

BIOGRAFIA:

A vida de John Locke (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	24
---	----

CARICATURA:

Bom humor	12/13
-----------------	-------

REPORTAGENS:

O jogo acabou... Pois sim! (Ney Machado)	6/11
William Powell está de cabelos brancos (Luís Serrano)	20/21
Carnaval... mas em Dunquerque! (Romain Lesage)	26/29

CONTOS:

Uma esposa compreensiva (Hercília Lins)	14/15
João de Barro (Alberto Leal)	19
Sorte Grande (Sebastião Fernandes)	22/23
Oh! As mulheres... (Gino Palmisano)	30

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty) ..	31
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	32
Muro das lamentações	33
O espírito feminino através dos tempos	36
Mães e filhos (Zóia de Laet)	37
"Weeek-end" na cozinha (Marie Cook)	40

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	18
Cancioneiro Internacional	42
Música	43
Caixa de Ressonância (Mary Agnes Hamilton)	41

FOLHETIM:

"Um porto remansoso" (Olive Higgins Prouty e George Tetzl) ..	49/50
---	-------

ILUSTRAÇÃO:

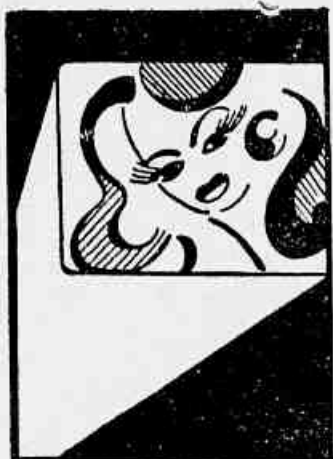
Armando Pacheco, Fernando Pereira, R. de Laet e Orlando Matos.	
--	--

NOSSA CENA

EVA Todor, uma das "estrelas" de maior prestígio do nosso teatro de comédia, vai partir dentro de alguns dias para Portugal, com sua homogênea companhia, afim de apresentar ao público de Lisboa comédias de Viriato Correia, Joracy Camargo, Luís Iglézias e outros autores nacionais, além de obras estrangeiras como "Cândida", "Claudia" e outras. Essa excursão representará, sem dúvida, mais um êxito expressivo em sua triunfante carreira artística.

a Semana em Revista

O QUE FAZ FALTA AO CINEMA BRASILEIRO



Os filmes nacionais estão tendo mais público e estão dando rendas consideráveis. Já era tempo de melhorarem. Ainda agora, acabamos de ver um filme, "Esta é fina", em que não podia ser maior o desleixo técnico e artístico, ao ponto de muitas cenas e artistas (inclusive a protagonista), serem pateados pelo público. O filme anterior, "E' com este que eu vou!", embora um pouquinho melhor, tinha também lacunas técnicas graves e abusava de recursos condenáveis. Em sua seção denominada "Ecos e comentários", o vespertino "A Noite" se referiu, com muita justiça, a esses abusos, escrevendo: "Existe uma lei de amparo à cinematografia nacional. Mas essa lei já está atrasada, em relação à realidade do momento. Foi feita numa época em que

nos escasseava a produção de películas e, ao mesmo tempo, não existia boa vontade alguma por parte dos exibidores, nem do público. Hoje existe boa vontade do público e, quase sempre, um filme nacional se não tem uma história boba e defeitos insanáveis de ordem técnica, geralmente produz rendas maiores do que uma super-produção importada, qualquer que seja a sua origem. Surge, por isso mesmo, uma situação diferente. Os exibidores já não repelem, como antes, o filme nacional. Este passou a ser negócio lucrativo, para o exibidor, como para o produtor. E' necessário, por isso mesmo, que se faça uma revisão da lei, no sentido de ampliá-la e de torná-la igualmente mais exigente. Por exemplo: já se pode pensar em criar a obrigatoriedade para um número maior de películas brasileiras, bem como de fazer o levantamento da renda das casas exibidoras, de modo que essas películas tenham automaticamente assegurada a permanência, em cartaz, de mais um período, quando no período anterior tiveram feito a renda média semanal da casa. Mas, deve-se pensar, igualmente, na adoção de um critério de censura mais severo e mais técnico, que impugne, em benefício do público, o que houver de mais gritantemente errado e de mau gosto, em tais películas. Cenas fora de foco, ausência de sincronismo, sonoridade deficiente, tudo isso deve ser esmerilhado para que não acabe constituindo a lei de proteção ao cinema nacional um incentivo ao desleixo, à incompetência, ao descaso. Igualmente, certos abusos e demonstrações de mau gosto — como, por exemplo, a deplorável exibição de Grande Otelo como uma pretensa "rainha das mulatas" em película recente — deviam ser escoimados severamente, pois não se compreende que se perversa a sensibilidade de uma platéia com a cumplicidade do Estado, especialmente porque este tem indeclináveis responsabilidades morais pelas quais deve zelar. Tudo isso são lacunas existentes na lei de proteção ao cinema brasileiro — que deve proteger até mais do que protege, mas jamais anunciando a pornografia ou o mau gosto."

A ETERNA MANIA DA CENTRAL DO BRASIL



A Estrada de Ferro Central do Brasil continua a dar os seus exemplos. Não vamos falar dos trens perenemente atrasados, das obras essenciais ao conforto do público dos subúrbios que se eternizam, nem da burocracia emperrada que impera nos seus andares. Queremos frisar um mal maior, cujas consequências atingirão imediatamente milhares de pessoas. Queremos protestar em nome de operários, comerciantes e pequenos funcionários públicos, contra o aumento de fretes já anunciado. Segundo consta, a direção da ferrovia já enviou circulares a todos os agentes do interior, comunicando-lhes que a partir de 1.º de março corrente todas as suas tarifas sofrerão um aumento. De quanto? Ainda não se sabe. Mas qualquer que seja isso já significa que as mercadorias transportadas pela Central chegarão ao Rio mais caras. E nós já sabemos o que resulta do aumento do preço de uma mercadoria na fonte de produção. Porque o agricultor vai cobrar mais duzentos réis no quilo de tomates, o atacadista cobrará mais quarenta centavos, o distribuidor mais um cruzeiro e o varejista, para não perder a alta, cobrará na quitanda mais dois cruzeiros em quilo. E com todos os gêneros acontecerá a mesma coisa. E isso tudo por que? Porque os notáveis diretores da Central do Brasil não se convenceram que a nossa principal ferrovia, responsável pelo maior escoadouro de alimentos das zonas produtoras, terá — a bem do povo e do governo — que exercer função econômica e não financeira. Estrada de ferro que dá lucro ao governo — a não ser com raras exceções — empobrece as populações a que serve. Sempre foi assim. Mas acontece que os últimos diretores da Central não conseguem aprender economia. Para provar o que dizemos bastaria a estatística do último

ano, consignando que das quarenta e quatro ferrovias nacionais, apenas vinte e uma apresentam saldos. As vinte e três restantes dão "deficits". Entre as deficitárias encontram-se a Viação Federal Leste Brasileira que serve à Bahia e Sergipe (com trinta e dois milhões de cruzeiros de "deficit" por ano); a Rede Mineira de Viação, que encampou a Estrada de Ferro Oeste de Minas (com quinze milhões de cruzeiros por ano); a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (com vinte e um milhões de cruzeiros por ano); a Rede Viação Cearense (com dez milhões de cruzeiros por ano); a Estrada de Ferro de Bragança e a Bahia e Minas (com mais de sete milhões de cruzeiros por ano). O balanço da Central do Brasil não é ainda conhecido, mas pelo que se vê, os seus diretores querem forçá-la a dar lucro, seja como for. Os prejuízos anuais das ferrovias são cobertos pelo governo em verba especial do Ministério da Viação e Obras Públicas. O dinheiro de que lança mão o governo vem, em grande parte, do imposto de renda e de outras taxas que não atingem os humildes, mas os mais abonados. Logo quem mais lucra é a população humilde, que pode comprar mais barato os gêneros de primeira necessidade transportados pelas ferrovias. Pois é esse sistema razoável de economia que a Central vai quebrar mais uma vez.

As passagens estão caríssimas e o passageiro — principalmente o do interior — tem o mesmo conforto que seus avós, há quarenta anos, quando a passagem custava dez vezes menos. A Central continua dando o mau exemplo nos aumentos de fretes e passagens e tornando impossível a estabilidade dos preços de gêneros. Não havendo concorrência eficiente do transporte nas rodovias — pois o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem conserva muito bem os buracos das nossas estradas — a Central enriquecerá de alguns milhares de cruzeiros. O povo, que está no outro prato da balança, verá ainda mais baixo o seu nível de vida. Comerá menos, comprará tudo mais caro, para que a Central do Brasil não sofra a vergonha de ser uma empresa deficitária...

CHUVAS DE CASOS POLÍTICOS...



O general Eurico Gaspar Dutra, no seu governo, tem revelado, inegavelmente, propósitos de conciliação, promovendo o entendimento entre os maiores partidos nacionais, que se tornou conhecido como "o acôrdo". A inspiração desse entendimento foi do chefe do governo e não teria sido o mesmo possível sem sua decidida intervenção no sentido de harmonizar as forças partidárias, vencendo sabotadores desse esforço em vários campos. Foi, finalmente, assinado o acôrdo, no Palácio do Catete, perante o chefe do Governo, não só sendo lavrada uma ata, mas ainda proferidos solenes discursos pelo sr. Nereu Ramos, em nome do PSD, pelo sr. José Américo de Almeida em nome da UDN e pelo sr. Arthur da Silva Bernardes, em nome do PR. Por isso mesmo, causou espécie a rebelião política do Estado do Piauí, de onde só não espirrou o governador Rocha Furtado, embora apoiado maciçamente por metade dos deputados estaduais, menos um, porque teve o decidido apoio do Catete e do ministro da Justiça. Mas, mal se encerrou o caso do Piauí, como se o país não

quedasse prescindir do clima de agitação, dos mexidos partidários, das intrigas de campanário, outros casos foram surgindo e obtendo espaço nos jornais cariocas. Falou-se de um caso de Goiás. Falou-se de um caso da Paraíba. Falou-se de um caso de São Paulo. E fala-se agora, também, de um caso de Minas Gerais, onde se diz que o PR está muito aborrecido e ameaçador, tendo se afastado do governador Milton Campos, para cuja eleição contribuiu com os votos do seu eleitorado. Ai está uma coisa que precisa mudar, no Brasil: é essa mania de que a função das Assembléias Estaduais é meramente política. A função dessas Assembléias é, especialmente, legislar, — e legislar no sentido do bem comum. E' conveniente que elas se mantenham dentro dos seus limites, no campo das suas atribuições, deixando as questões políticas para serem decididas pelos partidos. Essas Assembléias têm objetivos definidos, têm finalidades a cumprir. Não podem se converter em campo de dissensões e de intrigas, agindo em esfera baixa e mesquinha, quando deviam, antes de mais nada, auscultar os interesses populares. Essas constantes notícias de "impeachments" não revelam senão desrespeito para com os princípios democráticos, sede de vinganças políticas ou processos de intimidação contra os governadores, afim de que certos grupos partidários obtenham destes o que eles entendem que não é moral conceder-lhes. De qualquer modo, uma vergonha e um abuso.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 10 — 6-3-43

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 97 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-8712

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1748, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

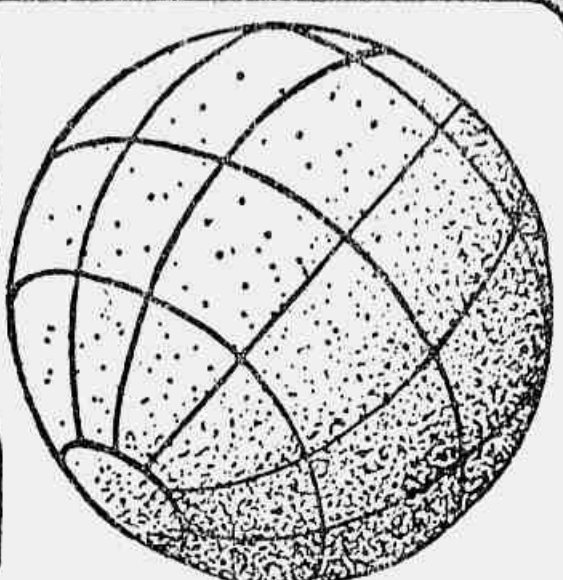
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O MUNDO Marcha



Gigantesca explosão destruiu vários edifícios do centro comercial de Jerusalém, causando cinquenta mortos e mais de uma centena de feridos. Árabes e judeus acusam os ingleses como responsáveis pelo monstruoso ato terrorista... Um hidroplano francês naufragou perto da costa normanda. Pereceram os dezenove tripulantes... A criminalidade vem aumentando dramaticamente. Um dos números de «Folha Carioca» da semana passada trazia em grandes títulos: «Assaltou e depredou a casa da própria mãe»; «Araci continua na cadeia»; «Esfagueou o companheiro de quarto»; «Arrebitou-lhe o crânio com uma machadinha»; «Foi separar a briga e terminou esfaqueado»; «Esfagueou o amigo por causa de um papagaio»; «Matava à fome um irmão, preso no galinheiro». Isso quanto às tragédias maiores. Criminosos menores contavam-se às centenas... O professor Oscar Pereira, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, comunicou a essa sociedade ter descoberto um anti-biótico, extraído do agrião, capaz de destruir o bacilo de Koch mais resistente em menos de vinte dias. Em Chicago está sendo empregada com êxito a sulfa na cura da lepra. Informes como estes justificam o título desta seção... Notícias de Belém anunciam que dezenas dos infelizes ex-soldados da borracha continuam em extremo desamparo, implorando que, ao menos, lhes deem passagens para voltar ao Nordeste. Por que até agora não responderam a processos certos diretores do S.E.M.T.A.?... A Argentina está comprando material bélico na Inglaterra e em outros países, no valor de vinte milhões de libras esterlinas. Pretende possuir mil aviões e tornar-se a maior potência aérea da América do Sul. Depois de convenientemente armada pela Inglaterra, discutirá com essa o problema das Ilhas Falklands... Faleceu no dia 24 próximo passado o antigo ator do teatro brasileiro Átila de Moraes, marido de dona Conchita de Moraes, afastada há pouco da ribalta, e pai de Dulcina de Moraes, grande figura do nosso teatro... O cardeal-arcebispo de Milão, d. Ildefonso Schuster, resolveu não absolver dos pecados todo aquele que for adepto do comunismo. Pobres dos «comunas» milaneses! Não conseguem mais passaporte para o céu... Os comunistas conseguiram estrangular a democracia na Tchecoslováquia, obrigando o presidente Benes a aceitar novo gabinete formado somente por «vermelhos». Que isto sirva de lição aos eleitores da Itália!... Irrompeu um movimento grevista nas oficinas da Estrada de Ferro Mogiana, em Campinas, paralisando o tráfego desta cidade e de outras próximas... Faleceram os ex-presidentes Juan Esteban Monteiro, do Chile, e general Alfredo Baldomir, do Uruguai... O professor Clovis Monteiro, secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal, aumentou a verba da alimentação gratuita das escolas primárias do Distrito Federal para sete milhões de cruzeiros. A verba anterior era de novecentos mil cruzeiros. Muito bem, professor! Como ilustração comparativa vamos assinalar que em Londres a distribuição de leite nas escolas públicas vai a mais de trezentos milhões de cruzeiros por ano. Apesar da crise e do racionamento... A Palestina continua sendo um «abacaxi» para as Nações Unidas. Enquanto o secretário da O.N.U., sr. Trygve Lie, advoga a divisão do país, os árabes da Palestina (setenta por cento da população) e de outros Estados árabes ameaçam os Estados Unidos de cancelar todas as concessões petrolíferas norte-americanas no Oriente Médio, caso a terra de Tio Sam continue na política de apoiar a divisão da Palestina... A Guatemala está se aproveitando da onda reivindicacionista do Chile e Argentina e declarou à Inglaterra que, por força de direito, irá proceder à ocupação das Honduras Britânicas. A Inglaterra enviou para as Antilhas o cruzador «Sheffield», a fim de garantir a sua soberania. Se as coisas continuarem assim, dentro em pouco os cruzadores da armada britânica não chegarão para as encomendas... As reservas de ouro do governo dos Estados Unidos atingiram o valor de quatrocentos e sessenta bilhões de cruzeiros (Cr\$ 460.000.000.000,00), quantia jamais alcançada por qualquer país em toda a história, e isso equivale a quase quatro quintos do dinheiro em ouro de todo o universo... Deu entrada no Pronto Socorro de Belo Horizonte o gastrônomo Joaquim Rodrigues da Silva. Depois de uma operação de três horas os médicos, estupefatos, retiraram do estômago do homem-avestruz o seguinte: um quilo de pregos de todos os tamanhos, dois parafusos, dois grampos para cabelo, uma moeda «getulinho» (essa era mesmo difícil de sair), grande quantidade de lâminas para barba, com gramas de cacos de vidro e dezenas de agulhas de vitrola. Talvez o «seu» Joaquim tenha se submetido a tal regime como protesto pela alta dos preços de gêneros... O Tribunal de Contas do Estado de São Paulo negou registro ao contrato de dez milhões e quinhentos mil cruzeiros feito pelo recém-nomeado secretário da Agricultura Hugo Borghi com uma firma do Rio. O «rei do algodão» esquecera-se de uma coisa: de abrir concorrência para a compra do material... Henrique Oest, ex-deputado comunista, perdeu as eleições para presidente da Associação dos Ex-Combatentes, sendo vitorioso o coronel Delmiro de Andrade, que comandou na campanha da Itália o glorioso 11º Regimento de Infantaria, sediado em São João del Rei... Em declarações a um vespertino, o sr. Félix Martins de Almeida, diretor do Sindicato da Indústria de Construção Civil, afirmou que dez mil sacos de cimento estariam sendo desviados, mensalmente, para o «mercado negro». O «mercado negro» do cimento é uma das explorações mais antigas do Rio. Nomes de poetas e pessoas gradadas são reconhecidos, à boca pequena, como interessados na contravenção... A respeito da anulação dos exames vestibulares na Faculdade Nacional de Medicina, em virtude de um dos alunos ser apanhado com o resultado antecipado das questões que iriam entrar em exame, o professor Alfredo Monteiro citou casos curiosos de «colas», entre os quais o de uma aluna que trazia a «cola» escrita na coxa. Surpreendida colando, como poderia o professor lavar flagrante? Está aí um caso para ser resolvido pela U.N.E... Continua o grande êxito cômico de «A Pequena Catarina», com Bibi Ferreira, Alma Flora e outros, no Serrador. Outra glória conquistou o Teatro do Estudante com a encenação de «A Castro». Liuba Vafnyek é outro grande talento revelado por Pascoal Carlos Magno... Por hoje é só... até sábado...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Lembre-se sempre.

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

“REVISTA DA SEMANA” ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

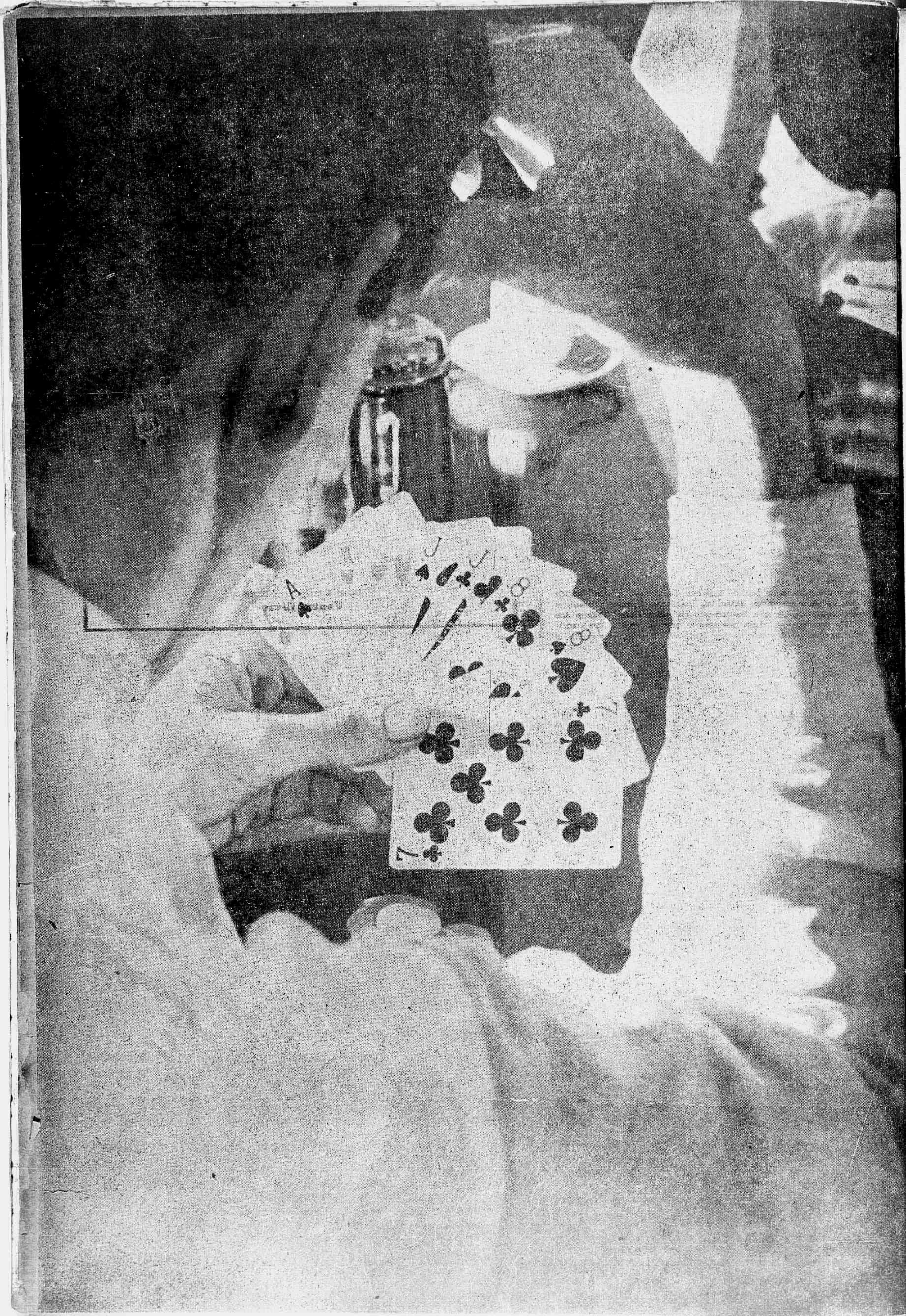
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

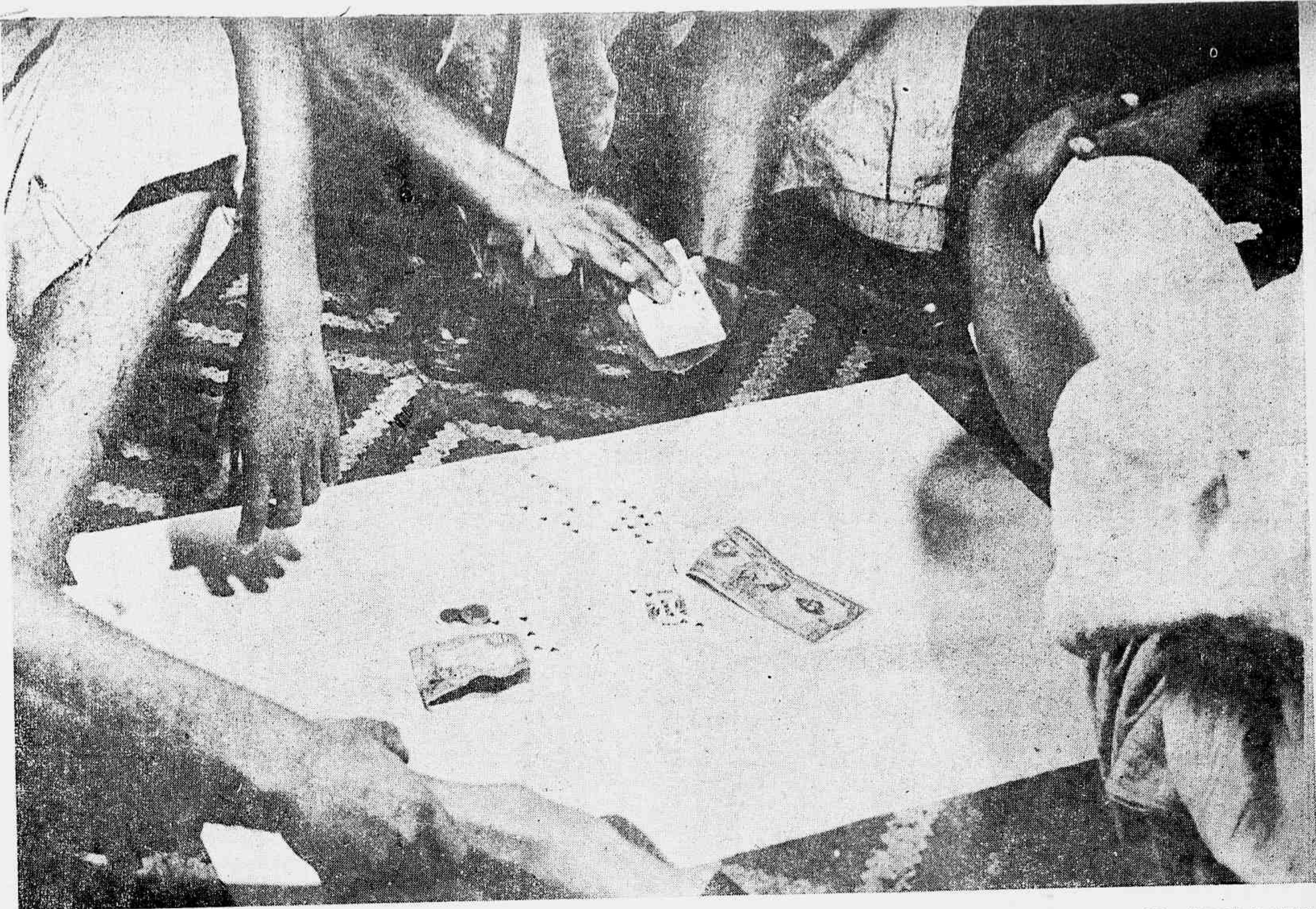
3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — “Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA”.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





Na página ao lado: a atitude característica da indecisão do parceiro de pife-pafe na hora de fazer o descarte. Ficará no par de oitos ou descartará um dêles, ficando à espera do seis e do nove de páus? O cérebro se cansa, as forças orgânicas se esvaem, enquanto o jogo prossegue durante dez, vinte, quarenta horas consecutivas. Em cima: o jogo de ronda, que se faz em qualquer esquina. Como granfinos não jogam "ronda", esse é um dos jogos mais perseguidos pela Polícia.

O JOGO ACABOU... POIS, SIM!

O RIO AINDA É CAPITAL DO BARALHO E DO PANO VERDE — POR QUE NÃO DESAPARECE O JOGO DO BICHO? — O DONO DO "BARATO" GANHA MAIS QUE QUALQUER PARCEIRO — SEXTENTA HORAS DE PIFE-PAFE À CUSTA DE LEITE QUENTE E EXCITANTES — CLUBES "RECREATIVOS" QUE NÃO CUMPREM SUA FINALIDADE — SÃO PROIBIDOS JOGOS BANCADOS E... JOGA-SE "STICKEY" — A PRAGA DOS CASSINOS CLANDESTINOS AQUI E NOS ESTADOS — OS FELIZARDOS "BOOK-MAKERS" — QUANDO SE JOGA ATÉ NAS DELEGACIAS DE POLÍCIA... — A NECESSIDADE DE "COMANDOS" CONTRA O JOGO — MILHARES DE PESSOAS VIVEM PARASITARIAMENTE DOS PROVENTOS DO JOGO CLANDESTINO — ROLETAS ATÉ NA RUA DO CATETE, PERTINHO DO PALÁCIO DO GENERAL EURICO GASPAR DUTRA.

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de D. VARELA

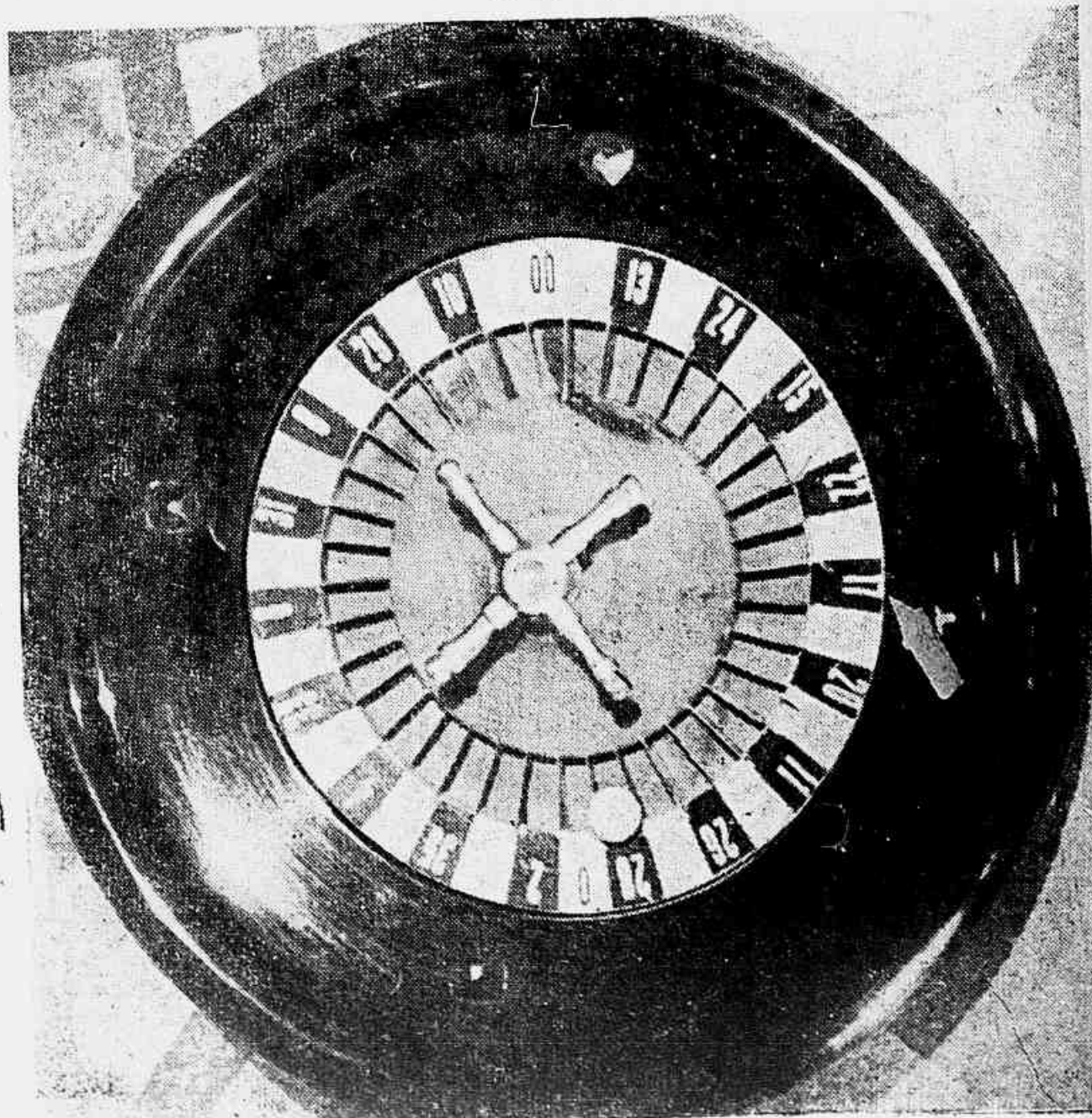
QUANDO o presidente Dutra tomou conta do governo, pareceu ao povo que o general iria acabar com as mazelas do tempo da ditadura Vargas. Um dos primeiros atos, que tão gratamente repercutiu no coração de milhares de famílias brasileiras, foi a extinção dos cassinos, que infestavam o Brasil de norte a sul. Daqueles palácios do jogo o País nada aproveitara para si. Não intensificavam o turismo e não contribuíam com impostos elevados para a educação ou saúde do pobre. Atraiam com suas luzes e seus «shows» milhões de incautos, arruinando-os. Depois de fechados os cassinos, certos jornais aventureiros, prejudicados no balcão de anúncios, arvoraram-se em defensores de uma classe de trabalhadores, esquecendo propositamente que o momentâneo desequilíbrio da situação dos empregados dos ex-cassinos representava a estabilidade em milhares de orçamentos domésticos. Mas a impressão que os jogos de azar tinham se acabado foi se desvanecendo

pouco a pouco. Os viciados que os cassinos haviam criado descobriram múltiplas formas de ludibriar o decreto presidencial e mesmo as portarias policiais. Cassinos dissimulados foram aparecendo. E o pior é que, atualmente, a transgressão já se faz às claras, se não com a criminosa complacência dos que deviam reprimi-la. O Rio transformou-se na capital dos jogos proibidos. Pululam pela cidade, nos apartamentos de Copacabana, Flamengo e Centro, nos clubes chamados «recreativos», «esportivos» e carnavalescos, nos parques de diversões e até nas próprias Delegacias de Polícia!!! O jogo acabou... mas só oficialmente. Está franco o jogo proibido. Sem impostos, sem perseguições, vai de vento em pópa. Vejamos o mais antigo deles, o nacionalíssimo «jogo do bicho».

MAIS FORTE QUE A LEI

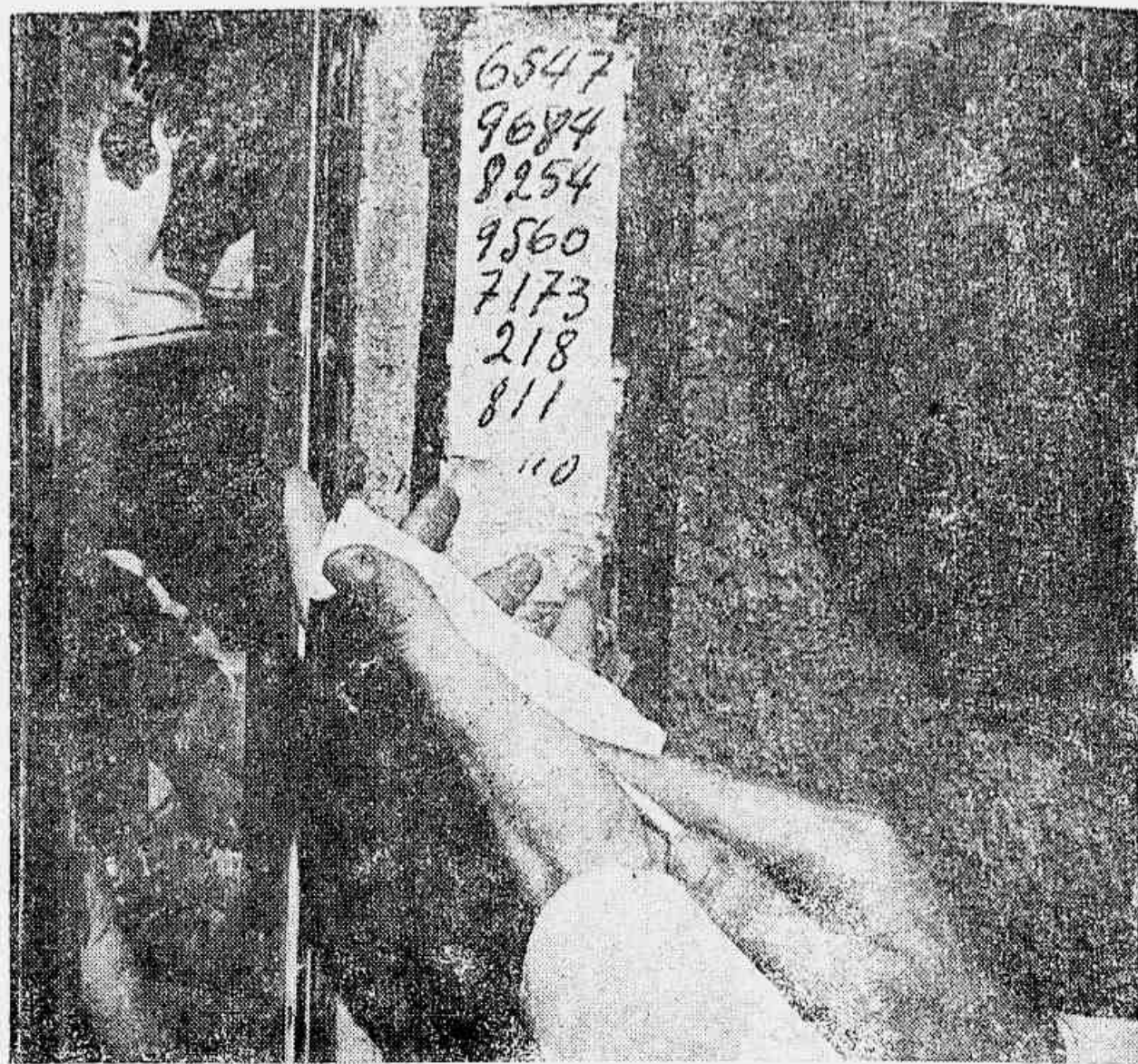
Muita gente se pergunta por que o «jogo do bicho» não desaparece do País. A resposta é fácil, embora muitos te-

Esta é uma roleta de brinquedo, em tudo igual às que giravam nos antigos cassinos. Não houve proibição de venda nas casas de brinquedos e a guriçada desde cedo contrai o vício da jogatina. Vendem até panos verdes com todas as figurações. Não admira que o número dos «tuleiados» não diminua.





A hora da "batida" no pife-pafe. "Chega", grita o parceiro nervoso, que passou horas e horas sem ver cair a "boa". Em baixo, um que está jogando "batido". Distração ou cansaço? Enquanto o seu dinheiro vem e vai, a caixinha do "barato" aumenta..



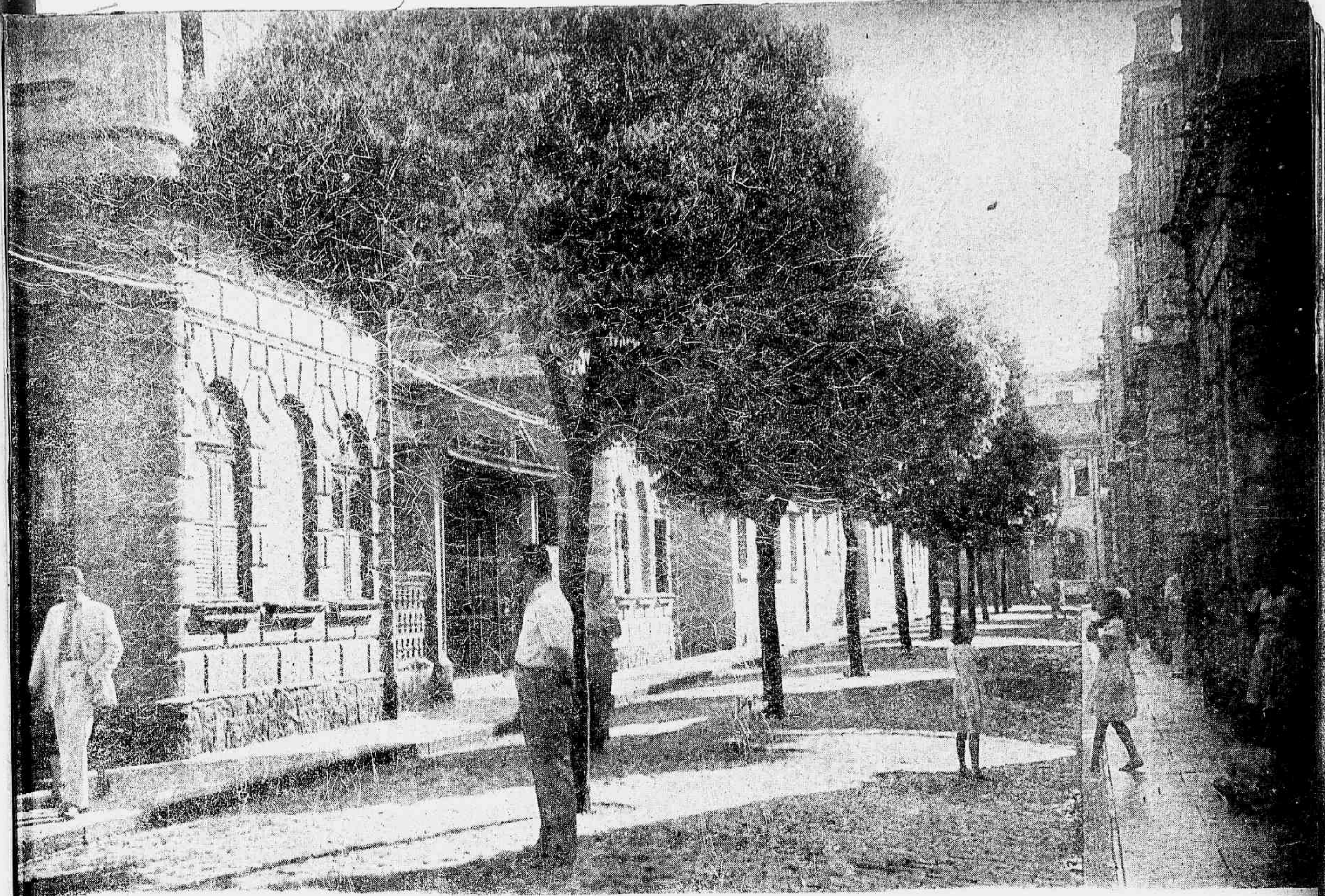
Conferindo os cinco prêmios mais o "moderno" e o "Rio". A Polícia combate o jogo do bicho quase que desde seu aparecimento. Não consegue vencê-lo... Por que?

nham medo de dizê-la. O «jogo do bicho» não desaparece do Brasil em razão dos «interesses criados». A própria Polícia não faz questão de exterminá-lo. Tolerá-o, na meia clandestinidade. As batidas policiais contra os antros dos banqueiros têm mais o caráter do aticamento das brasas da fogueira. Quando o «calor» diminui, os policiais aproveitam-se do texto da lei para cotucar os bicheiros. Ai o «calor» reaparece e tudo fica na melhor das harmonias. Raros os delegados que levam a sério o combate ao «bicho». Um desses foi o dr. Renato Bittencourt, — o terror dos bicheiros. De resto, a missão é difícil. E' preciso encontrar homens de confiança no seio de uma corporação que se habituou a ser complacente e a fechar os olhos. Muitos, aliás, não resistem à tentação de jogar no «bicho», — para ganhar o necessário «zero que está faltando no seu ordenado». Ou a jogar outros jogos. Ainda há pouco tempo o delegado Dulcídio Gonçalves, outra das autoridades excepcionais, dos raros, a que nos

referimos acima, autuou em flagrante quatro investigadores do 1º Distrito Policial que jogavam «rondas» naquela Delegacia a dinheiro forte. Na Churrascaria Gaúcha, em Copacabana, houve no ano passado um conflito. Que era? Que não era? Simplesmente isto: elementos da Polícia do Distrito Federal, embriagados, haviam trocado tiros, ao fim de uma festa de confraternização com os «bicheiros», que haviam pago o bródio e feito, ainda, o pagamento de uma gorda contribuição mensal à «caixa» daqueles «agentes da lei», um pouco entusiasmados de mais com as libações que se sucediam à partilha da «gaita». E' certo que nem todos os policiais são assim. Mas como podem os que são honestos agir com eficiência, se encontram os que não são sabotando os seus esforços? Que autoridade moral poderão ter investigadores como esses, que jogam pife-pafe e outros jogos de azar com banqueiros e bicheiros? O «jogo do bicho» não é mais forte do que a lei, como querem alguns. A fraqueza moral de certos policiais

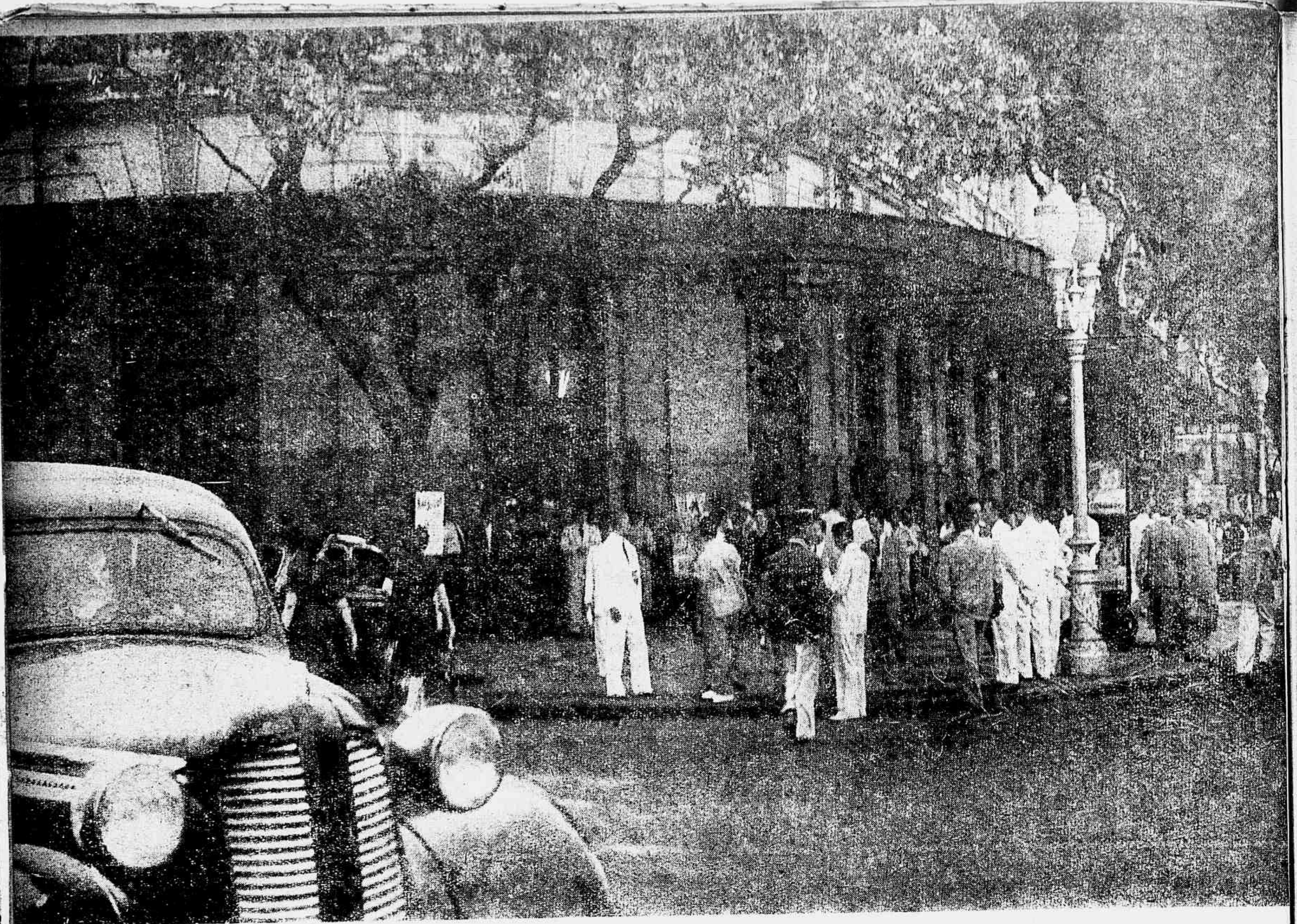
Rara é a esquina de um quartelão que não tenha pregado diariamente a célebre lhinha consultada por muita gente, inclusive investigadores, guardas-civis e até vereadores...





Nesta página, aparecem dois detalhes da Vila Rui Barbosa, um dos quartéis-generais do jogo do bicho no Rio de Janeiro. A célebre "Fortaleza" fica situada entre as ruas do Senado, Lavradio, Relação e Henrique Valadares, parede-mela com outro quartel-general, o da Polícia do Distrito Federal. O reduto dos banqueiros do bicho nunca foi incomodado. Vive em perfeita "boa vizinhança" com os seus inimigos teóricos... na fotografia de baixo, aparece a Travessa Chiquita, da Vila Rui Barbosa, e assinalada por uma flecha a casa dos banqueiros. Quando chegamos a esta travessa o movimento era intenso. Percebendo a máquina, bicheiros e banqueiros desapareceram. Se a Polícia ainda não sabia do endereço fica aí a nossa modesta contribuição à campanha contra o jogo. Esperamos que não nos ouçam mal por isso...



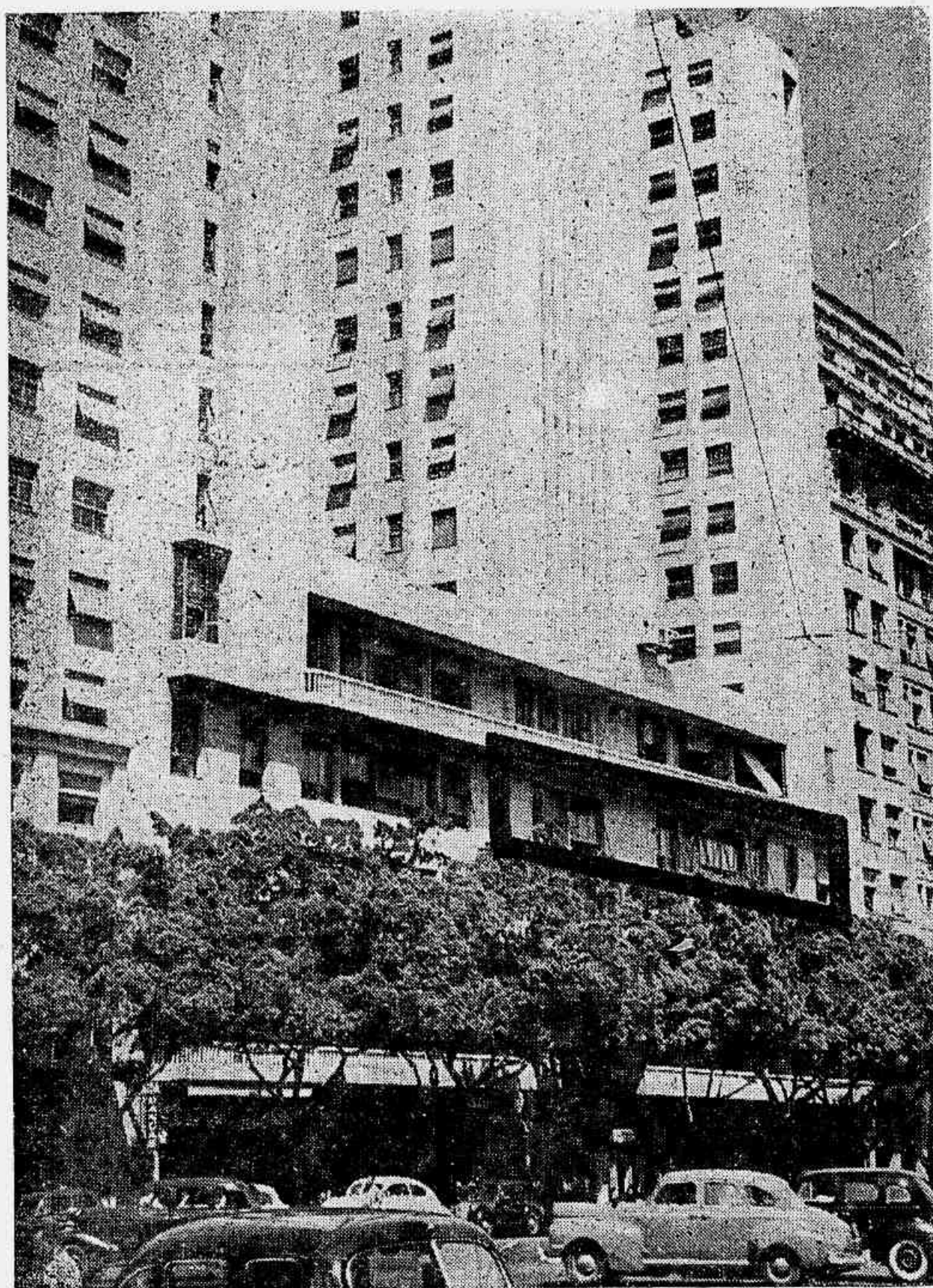


Em cima: a esquina da avenida Rio Branco com Almirante Barroso, em frente ao antigo Café Belas Artes, sede permanente dos "book-makers" do Rio. Quem quiser fazer uma fezinha nos cavalos sem ir ao hipódromo, não faça cerimônia... Não precisa ter recelo de punição. Em baixo: a sede do Club dos Fenianos (à esquerda) durante todo o ano mantem jogo forte na sua sede. A direita, a sede dos Tenentes do Diabo, outra sociedade dita "carnavalesca". No carnaval, conseguem subvenção, saem com os préstitos e pronto! Depois voltam ao que lhes interessa: a exploração do jogo.



sartompidos, pagos para combatê-lo, e que é mais forte que a obrigação do cumprimento do seu dever. O «jogo do bicho» só se extinguirá quando a totalidade dos investigadores e policiais responsáveis pela campanha for composta por homens probos. A continuação do «jogo do bicho» no Rio e em outras cidades é o atestado da corrupção que há tanto tempo lavra em nosso país. Onde está o baluarte do «jogo do bicho»? Todos os cariocas sabem onde está localizada a «Fortaleza dos Bicheiros», a Bolsa da Jogatina, o Instituto de Resseguros das Apostas, onde uns descarregam nos outros o que não aguentam: é ali na Vila Rui Barbosa, entre a rua do Senado e a avenida Henrique Valadares, — a dois passos da própria Chefatura de Polícia do Rio de Janeiro. Será que a Polícia não sabe?

cinco por cento somente das paradas jogadas na banca, pagando integralmente as paradas do ponto. O dono da roda de pife-pafe, em troca de meia dúzia de cervejas e de uns reles sanduiches, retira de cada mesa o seu quinhão de cinco por cento. Em média, cada roda de pife-pafe acumula na mesa quatrocentos cruzeiros. Em certas rodas em que o cacife (a compra das fichas) vai de mil a cinco mil cruzeiros, o montante das apostas chega a dois e três mil cruzeiros. O dono do jogo ganha, pois, em cada mesa (calculando-se a média de quatrocentos cruzeiros), vinte cruzeiros líquidos. Há, no Rio, muita gente parasitando, fazendo profissão apenas disso. Tais manobras se repetem durante toda a noite. Às vezes durante trinta ou quarenta horas seguidas. Não há hora para terminar o jogo nos clubes chamados recreativos

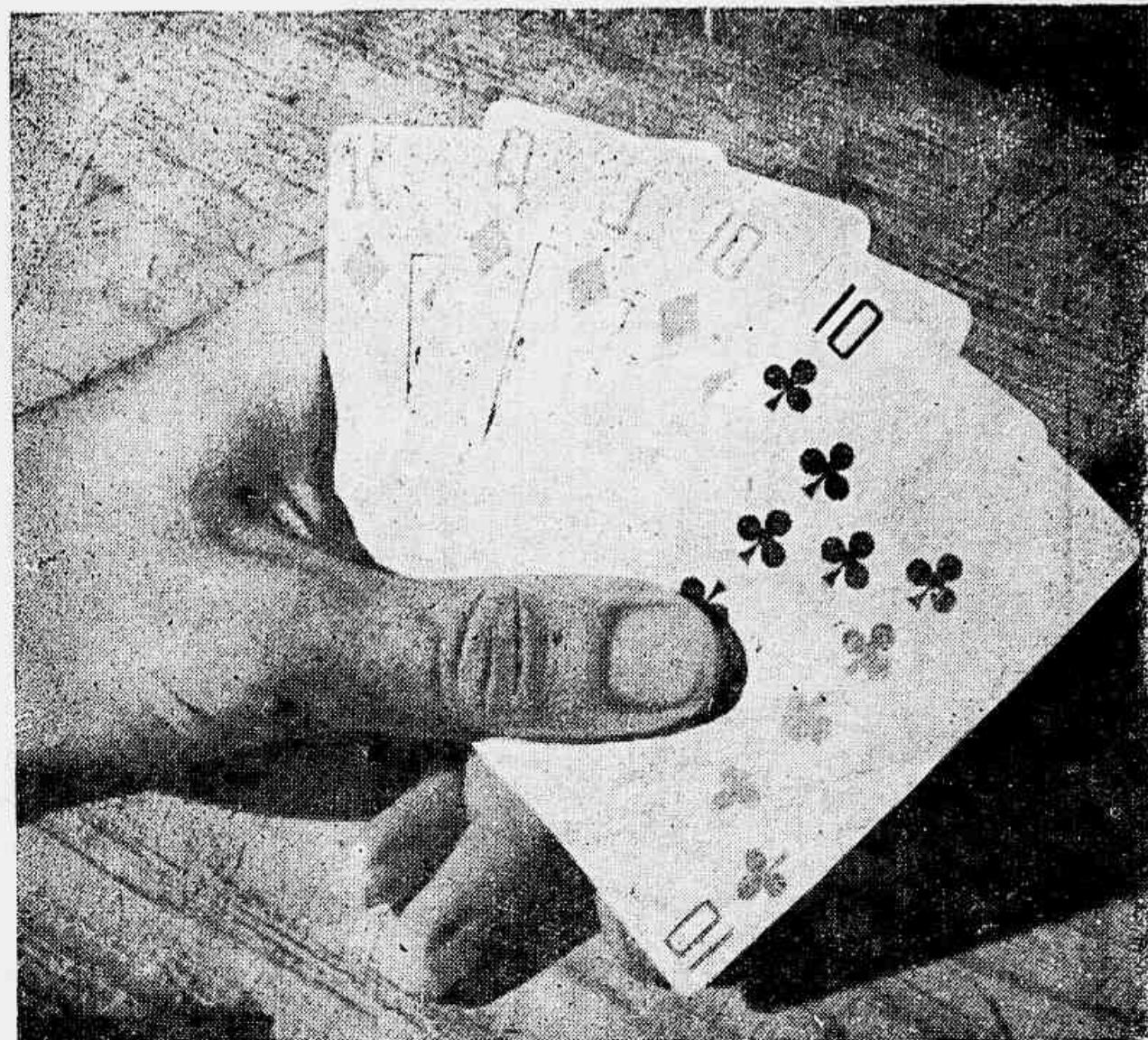


Em plena avenida Rio Branco, bem defronte ao Senado Federal, no terceiro andar do Edifício São Borja, funciona toda a noite a jogatina desenfreada na sede do Cordão do Sossêgo, clube que nasceu carnavalesco e virou casa de tavolagem pouco depois.

CRIMES DO PIFE-PAFE

Quanto ao pife-pafe, para que desappareça como chaga social, que cada vez mais arrasta os fracos para o sorvedouro do jogo, é necessário que a polícia o considere em portaria especial como jogo proibido e, depois, empreenda uma campanha honesta nos clubes onde é jogado às claras. A praxe para a classificação dos jogos proibidos estabeleceu a proibição para os jogos bancados. Ora, o pife-pafe não tem banqueiro, mas facilita meios de exploração dos parceiros melhor do que se fosse bancado. Um desses meios é o «barato», percentagem que o dono da casa, ou o clube, retira de cada mesa, a cada jogada. Esse «barato» varia de três a cinco por cento do total de cada mesa. Nem nos cassinos se explorava tanto o jogador. O bacarat ou o bicho dos cassinos tirava

e muito menos nos apartamentos. Enquanto houver dinheiro e dois ou três parceiros o jogo continua. Nos Fenianos, Tenentes, Sossêgo e outros o jogo vai até de manhã cedo. Citaram-nos um apartamento na Glória onde já se jogou certa vez durante sessenta horas seguidas. Para espantar o sono e o cansaço, o dono do pife-pafe servia a toda hora leite quente e cápsulas de pervitin aos jogadores e jogadoras. No fim das sessenta horas uma delas caiu inconsciente sobre a mesa. Foi levada desacomodada para casa, onde ficou vários dias enferma. Casos como esse repetem-se mais frequentemente do que se pensa. Quanto maior a duração do jogo, mais ganha o dono da casa. Um jogador confidenciou-nos que jogou deztoito horas seguidas. No fim desse tempo os parceiros tinham perdido ao todo dezoisete mil cruzeiros e o bicho dos ganhadores per-



Um «royal-straight-flush» quebrado. Entrou outro «dez» para atrapalhar. Enquanto o camarada tenta a sorte no «poker» e no «stickey», o clube vai arrecadando o dinheiro de todos com o «barato» de cinco por cento... Um belo negócio que nutre milhares de parasitas!

fazia somente mil cruzeiros. Sete mil cruzeiros tinham sido retirados no «barato» em deztoito horas de jogo. Não há roubo maior no Rio do que a percentagem tirada pelos donos das rodas do pife-pafe. Os parceiros não reclamam por duas razões. São viciados e, além disso, o jogo é mais ou menos proibido, o que faz a «diversão» custar mais caro.

CLUBES DE JOGOS SOB A APARÊNCIA DO CARNAVAL

Uma palavra, agora, sobre as chamadas «sociedades carnavalescas». Não conhecemos de perto todas elas, mas já estivemos em três — os Tenentes, à rua Visconde de Maranguape; os Fenianos, à rua Sete de Setembro; e a Embaixada do Sossêgo, à avenida Rio Branco, no Edifício São Borja. São verdadeiros cassinos, que arrecadam mensalmente um lucro fabuloso, retirado das percentagens das mesas de jogo. E, ao que sabemos, não pagam nenhum imposto direto sobre

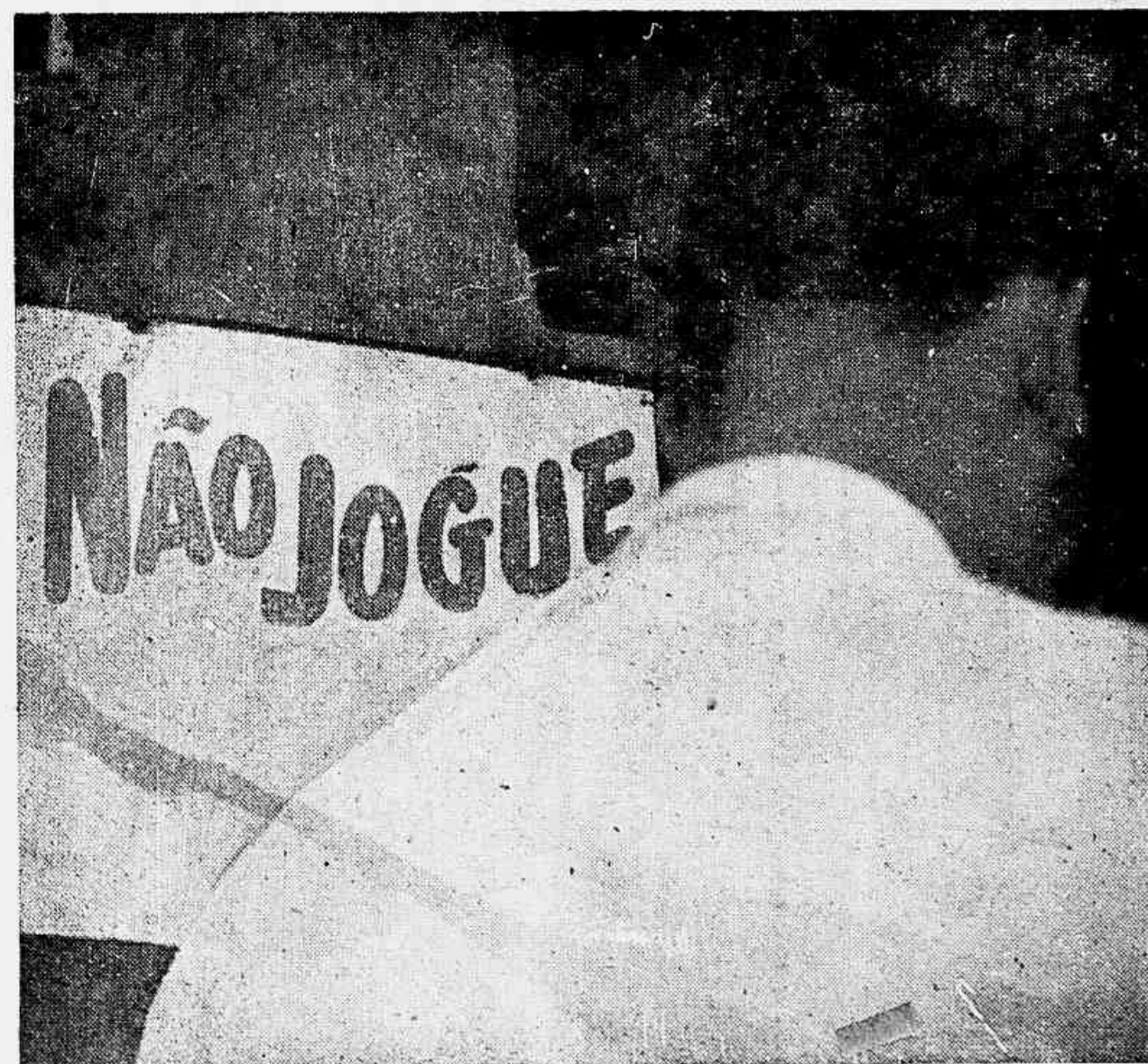
o «barato» tirado todos os dias das mesas do pife-pafe, cacheta e «stickey». O carnaval, as atividades consagradas aos festejos de Momo, na verdade não passam de um pretexto, um subterfúgio, um «bilh de indenidade» para o jogo. Não há mais, em rigor, «clubes carnavalescos». Eles não querem cuidar de programas recreativos. O que eles querem são parceiros para suas mesas de jogo.

O «STICKEY» É UM JOGO BANCADO

O camarada sobe ao andar onde funcionam esses «clubes». Lá dentro ouve o barulho das fichas e os palavrões dos jogadores mal educados. Quer jogar e comprar fichas. Mais de uma dúzia de olheiros «manjam» a «pinta» do tipo. Se parece otário, vendem-lhes sem mais aquela. Se desconfiam do camarada, fazem um rodeio preparatório.

— «O senhor tem que ser sócio do

(Cont. na pág. 47)



Detalhe de um jogador quando fazia apostas com um «book-maker» na esquina da Avenida Rio Branco com Almirante Barroso. Um anúncio grita ironicamente em todos os graus: «Não jogue!» Mas não jogar por que? Se o Rio continua sendo a capital do trabalho e do pino verde...



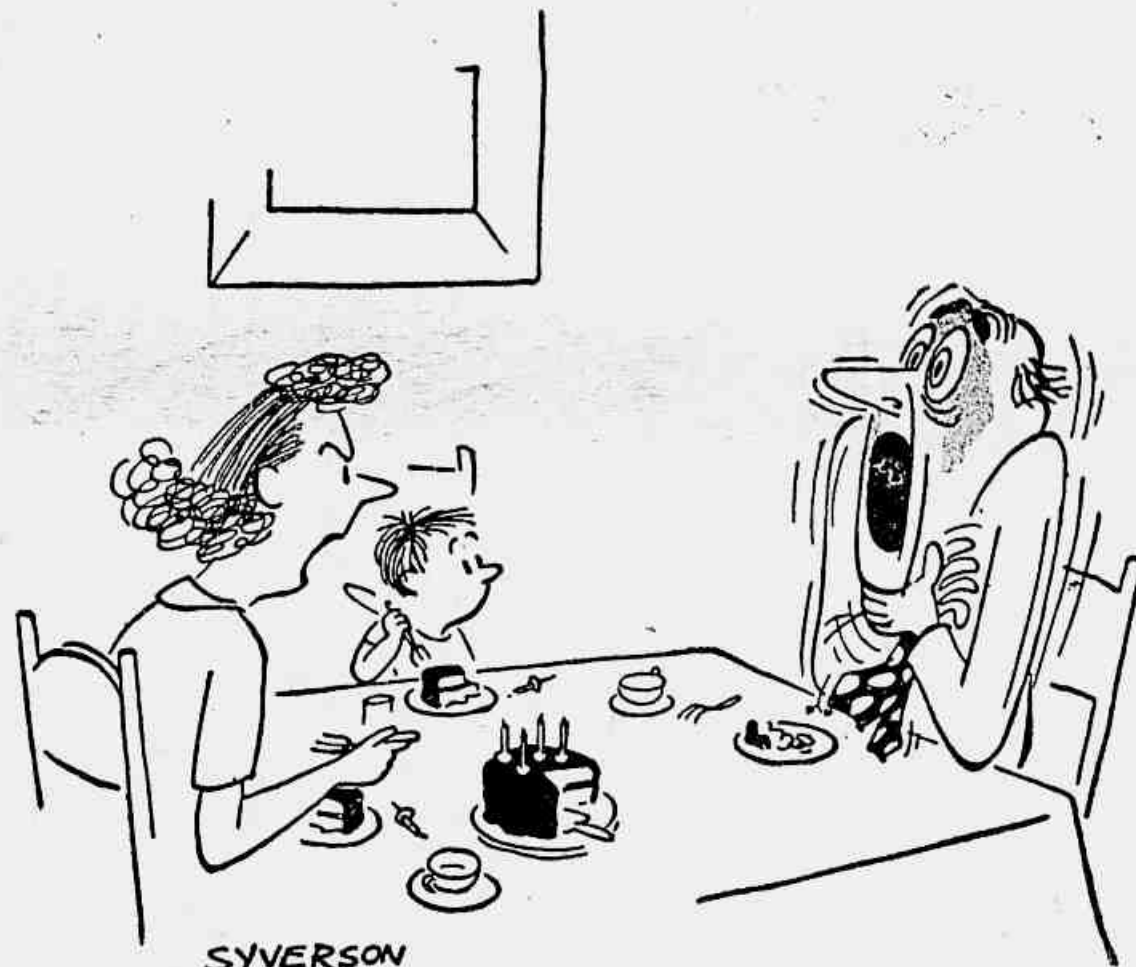
— Gosto muito das pessoas sem formalidade como a senhora, dona Zazá...



**BOM
HUMOR**

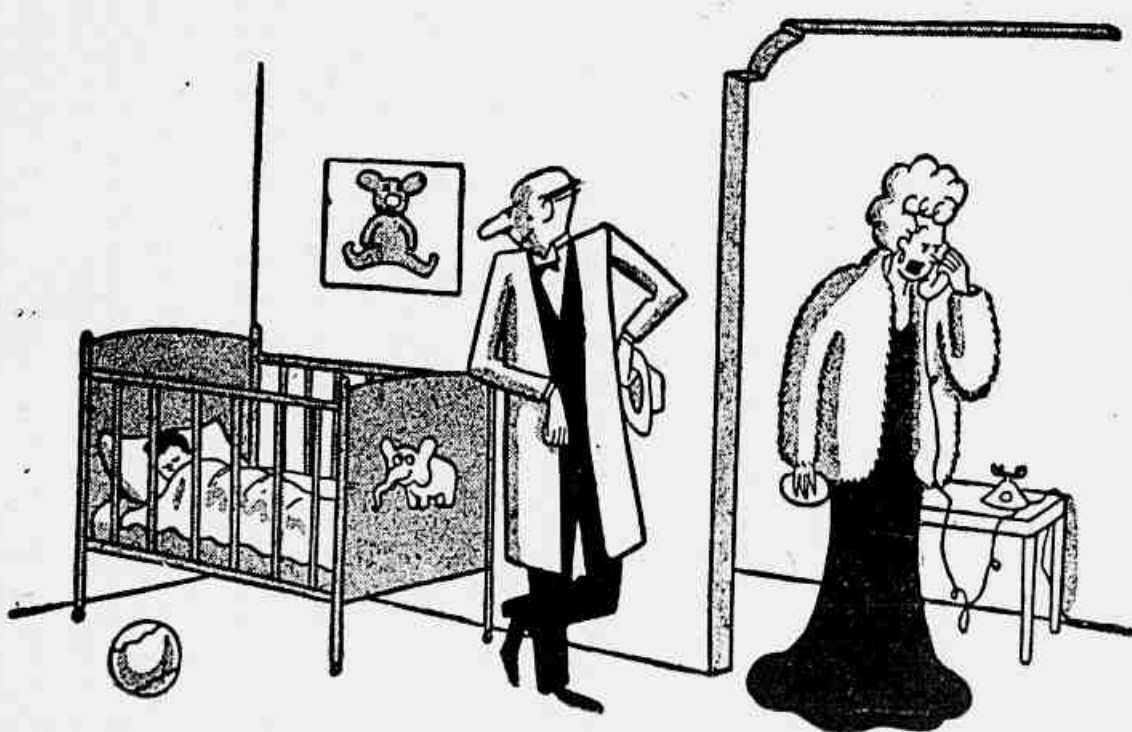


— Espero que não leve a mal, doutor... Mas o meu passatempo em casa sempre foi fazer "abat-jours"...



SYVERSON

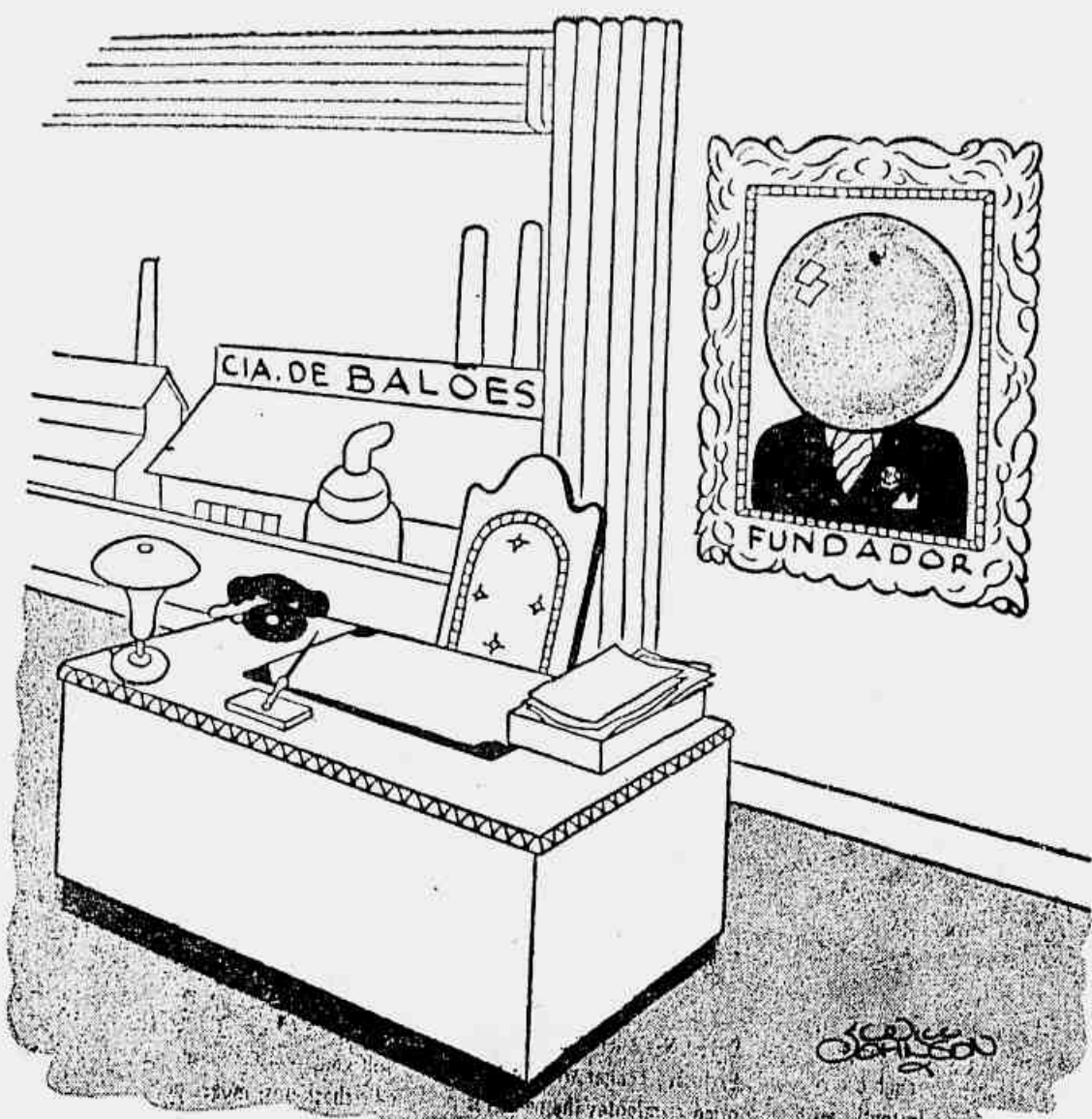
— Desculpe, querido... Você sempre tão distraído e eu me esqueci de avisá-lo sobre a vela acesa...



— Tia Gabriela, não podia vir aqui em casa? O Altamirandinho tem chamado a senhora sem parar...



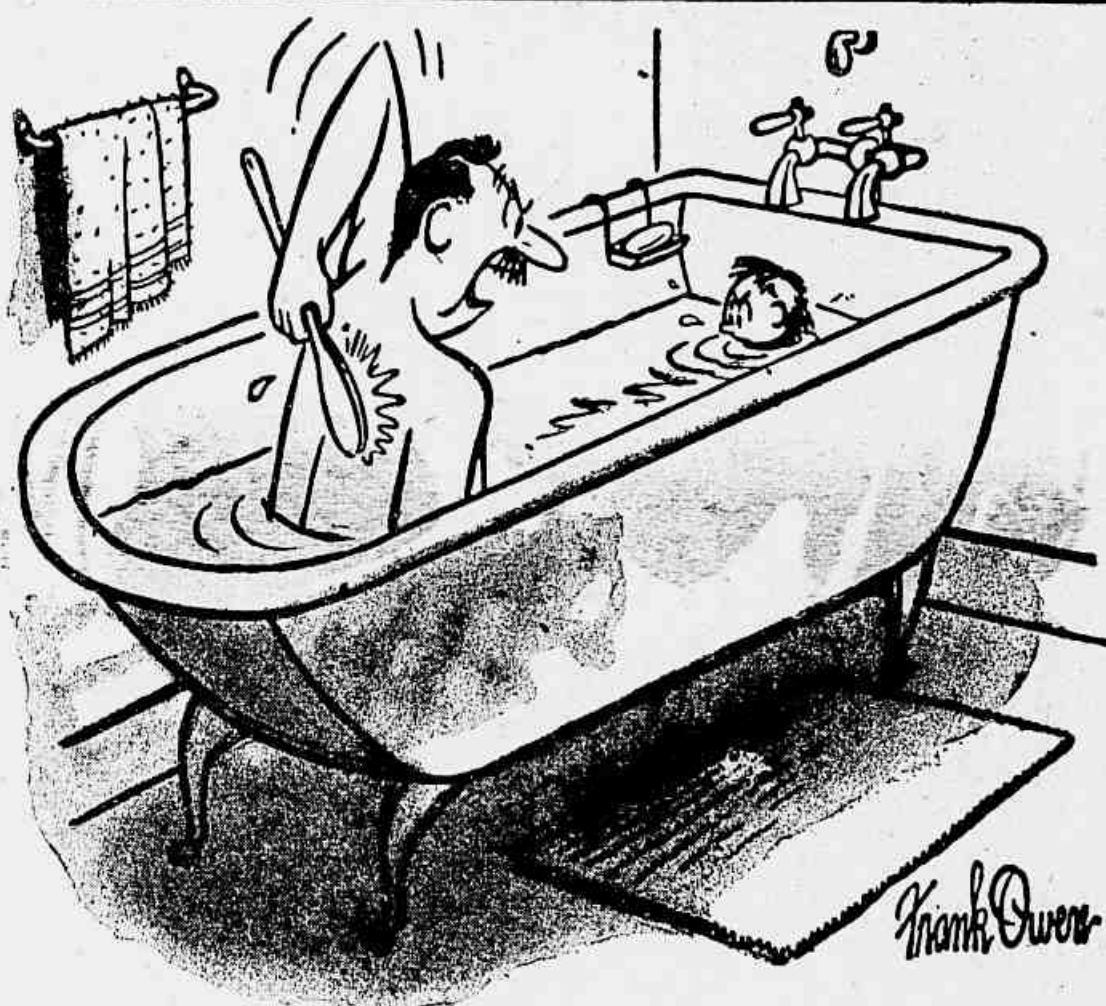
— Boa tarde, cavalheiro! Em que poderemos servi-lo?



— Despi-me e vesti-me 27 vezes antes de você ficar pronta! Irra!



— Precisamos chegar mais cedo amanhã para termos uma mesa melhor.



— Enquanto estiver com o pé no cano procure se lembrar do que fez com a rolha!



— Por favor! Não preciso acompanhamento!



— O senhor quer agora um artigo mais caro?

Conto de HERCILIA LINS

TENHO ímpetos de tirar a limpo essa história, que a Zindoca veio me contar, de ter visto Adir com uma loira glamurosa numa sorveteria da Cinelândia. Mas... não vale a pena. Para que estragar a paz do meu lar e acabar deixando de ir ao teatro, hoje que as entradas já estão comigo? Vamos na segunda sessão. Coitado do meu

maridinho. Ele é tão bom, carinhoso e trabalhador. Leva-me a divertimentos sempre que lhe sobra tempo. E' isto: um homem não pode ser atencioso com uma mulher que logo dizem cobras e lagartos. Puxa, gente danada! O despeito é que leva êsse "espírito de porco" a por veneno nas coisas... Que necessidade tenho eu de saber que meu marido uti-

★

liza o "câmbio negro" em todos os negócios? Mas já viu só a ousadia de certa gente? O melhor que faço é rifar as amigas intrometidas e enredadeiras. Nada me aborrece tanto como brigar com alguém. Mormente se êsse alguém é o meu marido. Fico nervosa, irritadiça, insone, sem fome, sem gosto para nada na vida. Depois, quantos dias fica-

Ilustração de ARMANDO PACHECO

mos amuados, quantos! E eu de-
testo não poder conversar com
êle. Por isso, agora adoto o sis-
tema de acreditar piamente em
tudo que meu maridinho me
conta. E vivo muito feliz assim.
Estou até mais jovem. Ainda
outro dia um senhor me pergun-
tou se estou tomando o "elixir
da juventude" e me sentí tão
radiante que devo ter aumenta-



Uma esposa compreensiva

do um miligrama de orgulho. Mas, que diabo, a conversa com a Zindoca não me sai da cabeça:

— “E se eu te contar, Lorí, eu que sou tua amiga verdadeira, que ontem vi, com os meus próprios olhos, o teu “santo” esposo se desmanchando em amabilidades com uma loira em certa sorveteria... E em que trínque estava ela!...”

— Ora, deve ter sido a secretária. Ele é bastante gentil para não deixar a moça ir lanchar sozinha. Inda mais ontem que fizeram serão.

— Estou mesmo convencida de que és muito boba, Lorí, mas muito mesmo! Será possível que ele nunca ponha essa tal de escrita em dia? Escuta aqui. Tu acreditas mesmo nessa história de serão?

— Mas, Zindoca, de que me adianta criar uma atmosfera carregada dentro de casa?

— Pelo menos darias vergonha a esse farrista. Mostrarias que não andas enganada como ele pensa...

— Ora, ora, meu amor. Isto iria envaidecê-lo apenas.

— Não vais me dizer que não tens ciúmes dele.

— Não. Não tenho. Daqui a pouco ele chegará e vamos jantar na maior harmonia, como numa eterna lua-de-mel.

— Não sei como se pode ter “sangue de barata” como tu.

— Mas, minha querida, dentro de casa nada me falta; nem carinho, nem conforto, nem dinheiro. Dessa forma, o que tenho eu com a vidinha de meu marido da porta da rua para fora?

— É inútil discutir contigo. Custa-me crer como pões a mão no fogo pela fidelidade de um

marido, um homem! Olha, não vais queimar tuas mãos...

— Oh, não tome cuidado, minha bondosa amiga, nem todos os homens são iguais.

— Sim, o homem fiel ainda está por nascer, podes crer!

— Tenho certeza de que o meu Adir ama somente a mim.

— Tens um espírito fantasioso... (como riu a malvada)

— Escute. Quando me casei, não era feliz. Apesar de meus dezesseis anos, amava loucamente o meu marido. Sentia-me amada, adorada. No entanto, vivia infeliz. E por que? Porque vivia a preocupar-me com a demora dele, o que ele estaria fazendo na minha ausência, e isto estragava-me por completo a existência. Muitas vezes preparei um ótimo jantar, com bolos e tudo de que ele mais gostava. Sentia prazer em enfeitar-me como se fosse a alguma festa. E precisamente nos dias que tencionava fazer-lhe uma surpresa, era o dia que ele escolhia para jantar fora com um amigo que chegara do norte.

— E acreditavas nessa “lorota”?

— Absolutamente! Brigava. Chorava. Esperneava. Imaginava mil e uma traições. Não conseguia ler, nem tricotar, nada, nada, nem tampouco jantava à espera dele. Lá pela meia-noite Adir chegava pé-ante-pé, com uma “cara de santo” o patife. Eu fingia acordar e ele, com a maior calma do mundo, beijava-me ternamente, e logo começava a narração do jantar com o amigo. Eu não acreditava e acabávamos arrufando-nos. Então, só para me fazer picardia, muitas vezes ele pôs o chapéu na cabeça e... rua de novo! Aquilo me magoava profundamente.

Era como se eu estivesse morrendo aos poucos. Comecei a emagrecer, a desleixar-me. Chegaram até a dizer que eu estava doente... Um dia compreendi que era bobagem ralar-me tanto. Afinal de contas, eu é que sou a esposa. E pensei que uma esposa é algo assim como o ponto de partida de um navio — embora tocando noutros portos, sempre retorna ao ponto de partida. Desde esse dia resolvi não me apoquentar mais. E sinto-me perfeitamente bem assim.

— Ah, não tenho a tua calma, não. Comigo, todas as vezes que o meu chegar tarde em casa, nós nos atracaremos ferozmente como cão e gato.

— Tolices. Isso nada resolve.

— Não sei para que te servem essas unhas tão longas...

— Ouça esta: Há poucos meses, Adir saiu de manhãzinha. Não veio almoçar. Nem jantar; tampouco telefonou. Estranhei. Contudo, conservei-me calma até às 22 horas, quando comecei a procurá-lo frenética e infrutiferamente, pois ninguém me dava notícias. Sobressaltei-me, é claro. Muita coisa podia ter acontecido. Telefonei para o Pronto Socorro, Necrotério, Polícia... Nada! As duas horas da manhã, eu própria, de automóvel, fui investigar todos os lugares. Espiei até as geladeiras do necrotério! Desesperançada, regresssei à casa, com aquele cheiro de cadáver nas narinas. Confesso que fiquei impressionada de ver tantos defuntos... Não sei por que veio-me à cabeça que Adir se havia atirado ao mar, e entreguei-me ao mais angustioso pranto. As horas pareciam lerdas. Quanto ansiei que o dia amanhecesse depressa! No silêncio da noite, o menor ruído

causava-me sobressalto. Quando o relógio da sala terminara de dar as cinco da manhã... alguém mexeu na porta. Imediatamente abri a viseira. E quem era?

— O teu fidelíssimo maridinho!

— Ele mesmo. Numa “chuva”, coitadinho, que nem acertava com a chave na fechadura...

— E o que fizeste?

— Ri-me das minhas preocupações e jurei, para outra vez, jamais procurá-la.

— E o que te disse o malandrim?

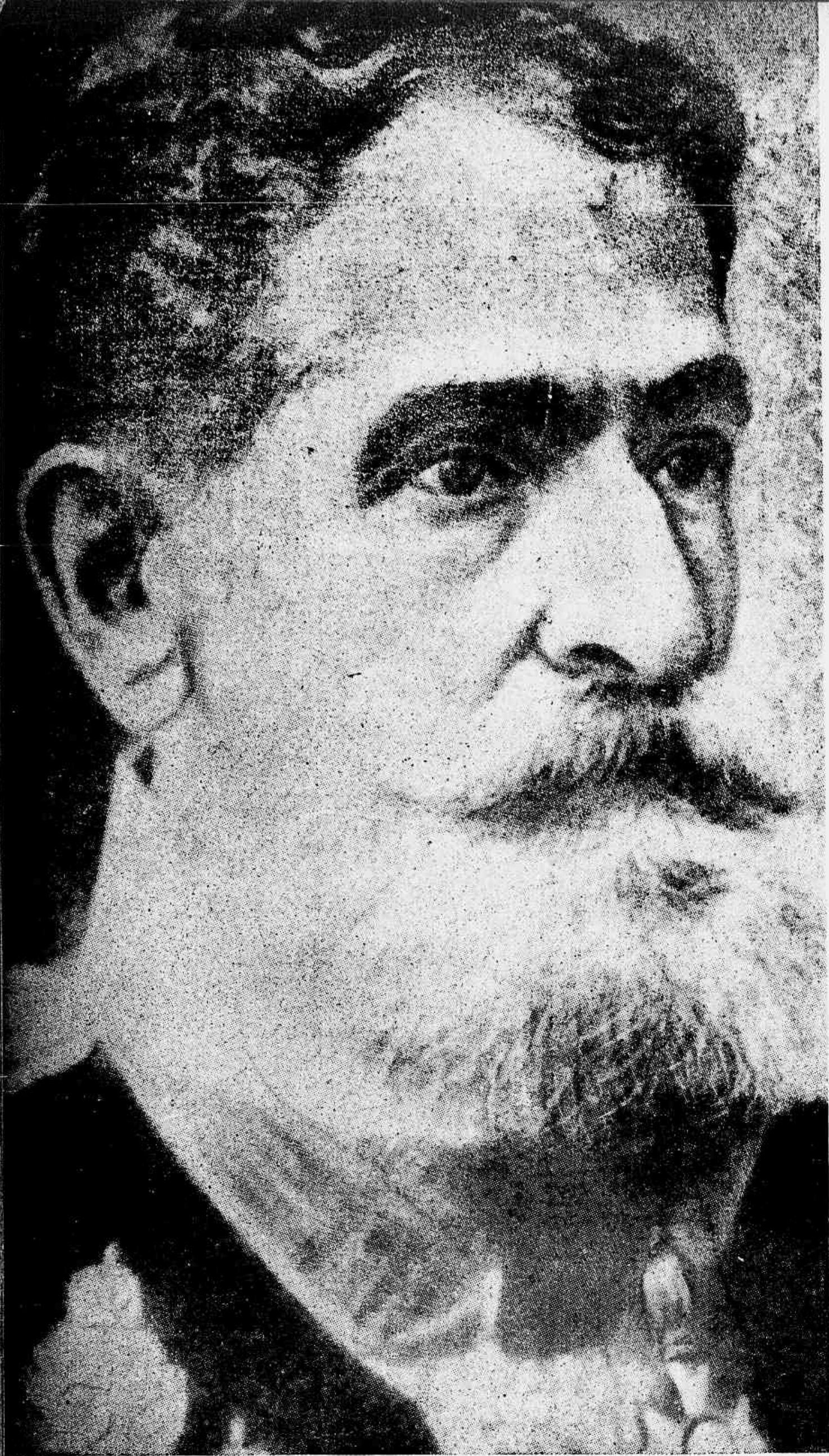
— Como sempre, encontrara-se com um amigo de infância. Distraiu-se bebendo, bebendo... e só lembrou-se de casa quando o “garçon” os pôs para fora do bar.

— Ah! comigo não ficava assim, não. Nesse dia, um de nós dois havia de sobrar...

— Mas o que adiantava brigar por bagatelas. Envelhecer? Estragar a minha preciosa saúde, a minha felicidade? E Adir encontrar em casa, em vez de uma esposa compreensiva, uma mulher carrancuda, rabujenta?...

— Não. Em absoluto não me conformo com o teu modo de pensar. E aviso-te que o meu Joaquim, hoje, vai se arrepender para o resto da vida, por ter ido ao cinema com aquela lambisgóia que a Margarida viu e disse que sustenta na cara do miserável! Ah, se eu os pego juntos!!!... Bem, eu vou indo. “Bye-bye”...

Furiosa por não ter conseguido semear a discórdia no meu lar, foi-se a minha adorável “amiga”. Pus-me a pensar. Então o sangue começou a ferver-me nas veias, sacudindo-me violentamente. Na verdade, este meu marido está-me saindo uma maravilha... Um dia destes chegou tão extenuado que fiquei de véras impressionada com a dedicação dele no trabalho para manter-me com todo este conforto. Depois, alegando estar resfriado, pediu-me uma gema-da. Espere aí, hoje é sábado. Adir não veio almoçar; nem telefonou... O que? Já 9 horas da noite? E o teatro... E Adir que ainda não chegou!? Ah! Hoje ele vai explicar-me direitinho essa história quando eu o pegar pelos cabelos... Ora se vai!...



O marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República.

Por VIRIATO CORREIA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

É também falsa a acusação de deslealdade. Não truiu, não despitou. Não houve no Brasil conspirador mais franco. Durante a primeira quinzena de novembro de 89, a sua casa viveu inconveniente aberta à conspiração republicana. Os vultos sabidamente inimigos do trono lá entravam e de lá saíam, a qualquer hora do dia ou da noite, sem o menor disfarce. Ele, Deodoro, mandava chamar no seu quarto os comandantes dos corpos e, com a maior lealdade, contava-lhes a conspiração e pedia-lhes o apoio. Fez isso até com Floriano, que era ajudante geral do Ministério da Guerra.

O proclamador da República era uma criatura bem humorada. Gostava de ouvir pilhérias, de fazê-las.

Tinha um fraco — as mulheres — e esse fraco nem mesmo a velhice conseguiu apagar. Era um incorrigível gostador de saias. Entre moças bonitas florescia-lhe uma alegria de rapaz, entre mulheres de fama duvidosa tinha uma bravura que se aproximava da temeridade.

Esboçando o proclamador, Oliveira Viana escreveu: «Deodoro era um nobre homem de alma franca e cavalheiresca, mas no tocante ao temperamento intelectual pertencia ao «tipo gregário», da classificação de Grasset, e, como todo gregário, — é de Grasset o conceito, — «isolé, il peut être solide dans ses convictions; mais un article de journal, une conférence, un meeting, le font immédiatement changer. C'est un instable, un malléable, dont le polygone se laisse très facilement désagréger et influencer par le contagion des voisins».

E mais adiante: «Deodoro era uma natureza apaixonada, vibrante, dotada de uma grande emotividade. Basta-nos ler a sua resposta à carta confidencial de Cotegipe, quando comandante das armas do Sul, para sentirmos esta têmpera exaltada, exuberante, passional, do velho Fonseca. Com um entusiasmo fácil de explosividade e uma sentimentalidade tumultuosa, Deodoro pertencia bem ao tipo das naturezas ardentes e francas, capazes de dedicações profundas, mas também de antipatias irredutíveis».

Era, no fundo, um homem desprendido, sem ambições. Na conferência com os civis, nas vésperas da proclamação, é ele próprio quem indica Benjamin, e depois Quintino, para a Presidência da República. E fez-lo com simplicidade, com sinceridade, na convicção de que o alto

cargo estaria melhor nas mãos de qualquer daquelas duas figuras do que nas suas.

Quando, a conselho de políticos, deu o golpe de Estado, de 3 de novembro de 1891, e que, a 23 do mesmo mês, estalou o movimento para restaurar o regime constitucional, Deodoro tinha elemento para resistir e até para sair vitorioso. Mas não o fez.

— Não quero aumentar o número de viúvas e de órfãos do meu país — disse. — Mandem chamar Floriano. Não sou mais presidente da República e vou pedir a minha reforma.

Em toda a sua existência não foi senão soldado. E rigorosamente, integralmente, visceralmente, soldado.

Para ele o mundo era um grande quartel e a vida só tinha encantos através do prisma de sua classe. O resto não interessava.

Durante o período de conspiração republicana ele via em tudo um mero caso militar.

Quando lhe vieram dizer que era necessário atrair os chefes civis de propaganda da República, teve esta frase que é o corpo de delito de sua mentalidade profundamente marcial: — Que temos nós com os paisanos?

E o curioso é que esse homem, soldado até a medula, que só compreendia o mundo pelos aspectos da marcialidade, morreu com tão fundos desgostos das coisas e dos homens da caserna que não quis ter enterro de militar e recomendou à família que não queria baixar à sepultura vestido com a farda de marechal.

É que Deodoro era uma alma de delicadíssima sensibilidade. Durante o governo os seus companheiros de farda arranharam-lhe fundamente o coração.

Era uma dessas criaturas que pelo coração fazem tudo e que à força nada fazem. Se dava uma alegria a alguém era um homem feliz, e era um desgraçado se ofendia a quem quer que fosse.

Uma ingratidão doía-lhe por toda a vida. Criaturas dessa ordem são feitas para as doçuras da família e não para as durezas do governo.

De 15 de novembro de 89 a 23 de novembro de 91, Deodoro, exercendo a suprema magistratura do País, atravessou o período mais desgraçado de sua existência. Ele próprio o disse, quando, ao assinar a

(Cont. na pág. 47)

O HOMEM QUE PROCLAMOU A REPÚBLICA O PERFIL DE DEODORO

A única impressão verdadeira que se tinha ao ver, pela primeira vez, Deodoro da Fonseca era a da varonilidade.

As outras impressões eram inteiramente falsas. Quem visse aquele velho alto, ereto, cabeça levantada, atitude altiva, imaginava estar diante de uma criatura arrogante, orgulhosa e intolerável. Nada disso. O velho general era apenas um homem doce, de uma brandura e de uma simplicidade de desarmar inimigos.

As suas longas e belas barbas brancas, derramadas pelo peito, davam-lhe um aspecto de severidade e de circunspeção emudecedoras; no entanto no fundo da alma tinha ele muito de criança: era risonho, prazenteiro, ingênuo, juvenil e brincalhão. O olhar, ao primeiro golpe, parecia ter a cintilação agressiva de uma lâmina de espada. Mas em pouco se percebia que o que ali cintilava eram chamadas de franqueza, de alegria, de bravura, de bonhomia e de bondade.

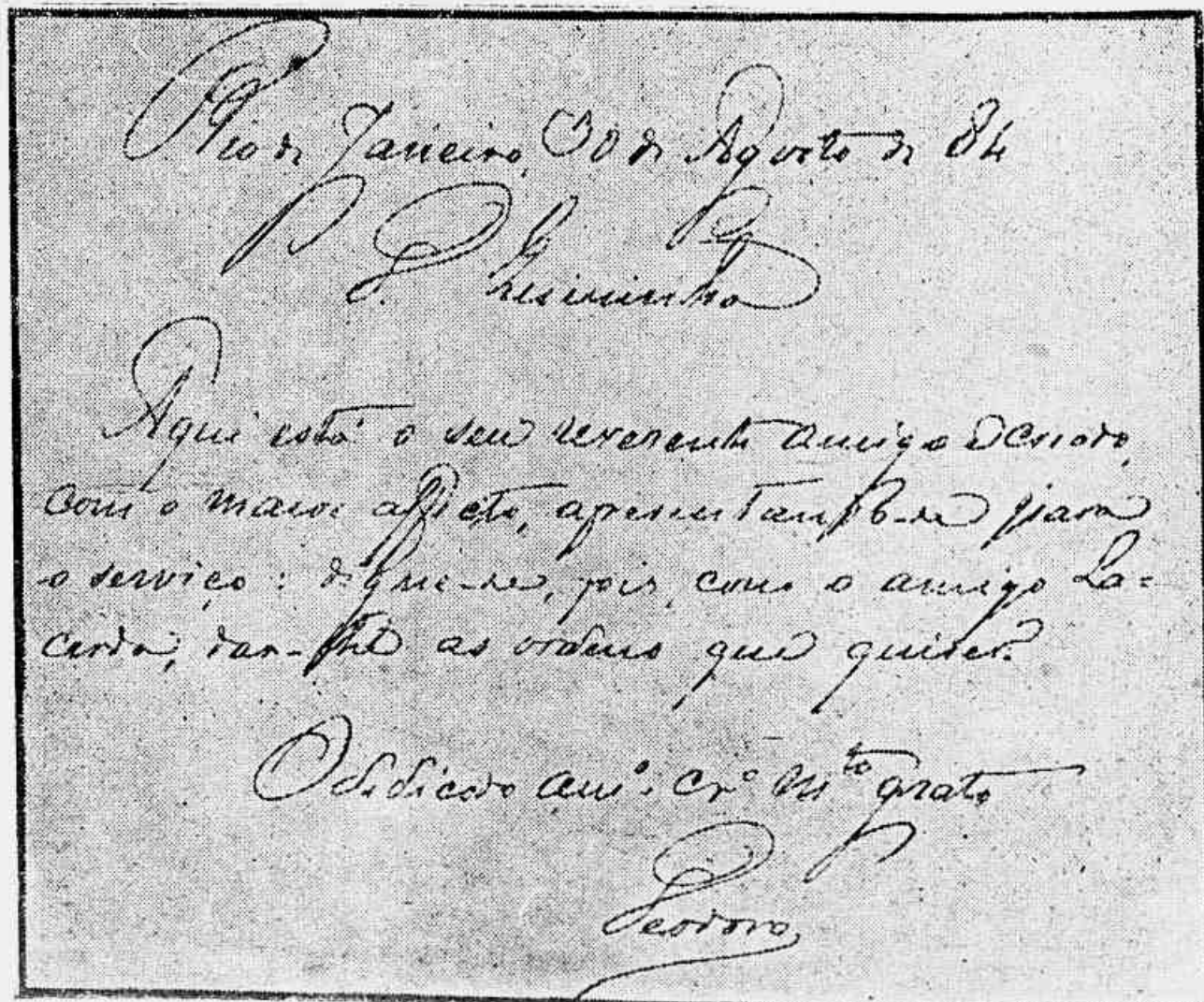
Não havia ninguém mais simples. Ninguém teve boa fé maior. Nem honestidade mais limpa que a sua houve até hoje na terra. As vezes a doçura do seu gênio se perturbava, e nessas ocasiões o temporal esta-

lava com tanto rumor que o mundo parecia vir abaixo. Mas era tudo rápido, um minuto se tanto. A calma voltava imediatamente, a fisionomia se recompunha, e o homem, que se havia transformado em fera, tornava a ser a criatura suave de momentos antes.

Tinha uma virtude que raramente se encontra no militar e no padre — a coragem de reconhecer e de confessar os erros que cometia. Não se julgava diminuído em pedir desculpas ao amigo que havia ofendido, nem em voltar atrás para consertar um ato errado. Depois de ter brigado com Benjamin Constant até quase ao duelo, mandou chamá-lo e, trancado com ele num quarto do Palácio de Itamarati, confessou o seu erro e dignamente lhe pediu o esquecimento para as ofensas que lhe fizera. E nessa ocasião era o ditador da República e tudo podia.

Os monarquistas acusaram-no de ter sido ingrato e desleal com Pedro II, destronando-o.

Ingrato por que? Do imperador não recebeu ele nenhum favor durante a vida. Tudo que teve do monarca foram prêmios de suas altas virtudes de soldado. Não houve um só posto que ele não o tivesse galgado por merecimento.



Um autógrafo em que se espelha o espírito decidido do marechal Deodoro: letra, uniforme, igual, segura, traçada sem hesitações.

LUIGI PIRANDELLO

COMO O CONHECI

UM GÊNIO MODESTO E SEMPRE DISPOSTO A ESTIMULAR OS MOÇOS

Por RUGGERO JACOBBI

DIRETOR teatral e cinematográfico na Itália, autor de uma "História da Cinematografia" e de lucidos ensaios sobre letras e artes, Ruggero Jacobbi trouxe de sua pátria para o Brasil, onde acaba de radicar-se, uma brilhante cultura, uma inteligência vivacíssima e um nome já respeitado, nos jornais e magazines italianos.

Trabalhando presentemente na organização de uma antologia de poetas e provadores brasileiros contemporâneos, a ser editada por uma casa italiana, e igualmente interessado na tradução de obras teatrais brasileiras para seu idioma, Ruggero Jacobbi, que conviveu com Luigi Pirandello, escreveu especialmente para REVISTA DA SEMANA este artigo sobre o grande dramaturgo, na oportunidade da apresentação de sua comédia "Vestir os Nós", pela C.E.N.A. no Teatro Serrador.

CONHECI um gênio. Eis uma das poucas coisas que um homem pode dizer com orgulho na vida. Nunca vi deuses. Desconfio dos heróis. Vi santos — mas leigos, profanos. Homens. Isto é que é bom: encontrar homens cuja grandeza não consiste em nada fora da humanidade. Diante deles não há desculpas: eles são da nossa mesma matéria, têm os mesmos instintos e sentimentos, continuam vivendo nas nossas mesmas cidades. Apenas eles têm a coragem enorme de se exprimir por completo: de ver tudo, de tudo amar, de não silenciar nada, de nunca se distrair, de nunca esconder-se. A lição é formidável: começa como uma consolação e acaba sendo uma angústia — um desespero ativo, estimulador.

Sempre que na vida me sentir fraco, espiritualmente covarde, pensarei em Luigi Pirandello. Voltarei àquela casa de Roma, menino de dezesseis anos. Saírei de lá à noite, com uma força estranha no peito — como esmagado por uma montanha de deveres a cumprir.

* * *

Pirandello gostava de gente nova. Na casa dele sempre havia rapazes carregados de contos, poemas e peças. Lia tudo. Conversava horas a fio com os autores das mais balbuciantes insignificâncias. Nunca se limitou a dizer «achei bom» ou «não gostei»; sempre corrigiu, discutiu, sublinhou, apontou erros. Certa vez reescreveu uma peça inteira. Colocava-se sempre do ponto de vista do autor: queria ajudá-lo a exprimir-se, sabia como fazer para não substituir-se a ele, estimulando com perguntas um processo mental que levasse o aprendiz a encontrar sozinho as soluções. Tinha passado a vida toda indagando sempre a mesma coisa: o que faz com que os indivíduos sejam indivíduos. Daí nascia esse respeito para com as personalidades, especialmente quando informes.

Pirandello andava cheio de afazeres, naqueles últimos dois anos entre o Prêmio Nobel e a morte. Provas para corrigir, ensaios para dirigir, e especialmente livros e peças para escrever. Depois de um curto período de silêncio, tinha surgido nele um escritor absolutamente novo, que desejava começar sua carreira com a mesma impaciência de um novato. O telefone chamava-o continuamente. Queixava-se dos negócios, que lhe roubavam tempo. Nunca, porém, lhe passou pela mente a idéia de que aquelas conversas conosco — com os «meninos» — pudessem ser uma perda de tempo. Porque elas faziam parte daquele milagroso rejuvenescimento.

Não gostava do que eu escrevia. Achava tudo aquilo literário de mais. Naturalmente tinha razão. Como, porém, aquelas minhas produções fossem quase exclusivamente em versos, sempre se escusava de dar uma opinião definitiva: «Eu não entendo muito de poesia — costumava dizer. — Já fui o pior poeta do mundo. Ademais, a gente nunca sabe se o seu destino é de continuar escrevendo versos a vida toda».

Os estrangeiros não sabem disso: que Pirandello escreveu versos até os cinquenta anos de idade, época em que começou a trabalhar no seu teatro. Escreveu dezoito volumes de versos, alternando-os com incontáveis obras de ficcionista. Não tinha jeito para poeta. Mas havia nele uma fonte de

(Cont. na pág. 48)



Luigi Pirandello, Prêmio Nobel de Literatura. Um dos maiores dramaturgos contemporâneos. Dêle já foram representadas no Brasil as peças "Il piacere dell'onestà" (A velupia da honra), "A verdade de cada um" (Coste a se vi pare), "Vestir os nus" (Vestire gli nudi) e, agora, "Polemica e Odellon promettem dar seis personagens em busca de autor" (Sei personaggi in cerca d'autore).



NAHUM SIROTSKY, encarregado dos jornais falados da Globo, é paulista de nascimento. Seu ingresso no rádio data de 1946, quando, como jornalista brasileiro, fez comentários especiais para a National Broadcasting Company. Nessa ocasião entrevistou grandes personalidades, como Henry Wallace, Claude Pepper, James Byrnes, Molotov e tantos outros. Regressando ao Brasil, teve a oportunidade de acompanhar Celestino Silveira a Bocayuva, auxiliando-o na reportagem sobre o eclipse. Tanto bastou para que passasse a integrar o quadro redatorial da PRE-3, onde vem trabalhando com bastante sucesso. Jornalista moderno, conhecendo todas as maneiras de conquistar o grande público, Nahum Sirotsky colabora com eficiência na programação da Globo, orientando a matéria de caráter informativo irradiada por essa emissora. Contando vinte e dois anos de idade, sua vocação para a imprensa o projetou no cenário jornalístico do Brasil, fazendo-o conquistar bons amigos e grandes inimigos. Fora da atividade radiofônica, exerce funções de redator do vespertino "O Globo". Sua grande ambição é tornar-se comentarista internacional, função que exerceu quando trabalhava na NBC. Nahum Sirotsky fala diversos idiomas, aprecia a boa leitura, gosta de cinema e não perde tempo com futilidades. Há pouco chefiou a equipe de jornalistas à Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz.



JOVITA Luna, graciosa artista que Fernando Borel trouxe na sua companhia de revistas, foi um dos elementos que a Rádio Nacional apresentou através de seus programas de estúdio. Interprete conscienciosa da melodia portenha, não lhe foi difícil conquistar a simpatia do público ouvinte, uma vez que os números de seu variado repertório são dos mais interessantes. Aparecendo ao público brasileiro através da ribalta, logo despertou o interesse dos radialistas patricios, passando a empregar seu valioso concurso ao "broadcasting" brasileiro, uma vez que em Buenos Aires ela era um número de grande aceitação. Natural da Argentina, ainda criança revelou seus pendores para a carreira artística, logrando triunfar no rádio, no cinema e no teatro. Apaixonada de nossa terra, preferiu ficar entre nós a voltar as "canes" portenhas. Como prêmio a esse devotado amor ao Brasil, Chianca de García acaba de contratá-la para seu novo elenco, devendo-a lançar na estreia de sua companhia. Com repertório próprio, voz bonita e educada, Jovita Luna será uma das grandes atrações da companhia do teatro João Caetano. Além de sua atuação no palco, é bem possível que volte a cantar para os ouvintes da PRE-8, satisfazendo, desse modo, os insistentes pedidos de seus fãs. No momento, Jovita Luna dedica-se a acurados ensaios.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

EDGARD Lafourcade, artista exclusivo da Rádio Mayrink Veiga, é um dos bons intérpretes da música mexicana. Sua atuação nos programas de estúdio da PRE-9 colocou-o em posição invejável, fazendo recair sobre sua pessoa a simpatia de quantos apreciam as melodias do país azteca. Com vários anos de atividade ao microfone, não faz muito levou a efeito uma excursão, colhendo os melhores resultados, quer artísticos, quer financeiros. Edgard Lafourcade tem em Agustin Lara, um de seus compositores preferidos, daí o número de composições desse autor que incluiu no seu cuidadoso repertório. Cantando nos principais programas da Mayrink Veiga, ainda presta sua colaboração ao "Programa Casé", interpretando números do cancionero internacional. Dono de bonita voz, com o cartaz garantido e usufruindo ótima posição, nem por isso ostenta pose, atendendo com urbanidade os fãs, os quais ele considera o termômetro da carreira artística de qualquer cantor. Apreciador dos filmes musicados, e um colecionador de gravações, possuindo regular número de discos, muitos dos quais de seus astros prediletos. Quando o rádio lhe concede uma folga, Edgar Lafourcade vai goza-la na praia ou no campo, esquecido de tudo. Sua grande ambição é continuar agradando a quantos procuram ouvi-lo.

VALY Cunha, intérprete de nossa música folclórica, figura entre as artistas de maior popularidade, conquanto não se dedique muito à publicidade. Sua atividade radiofônica está ligada aos principais prefixos cariocas. Tendo cantado ao microfone da Rádio Globo, depois ingressou no "cast" da Tamóia, daí se transferindo para a "Jornal do Brasil". Excursionou por vários Estados, tomou parte em diversos espetáculos artísticos, cantou em festas de caridade e tem participado intensamente dos movimentos radiofônicos. Conhecidora de nosso folclore, uma vez que se dedica ao trabalho de pesquisa das melodias populares do Brasil, sua arte é bastante apreciada, sendo inúmeros os louvores recebidos. Fora do rádio, Valy Cunha já teve oportunidade de trabalhar numa das boites cariocas, sendo bem sucedida no contacto mantido com o público. O cinema, por sua vez, tentou aproveitá-la, mas compromissos outros a privaram de enfrentar a câmera. Dona de bom material de voz, com um repertório dos mais ricos, não lhe tem sido difícil aproveitar as oportunidades que se lhe oferecem. Estudiosa dos assuntos ligados ao nosso passado, nem por isso despreza os romances de aventuras policiais. Acompanha também as aventuras de Brucutu e não perde os capítulos das novelas da PRE-8.



A RREPIADO, tremulando as asas mal abertas, bico escancarado, o João de Barro gritou o seu canto no cimo de um mourão da porteira.

— Barreiro, quando a fêmea anda com outro, tira vingança, moço!

— Como? Não me vai dizer que o pássaro sabe dar tiro ou usar faca como a gente destes pagos? Abanou a cabeça:

— Não precisa. Veja lá em cima deste poste. Viu?

— Uma casa de barreiro.

— Sem entrada... Tudo fechado. Ali dentro estão dois passarinhos mortos. Aquilo foi vingança de barreiro.

— Quer dizer que quando o macho surpreende a traição...

Laércio havia tomado as dores pelo rapaz. Aquêlê brutamontes do Castelhana tinha implicado com o Bentinho. Agora, pretextando um tropeção que o outro lhe dera à passagem, resolvera tirar aquela cisma com o moço da fazenda das Malvas.

Pegara o Bentinho pela gola da camisa, levantara-o ao ar, como um palito, e jogara-o sobre o balcão, entre os copos e as garrafas, que tinham quebrando-se, enquanto o sangue escorria pelo zinco, misturado com a cerveja derramada.

Laércio sentira doer-lhe aquilo, como se o fizessem com o próprio filho. Aquêlê filho que se não fosse a sangueira do Poncho Verde estaria taludo como o Bentinho! O seu Toneco! Um menino ainda, que morrera lutando ao lado dele, atravessado pela lança de um soldado do Nepomuceno. Desde aí tinha birra de castelhanos e de revoluções.

Quando deu por si estava diante do brutamontes,

rilhando os dentes, com o trinta-e-oito apertado na mão: «Seu...».

Ao palavrão, o sangue subira de novo às faces do agressor de Bentinho, que se havia feito de cera ante o revólver.

Uma cadeirada desceu sobre a cabeça do Laércio, vibrada por um amigo de Castelhana, à traição. Então, ele deu ao gatilho: viu cair um, dois...

Castelhana já estava por trás do balcão e o alvejara. Outros tiros se cruzaram, as mesas viraram, cadeiras voaram.

Gomes e Leandro estavam do seu lado e atiravam no grupo de Castelhana, mais numeroso.

Uma bala raspou a testa de Laércio, e o sangue cegou-o por instantes. O outro gritou:

— Toma, «filho de perra»!

— Bala trocada não dói! — respondeu o ferido, enxugando a fronte com a mão.

Neste momento, aproveitando a trégua, Castelhana escalava a janela do boliche. Passara uma perna e, sempre empunhando a arma, baixou a cabeça por sob a vidraça, arqueando o dorso enorme.

Então, como um corisco, alguma coisa saltou sobre estas costas, martelando-as, martelando-as...

Viu-se Castelhana amolecer o corpo, pendurar-se ao peitoril da janela e abater-se na rua, pesadamente, num barulho de fardo chocando-se nas pedras, num tinir de esportes, arranhando o chão.

Tendo à mão uma faca de sangrar capados, apanhada numa prateleira, Bentinho virou-se então à procura de novo inimigo. Mas os demais haviam escapado, e só os dois que Laércio havia atingido na barriga estertoravam no chão.

Laércio dirigiu-se ao rapaz:

— Não devias ferir pelas costas!

— Ele me quis matar! Vinguei-me...

JOÃO DE BARRO

— Podias esperar. És moço, êle também o era... Na campanha há sempre ocasião de ajustarmos contas, frente a frente.

— Não gosto de esperar em certas coisas... — e encolheu os ombros.

— Bem, anda daí. Vamos embora antes que cheguem os milicianos. Vai p'ra tua casa, rapaz.

— Eu trabalhava no rancho do irmão dele... — apontou com o beijo para o lado da janela, atrás da qual estava o cadáver.

Laércio pensou um pouco.

— Anda daí, vem comigo. No meu piquete há lugar pro teu cavalo.

Durante vários anos o lobuno de Laércio e o douradinho de Bentinho pastaram a mesma grama e esperaram juntos sob a mesma figueira, à beira do rio, ou, atados aos mourões dos boliches mais próximos; viram clarear juntos muita madrugada de fandango.

Mas um dia o rio encheu de súbito. E Laércio, que fôra arrebanhar umas novilhas do outro lado, não pôde voltar pelo vau. Em vão, porém, o compadre Leandro o quis reter no seu rancho — esperasse descer as águas, até o dia seguinte!

O gaúcho teimou, e foi passar duas léguas abaixo, onde havia a ponte da estrada real.

Chegou a casa quando a passarinhada despertava. Os barreiros, arrepiando as penas do pescoço, tremelizando as asas caídas, gritavam na neblina, parecendo reclamar o sol.

(Continua na pág. 48)

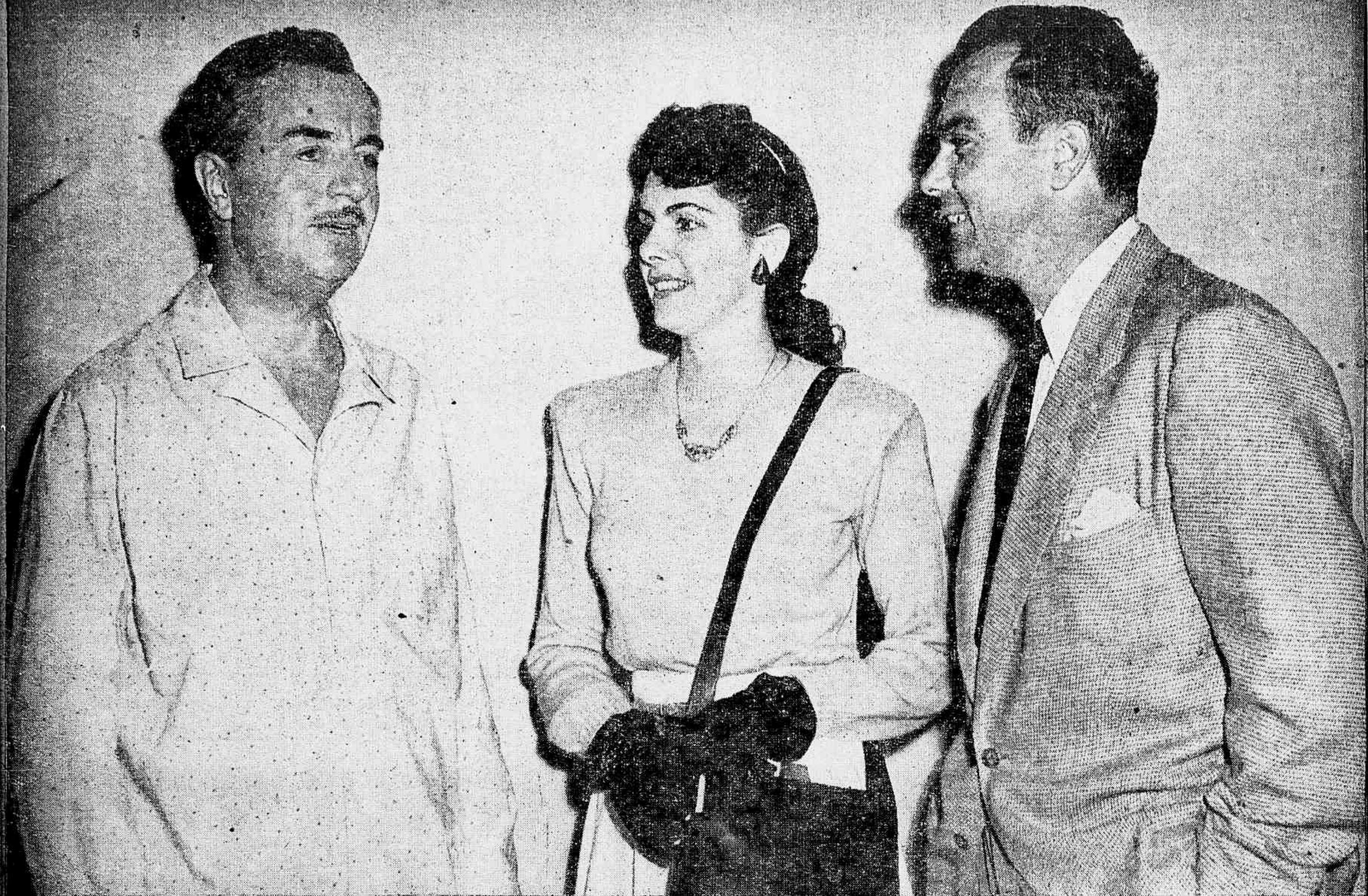
Conto de **ALBERTO LEAL**



Ilustração de **F. PEREIRA**

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"





Em cima: William Powell, no estúdio da Universal, quando falava ao nosso correspondente especial em Hollywood, vendo-se ao centro a senhora Luís Serrano. Ele fez questão de tê-la no flagrante, em homenagem às "South American Ladies". Em baixo: William Powell, caracterizado para a filmagem de "The Senator Was Indiscreet", ao lado de sua jovem esposa, a atriz Diana Lewis.



WILLIAM POWELL

ESTÁ DE CABELOS BRANCOS

COMO UM ANCIÃO É QUE ÉLE APARECE NA NOVA COMÉDIA DA UNIVERSAL — DEPOIS DE "MINHA VIDA COM PAPAI", "THE SENATOR WAS INDISCREET", FILME QUE REVELA OS BASTIDORES POLÍTICOS DE WASHINGTON

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

ASTRO da tela há vinte anos, e com inúmeros grandes desempenhos, William Powell acaba de provar uma vez mais a sua grande «classe» em dois papéis consecutivos, tão deliciosos como todos os outros da sua carreira.

Primeiro no homem de negócios da antiga Nova York, em «Life With Father» (Minha vida com papai), da Warner, e agora no senador dos Estados Unidos, em «The Senator Was Indiscreet», da Universal-International.

Qualquer destes dois papéis seria suficiente para consagrar um ator. William Powell, no entanto, além deles tem mais alguns verdadeiramente consagradores, como os da série Nick Charles, os Ziegfeld e muitos outros, sempre recordados pelos admiradores.

Nesta sua fase mais recente, William Powell abandona os papéis estritamente românticos para fazer um pai e esposo severíssimo e um senador de cabelos brancos, o pomposo Melvin Ashton. Nenhum romance neste último, sendo que o caráter é até antipático. Não obstante, Bill Powell o aceitou com enorme satisfação, interessando-se bastante por levá-lo a cabo com o máximo de fidelidade, como sempre tem feito neste seu quarto de século de cinema.

A invejável posição que hoje desfruta no cenário cinematográfico contrasta bastante com os seus primeiros dias de ator, dias difíceis e cheios de incerteza. Muitas vezes sem emprego e sem tostão por semanas a fio, sua coragem só não foi vencida pela certeza íntima de ter escolhido a profissão exata.

Bill Powell foi o filho único do contador Horatio W. Powell e da senhora Nettie Powell, ambos da Pennsylvania. Nasceu em Pittsburgh, no dia 20 de julho. Estudou primeiro na cidade natal e depois em Kansas City, para onde se mudara. Era desejo dos pais que se formasse em Direito, com o que concordou, até que tomou parte numa peça escolar de fim de ano. Sentiu-se, então, inclinado para os debates e para a oratória, o que para os seus pais significava um futuro advogado e para ele um desejo crescente de representar. E esse desejo aumentou quando figurou numa segunda peça. Depois disso, nunca mais William Powell duvidou da sua verdadeira vocação. Indicado para orador da turma, escolheu um tema comparável a «Calabar» no Brasil. Apesar de bem ingrato o assunto, foi entusiasticamente aplaudido.

Impressionados, seus pais firmaram-se mais ainda na idéia da advocacia. E ele chegou a visitar a universidade onde deveria fazer o curso, quando resolveu arranjar um emprego que lhe permitisse cursar a Academia de Arte Dramática de Nova York. Com 50 dólares mensais, trabalhando na Companhia Telefônica, não tinha possibilidades de economizar.

Desesperado, voltou-se para uma tia endinheirada, cujas relações com a família eram das mais frias. Numa carta de vinte e três páginas, solicitou-lhe um empréstimo de mil e quatrocentos dólares, para custeio de dois anos de estudo na Academia de Arte Dramática. E, para surpresa de todos os Powell existentes, a velha tia mandou-lhe um cheque de setecentos dólares, e ele ingressou na mesma hora na Academia.

Confessa-me Bill que só conseguiu pagar o empréstimo depois que entrou para o cinema, pois, embora tivesse feito sucesso no palco, a remuneração nunca deu para mais nada além de casa, comida e roupa. Essa escassez de «gaita», acrescenta ele, foi a grande razão por que passou a namorar o cinema.

Voltando à nossa história, os setecentos dólares se evaporaram em seis meses. Bill foi obrigado a procurar trabalho e conseguiu uma parte numa peça, que não resistiu às valas mais de duas semanas. Mas Bill ainda conseguiu trabalho para mais quatro semanas, e foi só, durante aquele inverno. Conforme ele próprio, «o pior inverno de toda a minha vida».

Na primavera, porém, a sorte mudou. Personificou um grande patife numa peça que aguentou duas temporadas, e nos quatro anos seguintes o trabalho não lhe faltou. Passou-os sempre em Nova York, tomando parte



Dois retratos do album de família de William Powell, nos quais aparece com quatro e cinco anos de idade, respectivamente. Mesmo garoto, ele já tinha aquele jeito de olhar que provoca bofetões...



em mais de duzentas peças, inclusive de Shakespeare. A última em que figurou foi «Spanish Love», que ficou dois anos em cartaz e firmou a reputação de William Powell. Sua suavidade e aquele tom sarcástico da sua voz, qualidades hoje queridas dos fãs, fizeram época na Broadway.

Bill herdara do pai o hábito da economia mas, apesar de todo o sucesso que lograra nos palcos, não possuía um só tostão que o amparasse num dia difícil ou na velhice. E foi por isso que aceitou imediatamente quando Al Parker o convidou para um pequeno papel num filme que estava fazendo, «Sherlock Holmes». Essa sua estréia cinematográfica deu-se em 1921, numa breve ponta ao lado de John Barrymore. A seguir personificou Francisco I, o vilão, ao lado de Marion Davies. Repetiu a vilania em «The Spanish Shawl», com Richard Barthelmess. Pouco depois viajou para a Europa com Ronald Colman para a filmagem de «Romola».

Posteriormente, em Hollywood, Bill Powell, Ronald Colman e Richard Barthelmess tornaram-se amigos inseparáveis e formaram a trinca de «conquistadores» daqueles primeiros dias do grande centro cinematográfico, que então começava a se desenvolver.

Bill foi primeiro para Hollywood contratado pela Paramount, aparecendo em «Beau Geste» e em mais alguns filmes em que fez papéis de detectives. Depois, num desses acontecimentos escandalosos como hoje se dão no Brasil com os jogadores de futebol, a Warner Bros. «cantou» Bill Powell e o arrancou da Paramount. Durante muitos anos ele estrelou no estúdio de Burbank. Emprestado à Metro, trabalhou pela primeira vez ao lado de Myrna Loy, sua futura «esposa cinematográfica» na famosa série Nick Charles. Assim que expirou o contrato com a Warner, a Metro carregou-o. Seu primeiro trabalho dentro do novo contrato foi o primeiro filme da série Nick Charles. Rodada em dezoito dias, a película marcou época, provando que os dramas de mistério podiam ser desenvolvidos com uma ponta cômica. Em seguida Bill logrou uma série de grandes triunfos, trabalhando com Jean Harlow, Luise Rainer, Rosalind Russell, Clark Gable, Spencer Tracy, Joan Crawford e Robert Montgomery.

Durante este período correram muitos boatos de um noivado com Jean Harlow, mas todos falsos.

(Cont. na pág 47)

William Powell ao lado de Irene Dunne, que faz o papel de sua esposa em «Minha vida com papai», na adaptação em technicolor da famosa comédia teatral de Clarence Day. Russell Crouse e Howard Lindsay. — a peça que bateu o «record» de representações consecutivas de todos os tempos nos Estados Unidos.



O trem para Monte Alegre acabou de passar. Desceram um turco, comerciante no lugar, e mais dois caixeiros-viajantes. Foi desembarcado o único caixote despachado para Sorte Grande. O chefe da estação mandou recolhê-lo; deu uma espiadela num grupinho que lia as notícias chegadas da capital.

Eram dez e trinta e cinco quando o trem partiu. Bituca saiu resmungando porque aqueles cinco minutos mostravam o atraso. Também demorava tanto nas outras estações. Com ele, não; era na ordem. E saiu com aquele passo cadenciado de quem é importante e mandão.

Não era preciso pressa. A vida correria todos os dias igualzinha. Amanhã outro trem viria correndo nos mesmos trilhos, assim ininterruptamente aquela sineta, o apito e depois o movimento da bandeira e resfolegar da máquina. Mais uma vez consultaria o relógio e ia resmungar porque o trem para Monte Alegre partira atrasado.

Aquela gente nas janelas não se cansava de ver os comboios à procura duma novidade. As eternas moças de olhos compridos que sempre esperam um destino diferente que salta daquela janelinha como a mágica do prestidigitador. O aparecimento da realidade dum sonho sempre sonhado: o desconhecido príncipe encantado. E toda amanhã, toda tarde o trem passa e a fumaça suja a paisagem.

A vida era a repetição. Cansativa. Mais cinco ou dez minutos de atraso seria sempre o mesmo. Por isso...

Pouco depois um do bando dobrava, com cuidado, o diário e antes de retirar voltou a idéia que predominava.

Belinha... Fosse interessantes as notícias dos jornais, no povoado houvesse mais recentes, como a subscrição para a festa de Nossa Senhora, o trem dava uma vida quase fictícia. Aquelas dúzias de casas não valiam nada. Os assuntos morriam quando o trem sumia por trás da serra do Comial. A vida alheia do vizinho ainda era o prato de maior resistência.

A moralidade tem sua época e seus meridianos. Na província a moral era draconiana. O figurino pode ser atrasado, porém tem que ser obedecido.

Falar todo mundo fala, porque a conversa ainda não era coisa proibida como o pecado. Mas falar da vida alheia é uma das maiores delícias da vida. Principalmente quando se está morrendo de tédio.

Belinha voltava ao cartaz. Aliás não saía do cartaz. Faltava um assunto para Sorte Grande. O assunto apareceu. Era maravilhoso porque era a mulher do próximo. Quantos enredos! Quantas deduções! A imaginação trabalhava solta. Dava-se pasto a todos os recalques.

O sossêgo não estava matando aquela gente de tédio?

Agora, mesmo sem Falstaff, as alegres comadres podiam fazer um ato shakespeariano... O palco estava iluminado, a platéia rejubilava-se. Embora apreensiva. Não era para menos. Pelo menos três pessoas eram culpadas. Três, talvez não. Duas. Ou melhor: uma.

Belinha tinha tomado conta de Sorte Grande. Era de admirar como Bituca se deixava levar pela esposa. Ele que mandava tanto na estação... Ninguém sabia como a esposa, mulher franzina, voz macia, podia se impor a um homem tão forte e gordo! E era homem para mandar. Educado desde pequeno naquele ambiente, o destino levou-o rapidamente a chefe de estação; tinha um jeito todo especial com as pessoas que entravam e saíam no seu domínio, e acabou adquirindo um vozeirão que impunha. Honesto, respeitador, dominando aos mais importantes, mandando em todos os pequenos, tinha prestígio com a farda e o boné de ferroviário graduado.

Dona Belinha era o contrário. Branda, falar macio, sempre alisando a cabeça da filhinha, quando

alguém a encarava abaixava os olhos como envergonhada. Escondia os olhos negros onde apareciam as pestanas sobre olheiras azuladas, lábios finos, sorridente. Enigmática como Gioconda.

O trem para Monte Alegre acabara de passar. Dele descera um rapaz franzino. Na plataforma quase esbarrou com o Bituca e pediu-lhe informações. Vinha com uma carta de recomendação do irmão do prefeito de Três Barras para dona Rosária Gonçalves. O vozeirão do chefe fez-se ouvir indicando uma casinha entre o quilômetro duzentos e nove e o cemitério. E ao partir o rapaz, ficou sorrindo imaginando como passaria ele numa casa onde morava tão esquisita velhota.

Podem falar o que quiserem e dizer todo o bem possível sobre o nosso espírito hospitaleiro, acolhedor, mas o forasteiro é sempre um estranho, e um estranho é olhado de alto a baixo. Daqui que se faça uma investigação em regra, se conjecture em conversas e reticências a biografia que deve ser toda catalogada para sossegar a polícia de costumes, o visitante fica no pelourinho.

Magro, apagado, sem sonho, ninguém lhe sabia o passado; mas, para não ser pesado à velha Rosária, contara a Bituca que era professor, chamava-se Anésio Peixoto, vinte e oito anos, abandonara os estudos porque seu organismo não se dava com o clima da capital, e por ali ser montanha escolhera Sorte Grande.

Naquele ermo, onde qualquer mocinha fugia para ser professora nas cidades circunvizinhas, só mesmo um deserdado da sorte poderia ser professor.

Era costume do Bituca, em casa, falar nos horários dos trens, do número de passageiros, nas atrapalhações de fretes e bagagens, hoje, amanhã, igualzinho a semana passada. Vida igual, comum, banal, repetida.

Com um sorriso, o chefe contava a história do hóspede que o irmão do prefeito de Três Barras mandara para a velha do quilômetro duzentos e nove. Mas a história do professor era diferente. Tudo começa pela curiosidade.

Dona Belinha levantara os olhos negros e pestanudos, parara de alisar a cabeça loura da filha e lembrou que Leninha estava na época de começar os estudos; e, como sempre fora contrária a mandar a filhinha para a escola pública, o rapaz viria dar-lhe lições em casa. Ela, sempre atarefada com os doces para mandar para a estação e as costuras, não podia dar muita atenção à filha.

— Mas não há o curso das irmãs Portela?

— A menina ainda está pequena e vai sentir muito acanhamento. E aqui está sempre junto de mim e alimenta-se melhor.

Os olhos negros e longos foram fechando devagar, num contentamento que ninguém percebia.

No largo há uma igreja para amparo das almas que precisam do céu. Pequenas elevações mostram que houve canteiros que floriram muito no tempo do bom padre Miguel. Agora o tempo desfez e a preguiça deixou morrer o último pé de dália coberto pela tiririca.

A vida, com os minutos e dias contados meticulosamente como os remédios, levava tudo para o ramerrão que cansa. No dia seguinte lá vinha o remédio pingado e contado e a vida copiando, repetindo, copiando... Um pio triste de pássaro, um canto de galo que não encontra resposta, tudo quieto, sem eco.

Igrejinha branca, parece o enfeite mais bonito de Sorte Grande. Depois vêm os recortes dos morros azuis, verdes, roxos, aquarela arrumadinha como quadro de moça.

A existência de Belinha, que parecia a sua escolhida, no entanto estava adormecida na vida monótona, vulgar, na banalidade do ambiente, era um destino frustrado, abortados todos os seus so-

nhos de moça idealizando a vida das grandes cidades.

O homem estranho, vindo de longe, que lhe entrou pela casa a dentro falando de outras coisas, era o professor da filhinha...

Olhou para o rapaz e seus olhos negros e longos pareciam acariciar o impossível.

Veio uma claridade que não era do sol que morria. Uma luz diferente...

Como se todos fossem obrigados a ser honestos, iguais, ou se o amor só tivesse uma face, a face convencional do quotidiano. Por isso não foi atração cega. Instinto? Foi a luz diferente. Era o meio, a convivência, a monotonia.

Em muitos crimes ninguém se lembra da monotonia como principal culpada.

E dizer-se que os tímidos não amam!

Também para os bisbilhoteiros apareceu outra luz...

Sorte Grande não tem nem um cinema para distrair suas almas ávidas dum divertimento, dum recreio. Também, dali, não se poderá dizer que é diversão cinematográfica que deseduca os espíritos puros e bons, como acontece nas cidades tentaculares e cheias de vícios e enredos complicados. Mesmo sem cinema, mesmo sem ensinamentos perversos dessa distração semanal, os olhares distraídos de dona Nenem deram com o professor saindo da casa do chefe da estação, muito sorridente, enquanto dona Belinha, de olhos baixos, sorriso de Gioconda, alisava os fios lourados da cabeça de Helena.

Dona Nenem pode guardar tudo, menos uma dúvida.

Era preciso observar melhor. Era preciso ter certeza.

Era preciso que as amigas ajudassem a descobrir. Era preciso...

Cada habitante feminino vê o caso à sua maneira e quase todos são unânimes em afirmar. Afirmar o que? Ninguém tinha coragem de prosseguir.

Mas a moral era draconiana.

— A senhora nunca leu Eça?

— Quem é Eça?

As comadres exigiam para todos o cinto da castidade.

— Mas é regime feudal?

— Só para a alma.

Não há polícia no lugar. Nem mesmo cadeia. Mas a polícia de costumes é ali um fato consumado. Todos os seus habitantezinhos se arvoram em censores da honra alheia. Palmatória do mundo? Não. Porém palmatória de Sorte Grande. Em qualquer tergiversar (síncope da moral ou claudicar do pudor) do preceito bíblico da mulher do próximo ou reedição do capítulo de opereta do «marido enganado» o marido não terá o papel da opereta, sendo o último a saber. Nada de esperar a mudança do sofá.

Na hora do trem, na plataformazinha, na porta da farmácia, no fundo do bar, no bilhar ou melhor na rodinha da bisca, o alarme é dado, sendo o espóso esbulhado informado mais ou menos minuciosamente para desagravo do meio social. Evita-se o estardalhaço das grandes cidades, onde os jornais precisam ter assunto retumbante.

O cabeça do casal é criteriosamente pôsto a par de tudo. E como nos cenários pequenos só acontecem dramas relativamente pequenos, todos estão mergulhados no drama como se fossem comparsas ou culpados; mas tudo é pequeno — alegrias ou dores — não pertence a uma só pessoa, faz parte da coletividade; mas o entreccho sentimental não chega a abalar os municípios circunvizinhos. Contudo o marido toma precauções, mudando-se ou mandando a «companheira» visitar parentes distantes, e a honra do lar é lavada sem sangue.

Mas o alívio tomava conta de tudo.

Deu um ar de novo. Por algum tempo afugentaria o tédio.

nde

E o assunto veio vindo, entrando como um maléfico vento sul pelas frinchas das janelas, frio, cortante, tomando conta de todas as criaturas.

— Mas ora veja, quem havia de dizer que... Logo quem? E ainda... Quem é que pode confiar em mulher. Enfim... cala-te, boca.

Mas ninguém se calou.

Dizeram que... talvez não tivesse visto, porém podia ser, porque contaram deles contudo sem afirmar, mesmo sendo duvidoso, só havendo quem ouvisse, e o zum-zum veio vindo, tocando de boreste e encurralando no adro da igreja com um bordejão pela porta da farmácia e espiadela na estação e, enquanto esperavam o trem das dez e meia, esquehavam umas olhadelas compridas para ao menos se certificar de que os nervos do Bicudo eram mesmo camos.

Ninguém mais descansou. Todos falavam e cochichavam, e a imaginação fazia o resto. A maledicência estava na suas grandes noites de orgia.

Quando Bituca entrava no café e ia até a sala do fundo onde fica o bilhar, para encontrar os velhos parceiros, nem sentia que as conversas tinham mudado. Repentinamente. Era mesmo opereta: só o Bituca tudo ignorava. Belinha aparentava uma calma angelical, serena como só pode aparentar seriedade a mulher quando no espírito há um drama e um crime no coração. E isto enfezava mais os moralistas.

A doce Belinha, que conseguira mandar no forte Bituca, era agora dominada pelo professor raquítico.

— Não é possível! Pois ela tem tanta ascendência sobre o chefe da estação, como é que se deixa dominar por um tuberculoso?

— Só pode ser amor.

— Amor de velha...

— Velha não, que ela é da minha idade.

Mas o problema psicológico multiplica-se. Ninguém ali leu «Tereza Raquin», para saber que a mulher de ejava o homem forte. Se lessem, a história ficaria ainda mais complicada, porque a doce Belinha manda no chefão; porém era, sem querer, completamente governada pelo franzino Peixoto.

— Belinha, diz a «seu» Bituca para mandar apressar as listas dos festeiros para o dia de Nossa Senhora da Glória.

No dia seguinte Bituca estava agindo como se fosse ele o espírito administrativo de apressar os festejos.

E lá podia entrar na cachola de alguém que o anêmico Anésio inspirasse paixão?

De tanto bisbilhotarem, de tanto ficarem de alcatéia e medirem os passos do terceto amoroso, ou melhor geometricamente medirem os ângulos do triângulo, vieram à luz das comadres e compadres fatos absurdos de tão realistas.

Vozes de todos os cantos. Todo mundo fala, cochila, murmura. Stendhal aconselhava que não se deve nunca nada repetir sem um exame prévio; do contrário a pessoa se expõe a leviandade. E em matéria matrimonial nada mais perigoso do que repetir sem um exame prévio. Aliás o exame também pode falhar...

Quem é que ia amoiatar nas redondezas da casa do Bicudo para verificar a verdade? Sim, porque a verdade tem que ser verificada. Não sendo verdade dá nessas entalhadas de que ninguém sabe como começou e muito menos como vai acabar.

Sorte Grande está nos seus grandes dias. Tem assunto para matar o tédio.

— Mas por que não aparece o ciúme?

— Então todos são obrigados a ter ciúmes?

— Um dos dois tem de ser o pecador.

— Aliás os três têm culpa no cartório...

— Mas quem é réu?

— Até parece doente de tanta resignação.

— E tomam café juntos, lá no bar!



A VIDA DE JOHN LOCKE

(1632 — 1704)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

«Logo que me vi no mundo encontrei-me numa «tempestade», escreveu John Locke a propósito do seu nascimento. A «tempestade» verificou-se na pequena cidade de Wrington, ao norte de Somersetshire. Era, com efeito, uma tempestade, um tornado de inquietação política que de Whitehall se espalhara pelo interior ensolarado de Inglaterra. O rei Carlos I — primeiro em intolerância, arrogância e tirania — dissolvera o Parlamento inglês e tentara governar sozinho. A grande luta entre o direito divino da realeza e a realeza divina do direito, deixara o reino da teoria política. Era, aquela, uma época em que se punham à prova os corações e em que se rompiam as cabeças.

O pai de John Locke era um advogado do interior que acreditava na liberdade. Tomou armas contra o rei e alistou-se na cavalaria. Espalharam-se, os revolucionários, pela Inglaterra. Arrebatarem a Carlos o seu trono e aliviaram-no de sua cabeça. O estrondo da coroa real ao cair do cadafalso fez-se ouvir no mundo todo. Um povo livre ousara levantar-se e desafiar a santidade da lei investida na pessoa do rei. Tinham-no chamado a julgamento; tinham-no acusado de crime contra a soberania popular e tinham-no feito pagar por esse crime, pela transgressão premeditada de um só contra as prerrogativas de muitos. Tremaram os sangue-azuis de toda a Europa sobre as suas botas de salto alto e, ternamente, apalpam o próprio pescoço. Numa vasta e solitária extensão, a muitos milhares de milhas de distância, bandos de pioneiros puritanos, expulsos de seus lares em razão de suas crenças religiosas, sob o regime de Carlos, esfregaram as mãos frias sobre as suas lareiras da Nova Inglaterra e sentiram-se vingados.

Tais foram os tempos inquietos da infância de John Locke. Em todos os sítios, à volta dele, havia disputas e derrame de sangue. Quando Carlos foi desonrosamente demitido das fileiras da vida, limitou-se Oliverio Cromwell a substituir uma tirania por outra. Durante onze anos foi, a Inglaterra, uma ditadura militar. O período escolar de John Locke foi miserável. Educaram-no segundo os dogmas puritanos. Os chefes do Estado, «divinamente eleitos» embora não elegidos popularmente, tinham suprimido toda a liberdade do instinto na educação. A vida estudantina era apenas um lúgubre desfile de sermões. Em toda a Inglaterra, os teólogos administravam surras espirituais aos estudantes, por não atentarem estes em sua salvação com uma fúnebre e adequada reverência.

Em todos os recantos do país o Dogma devorava o Dogma. A intolerância estava na ordem do dia. Em seu próprio lar, entretanto, encontrou John a tolerância adequada. Viva, a família Locke, uma vida de cooperação livre e igual. Quando Locke atingiu a maioridade chamou-o, o pai, em seu escritório e disse-lhe: «Meu rapaz, devo-te desculpas».

«Por que, pai?»

«Creio que uma vez, há vários anos, perdi a calma e te bati.»

II

Aos vinte anos de idade, entrou Locke na Igreja de Cristo, em Oxford. Não sentia prazer em estudar. Era-lhe a educação pouco melhor que um exílio que tivesse imposto a si mesmo. Tinha o currículo tanta alma quanta existia na palmatória de seu mestre. E o ensino mal alcançava uma parte mais susceptível da anatomia. «Descobri que muito pouca luz me era trazida ao entendimento», ob-

servou Locke, falando de seu curso universitário, vários anos depois. Entendeu que a escola não o conduzia a nada. Enganava-se, porém. Desenvolvia-se-lhe no íntimo, saudável desprezo pela educação dogmática e foi tão violenta a sua reação que, sem o saber, estabelecia o fundamento de um novo sistema de conhecimento. Tal é o benéfico efeito de um mau ensino sobre o espírito de um pensador.

Pouco depois de sua formatura foi nomeado professor de grego na Igreja de Cristo. Em adição aos seus deveres acadêmicos entrou a interessar-se por política prática e pelas pesquisas médicas — bom começo para um rapaz que despreza os estudos em seus dias de estudantes.

Por volta dos vinte e cinco anos, viu-se privado de toda a sua família. Morreram-lhe a mãe quando ele era ainda uma criança. O pai sucumbira a uma enfermidade pulmonar pouco depois da formatura do filho. Acompanhou-o seu único irmão, pouco depois. O jovem filósofo bem que precisava de sua filosofia.

Os deuses, porém, tinham-no dotado de um esplêndido talento — o poder de fazer amigos. As numerosas amizades transformaram-lhe a vida numa «festa contínua de alegria».

Um de seus amigos mais íntimos era Lord Ashley, influente par do reino. Conheceram-se, Locke, quando ainda estudante em Oxford (em

1666), poucos anos depois de Cromwell e os seus impertigados puritanos terem sido despojados do poder. Fora trazido de volta o regime Stuart sob a chefia factiva de Carlos II. Restauraram-se, furiosos, os prazeres de uma sociedade recalcada. Transformou-se a obscenidade em uma das belas-artes. Sistematizou-se a depravação por ordem da corte. A velha solteirona, Tudor Bess, jamais sonhara com aquilo em seus momentos mais modestos. E os seus sonhos não tinham ficado acima de suspeitas.

Socorreu-se, Carlos, da licenciatura como meio de restaurar o governo sem licença de seus pais. A velha serpe do absolutismo arrastava-se debaixo da árvore da ciência e instava com o povo que este colhesse os frutos do pecado. Era o tempo da colheita na Alegre Inglaterra. Mas não tardaria a chegar o inverno.

Lord Ashley, o recente amigo de Locke, era um dos mais destacados opositores políticos do rei, de suas depravações e de seus «direitos» divinos. Batia-se pela decência do governo parlamentar. Assim, era iminente novo choque entre o rei e a classe média. E Locke haveria de ter um excelente ponto de observação no grande drama político prestes a instaurar-se.

Locke, todavia, não tinha inclinação para espectador. Era ator por natureza. Conquanto tivesse a esse tempo, atingido notabilissi-

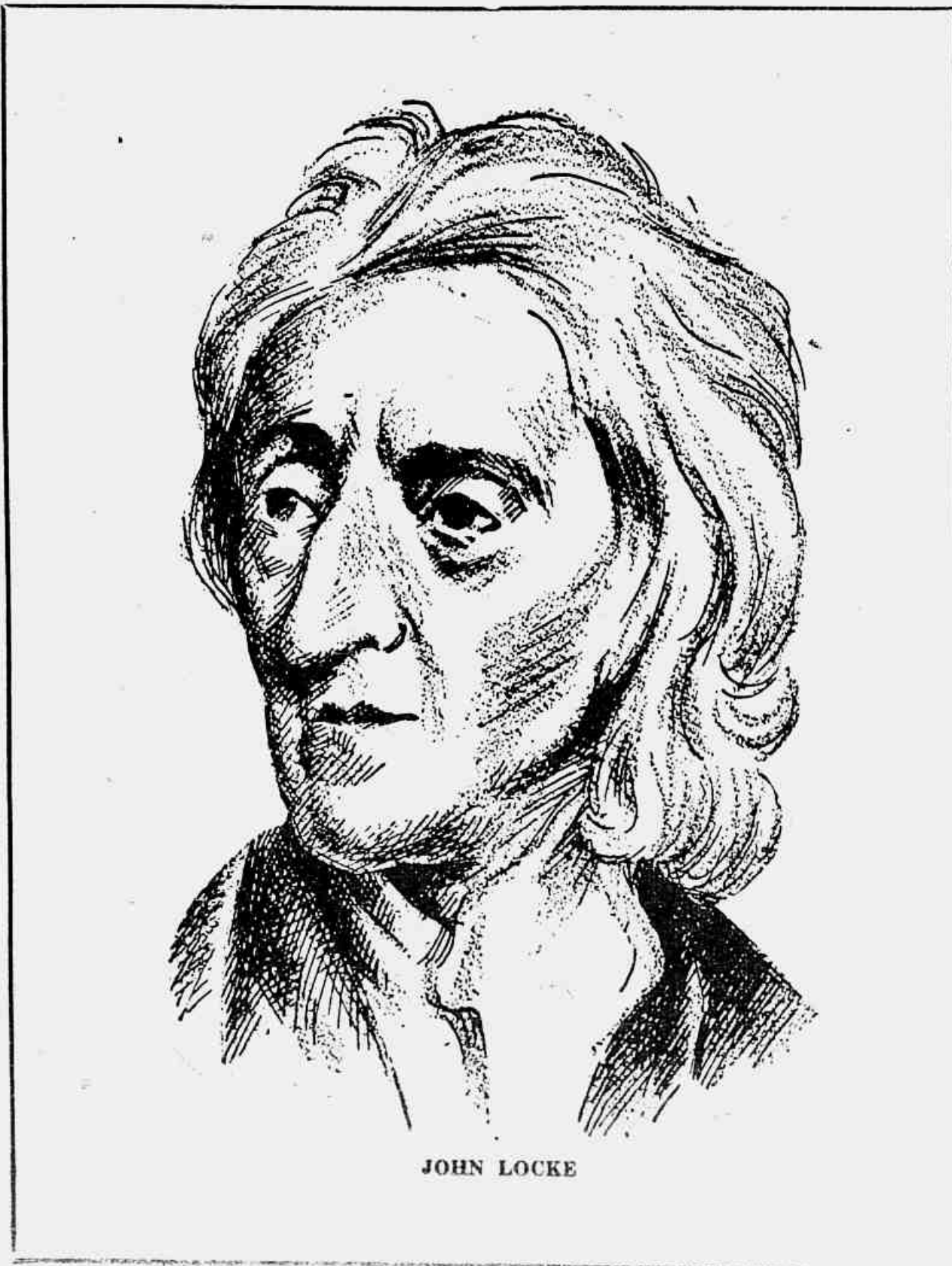
ma proficiência nos estudos, já não era um simples acadêmico. Era, no verdadeiro sentido da palavra, um doutor, um profissional do saber. A maior parte das pessoas, ao grangear o saber, perdem o bom senso — isto é, o senso dos interesses comuns da humanidade. Tornam-se exclusivistas, aristocráticos, distantes. Têm o seu conhecimento na conta de um perfume raro e volátil que precisam conservar cuidadosamente selado afim de que se não escape e evapore no ar. Locke, porém, admitia toda a gente no espaço aberto do seu pensamento. Convidava os que haviam sido dotados de um par sadio de narinas, a sorver um hausto liberal de bom ar puro. Partilhemos todos da fragrância do conhecimento. Beneficiemo-nos, todos com ele.

Entre os primeiros a tirar partido do extraordinário conhecimento de Locke estavam Lord Ashley e sua família. Tornou-se, Locke, conselheiro de Lord e Lady Ashley, tutor de seus filhos e médico de todos. Quando o filho mais velho de Lord Ashley atingiu a idade casadoura, Locke descobriu-lhe uma esposa. E quando a jovem Lady Ashley se viu na iminência de dar à luz ele lhe ofereceu os seus serviços de obstetra. Nessa conjuntura não havia recebido o diploma de médico nem jamais exercera a medicina. Toda a sua ciência médica era teórica. Não hesitou, entretanto, em servir de parteiro e fez-o com êxito. Pouco depois do nascimento da criança realizou uma operação difícil no avô Lord Ashley, removendo-lhe, do peito, um tumor. E, milagre dos milagres, a operação também foi coroada de êxito. Um tal proceder impressionaria hoje a classe médica. Mas Locke, como Bacon, era um estudioso universal, e por conseguinte, um profissional universal. Cuiusmodi todos os ramos da ciência em sua província teórica, e, sempre que possível, punha em prática as suas teorias. Poderia ter dito como o poeta latino Terêncio «Sou um homem, e nada do que é humano está fora do campo de minha atividade». Tocante à sua atividade médica, um dos mais eminentes médicos da época, o dr. Sydenham, escreveu a um amigo, que Locke possuía não só o máximo discernimento como também a máxima perícia. Chegava a ponto de referir-se a Locke como uma autoridade profissional. «Você sabe que John Locke aprova completamente o meu método de curar febres».

Eram os interesses de Locke quase tão multiformes quanto os de Francis Bacon. E ele possuía uma qualidade que faltava ao filósofo do tempo de Elisabeth — o senso da honra. A semelhança de Bacon, exerceu atividades políticas. Mas, diversamente de Bacon, foi um político honesto. Por intermédio de Lord Ashley foi nomeado membro do conselho administrativo da colônia de Carolina, pertencente à coroa. Ajudou a redigir a constituição da colônia, acentuando o programa de tolerância política, social e religiosa. De uma constituição dessa ordem, tinha tanta precisão a Inglaterra quanto as colônias.

Até aquele momento vivera Locke no lado ensolarado do destino. Os seus amigos eram, influentes, o seu espírito, vigoroso a sua nomeada, sólida. Mas agora, ao aproximar-se da casa dos quarenta, manifestou-se nele uma doença dos pulmões. Até ao fim de sua vida atormentou-o uma tosse que, gradualmente, lhe minava as forças. Mas era jovial apesar de sua enfermidade. E era bom que o fosse. Porque a carreira política de Lord Ashley e sua pró-

(Continua na pág. 32)



JOHN LOCKE



Vila-Lobos — "Bachianas Brasileiras"

no café, na borracha, em tantas outras coisas... E depois, Copacabana — a praia mais bela do mundo... O nosso céu, onde o bom Deus havia carregado no azul, numa escandalosa política de protecionismo estético. As nossas belezas naturais... Sorriamos satisfeitos quando alguém nelas nos falava, pois, no íntimo, sabíamos que eram insuperáveis. E brigávamos com quem ousasse nos contrariar, fechando qualquer questão com referência à matéria...

Assim foi, durante muito tempo. No entanto — do que não nos apercebíamos — tudo isso era para uso puramente interno. No exterior ninguém sabia da existência de tanta coisa grande, porque, na verdade, ninguém estava se importando com isso. Dissemos a um americano que a nossa Iguaçu «dava poeira» no Niagara, e ele não brigaria por tão pouco. Quando muito, aceitava uma aposta. Mas o contrário poderia provocar discussões azedas e acaloradas, de resultados quase imprevisíveis. Os negociantes, os grandes financistas, esses, sim, sabiam da existência do ferro, das minas de ouro, e até do petróleo. Mas não eram tolos em proclamar tais coisas, que só serviriam para despertar a cobiça internacional. O segredo do petróleo, por exemplo, foi guardado cuidadosamente e, ao contrário das outras vezes, todos nós acreditamos piamente, durante muitos anos, que no Brasil não existisse uma só gota do precioso produto. Agora, porém, que as complicações da Ásia não permitem a sua exploração na proporção de outrora, não me surpreenderei se, milagrosamente, começar a aparecer petróleo em Mato Grosso, Goiás, e até nos fundos da minha casa, em Copacabana... Mas tudo isso deve seguir a marcha lenta, de acordo com as conveniências internacionais. E a nossa hora se aproxima, o que talvez



Ary Barroso — "Aquarela do Brasil".

SAMBA, PORTINARI E MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Por JORGE MAIA

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA na Inglaterra)

LONDRES, fevereiro — Durante muitos anos o Brasil viveu preocupado com o «maior do mundo». O culpado, apuradas convenientemente as responsabilidades, ainda foi Pero Vaz Caminha, com o seu áulico otimismo em relação à terra que acabava de ser descoberta por Cabral. Sentia-se que a sua alegria não era grande, propriamente pelo mundo que acabava de ser descoberto, mas, sobretudo, porque ele pertencia ao rei D. Manuel, a quem o cortejo apressava-se em agradar. Mas, enfim... isso já vai longe, perdido nas páginas da História. E esta anda tão depressa que não convém ressuscitar controvérsias e discussões acerca da nossa descoberta. O que interessa — e isso ainda não foi esclarecido — é a origem de um complexo de superioridade, que nunca trouxe qualquer vantagem à nossa vida, mas do qual custamos a nos desvencilhar.

Assim, a nossa propaganda girava em torno ao «maior do mundo». Falassem-nos em rios, e o último dos peões da fronteira com o Uruguai sorria satisfeito, considerando-se proprietário de alguns litros do Amazonas. Cachoeiras? De pronto, enumerávamos as nossas: Iguaçu, Sete Quedas, Paulo Afonso, capazes de competir, vantajosamente, com as maiores do mundo. Ferro? A nossa abundância era capaz de abarrotar, durante gerações, todos os mercados mundiais. Que não estivesse em condições de ser usado, não tinha a menor importância. Porque as montanhas estavam logo ali, no fundo do quintal. Era só abaixar a mão, porque, onde os dedos tocassem era minério, e da melhor qualidade. Tínhamos a mina de ouro mais funda do universo — Morro Velho. Não importa que, durante vários lustros, jamais tivéssemos envergado uma só pepita, pois estas passavam, diretamente, de Minas Gerais a Londres. Tudo isso sem falar

nos permita, em pouco, incorporá-lo entre o nosso acervo de «maior do mundo».

Com tudo isso, porém, não éramos conhecidos no exterior. Ficávamos indignados quando, na Europa, na velha e displicente Europa, embalada pelo sibaritismo de sua milenar civilização, alguém, displicentemente, «para manter conversa», nos perguntava se Buenos Aires era a capital do Rio de Janeiro, ou se o rio Amazonas pertencia realmente à Argentina. Gritávamos, com todas as nossas forças, que os europeus não sabiam geografia, que eram ignorantes, como se saber geografia constituísse, realmente, índice de cultura, ou, apenas, exigência das necessidades naturais de cada região. Assim, quando os franceses ignoravam as capitais dos nossos Estados, «ipso facto», passávamos a considerá-los refinadas toupeiras, esquecidos talvez de que os habitantes do Haiti, provavelmente, são muito mais fortes em geografia do que todos nós... Não apenas são obrigados a conhecer tudo o que sabemos com relação à Europa e Ásia, mas, ainda, a decorar os nomes de todas as pequenas cidades e aldeias da América Central, o que para eles tem enorme importância. Confesso que tenho pena dos ginecologistas de Port-Au-Prince, obrigados a tanto esforço de memória!

De repente, porém, tudo mudou. Em dez anos o Brasil apareceu. Ficamos, subitamente, mais conhecidos do que quando nos julgávamos os únicos proprietários de coisas grandiosas e singulares. Enquanto os nossos livros escolares timbravam em insistir nessa propaganda interna, de nenhum valor no exterior, enquanto o extinto DIP inundava o universo com folhetos e material colorido, que se perdiam nos depósitos das Embaixadas ou dos escritórios comerciais, enquanto os nossos políticos e estadistas teimavam em seguir a mesma linha de seus antepassados, o samba ia aparecendo. E de um dia para outro ele invadiu a América do Norte, depois de se haver espalhado pela nossa vizinhança. Zequinha de Abreu, o autor de «Tico-Tico no fubá», é hoje mais merecedor de nossa gratidão do que tudo o que se escreveu ou se produziu em matéria de publicidade do nosso país. A «Aquarela do Brasil» e a «Baixa do Sapateiro» foram argumentos mais sólidos do que todas as montanhas de ferro ou os milhões de litros d'água do rio Amazonas. Porque eles, na verdade, abriram as portas do sucesso para o nosso país. E assistimos, presentemente, ao mesmo fenómeno de que a Argentina desfrutou após a outra guerra, quando o tango, furiosamente, invadiu a Europa, derrotando as suas danças tradicionais, introduzindo um ritmo novo e absorvente. Hoje, o tango está relegado a um plano quase secundário, e não poucas orquestras já o baniram completamente.

Pessoalmente, discordo dessa tendência, porque não posso negar a minha simpatia pelos descendentes musicais de «La Cumparsita». Mas, em compensação, nenhum conjunto se animaria a riscar o samba. As calças bombachas foram substituídas pelas blusas coloridas, e o «bandoneon» pelo pandeiro.

Em Londres e Paris, todas as noites, ouvi o «Tico-Tico no fubá», provando que o Brasil existe, é uma realidade, porque a sua música, hoje, obriga todo o mundo a dançar. E esse sucesso vai num impressionante «crescendo», porque todos se deixam arrastar pelo seu ritmo absorvente e gostoso, tão gostoso que as orquestras de

samba não têm um minuto de sossego, tal a insistência dos bailarinos.

Depois do samba vem, indiscutivelmente, Portinari. É certo que Vila-Lobos é conhecido em todo o universo, porém, apenas de um público especializado; aquele que se interessa pelos grandes concertos. Portinari é, contudo, discutido, controvertido, estudado, em todos os recantos deste Velho Mundo. A sua exposição, em Paris, no ano passado, foi uma surpresa para aquele grave mundo da crítica artística, que jamais pôde imaginar que o Brasil pudesse revelar tão notável artista. E isso, depois da consagração que ele havia recebido nos Estados Unidos, equivale a um novo triunfo para todos nós, que temos assim um novo elemento de divulgação do que é nosso.

A terceira força é o nosso edifício do Ministério da Educação, hoje tão reproduzido, em todos os países, quanto a Torre Eiffel, o Empire Building ou o Taj Mahal. O Ministério da Educação tem provocado debates, não raro, polêmicas, mas por toda parte desperta extraordinário interesse, contando-se mesmo uma história, que se teria passado numa escola de arquitetura, situada ao norte da Grã-Bretanha, onde um grupo de alunos resolveu protestar contra o que lhes estava sendo ensinado. Um deles, mais audacioso, pegou de uma fotografia do nosso Ministério da Educação e, apresentando-a ao mestre, exclamou:

— É «isso» o que desejamos aprender, e não essas velharias que o senhor nos tem ensinado!

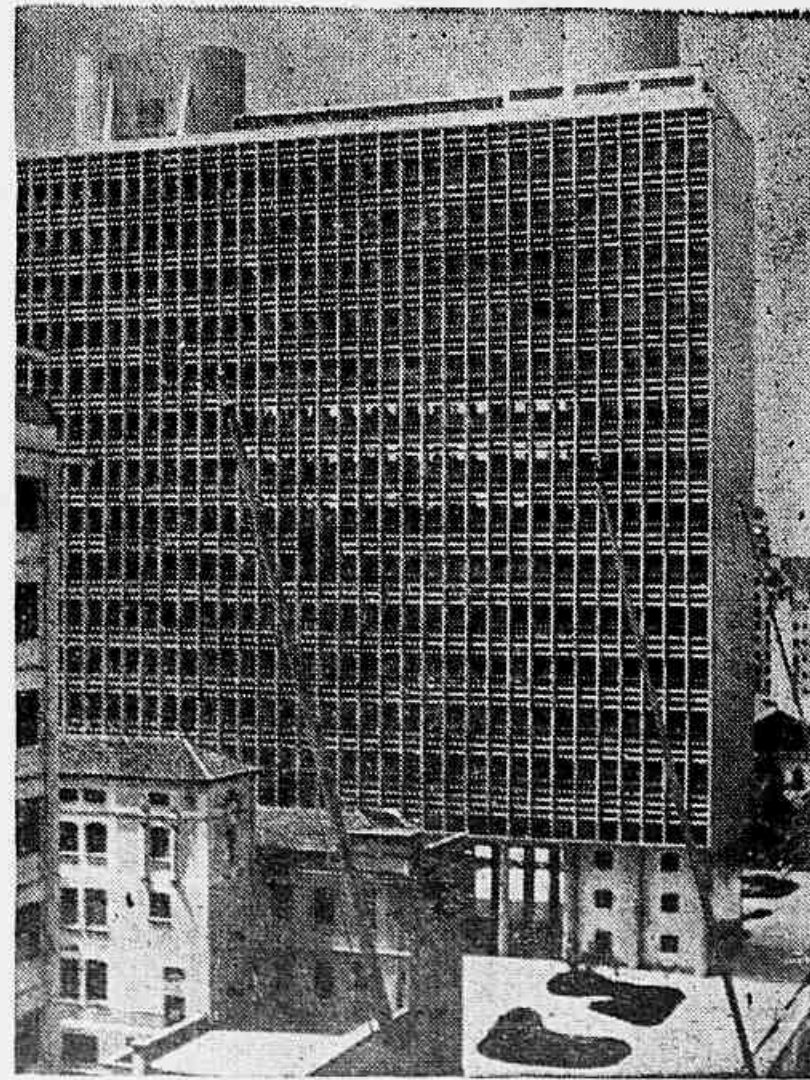
Não sei se o fato, que me foi relatado por um arquiteto britânico, é verdadeiro. Em todo o caso, posso afirmar

(Cont. na pág. 48)

Ministério da Educação — Uma sinfonia de Le Corbusier, na orquestração de Oscar Niemeyer, Lucio Costa e outros.



Portinari — "Espantalhos" e "Retirantes".





Em cima: o "mestre de cerimônias" do carnaval de Dunquerque, Mr. Faes. Sua especialidade é beber álcool absoluto sem se embriagar. E' fiscal das docas e tem doze filhos.

DUNQUERQUE — Dunkerque para os franceses, Dunkirk para os ingleses — também festejou o carnaval. E o carnaval trouxe momentos de alegria a um dos recantos mais dramáticos da Europa. Foi como um raio de sol sobre as misérias e os destroços da guerra. Nessa cidade da França, dominando uma ampla baía, sofreram as forças aliadas, na última guerra, um dos seus maiores desastres. Desastre para os belgas, para os franceses e para os ingleses. Desastre para o mundo democrático. De astre, sobretudo, para Dunkerque. Os alemães ali esmagaram as forças democráticas, aniquilando-as. Teria sido maior a vitória germânica, se não fosse o heroísmo, a presteza e a tenacidade com que os ingleses, sob o fragor da metralha, efetuaram uma das mais ex-



Em cima: não se trata de um grupo de foliões de Recife, dançando o "frevo" de guarda-chuva em punho, mas de habitantes de Dunquerque, divertindo-se graças ao doativo dos norte-americanos de uma cidade de igual nome. Em baixo: foliões nas ruas.



CARNAVAL... MAS

UM POUCO DE ALEGRIA SOBRE
DA GUERRA NA CIDADE MAIS

Texto e fotos de
ROMAIN LESAGE

traordinárias retiradas da história. Mas quando terminou a retirada Dunkerque estava reduzida a apenas dez por cento de suas edificações!

Noventa por cento da cidade havia desaparecido! Era, agora, um montão de calça, de destroços, de escombros!

Foi essa cidade mártir que o rei Momo visitou novamente. Menos famoso que o do Rio e que o de Nice, o carnaval de Dunkerque já foi, no entanto, dos mais alegres do norte da França. E' tradicional a alegria dos seus habitantes. Melhor do que nunca, procurou o povo dunquerqueense festejar, este ano, a terça-feira gorda, o famoso «Mardi Gras», — e o fez sob um frio de dez graus, na cidade em ruínas, destruída pelas bombas de 1940, com algumas bombas de 1944 como contrapêso.

Antes da guerra os dunquerqueenses que, por ocasião do carnaval, tinham apertos na bolsa, corriam ao Monte de Socorro, onde faziam empréstimos só





S EM DUNKERQUE!

SOBRE AS MISÉRIAS E A DEVASTAÇÃO
DA CIDADE DESTRUIDA DO OESTE DA EUROPA

Especial para
REVISTA DA SEMANA

quando reduzia a miséria! Parecia! roços, e o visito e que entant, adiciori e nund, este an, s», — e m r- alguns por oc- corria imos so

penhor, ali largando suas bicicletas, máquinas de costura, relógios de ouro e lembranças de família, porque «fazer o carnaval» é, em Dunquerque, uma questão de honra. Mas agora o Monte de Socorro está entre os noventa por cento das edificações destruídas pela guerra. Foi graças a um donativo da cidade americana de Dunkirk, madrinha da cidade francesa, que puderam os habitantes desta festejar este ano o carnaval, na forma do costume. Monsieur Faës, fiscal das docas, ajudado por seus doze filhos e vestido no seu uniforme de granadeiro napoleônico, exatamente como fizera pela última vez há dez anos, em 1938, foi o «mestre de cerimônias» das festividades carnavalescas de Dunquerque, sob o nome de guerra de Co-Trois-Six, sucessor muito digno de Co-Pinaud, morto depois de 62 anos de reinado. Um dos títulos que impuseram monsieur Faës a esse posto foi sua capacidade de beber álcool absoluto, nesta época de frio, sem se embriagar...

Em cima: carnavalescos da cidade mais destruída do oeste da Europa, dançando nas ruas na 'terça-feira gorda'. Em baixo: um músico improvisado toca uma música carnavalesca... Seria o Serafim tocando "Tem gato na tuba"?







Na página à esquerda: os foliões, com frio a dez graus, saíram com roupas de lã e tocaram seus instrumentos com grossas luvas. Os guarda-chuvas numerosos denunciavam o tempo chuvoso da terça-feira gorda em Dunquerque, tal qual como a do Rio. Em cima: músicos improvisados iniciam uma retreta, em meio das ruínas da cidade fantasma de Dunquerque, onde, apesar de tudo, a alegria não morreu... Em baixo: uma janela cheia de gente curiosa, vendo os desfiles dos mascarados, e o "tambour-majeur", anunciando a chegada de Co-Trois-Six, o rei Momo de Dunquerque vestido de granadeiro...





PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

CHEGUEI exatamente àquela idade em que a gente não é mais jovem e não se sente ainda um velho. Este começo de crepúsculo me parece certos ocasos de verão, quando a luz persiste ainda na sua intensidade máxima, e, no entanto, a gente percebe que o céu está vazio de sol e procura, em torno, a noite escondida em emboscada.

Há dois meses apenas, eu ainda me sentia sinceramente um rapaz; mas, como acontece aos metais, eu tive também o meu ponto de fusão, um grau exato de calor que no meu caso foi representado por uma senhora. Já não era tão jovem, mas atraiu para si todos os remanescentes vivos da minha paixão. Muitas vezes perguntei-me por que ainda não teria surgido alguém que conduzisse ao altar aquele conjunto gracioso de beleza e de formas.

A única pessoa a quem posso confiar a minha exultação é um jovem sobrinho meu, bacharel, órfão de minha irmã e que às vezes me pede dinheiro, coerente com a tradição dos sobrinhos. Busco-o pranteiramente, não já pela necessidade de contar a outrem intimidades minhas, mas porque, desta vez, sou eu quem precisa dele. Sei que Jorge tem muita sorte com as mulheres

e pode aconselhar-me sobre certa idéia que me passa pela cabeça. Encontro-o, como já esperava, sentado na «Brasileira», a tomar tranquilamente um «Martini». Assim que me vê, multiplica-se em manifestações de afeto e, depois das rituais batidinhas no ombro, me pergunta:

— Que posso oferecer-lhe?

Já sei que o que quer que ele me ofereça terminará sendo pago por mim mesmo. Enfim, respondo:

— Um conselho.

— Quer dizer que já tinha uma decisão tomada?

Não nega o sangue. E' inteligente o meu sobrinho. Com efeito, a caminho eu tomara a minha decisão.

— Não se ponha a gracejar comigo — acentuo, apenas para salvar as aparências.

— Então, diga-me.

— Trata-se do seguinte: estou me sentindo um pouco só e acho que quando se chega à minha idade...

— ...precisa-se de alguém que nos aqueça o leito.

— Jorge, não admito que me falte

ao respeito. E, então... eu amo uma mulher e penso ser correspondido. E' maravilhosa! Se você a visse...

— Deixe de lado as clássicas definições; já li todo o José de Alencar.

— Bem, e eu quero fazer-lhe um presente. Não que ela tenha pedido, isso não. Mas você compreende: um dia destes, durante um passeio, admiramos juntos, na vitrine de uma loja de brinquedos, um lindo cachorrinho de pelúcia. Julguei que poderia mandar-lhe como símbolo de fidelidade. Você que acha?

— Ótimo!

— Bem. Há também outra coisa: que tal se o mandasse sem um bilhete sequer, apenas como um gesto carinhoso e também para provar que me lembro das coisas que lhe agradam? Que me diz? Faça bem?

— Há dois anos atrás conheci uma menina, um pouco mais velha do que eu...

— Que me interessa isso? Diga-me de uma vez: que lhe parece a minha idéia?

— Ouça-me primeiro, tio. Depois resolva sozinho. Como lhe dizia, era um pouco mais velha do que eu. Nunca soube, ao certo, sua idade; devia andar pelos trinta. Uma senhora... Senhora não é somente a mulher que ainda está por casar. Esta se chama nubil. Não é também a que conserva a virgindade. Neste caso é virgem. Senhora, propriamente, é um ser quase indefinível. Senhoritas são pobres criaturas que devem mistificar as idéias, as palavras, os sentimentos; aparentar aquilo que não são; enfim, erigir uma falsa torre de marfim para não ofender a moral — esta máscara que poderia ser arrancada gostosamente. Pois bem, era assim a minha amiga. Sua máscara já caíra há muito tempo, e quando entrei na sua vida nem sei quantas vezes já havia sido tirada... Não posso defini-la como conquistadora de homens, mas poderia chamá-la de mestra do amor. Pela sua fina cultura, pela sua delicada sensibilidade, pela sensualidade fervida e nervosa, infundida em mim um amor apaixonado, verdadeiramente juvenil. Causava-me tormentos sutis, uma ansia febricitante, e transformava tudo para mim numa vibração de carne e de sangue. Viamo-nos todos os dias no seu apartamento — um ní-

(Continua na pág. 42)

Ilustração de O. Monteiro

OH! AS MULHERES...



A esquerda: "Tailleur" em gabardine, com recorte arredondado nos ombros e em baixo, no casaco, botões dourados, saia com "macho" na frente. Bolsa muito original em verniz preto com uma cabeça de cavalo em relevo dourado. Sugestão de Alexis Smith, da Warner Bros. Ao centro: Ella Raines, da Universal-International, usa, sobre uma blusa de seda branca, um colete de pele de bezerro, o que sem dúvida, é bastante original. A direita: muito "chic" é este "tailleur" usado por Phyllis Calvert, da Paramount, confeccionado em gorgurão reto. A jaqueta é curta e justa e tem um farto laço de veludo preto de cada lado. "Echarpe" também em veludo preto com broche de pérolas.

NOS BASTIDORES FEMININOS

NÃO se iluda, minha amiga, tudo isso que você vê ao seu redor, toda essa admiração, todos esses elogios e todas essas gentilezas pouco têm de sincero e duradouro. O homem, tem por hábito ser amável para com o sexo oposto, e a sua amabilidade, não raro, esconde uma segunda intenção. Não quero desiludi-la, não quero absolutamente tirar-lhe a confiança que deposita nos homens, mas também não me é nada agradável ver você assim convencida de que todas essas frases boni-

tas que eles lhes dizem são sinceras e verdadeiras.

Uma moça inteligente recebe essas homenagens com naturalidade, não levando em conta os exageros e os excessos a que os homens chegam.

Ela sabe que eles seriam os primeiros a considerá-la uma tola caso percebessem que ela acredita neles.

Por essa razão, você deverá ser sincera e honesta consigo mesma: você deverá saber a que ponto poderá impressionar a alguém e você deverá saber também até que ponto deverá permitir que se

impressionem. Existem erriaturas que se convencem de tal maneira do seu domínio sobre os homens e que acreditam e levam a sério o mais simples elogio, que terminam julgando-se irresistíveis.

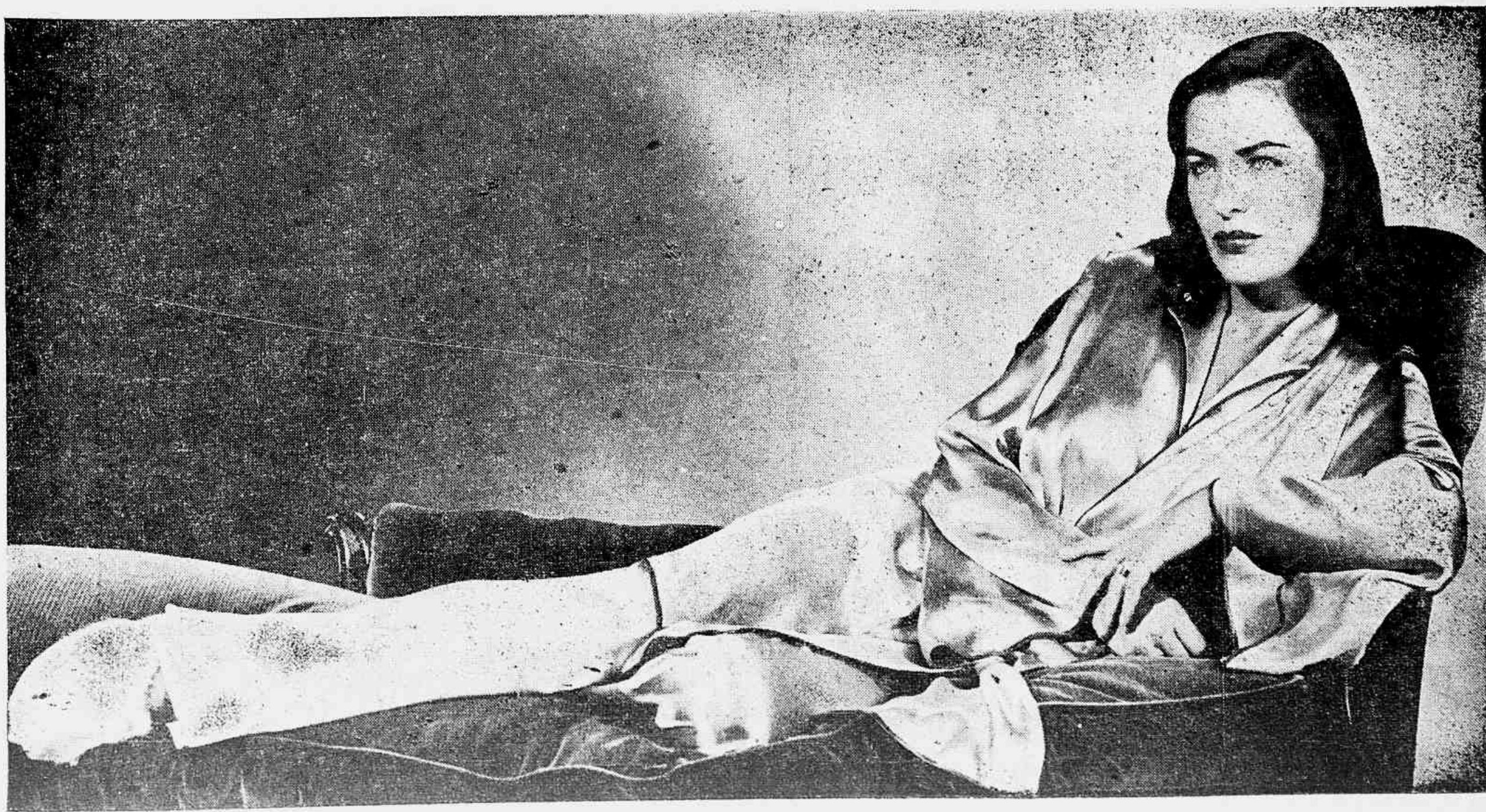
Uma pessoa assim se torna antipática não só aos olhos dos homens como também das próprias mulheres. Estas últimas não lhe perdoarão a pretensão: afastar-se-ão da "irresistível", fartas de ouvi-la contar as suas "vantagens". Quanto aos homens dificilmente gostarão de uma pessoa tão disputada e requestrada. Por fim, a "irresistível" terá

que se conformar com os elogios baratos de uns poucos amigos, sentindo, no entanto, que entre eles não poderá contar, nunca com uma afeição profunda e duradoura.

Acredite, existe em todas as mulheres qualquer coisa de interessante e atraente. Você não é a única que reúne todos esses predicados e, consequentemente, não será a única também a merecer as atenções do sexo forte. Torna-se, assim, desnecessária essa valdade e esse convencimento que a tornam tão antipática e que a tornarão também infeliz.

MITY

Pijama de cetim usado por Ella Raines, da Universal International. O casaco é "três-quartos", com vriez em tom vivo.



A PERSONALIDADE da Semana

JOANIDIA SODRÉ

Enquanto esperava que a diretora da Escola Nacional de Música encerrasse uma conversa técnica, a assente contou-me, em voz entusiasmada, quanto já foi realizado em dois anos de administração.

— Com um dinamismo que muitos homens poderiam invejar. Fez um trabalho de organização maravilhoso. Agora está empenhada no melhoramento da sala de concertos. Vai ampliá-la, pintá-la, melhorar as luzes, substituir as cadeiras por poltronas agradáveis...

Quando Joanidia Sodré abandonou sua mesa, perguntei ao meu lado, perguntei à única regente profissional do Brasil como veio a escolher profissão tão pouco comum para uma mulher.

— Foi o meu desejo desde sempre. Quando nasci, minha mãe, que tinha inclinações artísticas, ficou decepcionada pois sonhara com um filho que se tornaria regente de orquestra! Resolvi que eu seria este regente! Desde pequena, frequentei com meus pais os concertos, a ópera. Estudei piano e composição, mas sempre com o intuito de preparar o caminho que me permitiria dirigir uma orquestra algum dia. O maestro me aconselhou-me a esquecer este projeto porque era quase impossível que uma mulher chegasse a realizá-lo.

Encontrou muitas dificuldades?

— Não encontrei muito incentivo, nem aqui, nem na Alemanha, onde fui estudar após ter ganhado por concurso um prêmio de viagem.

Com quem estudou na Alemanha?

— Estudei composição na Hochschule com Paul Juon, de quem me tornei assistente-hóspede. Estudei regência na Ópera de Berlim, com Ignatz Waghalter. Ambos eram poloneses.

Dirigiu concertos na Ópera de Berlim?

— Só regentei ensaios de ópera. Mas regentei a Filarmônica de Berlim em concertos públicos. Depois voltei ao Brasil.

Faz muito tempo que não está regendo?

— Quando minha mãe morreu deixei todas as minhas atividades artísticas durante certo tempo. Além disso, fui nomeada diretora da escola e trabalho muitíssimo aqui. Mas tenciono voltar a reger.

Quais são seus planos?

— Este ano festejaremos o centenário da Escola, com o maior brilho possível. Os compositores brasileiros vivos regerão as próprias obras. As dos mestres de outrora serão apresentadas por diversos regentes. A mim caberá a direção das obras de Nepomuceno e, talvez, Leopoldo Miguéis.

Contou-me que executou uma sinfonia de Mahler que não fora mais ouvida desde o Império.

— É uma obra difícil. Exige, além da orquestra, uma banda, uma fanfarra e um coro em latim!

— Falando em coro, Joanidia Sodré lembrou que a primeira a pensar em dirigir um coro de crianças em grande escala.

— Quatro mil crianças cantaram no Estado do Rio. Naturalmente só pudemos dar o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Mas foi um primeiro passo e todas as crianças das escolas tomaram parte nesta manifestação. Foi antes da minha viagem à Alemanha.

— É a orquestra infantil que fundou em 1940? Por que parou iniciativa tão interessante?

— Não tive mais tempo porque as crianças exigiam um esforço constante. Não bastava reger, era preciso ensinar e fiscalizá-las individualmente. Além disso, formei esta orquestra infantil sem nenhuma ajuda oficial.

Mostrou-me fotografias que sinto não poder reproduzir aqui. Crianças de quatro a onze anos sentadas diante dos instrumentos com ar entusiasmado! Entre elas, Yelê, hoje, primeiro bailarino do Conjunto Coreográfico Brasileiro e diversos moços que fazem parte, atualmente, da orquestra dos estudantes.

Manifestei meu entusiasmo por tal iniciativa.

— Valeria a pena formar novamente uma orquestra infantil. Acredito que agora seria fácil conseguir apoio oficial pois todas as iniciativas relacionadas com a juventude têm dado ótimos resultados. E nada é mais importante do que acorciar nos jovens o amor à arte. Deles depende o futuro artístico do País!

— Agora não tenho tempo, mas talvez mais tarde... — respondeu Joanidia Sodré, acrescentando que esta orquestra proporcionou-lhe muitas e muitas horas de real alegria.

YVONNE JEAN



PREPARE-SE para uma grande surpresa. Karin Booth, da MGM, vai lhe mostrar como se realiza um autêntico milagre... Ao alto, da esquerda para a direita: um elegantíssimo vestido de baile executado em puríssima seda, todo plissado, com pequenos nós de ambos os lados. Um cinto de pedras marca a cintura.

UM VESTIDO COM





VÁRIAS FINALIDADES

Tirando do corpo, ele aí está. Parecem duas tiras de seda plissada... Que podem ser usadas como "charpe"... Ou como faixa para um vestido preto... Em baixo, à esquerda: agora um lindo "turbant" imitando tranças. Para finalizar, à direita: um elegantíssimo chapéu para noite. Que tal a sugestão? Ótima, não?



VOLTA À NATUREZA

A civilização criada pela inteligência do homem, em vez de melhor condicionar a sua integração na natureza, procurou ambiciosamente superá-la. Proclamando-se valiosamente o rei da criação, o homem se colocou numa posição falsa da qual lhe advieram todos os enormes transtornos físicos e mentais da época atual. Pensou ter suprimido a vida natural criando a asfixiante aglomeração das cidades, substituindo a relva pelo asfalto, a moradia agreste pelos cubículos dos arranha-céus, o ar puro pela onipresente poeira urbana, cheirando a óleo queimado e a gasolina; trocando tanto quanto possível o trabalho manual, que desenvolvia o sistema muscular, pelo trabalho neurastênico das máquinas; desprezando os instintos naturais, como o prazer da nutrição, pelas refeições sintéticas, sandwiches apressados, pilulas e bebidas de alto teor alcoólico; reduzindo o amor à condição de divertimento sexual, no fim das contas sempre exasperante; criando os mitos da velocidade, do super-homem, do dinheiro.

Ora, o resultado não podia ser outro. Hoje a infelicidade é o pão quotidiano do homem moderno, principalmente do que habita os grandes centros. Com as raízes cortadas, deshumanizado, batido pelas enervantes dificuldades que diariamente o asfixiam, ele não encontra solução para tantas insatisfações. Tal solução existe, no entanto, mas repugna ao homem de hoje. verdadeiro verme de calçada: seria a volta à natureza.

As condições de nossa vida rural ainda são precárias, é verdade, mas tendem a melhorar, ao passo que as dos grandes centros urbanos só tendem a piorar, pelo crescente congestionamento. Mesmo agora, quando o nosso interior carece de tanta coisa, a vida de seus habitantes é muito mais feliz e saudável, que a dos habitantes das cidades. Vida mais tranquila, mais verdadeira, mais humana. A alegria das crianças do interior, soltas em grandes espaços cheios de brinquedos naturais, não se pode comparar com a nevropatia das pobres crianças das cidades, que têm de conter sua ansia de movimento dentro de quartos estreitos e porões sem luz e sem ar.

Mas seria uma solução muito radical, desagradável para aqueles que estão apegados aos pequenos divertimentos urbanos, proporcionados pela cidade grande como compensação aos danos causados. Preferem eles um cineminha de vez em quando, uma boite ou uma gaffieira, segundo as posses, e a aglomeração das festas populares, à vida mais simples e mais saudável do interior. Para esses, também será possível obter uma aproximação maior da natureza mesmo continuando em suas atuais condições de vida.

Como? — Prestando atenção a certas coisas muito corriqueiras, que todo o mundo sabe mas que ninguém se preocupa em praticar, relativas ao estado do corpo e ao estado do espírito.

O corpo precisa ter saúde, e a preservação da saúde depende muito mais de pequenas que de grandes coisas. A saúde não é o privilégio de alguns seres eleitos, mas um prêmio que se obtém vivendo certo. Dois pontos são essenciais: repouso e alimentação. É preciso dormir, no mínimo, oito horas por dia. Os que trabalham em serviços pesados devem repousar uma ou duas horas mais. A alimentação precisa ser cuidada, não só quanto ao que se come, mas também quanto à maneira pela qual se come. Além da alimentação variada que os nutricionistas preconizam, precisamos mastigá-la muito bem e com tranquilidade, para que ela realmente alimente. Não se deve ir para a mesa como para cumprir uma obrigação, mas prazenteiramente. É incrível o número de pessoas atacadas de dores estomacais, úlceras e mesmo perturbações nervosas causadas exclusivamente pela maneira errada de se alimentarem. Engolem tudo às pressas, com o espírito preocupado, numa atmosfera de altercações e disputas.

O estado de espírito, sereno e jovial, necessário para absorvermos bem os alimentos, é o mesmo com que devemos enfrentar a luta pela vida. Muito difícil, já se sabe, é manter a serenidade diante de tantas dificuldades, e mais difícil ainda permanecer de bom humor. Difícil mas não impossível. Para conseguir isso, temos inicialmente que aceitar como inevitáveis uma série de impecilhos, e não lhes dar atenção, concentrando a nossa mente com força no fim colimado. A concentração absoluta só se obtém após muitos exercícios mentais, fixando objetos progressivamente mais complexos durante um tempo determinado. Mas sem essa concentração é impossível atravessar o mar de apelos contraditórios da vida moderna, e impossível realizar alguma coisa com a qual sonhamos.

Obtida progressivamente a concentração, devemos ter permanentemente conosco a idéia de que não adianta correr. A pressa é a inimiga da perfeição, e mais inimiga ainda da nossa saúde. Fixemos o nosso ritmo individual e tentemos mantê-lo ao atravessar o caos. Se não o caos penetrará dentro de nós e nos reduzirá a criaturas incapazes de tirar da vida a felicidade que ela nos pode dar.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Na próxima semana responderemos algumas das últimas consultas que nos foram enviadas.



PARA A INTIMIDADE

MANTER a beleza e a elegância mesmo nas horas mais íntimas é uma obrigação de toda mulher.

Nestas páginas vocês encontrarão alguns modelos realmente maravilhosos para roupa de interior. A esquerda: Dorothy Abbott, uma das belezas de Hollywood selecionada para figurar num próximo filme de Eddie Cantor, para a RKO, usa sobre uma camisola de cetim rosa seco, com aplicações de cetim acolchoado, um casaco "três-quartos" também com incrustações iguais. Ao alto: maravilhoso "robe" em tafetá es-

tampado tom sobre tom, é usado pela encantadora Ginger Rogers, "estrela" da Columbia Pictures. Grande decote, deixa ver parte do busto. Sob o "robe", pijama de cetim preto. Em baixo: Maria Montez, da Universal-International, usa um "robe" de corte impecável, em cetim branco acolchoado. Na página ao lado: mais uma das belezas selecionadas por Eddie Cantor. Esta é Barbara Freeking, que faz brilhar a sua feminilidade num robe de "chiffon" preto, enfeitado com rendas de seda, usado sobre uma camisola de "chiffon" branco, toda plissada.





O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

UM CONSELHO DE ELEONORA DUSE

A grande atriz italiana era frequentemente assediada por admiradoras, que lhe pediam conselhos de amor. Vendo em torno de si o grande drama das mulheres do seu tempo e reconhecendo o perigo que representa a dependência material em relação ao homem, dependência que pode manchar a pureza dos sentimentos e trazer a ruína de um amor livremente escolhido, Eleonora Duse costumava dar este conselho:

— Trabalhe. Peça ao homem o amor e não o pão quotidiano. Somente assim a vida terá o sentido que você procura...

★

DUSE E AS ENTREVISTAS

Um dilúvio de publicidade foi feito nos Estados Unidos, para preparar a apresentação de Eleonora Duse. Antes de pisar em Nova York, ela já era uma celebridade e, assim sendo, foi assediada por inúmeros jornalistas, aos que se recusou a dar entrevista. A imprensa se mostrou ressentida e seu empresário protestou. Duse prometeu mudar de conduta. Apareceu, então, uma jornalista, a quem a atriz italiana declarou:

— Queira desculpar, minha senhora... Sou estrangeira... Ignoro tudo quanto diz respeito aos costumes do seu país. Acusam-me de não dar atenção à imprensa... E' que me é inteiramente impossível atender a todos os jornalistas que desejam fazer-me. Quer ser minha intérprete junto deles? Nós, mulheres, devemos nos ajudar mutuamente... Peço-lhe, pois, que pergunte aos seus colegas por que razão, quando qualquer operário, após o dia de trabalho, tem direito a uma noite de repouso, não me deixam ter uma tarde de descanso, quando trabalho todas as noites... E' coisa penosa e ingrata estar assim, à disposição de todos aqueles que se apresentam à minha porta, alguns dos quais, sob o pretexto de que uma atriz pertence ao público, me fazem uma centena de perguntas indiscretas... Parece-me que uma atriz deve aparecer no palco como alguma coisa de inteiramente novo, sem que a tenham estripado antes aos olhos do público para mostrar como o brinquedo é por dentro...

★

A RAINHA COMPREENDEU...

Duse pouco ligava ao que dissessem de suas maneiras, quer em relação à imprensa, quer em relação às altas personalidades que a homenageavam.

— A noite, das sete às onze, pertence ao público, — dizia ela. — O resto do tempo sou uma mulher como as outras, e tenho o direito de viver como quiser...

— Uma noite, quando representava a peça "Magda", de Sudermann, a rainha Margarida, da Itália, entusiasmada com sua interpretação, mandou dizer-lhe que fosse ao camarote real no intervalo, porque queria felicitá-la. Era difícil resistir. Entretanto, Duse declarou que, naquele momento, vivia um papel, como atriz, e por isso lhe era impossível aparecer na parte do teatro reservada ao público.

— Sua Majestade compreenderá, — acrescentou.

A rainha, realmente compreendeu. Como era inteligente, não se mostrou ressentida e no dia seguinte mandou-lhe um lindo ramo de rosas de Florença...

★

MEDIOCRIDADE DOURADA...

Nas suas "Memórias", escritas com grande sinceridade, a grã-duquesa Maria, da Rússia, sobrinha do último czar e um dos raros Romanoff que escaparam ao massacre de Ekaterinburgo, escreveu estas linhas sobre sua educação real: "Eu fora educada dentro de um ideal burguês, comum então à realeza, o qual me tornara igual a todas as princesas. Esse nivelamento penetrara no nosso meio bem antes da igualdade das massas. Uma princesa que se distinguiu pela inteligência ou pelo desejo de qualquer atividade intelectual, despertava a inveja de suas iguais, tornando-se alvo de críticas e ironias se essa atividade ultrapassava o domínio exclusivo da caridade. A mediocridade intelectual constituía, a um tempo, refúgio e proteção, não só na Rússia, como entre os príncipes de todos os países..."

★

O DOENTE DE GEORGE SAND

Quando em Las Palmas, na Maiorca, George Sand definiu do seguinte modo a estranha sensibilidade de Chopin, que tanto a fez sofrer com seu gênio insuportável e suas constantes hemoptises:

— E' assim a sua doença, — diagnosticou. — Tem uma alma tão sensível, que se vê emurchar a pétala de uma rosa ou se vê a sombra de uma moeda, basta isso para fazê-lo esvaír-se em sangue...

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA)



MODELOS PARA ESPORTE



A CRIANÇA E O LIVRO

DESDE o momento em que a criança volta a sua atenção para o mundo exterior, e abandonando o seu nirvana de satisfações físicas imediatas, deve-se familiarizá-la com o livro. Não há nada de mais que se ponha nas mãos reconchudinhas de um bebê de dois anos um livro de figuras; é aconselhável, no entanto, para prevenir uma provável destruição quando o interesse diminuir, que se dê à criança livros cartonados ou de pano. No princípio somente gravuras; um ano depois uma curta legenda, que provocará a atenção da criança para as letras, e ela nos pedirá, então, que leiamos o que está escrito. A proporção que os anos vão se adiantando, as gravuras irão diminuindo e as letras irão crescendo, até que se transformem em simples viñetas raras, finalmente, ficarem só as letras, permitindo a total abstração.

O interesse pela leitura deve ser cultivado com a cultura musical; bons livros e poucos, para que a criança perceba que os grandes autores devem ser relidos, fixando-se desta forma a excelência da linguagem ou o valor das idéias. Uma criança jamais se cansa de uma boa história e deseja ouvi-la tantas vezes quantas nos propusermos a contá-la; nós, os adultos, sabemos também quanto é agradável rever páginas já lidas, porque os bons livros, como os amigos preferidos, são sempre bem recebidos em nosso convívio; é conveniente, por isto, que os volumes sejam encadernados, afim de que resistam ao constante manuseio.

Tratemos agora do assunto, passando do conteúdo ao conteúdo: nos primeiros anos as histórias de fadas e bichos satisfarão provavelmente o petiz; mas sempre é bom intercalar histórias verídicas, ou melhor, da vida real, para que a fantasia não domine de uma forma absoluta a mente infantil. A criança já tem para seu próprio uso um microcosmo de irrerealidades; daí a dose moderada de fantástico que se deve administrar. Em tese podemos condenar veementemente as histórias de quadrinhos, que são a coqueluche da infância de hoje; mas se refletirmos com a realidade, veremos que não é apenas nos nossos tempos, que o aventureiro atrai a preferência da infância; em outros séculos as histórias de cavalaria e indivíduos fora da lei, que protegiam os fracos e pobres, fizeram o encanto das leituras infantis, e muitas vezes de adultos também. O rei Artur, Robin Hood, Robinson Crusoe, e mais tarde, Buffalo Bill e Morgan prenderam a atenção de sucessivas gerações; os heróis de hoje apresentam uma particularidade que os precedentes não tiveram: a ausência de humanidade; Flash Gordon e o Homem Morcego fogem às limitações que a espécie humana conhece; suas virtudes não se originam da bravura, caridade, autosuficiência ou altruísmo, mas de exquísitas capacidades extra-terrenas, que lhes permitem liquidar incêndios, atravessar paredes e até mesmo o dom da ubiquidade, que é estar ao mesmo tempo em toda parte. Claro que a violentação da realidade não poderá se enquadrar com a psicologia do homem dos nossos tempos, que, apesar de entrever a energia atômica, ainda está dominado por um acervo de preconceitos e limitações sociais éticas. Não quero me demorar sobre este assunto, que exige pormenorizado estudo e observação, mas sim, ressaltar que, mais prejudicial do que a fantástica atuação dos heróis de quadrinhos é o encaminhamento da história, quase sempre versando sobre guerras e inimigos que devem ser aniquilados totalmente; por vezes, como os orientais são sempre apresentados como a encarnação do mal; fora da propaganda de tempo de guerra, sabemos que isto não é absolutamente verdade, que a cortezia, lhanesa e humanidade se encontram com mais frequência entre os do sol nascente que entre nós, os ocidentais; citamos entre as virtudes dos povos de raça amarela a piedade filial, o espírito arraigado de família, o encanto de maneiras e a filosofia de um povo, que não precisa do inferno para proceder segundo as regras éticas universais.

Noutra ocasião abordarei a fermentação do espírito guerreiro na mente infantil e as suas consequências maléficas; e, prosseguindo neste assunto, falarei na próxima semana sobre a leitura da adolescência.

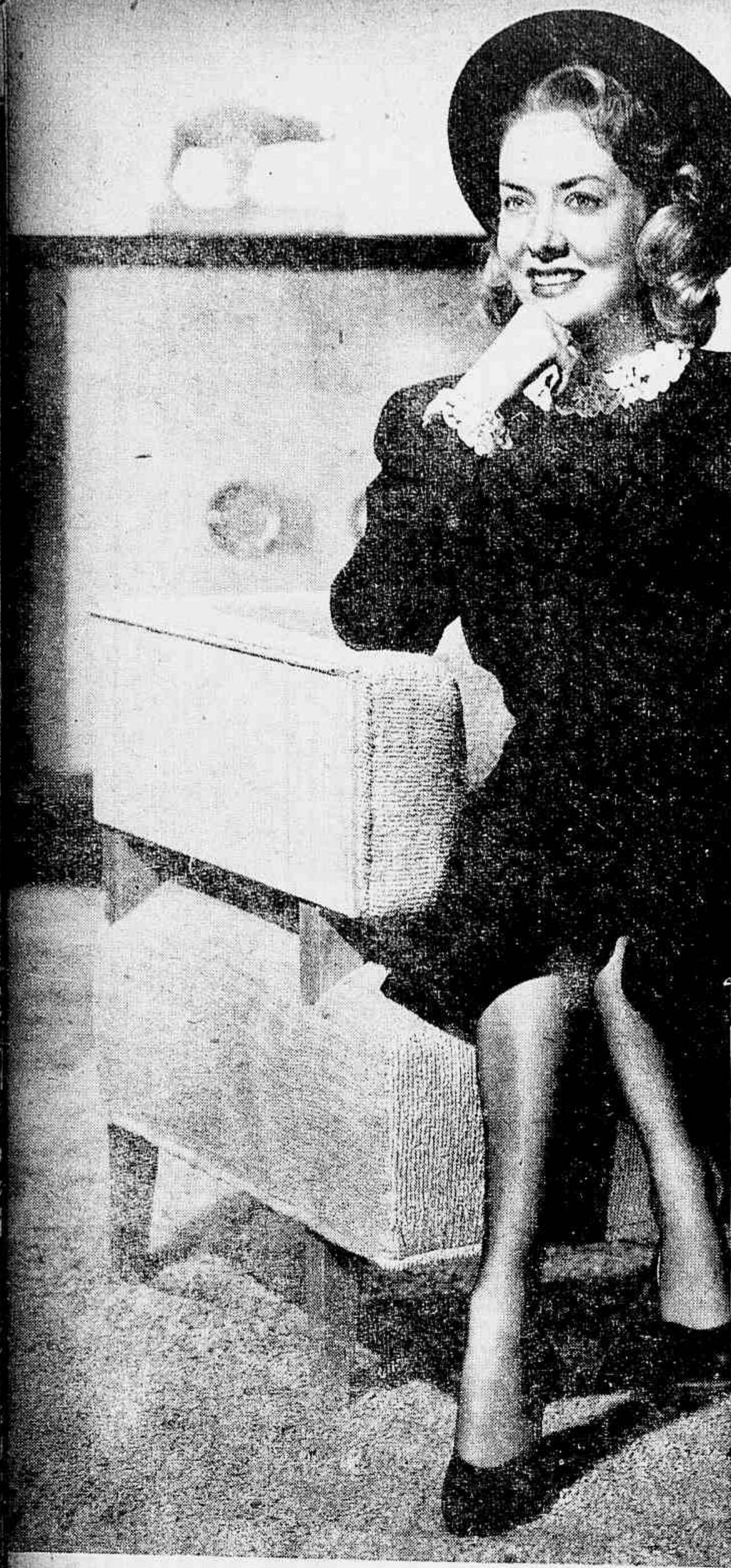
ZOIA DE LAET



Para os dias quentes do verão aqui estão oito interessantes modelos que você poderá executar nas mais variadas qualidades de tecido, em linho, linon, algodãozinho, ou o moderníssimo tecido plástico. Todos eles são completados por interessantes boleros e blusas, do mais variado estilo.

VESTIDOS PRETOS

HA sempre uma nota de incontestável elegância num vestido preto. Por simples que ele seja, sempre vestirá bem e sempre estará adequado a uma ocasião de maior cerimônia. Eis aqui alguns modelos pretos, verdadeiramente encantadores: A esquerda: mais sóbrio e discreto é este vestido preto, enfeitado com margaridas de renda, formando gola e punhos e tendo dentro de cada uma delas uma pérola. Em baixo: para uma reunião elegante, nada mais "chic" do que este modelo de Eve Arden, da Warner Bros., executado em crepe preto e gaze preta sobre os ombros. Franjas de miçangas prateadas são aplicadas na blusa e sobre os quadris. Saia com original drapeado na frente. Um elegantíssimo modelo em lã preta, bolas douradas. Na página ao lado: Audrey Totter, da MGM, exhibe um modelo com a saia drapeada de forma original. Este modelo, aliás bem como os demais apresentados nestas páginas, é uma prova de que Hollywood também já aderiu às saias compridas. Em tecido preto com pontilhado dourado é este "duas-peças" da encantadora Audrey. A saia é de linhas retas, a jaqueta tem "basque" godet e interessante recorte no decote.





"WEEK-END" na Cozinha

COM este calor, nada mais delicioso do que um refresco gelado, um sorvete ou uma dessas sobremesas que se levam à geladeira. Tudo isso é de facilímo preparo, bastando apenas observar as quantidades exatas dos ingredientes e, quando se tratar de sorvete, será conveniente retirá-lo da geladeira antes que endureça totalmente, afim de batê-lo bem com uma colher de pau. Depois disso, o sorvete poderá voltar à geladeira para congelar.

Você poderá enfeitá-lo com pedacinhos de frutas frescas, também geladas, com compotas de ameixas ou de outra qualquer fruta, dependendo disso exclusivamente do seu gosto. Hoje, você encontrará aqui algumas receitas próprias para estes dias de calor.

★

"TODDY" DE MORANGOS

Ingredientes: 30 morangos; 1 calice pequeno de "Kummel" russo; 1 copo de vinho branco; 2 colheres das de sopa de gelo socado, açúcar que baste.

Preparação: Põem-se 20 morangos num recipiente próprio, machucam-se com uma colher, junta-se-lhes um pouco de açúcar em quantidade proporcional aos morangos e adicionam-se-lhes o "Kummel", o vinho e o gelo. Mistura-se tudo e bate-se bem.

Acrescentam-se os morangos inteiros e serve-se.

★

REFRESCO DE CAJU'

Ingredientes: 1 litro de calda; 3 litros d'água; 15 cajús.

Preparação: Lavam-se os cajús e cortam-se em pedacinhos do tamanho de um centímetro. Põem-se a água no fogo e quando estiver fervendo retira-se, despejam-se os cajús dentro e deixam-se ficar de infusão pelo espaço de duas horas. Findo este tempo passa-se por um pano fino e acrescenta-se-lhes a calda em ponto de fio branco e completamente fria. Mistura-se tudo muito bem e depois filtra-se e gela-se.

★

CREME DE COCO

Conteúdo: 300 grs. de açúcar; 2 garrafas de leite; 1 coco; 6 gemas; 7 colheres, das de sopa, de maisena; 2 colheres, das de sopa, de manteiga.

Põe-se o açúcar numa caçarola, junta-se o leite e o coco ralado, retira-se e cõa-se. Em seguida adicionam-se a manteiga, as gemas, uma a uma, e a maisena. Leva-se tudo de novo ao fogo, mexendo-se continuamente. Quando estiver bem cozido, põe-se numa forma molhada, levando-se depois de frio à geladeira.

★

SORVETE DE LARANJA

Ingredientes: 500 grs. de açúcar; 1 litro d'água; 12 laranjas; cascas de 3 laranjas.

Preparação: Junta-se a água ao açúcar e leva-se ao fogo para fazer uma calda rala. Quando começar a ferver acrescentam-se as cascas e deixa-se ferver durante mais cinco minutos. Retira-se em seguida, deixa-se esfriar e adiciona-se o caldo da laranja. Mistura-se tudo e põe-se na geladeira para congelar.



UMA BOLSA IDEAL PARA ESTUDANTES

Janet Leigh, da MGM, resolveu o problema das estudantes que têm que carregar livros, equipamento de "maquillage", cadernos, lapis, etc., com uma bolsa apropriada. Os óculos, a caneta e os lapis, os livros, a "trousse", têm um espaço especial reservado nessa bolsa excepcional, feita em feltro verde e enfeitada com tecido de lã escocesa.





HOJE, mais do que nunca, é permitido à mulher o uso de jóias vistosas que maior realce possam dar à "toilette". Os creadores dêsses enfeites, quer sejam êstes verdadeiros ou simples fantasias, têm procurado apresentar sempre os desenhos mais originais. Peggy Stewart, da Republic, exhibe aqui a sua coleção de jóias, onde vemos broches, brincos, colares e pulseiras, vistosos e originais.

JOIAS



O EX-CHOFER ERNEST BEVIN, LIDER TRABALHISTA



O grande público começou a notar o sr. Ernest Bevin atual ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, em 1920. Nesse ano as reivindicações dos trabalhadores das docas de Londres no sentido de uma melhoria dos seus salários (demasiado baixos e da regulamentação das condições de incerteza do seu emprego naquela época, foram objeto de um inquérito pelo Tribunal Industrial estabelecido pelo Ato do Parlamento de 1919. Lord Shaw de Dunfermline — um homem de experiência madura, que ocupara altos postos na política e na jurisprudência, era o presidente. O Tribunal se reuniu nas Côrtes Reais de Justiça. O pequeno público que ocorreu no primeiro dia transformou-se em multidões densas no segundo e nos dias subsequentes; a questão dos estivadores estava sendo apresentada por um homem que conseguia inculcar-lhe vida e revestia o litígio da mais alta importância humana; era um homem de barba raspada, de sobrançelas espessas, grandes ombros pesados e uma voz ressonante de metal de percussão.

Era tal o seu conhecimento dos fatos, seu poder de exposição lúcida, e sua capacidade de reprimir e comandar os sentimentos que, quando se sentou, os homens e mulheres na galeria levantaram-se ao mesmo tempo, aplaudindo e batendo com os pés. Muito formal, Lord Shaw os advertiu: o aplauso não era permitido na Corte, mas, acrescentou, ele próprio simpatizava com a demonstração: "Desejo agradecer-lhe em nome deste Tribunal, ao sr. Bevin, pelo cuidado e lógica com que apresentou a questão dos trabalhadores das docas. Este Tribunal muito aprecia a esclarecedora declaração que acaba de fazer." Mais tarde, o advogado dos empregadores, que se recusavam atender as reivindicações dos estivadores, predisse-lhe "um grande futuro na causa em que tanto se aprofundou". O que mais interessava ao Sr. Bevin naquela ocasião era que os estivadores ganhassem a questão: o salário mínimo de dezesseis chelins por semana. Isso foi concedido, em resultado à sua advocacia; muitos anos mais tarde ele ainda estava lutando pela outra metade das reivindicações — a certeza de emprego. O grande futuro previsto em 1920 por Sir Lynden Macassey se realizou e os estágios que o produziram têm sido seguros e constantes — constantes, acima de tudo, na devoção à causa na qual tanto se aprofundou.

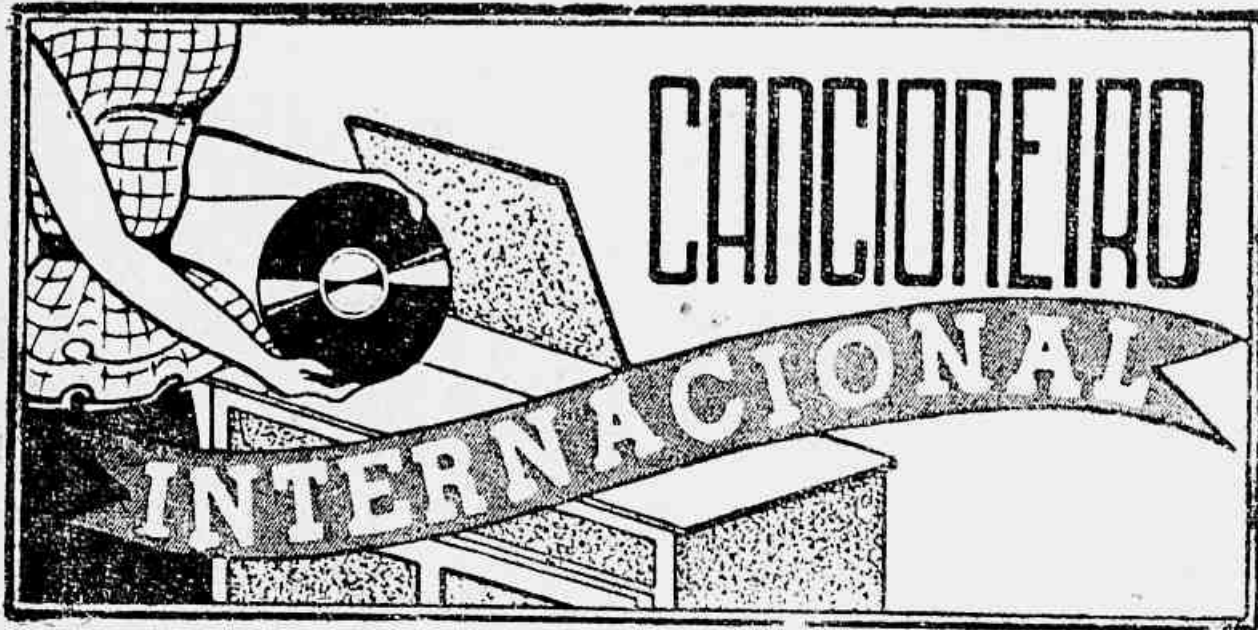
Nascido no Oeste da Inglaterra, no campo, ele foi o segundo de uma família de cinco crianças e começou a ganhar a vida como empregado numa fazenda em Devonshire. Daí partiu para Bristol e depois de uma série de trabalhos diferentes, empregou-se como motorista de um caminhão de entrega de encomendas, e assim penetrou no grande mundo dos operários de transporte. Esse mundo ele veio a conhecer em todas as suas fases; inclusive a triste fase da falta de trabalho. Da sua parte, não houve uma atitude passiva neste último caso; ele ajudou a organizar o Movimento dos Sem Trabalho do Oeste da Inglaterra e trabalhou como seu secretário.

Com uma notável persistência o Sr. Bevin dedicou quarenta dos sessenta e poucos anos da sua vida ao serviço não somente da sua união mas de todas as uniões trabalhistas na aceção mais ampla da palavra, como uma força nos negócios internos e internacionais. E' evidente que se trata de um realista quando se observa a sua inteligência ativa e capaz. Um bom líder trabalhista tem que ter essas qualidades; nisso está a característica da sua contribuição política. O sr. Bevin, no entanto, não é somente um grande realista. Ele é um patriota sincero — um dos traços que lhe ganharam a afeição do sr. Churchill. Menos evidente mas não menos verdadeira é a sua tendência idealista em que baseia o seu sentido dos fatos.

Não se pode dizer que Ernest Bevin goste de todo o mundo e se dê bem com todos. Nunca se deu bem ou gostou de Ramsay Mac Donald. Os duelos entre ambos costumavam ser os espetáculos das conferências do partido trabalhista, mas e eminentemente capaz de sentir e inspirar admiração na qual existe uma verdadeira afeição. Ele é um herói dos trabalhadores de transporte, de alta ou baixa posição. Mais interessante ainda é que ele é o herói dos funcionários do Ministério do Trabalho, também de alta ou baixa posição. Os ministros nem sempre são heróis dos seus ministérios, mas no Ministério do Trabalho ele não somente inspirou aos seus funcionários orgulho pelo seu chefe, mas também orgulho no trabalho de cada um.

Conhecia seus funcionários, dos chefes até as datilógrafas. Portanto não foi novidade que as datilógrafas e criptógrafas tivessem sido convidadas para a festa que ofereceu quando se reuniu em Londres a Conferência dos ministros do Exterior. Sua reserva pessoal não tem nada de inhumano ou desumano; nasce do profundo respei-

(Cont. na pág. 45)



LESO AO FISCO

SEMPRE lastimamos a pobreza que se verificam nas gravações nacionais. Dificilmente uma orquestra entra num estúdio de gravação para fazer um disco. Em geral nossos sambas, choros e marchinhas são lançados em cera com flautas, cavaquinhos, violões, pandeiros, cuicas e tamborins. Afirmam que querem dar com isso um cunho de maior regionalismo à nossa música. Mas a verdade é bem outra...

O interesse de algumas fábricas é não vender os discos brasileiros. Parece incrível, porque a idéia que se tem é de que as fábricas não procederiam assim, pois teriam prejuízo. No entanto sabemos que algumas fábricas importam músicas norte-americanas gravadas em matrizes e aqui reproduzem essas matrizes, que são sempre gravadas com grandes orquestras e grandes cantores. Ora, essas matrizes são importadas por um preço mínimo na Alfândega. Depois de reproduzidas rendem milhões. Logo, não interessaria a essas fábricas fazer grandes gravações nacionais, que terminariam rendendo tanto quanto as outras que lhes saem de graça, pela maneira exposta. Por esse motivo, nossa música é lançada com uma pobreza de acompanhamento lastimável.

Que devia fazer o governo? Controlar essas importações de matrizes, é lógico, porque elas são um verdadeiro lesão ao fisco. Custam na Alfândega, se não nos enganamos, Cr\$ 15.000. Aqui reproduzidas rendem milhões à fábrica. Como se chama essa maneira de agir?...

NESTOR DE HOLANDA

INCERTEZA

O MUNDO DA TANTAS VOLTAS

Valsa de Raimundo Lopes. — Gravação de Ronaldo Lupo, apresentada na novela "O mundo dá tantas voltas" irradiada com grande sucesso pela "Rádio Nacional".

Meu amor,
Vais partir...
Não tens pena de mim?
Muito cedo esqueceste
Nossas juras de amor!
Nosso romance
Foi um sonho
Lindo que chegou ao fim!

Vou viver
Sem amor,
Mas prá sempre eu hei de te amar!
Sempre te esperarei
Um dia voltarás...
Porque o mundo
Gira, gira sem parar!

Faz-cancão de Mario Lago. — Gravado em disco R. C. A. Victor por Carlos Galhardo, apresentada na novela "Amanhã seremos nós" de Eurico Silva na Rádio Nacional.

Odiam-te não devo,
Querer-te não quero,
Porém não me atrevo
A te esquecer.

As vezes suponho
Que já não te espero,
Mas, vendo-te em sonho,
Te quero querer.

Pensei desprezar-te...
Mas só posso amar-te...
Pois tu fazes parte
Do meu triste viver.

MARIA-LÁ-O

Rumba de Ernesto Lecocq.

Mulata infeliz tu vida acabó
de risas y guarachas se ha he roto el
[bongo]
Que olas ayer temblando de amor
y con ilusión junto a un hombre cruel.
su amor ya se fué de mi corazón
Que hoy te aborrece porque mi pasión
Que licio su traición.
ya tan solo es sed de verlo al fin
tendido a mis pies.

Maria-lá-o, ya no mas cantar
Maria-lá-o, llorar es de llorar y de re-
[cordar].
El tiempo feliz de tus besos que fujas
[volar].
Maria-lá-o, todo se acabo
Maria-lá-o, tu amor ya e fué y jamas
[volverá]
Maria-lá-o, sueña en morir.

MAM'SELLE

Fox De Mack Gordon e Edmund Goulding. — Versão brasileira de Evaldo Filho, do filme da "Fox Film Corporation", "O Fio da Navalha".

Relembro, Mademoiselle
Dezembro, Mademoiselle
Um mez feliz, Lá em Paris,
Nós vivemos, Mademoiselle.
Seu coração pulsou...
O meu quase parou!
Depois um beijo...
Sufocou um desejo...
Andamos pelas ruas divagando, a sós...
Mas o destino quis...
Brigamos em Paris...
Hoje relembro
Que em Dezembro
Eu fui feliz!

DEZESETE NO CHORO

(Choro)

Nicola Bruni e José Cunha.

Quando eu ouvi a "Gabriela dizer
"E' com esse que eu vou
Quase que "enloqueci"
Fui procurar a "Geni"
No largo de "Catumbi"
Mas acontece que "O azar é seu"
E que "no meu colchão"
Você não dorme mais
"Princesa de Bagdá"
Não mais serei seu "Pachá".

"Rasguei o meu Pierrot" de cetim
E por "Vingança" arranhei novo amor
Mas "Si ela reclamar"
Eu não censuro o "Esquecimento"
Não senhor
Trago em meu peito uma "Cicatriz"
O meu viver é um "Tornento" sem igual
Se contindo assim
Vou acabar cantando
"O Minueto nos subúrbios da central".

UM LAR E VOCE

(Fox)

Evaldo Ruy e Lucio Alves. — Gravado por Aracy de Almeida em disco Odeon.

Um lar e você
Depois um bebê
Coisa fatal já se vê...
Varanda p'ro mar,
Romance, luar
E um roxinol a cantar...
Poemas, canções
Juntinhos haverão de compôr...
Um lar e você...
Depois um bebê...
Amor!

Oh! as mulheres

(Continuação da pág. 30)

nho encantado. Muitas vezes, lá ficava também à noite, pois ela me dizia que as noites eram longas e não podia, de modo algum, aproveitá-las inteiras para o sono. Além de ter todas estas virtudes, era também desinteressada. Jamais admitiu que eu gastasse com ela; jamais que lhe levasse flores. «Perderiam todo o fascínio no instante em que você chegasse», dizia-me. Certa vez, perambulando através da cidade, estacamos numa loja de brinquedos. Numa rica vitrine, em meio a bonecas e automóveis, resplandecia magnífico cãozinho negro, de laçote vermelho no pescoço. «Espêndidos», disse-me, «ficaria bem sobre o meu leito; faria um contraste estupendo com a colcha azul celeste». Que fazer, tio, com a pequena que custa apenas o bonde que se toma para ir vê-la? Presenteá-la, certamente. Assim fiz. Quis, também, mandar-lhe o presente sem nenhum bilhete para infundir ao ato um sabor de surpresa. No dia seguinte, procurei-a radiante, certo de me afogar numa delirante festa de amor. Recebendo-me à porta, suas primeiras palavras foram:

— «Ah! E' você?»

— «Como, se sou eu — respondi.

— «Esperava alguém?»

— «Não» — pronunciou ela, distraidamente. Sobre o cachorrinho nem uma palavra.

Já se vê, pensei, que ainda não havia sido entregue. Trá-lo-ão agora, enquanto estou aqui. Que desta! No entanto, já o deixara pago de manhã. Cheguei a pensar que ela se ofendera. Não suportava mais a curiosidade. Houve uma luta breve dentro de mim, ao cabo da qual exclamei:

— «Desço um minuto para comprar cigarros.»

— «Para que descer? Fume dos meus.»

— «Não gosto.»

— «Fumou-os tantas vezes...»

— «Sim, mas hoje não quero. Vou e volto num instante.»

Pude, assim, sair e telefonar à loja de brinquedos. O cãozinho fora entregue logo de manhã cedo... Voltei como um bólido. Da janela ela acompanhava meus movimentos e fez-me encontrar a porta aberta. Eu devia estar com o rosto cor de terra.

— «Que lhe aconteceu?» — perguntou.

— «A mim, coisa alguma. A você, sim, que não me diz nada sobre o cachorrinho.»

Se estava o meu rosto como ficou o dela depois da minha frase, devia ser horrível.

— «Perdoe-me.»

Afinal, encurtando a história, julgava que lhe tivesse enviado o presente certo jogador de futebol, com o qual me traía e em cuja companhia vira tempos atrás aquele cãozinho. No primeiro momento pensei em me matar; depois, achei mais prático viver uma noite de farra num cabaré qualquer, brindando a morte do meu amor por Clara.

— Como é que você disse que ela se chamava?

— Clara... Clara Gonçalves.

— Bem, não se fala mais nisso. Está convidado para jantar...

Que meu sobrinho fosse um bom garfo eu já sabia; mas que me fosse mais conveniente fazer-lhe um terno do que levá-lo a jantar, eu não podia conceber. Mas foi isto que ele me pediu. A juventude se consola bem depressa.

— Não come, tio? — interrogou-me preocupado, vendo que eu quase me abstinha de tocar nos pratos.

— Não tenho muita fome.

— E então... quanto ao presente, que resolveu fazer?

A minha resposta é incisiva:

— Precisa de dinheiro?

Ele me fita estupefato. Repito a pergunta.

— Bem, de dinheiro eu preciso sempre...

— Dois contos bastam por agora? O garfo lhe cai da mão. Ponho sobre a mesa três contos e me levanto.

— Está sentindo alguma coisa, tio?

Mostrava-se sinceramente interessado. Enquanto tomo o chapéu para sair, consulto-o em resposta:

— Prefere ir gastando desde já a herança que lhe deixarei, ou ter uma velha amante por tia?

Não ouço a resposta; apenas uma tosse afogada. Decerto o alimento atravessara-lhe a garganta. Quanto a mim, tinha atravessada na garganta toda a minha segunda juventude.

(Tradução de Evaldo Dantas Ferreira do original em italiano.)

A vida de John Locke

(Continuação da pág. 24)

pria sorte estavam prestes a ser severamente experimentadas.

Lord Ashley, sem embargo do seu conhecido liberalismo, fora elevado ao mais alto cargo do reino — o de Lord Chanceler. Daquele momento em diante seria conhecido na história como o Conde de Shaftesbury. Tornara-se o primeiro grande chefe das classes mercantis de Inglaterra. Em virtude da ascensão dessas classes mercantis, experimentava a política britânica, uma evolução da autocracia no sentido da democracia. O reinado de um partido, constituído do monarca absoluto e de seus nobres, ia sendo substituído pelo reinado de dois partidos — o dos nobres e o dos negociantes. Shaftesbury era chefe do partido mercantil apelidado o dos Whigs contra o partido que sustentava o rei, denominado o dos Tories.

A carreira de Shaftesbury foi como a subida e a queda de um mar tormentoso. Após a sua ascensão à chancelaria, o rei entrou, subitamente, a suspeitar dele, demitiu-o do cargo e mandou-o para a Torre. Locke, que, segundo todos os indícios, havia de partilhar da fortuna de seu amo, boa ou má, achou conveniente procurar um clima mais quente, tanto para a sua saúde política, quanto para a sua saúde física. Viajou para o sul da França e, ao regressar à Inglaterra, encontrou Lord Ashley não só restituído às boas graças de el-rei, mas, também, entronizado no cargo de presidente do conselho real. Decorridos dois anos, todavia, foi novamente Shaftesbury mandado para a Torre, acusado de alta traição.

A vida de Shaftesbury foi uma sucessão de sentenças penais e a de Locke uma sucessão de excursões ao continente. Mas ao condê aproveitou, ainda mais que ao filósofo, a estranha rotina. Pois se Locke, ao tornar do exílio, viu-se livre para especular sobre as vicissitudes da vida, Shaftesbury, ao deixar a Torre, viu-se livre até da própria necessidade de especular, porque se recolheu de uma cela a outra — o tumulto.

O que quer que possamos dizer do recolhimento de Shaftesbury, o de Locke foi bem aproveitado. A grandeza medra na solidão. E a glória é, muita vez, lançada sobre um país pelos filhos que esse mesmo país expulsou de seu seio. A família humana tem sido salva, amiúde, pelas suas «ovelhas negras». Os infratores espirituais das leis da história são uma verdadeira galeria de marotos — santos.

Morrera Shaftesbury na desgraça e Locke era um homem marcado, porque fora o companheiro íntimo de Shaftesbury. Espalhou-se o boato de ter sido ele o autor de um panfleto advogando a rebelião contra a tirania. Tinham-no perigoso radical e o governo destacou espías para vigiá-lo em Oxford. Observavam-lhe todos os mo-

vimentos. As autoridades da escola, interrogadas, declararam nada saber concernente às suas intrigas «Whigs». Diante disso, os espíritos começaram a praticar com êle na esperança de que lhe saísse dos lábios alguma palavra suspeita. Em vão. «Nenhuma palavra já-mais se lhe desprende da boca que indique algo de suas maquinacões internas».

Contudo, o rei, temeroso de arriscar-se, ordenou que o demitisse da faculdade de Oxford. Compreendendo a sua precária posição, partiu Locke para a Holanda, abrigo de todos os refugiados liberais. Enviou, o rei, agentes para «desentocá-lo». Moviam-se contra êle processos de excomunhão e preparou-se para julgá-lo, o tribunal do rei. Um obstáculo, contudo, ergueu-se ao triunfo real. Locke não era encontrado em parte alguma. «Dissipara-se no ar». Na verdade, arranjara um esconderijo na casa de um médico amigo, em Amsterdam. Deparava-se-lhe, agora, a excelente oportunidade de comparar os méritos do governo liberal dos Países-Baixos com os defeitos do governo coercitivo da Inglaterra. Sentiu que o mundo necessitava de uma nova filosofia, novo código de ética, nova religião de tolerância. O homem deve ser tolerante — há-de ser o seu único dogma.

III

Sic cogitavit de intellectu humano Johannes Locke, anno 1671. «Destarte cogitava John Locke sobre os problemas do intelecto humano em 1671». Assentara, Locke, esta anotação, em seu livro de notas uma década antes, quando a discussão, em seu clube, versava sobre o mistério da inteligência humana. Esse problema filosófico sempre o fascinara. Mas quanto mais aprendia acerca das operações do espírito humano tanto mais desesperava de sua sanidade. Em França, suavam e morriam à fome as grandes massas populares para a maior glória de uns poucos nobres indolentes. Na Inglaterra a tolerância religiosa estava fora de moda, e aqueles que tentavam fazê-la ressurgir tinham boas razões para temer por suas vidas. Em todo o continente europeu os milhões de carneiros, alimentados por uns poucos pastores astutos nas pastagens do preconceito, permitiam que se lhes tosquiassem as propriedades. A sociedade era um sistema «divinamente ordenado» de castas — em que a maioria dos homens era constituída de réprobos. Entretanto, um pouco de bom senso teria modificando tudo isso.

Na Holanda, apenas, ao que parecia, imperava algum bom senso. A classe média holandesa possuía vitalidade. Era constituída de banqueiros e comerciantes que aplicavam o seu arguto ceticismo comercial nos mistérios do governo vezados a pesar a sua política como pesavam a sua mercadoria. O trato das mercancias era uma questão de dar e tomar. Assim, também, acazavam êles, devia ser o trato do governo. Os negócios tribavam-se em contratos entre o vendedor e o comprador. Da mesma forma havia de basear-se o governo em contratos entre o dirigente e o dirigido. Não assistia ao rei nenhum direito divino de impor ao povo a sua autoridade. Cedia-lhe meramente o direito comercial de vendê-la a um preço que satisfizesse o freguês. O rei, em resumo, devia entrar num ajuste, mutuamente aceitável, com o seu povo. Na filosofia comercial da classe média em ascensão discerniu Locke o fundamento de uma filosofia maior — a filosofia de uma base mais perfeita para as relações humanas, a vitória sobre

(Cont. na pág. 45)

MÚSICA

MUSICÓLOGO EM APUROS — UMA TEORIA SOBRE A PRECOCIDADE — A NOVA GERAÇÃO — ESCAPOU DE IR PARA O INFERNO

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

Registramos, com entusiasmo, o avanço cultural do nosso povo, atestado pelas atividades musicais em todo o país. Por toda parte, têm surgido, com efeito, organizações artísticas, desafiando a falta de recursos, a ausência de apoio efetivo, mantidas, somente, pelo entusiasmo dos fundadores e pelo acolhimento que o público lhes proporciona.

O interior não é mais, unicamente, a fonte onde musicólogos de caderno de notas em punho colhem material para seus estudos sobre música folclórica. A obra dos principais compositores nacionais e estrangeiros fez mais do que uma marcha para o oeste; seguiu em todas as direções... Aliás, nem sempre os dados colhidos naquelas viagens de pesquisa dos musicólogos traziam luzes à análise do folclore. Conta-se, até, com muita malícia, a estranha aventura de um «erudito» professor que trouxe, de uma dessas investigações in loco, uma série de notas. Mal chegou ao Rio, fez anunciar que era portador de documentário da maior importância. Mas, quando exibiu o que achara, para grande desapontamento de todos e seu particular embaraço, descobriu que eram sambas do carnaval de alguns anos atrás, partidos da Cinelândia para chegar em — digamos — Santa Rita de Caixa Pregos com muito atraso e algumas alterações...

Temos recebido, aqui, no Rio, a visita de inúmeros artistas formados nos Estados e a solidez dessa formação, assim como o talento desses jovens intérpretes, depõem a favor do ambiente de cultura musical que se vai adensando. Ordinariamente, o menino — ou a menina — prodígio é a coisa mais detestável deste mundo. Muitas vezes esse pro-

cesso de apressar o desenvolvimento das crianças, amadurecendo à força suas vocações mal esboçadas, tem os resultados mais contraproducentes. Entretanto, a experiência manda logo abrir exceções à regra. Entre estas exceções, pretendo situar a jovem professora (!!) Iris Silva Oquist, de 14 anos de idade.

ACORDEON E PRECOCIDADE

O Rio Grande do Sul nos mandou essa moça que desde os 11 anos vem dando concertos em seu Estado natal e que, de passagem pelo Rio, nos deu, na Associação Cristã de Moços, uma amostra de sua arte. Misturando, no programa, música ligeira com algumas peças de maior responsabilidade e valor, ela demonstrou, na variedade de seu recital, uma espontaneidade e um entusiasmo juvenis que, aliados à técnica já segura e brilhante, agradaram, imensamen-

te, ao público que se reuniu para ouvi-la.

Essa representante da nova geração de músicos gaúchos, que tão precocemente se apresenta — e já com o peso do título de professora — dá-nos mais uma prova de que dos Estados é que receberemos o talento moço que há de renovar os nossos meios musicais, extraído da sua capacidade de adaptação e aperfeiçoamento, os elementos necessários para, com o esforço constante destinado a superar os sucessos já obtidos, compor as personalidades artísticas que dominarão, no futuro, o panorama musical brasileiro.

O PRESIDENTE FOI AO INFERNO...

O recital de Iris Oquist contou com a presença de inúmeras personalidades. Não o tantas, porém, como Chaliapin conseguiu reunir certa noite no Metropolitan, para ouvi-lo cantar o Mefis-

tófeles. Naquela ocasião até o presidente Coolidge ocupava um camarote e, desejando conhecer pessoalmente o grande artista, mandou chamá-lo. Faltando-lhe tempo para trocar de roupa, no curto intervalo, Chaliapin apresentou-se ao chefe do governo americano sem desmanchar a impressionante caracterização que preparara para interpretar o papel do Diabo. Com uma reverência, observou o cantor ao ser apresentado a Coolidge;

— Como as conveniências impediam que o presidente dos Estados Unidos fosse para o diabo, este mesmo personagem veio cumprimentar o presidente dos Estados Unidos...

Coolidge achou muita graça e agradeceu ao artista:

— Fico-lhe imensamente grato. Afinal de contas, o senhor poupou-me uma viagem ao inferno...

Aliás, Chaliapin nunca perdia a presença de espírito. Nem mesmo quando lhe sucedia um desastre. De uma feita ficou imprensado entre o elevador que o trazia do subterrâneo e um alçapão por onde deveria entrar em cena, mas que, na hora, não abriu. Chaliapin, na iminência de ser esmagado, pediu que parassem o elevador, sem perturbar-se. Depois de salvo, endireitou o capote de Mefistófeles, o personagem que ia interpretar, e disse:

— Uff! Cheguei a pensar que, em vez de «interpretar» o papel do Diabo, fosse, hoje mesmo, conhecê-lo, no outro mundo...

Depois, sorrindo diante do espanto dos que o cercavam, entrou em cena.



Iris Silva Oquist — Uma professora de 14 anos.



SOIRÉE

JANIS Paige, encantadora "estrêla" da Warner Bros; é quem apresenta-nos êstes dois interessantes modelos para noite. O primeiro, da esquerda, é um modelo em tule negra, sobre fundo de tafetá da mesma côr. Grandes bordados de flores em "paillete". O segundo modelo também de grande elegância foi executado em setim preto e lamê prateado, modelo bastante vistoso e original.

A vida de John Locke

(Cont. da pág. 43)

o preconceito por meio do bom senso.

Ao passo que Locke preparava as suas notas sobre a importantíssima questão do preconceito humano, um preconceito no mundo dos homens era pôsto para sempre de lado — o preconceito dos Stuarts. Por um giro feliz da roda da fortuna o rei holandês, Guilherme de Orange, subira ao trono inglês. Os liberais ingleses e a classe mercantil crescente haviam conspirado com ele, em segredo, para derrubar o hipócrita Stuart e fazer com que o primeiro substituísse o segundo. A Grande Revolução de 1688 foi uma revolução da classe média. Desembarcou, Guilherme, no litoral inglês e realizou um levante da burguesia sem derrame de sangue. Esta instalou-o no trono depois de o haver ligado a um contrato, como bons comerciantes que eram.

Locke podia, agora, voltar à sua terra natal. Publicou o seu Ensaio sobre o Entendimento Humano, a maior parte do qual compilara durante o exílio. «Ensaio» é um termo modesto. É, o livro, uma obra monumental, perfeitamente à altura dos monumentais sucessos que então ocorriam.

Por algum tempo, conhecera Locke o que andava errado na filosofia do mundo. Os homens relutavam em experimentar as suas idéias

morais, como o tinham feito com as idéias comerciais e políticas. Começavam a duvidar do direito divino dos reis mas acreditavam, ainda, implicitamente, no direito divino do preconceito. Mestres sectários e filósofos dogmáticos constrangiam a ilimitada capacidade do espírito humano para fazê-lo alcançar certas verdades «infalíveis». Acreditava-se que nascesse o homem com idéias preconcebidas a respeito de Deus e dos homens — idéias não sujeitas à revisão, não susceptíveis de disputa. Aquêles que se recusavam a aceitar essas idéias, fôsse no domínio religioso, fôsse no das relações sociais, eram condenados à perseguição. Tal era o fundamento da poderosa estrutura de intolerância, hipocrisia e malevolência que escravizava o espírito humano.

IV

Qual é a verdade real em relação às chamadas «infalíveis» verdades da humanidade? A resposta de Locke a essa pergunta, caiu como uma bomba sobre o mundo.

«Os nossos espíritos não são tão grande como a verdade nem conformes com a extensão total das coisas». Sejam sinceros com nós mesmos e admitam-no. «Quadrar-nos-ia melhor considerarmos bem as nossas próprias fraquezas e exigências, para o que fomos feitos, e do que somos capazes». Tal deve ser o nosso modesto princí-



HARLEY-DAVIDSON

A motocicleta dos campeões

Temos para pronta entrega os tipos 750 c.c. e 1200 c.c. desta afamada marca

Em Exposição:
RUA DO PASSEIO, 48/56

PEÇAS
CATÁLOGOS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MESBLA

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE - PELOTAS - HORIZONTE - RECIFE - NITERÓI

TEM FALTA DE APETITE?

DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO

VIDA DOS MÚSCULOS

VIDA DO CORPO

SORTE GRANDE

(Cont. da pág. 48)

Podia haver irreconciliação ou incompatibilidade de gênios. Mas a tranquilidade de Bituca apavorava.

Ainda se houvesse mistério para Bituca descobrir, sim, podia ser difícil; mas uma coisa que estava entrando pelos olhos de todo mundo!

A tarde caiu com tonalidades de inverno, tons cinzentos no poente triste, e logo a noite escureceu tudo sem luar. Não havia pirilampos, porém naqueles olhos e bocas o faiscar da maledicência punha fagulhas que só o marido calmo não sabia descobrir.

A polícia especial da honra alheia estava desorientada. Desorientada porque de investigação em investigação, vigílias e inquéritos chegou ao caso positivo: o professor era mais do que professor dentro do lar do chefe da estação. Afinal a sociedade estava ao sabor dum aventureiro, dum conquistador barato.

Mais desorientada porque se é verdade que há culpa tem de ser dada uma sentença; o tamanho de Bituca assustava. Demais, ver, propriamente ninguém viu. Propala-se.

— E' preciso que sejamos fortes. Estamos também fazendo papel de banana. O momento requer uma força especial.

— E' melhor ir uma comissão. Todos reunidos têm mais prestígio. Avisar é uma coisa, provocar é outra.

Houve um alívio. Idéia salvadora. Todo medroso gosta de andar em bando. Os adeptos de grupos de partidos são sempre covardes. Encheram-se de coragem. Apanhariam juntos.

Não citaram Zola, nem contaram a anedota do sofá. O caso não era para literatura nem para historietas.

— O que os senhores me vêm delatar eu não posso levar em conta.

E com voz mais grossa:

— Como poderia minha esposa me trocar? Aquilo é homem que alguém possa temer? E' um caso de lástima. Um pobre coitado. Sou observador. Na minha profissão, e isto há vinte anos, jamais cometi um engano. O mesmo faço em casa, observando tudo. Agora reparo que os senhores são bisbilhoteiros. Bisbilhoteiros e de péssimos costumes. Como têm tempo para viver olhando pelas cercas de bambus dos quintais alheios, provam que são mal educados; e se fizessem perguntas a respeito da esposa de cada um dos senhores? E se tivessem tempo para acompanhar os passos de suas filhas junto aos namorados? E as irmãs que vão ao dentista sozinhas?

CAIXA DE RESSONÂNCIA

(Cont. da pág. 41)

to pela personalidade humana e seus direitos sagrados que fez dele um socialista, como também fez dele o mais adversário da ideologia nazista e todas as suas obras. Uma grande comunidade de vistas, e o fato de que ambos são, de maneira diferente, intensamente britânicos e, da mesma maneira, intensamente patriotas, fez com que ele gostasse do sr. Churchill desde o princípio e tivesse se dado bem com ele todo o tempo. Foi Ernest Bevin que em 1935 fez um discurso decisivo que arrastou o Partido Trabalhista, na sua Conferência de Preparativos para as Eleições, a votar a política de sanções contra a Itália, perfeitamente ciente das suas consequências. Esse discurso provocou a resignação de George Lansbury como líder e colocou o sr. Attlee no seu lugar. Muito antes de 1935 ele se declarou contra o apaziguamento; nunca abrigou ilusões ou permitiu que alguma subsistisse a respeito dos regimes nazista e fascista.

Há fogo dentro desse homem. Ele encerra uma esperança de luz para o nosso caminho obscuro.

MARY AGNES HAMILTON

Que fossem cavalheiros e se abstivessem de tocar na honra alheia.

Quem sabe se não estavam equivocados?

E isto é uma afronta porque é uma mentira.

Como podem tomar uma simples sugestão pela verdade?

Como podiam intervir na vida íntima dos outros?

Com que facilidade opinavam em definitivo numa simples suposição?

Já falaram com o padre? Pergunta-lhe se a virtude duma senhora casada não é sagrada?

E o pecado da difamação?

Quantos poderão ir para o inferno?

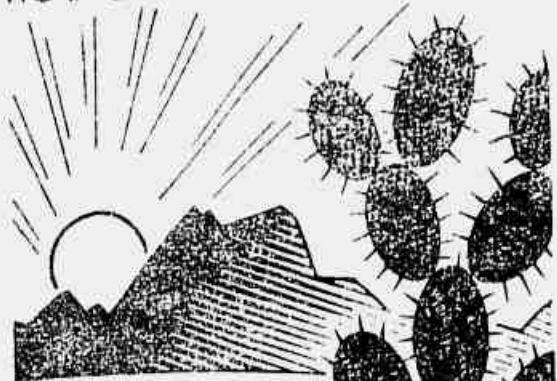
A comissão ficou boquiaberta. Olhos espantados, caras ruborizadas. Depois quis protestar. Quis reagir. Mas olhou o tamanho de Bituca. O chefe da estação de Sorte Grande estava com olhos esbugalhados e pulsos cerrados; amarrou a cara como quem queria dar uma amarrada de animal bravo de descampado, esperando o primeiro movimento. Estava com ódio de terem inventado tanto.

Pasma, mas ainda calma e refletindo bastante para evitar um pugilato, a comissão voltou para suas casas, a fim de notar o que faziam as esposas, filhas e irmãs quando iam ao dentista ou passeavam com os namorados. Não convinha brigar. E ainda mais apanhar por causa alheia. Todos estavam desajeitados; o assunto tinha acabado, ou por outra, havia muito assunto por demais remoldo, mas era melhor ficar no ponto morto.

A tarde, depois que o trem partiu, Bituca, enrolando a bandeirinha, relanceou o olhar por Sorte Grande e resmungou:

— Cambada de intrigantes! Bem minha Belinha sempre fala que lugar pequeno quando não se tem o que fazer é inventar coisas da vida alheia. E é só no pecado que vivem pensando.

NOS CLIMAS TROPICAIS...

**Dr. José de Albuquerque**

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM

R. Rosário, 98 — Rio de Janeiro

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserva os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pílulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-os. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pílulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorre sempre às Pílulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

pio. Longe de possuímos algum conhecimento inato e bem arrumadinho, das coisas, nas reentrâncias de nosso espírito, cumpre-nos encarar o fato único de que não podemos conceber idéias verdadeiras além de nossa experiência

O espírito humano não tem idéias próprias. É um espelho, apenas, que reflete o que quer que lhe seja apresentado por meio de nossos sentidos. Ou talvez possamos considerá-lo como uma camada de cêra modelada consoante a forma das idéias que recebe. Não possui, o espírito, poder criativo próprio. Não lhe é dado, sequer, criar a idéia de Deus. Deus existe, independentemente da inteligência humana, assim como existe o mundo sensorio fora da inteligência humana. Mas a idéia de Deus é tomada de maneira diferente das idéias do mundo exterior. Na realidade, há duas maneiras pelas quais o espírito recebe as suas idéias. A primeira, por meio da simples sensação, pela percepção das idéias do mundo exterior. A segunda, por meio da reflexão, pela assimilação e classificação das idéias que o espírito recebe dos sentidos. O espírito tem um jeito de combinar e repetir as impressões sensoriais. Quando o espírito, destarte, combina e repete as suas impressões sensoriais — isto é, quando reflete sobre as suas próprias operações — dá origem as idéias conhecidas como o duvidar, o querer, o pensar e o acreditar.

A única maneira, pela qual o espírito pode dizer se assimila as suas idéias em proposições verdadeiras ou falsas, é por meio do poder da intuição. A intuição é, em realidade, a base de todo o nosso conhecimento fundamental. «É irresistível e, como a clara luz solar, impõe-se, imediatamente, à percepção». É exclusivamente através da intuição que nos conhecemos a nós mesmos. E é através do conhecimento de nós mesmos que percebemos o nosso Criador.

Há, logo, duas espécies de idéias, observa Locke. As nossas idéias simples a propósito do calor e do frio procedem inteiramente de nossa experiência; as nossas idéias simples a propósito da vontade e da dúvida procedem de nossa reflexão sobre a nossa experiência. Estas idéias simples são matérias sobre as quais não temos poder algum, «nem para criar nem para destruir». Tudo o que podemos fazer é «uní-las umas às outras» ou colocá-las umas ao lado das outras, como faz o construtor com os seus tijolos. De onde, portanto, procedem as idéias complexas que temos de beleza, resignação, justiça e amor? Da experiência, também. Porque essas idéias complexas são feitas de combinações das idéias simples de sensação e reflexão. Exemplifiquemos: recebemos a idéia simples de um objeto que

nos proporciona um prazer de ordem estética. No decurso da nossa experiência recebemos outras idéias de natureza semelhante. O espírito assimila e combina todas essas idéias numa unidade coordenada que, após reflexão, denominamos «beleza». Ela torna-se, para nós, uma abstração. As experiências simples de certos objetos e sensações belas são reais, mas o espírito, depois de refletir, toma das realidades «soladas e transforma-as numa abstração geral. E assim é que recebemos as mais complicadas de todas as concepções — as concepções de eternidade e infinito. Em nossa vida cotidiana experimentamos definidos limites de tempo. Tomando esses definidos limites de tempo — segundos, minutos, horas, dias, anos, séculos — como medida, estendemo-los em ambos os sentidos na duração indefinida, ou infinita, do passado e do futuro. O mesmo é verdadeiro em relação à nossa concepção do espaço. O espírito possui um jeito de acrescentar unidades concretas de experiência a abstrações intermináveis — segundos à eternidade, polegadas ao infinito, afeição individual ao amor universal.

Tudo o conhecimento é, portanto, baseado sobre a experiência. O conhecimento de Deus é baseado sobre a experiência de nós mesmos. O cérebro não pode ultrapassar a sua ambiência. Porque o cérebro nasce apenas através das forças dessa ambiência. É uma parte integrante de sua ambiência. O cérebro está condenado ao fracasso quando procura teorizar além de seus limites imediatos. Ele nutre-se de si mesmo como um sapo se nutre da própria pele.

Deixemos, pois, de especular sobre abstrações impossíveis, verdadeiras «infalíveis» e estados inconcebíveis de perfeição. Não nos é dado experimentar infalibilidade ou perfeição nessa vida, da mesma maneira que não podemos experimentar o infinito ou a ausência do tempo. Na realidade, constitui conclusão lógica a de que, assim como Deus existe como verdade eterna e como eterno testemunho das leis da razão, assim deve a moralidade absoluta, que depende da vontade de Deus, existir como verdade razoável. E, contudo, os olhos humanos jamais viram um ato de justiça ideal ou de bondade perfeita. A conduta, neste nosso mundo, é coisa relativa. Ensina-nos a experiência que o homem buscará o bem e evitara o mal pelo mais utilitário dos motivos. Aquilo que traz ao homem o maior prazer, chama-lhe ele o bem. Aquilo que lhe traz o maior sofrimento, chama-lhe o mal.

Uma vez que o espírito humano é incapaz de apreender a verdade absoluta, conclui Locke, é-nos necessário, em nome do bom senso, permitir a todo homem o direito



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e as gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pontes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desejosos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pílulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pílulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuá (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido a idade avançada, deve recorrer a estas pílulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pílulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque, da vida nada se leva.

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PELE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia não é mais quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se apertelham dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca «Brilhante» ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantada à vista.

A pele que não nos dá resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca «Brilhante» permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca «Brilhante». Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alface e Freitas.

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante



de ajustar-se ao Senhor à sua maneira. A sociedade não deve tentar impor padrões à consciência particular do indivíduo, enquanto os atos deste não interferirem no bem-estar público. Que cada homem faça o bem à sua maneira. O procedimento da comunidade como um todo deve basear-se sobre a sua utilidade comum. O que contribui para o prazer do maior número deve ser estimado como o maior bem. Deixai cada qual com a sua consciência e a sua religião. Os protestantes, os católicos e os judeus, todos, semelhantemente, procuram fazer a vontade de Deus. Porque o que os olhos são incapazes de medir é o coração capaz de sentir. E o coração humano tem uma capacidade de bondade e piedade que chega toleravelmente próximo à perfeição.

V

O século de Locke foi um grande século no progresso humano. Uma trindade de célicos tolerantes

O HOMEM QUE...

(Cont. da pág. 16)

sua renúncia, exclamou: — Assino a carta de alforria do derradeiro escravo do Brasil.

Para ele um amigo era tudo. E o destino, que não tem entranhas, teve o capricho de reservar-lhe esta dor que alanceou o coração do velho general até a morte: ser abandonado pelos amigos no momento difícil do seu governo. E, ao que parece, o maior número dos ingratos estava entre os seus colegas de farda. E a ilação que se tira dos ressentimentos que, no fim da vida, magoavam a alma do proclamador.

Ao deixar a Presidência da República, Deodoro fazia questão de não querer ouvir falar em assuntos militares. Conta Ernesto Sena que o grande soldado não permitia aos poucos oficiais do exército que lhe ficarem fiéis entrarem-lhe em casa fardados.

Os ressentimentos eram tão grandes que o próprio tempo não os apagou.

Ao sentir que ia morrer, Deodoro chamou a família e recomendou que o enterrassem à paisana. E, para não ter aparato militar junto à sepultura, deixou declarações expressas dispensando as honras fúnebres que lhe competiam como marechal.

— três ingleses — apresentava a humanidade as maneiras do «sua-ve discernimento». Eram homens simples, sadios, sem pretensões, sem ilusões, sem o senso do martírio ou qualquer outro gênero de complexo messiânico. Tinham, porém, sido abençoados com a graça da grandeza. E todos os três eram amigos íntimos. O primeiro era William Penn, que trouxe luz ao novo mundo. O segundo, Isaac Newton, que definiu as leis do Universo. O terceiro, John Locke, que abriu o caminho da compreensão entre os homens. Até o derradeiro verão de sua vida continuou John Locke a ser um ardente soldado no campo de batalha da boa vontade. Com a ascensão de Guilherme e Maria tornou a desempenhar parte ativa na vida pública. Assentou-se na Câmara de Comércio e ajudou a desenvolver as indústrias da Grã-Bretanha. Escreveu panfletos defendendo os direitos do trabalho a uma partilha equitativa na produção da riqueza. Interessou-se pela educação das massas. Defendeu, com todo o seu vigor, uma lei para assegurar a liberdade de imprensa, afim de que todo o homem tivesse «o direito de imprimir o que quer que falasse».

E nos seus anos de declínio, quando já se havia pôsto o seu sol político e sentiu que não estava muito longe a dissolução da chorpaa, chamou a si os amigos e disse-lhes que se alegrassem, pois agora, finalmente, encontrava o caminho para a compreensão que existe além de lódes as diferenças e dúvidas — a verdade infalível.

(Do livro «Vidas de grandes filósofos»).

O JOGO ACABOU? POIS SIM...

(Continuação da pág. 11)

clube para poder jogar. Só admitimos sócios.»

Isso faz com que o paterna mostre sua carteira de identidade para preencher a ficha, o que na maioria das vezes não chega a fazer. Verificado ser um inofensivo, — nem policial, nem fiscal, — vendem-lhes as fichas e arrancam-lhes o lugar a mesa. Preferem sempre levá-las para a mesa do «stickey». Esse jogo demora menos que o pife-pafe e por isso traz mais vantagens para a casa, pois o «barato» é tirado de minuto em minuto. Quando não há parceiros suficientes, três ou quatro empregados fazem companhia à mesa e o infeliz joga sozinho contra toda a casa. Apesar de o «stickey» ser primo do «poker», é um jogo visivelmente bancado, tanto quanto o «bacarat» dos cassinos. O banqueiro da casa dá as cartas e os jogadores apostam entre si com o jogo que têm nas mãos. Enquanto isso, em cada rodada o banqueiro retira os indefectíveis cinco por cento para a casa. Revoltam-se os banqueiros pela noite dentro, sempre dando as cartas e comandando o jogo. Se isto não é jogo bancado, não sabemos o que a Polícia define como tal. O clube para ainda toda aposta devedora, para não dar margem a reclamações. O «barato» dá para todas as despesas, inclusive para cervejas e jantares gratuitos. Esse é o ambiente de todas as noites nas sociedades chamadas carnavalescas. Não importa que as diretorias venham a público declarar que nada têm com o jogo na sede das mesmas, jurando que o clube é alugado a fulano ou beltrano. A verdade é que se joga escandalosamente em quase todos os clubes do Rio. Explora-se o parceiro por todas as formas. E a Polícia devia saber disso. Se não sabe é porque faz questão de ser a última a saber...

OS CASSINOS CLANDESTINOS

Em menos de um ano os jornais noticiaram o fechamento de vários cassinos clandestinos no Rio e adjacências. Em Caxias chegaram a funcionar dois ao mesmo tempo. Outro, também no Estado do Rio, tinha folhas diárias de cem mil cruzeiros. Telegrafistas do Pará acusaram há poucos dias o aparecimento de uma casa de jogo em cujo proprietário teria tido o apoio e a defesa de um ex-governador do Estado... Há quinze

dias foi fechado em Belo Horizonte um cassino clandestino que arrecadava diariamente oitenta mil cruzeiros dos clientes. O gerente desse cassino acusou de conivência com os donos da tavolagem o delegado dos estrangeiros, Nilo Andrade, e o delegado de Jogos e Costumes, Carlos Lourenço Jorge. Adiantou ainda que o delegado Nilo Andrade avisou a batida da polícia minutos antes que ela se desse. O caixa do cassino apontou como proprietários do cassino o advogado Antônio Machado e os srs. Odilon e Plínio Fonseca. E por essas e outras que o jogo clandestino continua... Assustados, há tempos, ao fechamento de um cassino em Caxias. O gerente ou co-responsável pelo jogo era um ex-empregado do extinto Cassino Atlântico. A prisão foi em flagrante, e no próprio local ele confessou sua responsabilidade. Pois bem: que penalidade foi imposta ao infrator? Nenhuma, pois daí há dias revíamos o tal gerente passeando lampeiramente pela rua Gonçalves Dias. A falta de punição aos que têm «costas quentes» — todos os donos de cassinos clandestinos estão apoiados em altos figurões — faz com que o desaparecimento de um cassino clandestino seja fato temporário. Coincide com a subida à Delegacia especializada de um comissário íntegro. No fim de pouco tempo o honesto comissário é substituído e os cassinos clandestinos se reabrem com os mesmos donos, mudando apenas de sedes... Quando mudam!

CASSINOS AO AR LIVRE

Uma modalidade nova da exploração do jogo de roleta, ou algo muito semelhante àquela, começou há pouco na cidade em alguns «parques de diversões». Entre estes mereceria sumário fechamento o «parque de diversões» instalado à rua do Catete, próximo ao largo do Machado. Os que olham o parque do lado de fora e vêem girando as barquinhas da roda-gigante têm a ilusão de que aquilo foi aberto para divertir os moradores do bairro. Puro engano. Durante quase todos os dias da semana o parque fica deserto, com exceção das barracas de jogo. Os brinquedos servem apenas de despistamento e chamariz para as roletas. Joga-se da seguinte maneira: no balcão da barraca estão desenhados números de 1 a 12. Ao lado, as figuras de Grande, Pequeno, Par e Ímpar, tal como nas roletas dos cassinos. A ficha mais barata é de cinco cruzeiros. Só pelo preço da ficha verifica-se que o intuito do baraqueiro é apenas bancar o jogo. Ninguém iria comprar uma ficha de cinco cruzeiros para arriscar a sorte e, caso fosse contemplado, receber um dos objetos que se empilham na prateleira. O freguês compra as fichas e começa o jogo. Pode jogar em pleno, semi-pleno, etc. — Tudo copiado da Urca, Copacabana, Atlântico e congêneres. Pagam dez vezes mais no pleno, duas vezes mais nas figuras, e assim por diante. Se o jogador tem a sorte de sair ganhando, troca as fichas por dinheiro com um dos sócios. O pagador, para maior segurança, fica passeando pelo parque, como se fosse um simples curioso. O banqueiro, para animar os jogadores, grita de vez em quando:

— «Senhores, façam jogo! Pagamos qualquer parada! Ainda ontem um felizardo ganhou vinte contos!»

E o jogo continua franco, absoluto, até altas horas da noite. Não é apenas o «parque de diversões» da rua do Catete que explora descaradamente os jogos de de azar. Já estivemos em outros, em Cascadura e Nova Iguaçu, que usavam e abusavam da conivência dos responsáveis pela fiscalização desses parques. Também a Prefeitura, pelo seu departamento especializado, que faz a concessão de licenças para essas tavolagens ao ar livre, tem responsabilidade em tais abusos. Onde está a sua fiscalização, que não vê essas coisas?

OS MAIS «INOCENTES» DOS CONTRAVENTORES

Até está um ligeiro resumo de como se joga hoje em dia no Rio de Janeiro, a capital dos jogos proibidos. «Jogo de bichos», pife-pafe, «stickey» e «poker», cassinos clandestinos, roletas nos parques de diversões... Isso para não se falar nos jogos de «ronde», «denaz» e outros, que ao pé daqueles são simples brincadeiras. Entre todos os contraventores dizem que os menos incomodados são

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplicar Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

Mantem em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

os «book-makers». O principal prejudicado é o Jockey Club, que tem milhares de apostas desviadas dos seus «guichets» oficiais para esses «book-makers». Com o fechamento das agências do Jockey Club da avenida Rio Branco, de Madureira, da Penha e de Niterói, o número de banqueiros por conta própria aumentou. Acreditamos que são os únicos contraventores que não sofrem perseguição da Polícia. A maioria das contravenções que assinalamos só existe porque há complacência, porque há tolerância, porque há «interesses criados». Sancada a organização policial dos elementos que se aproveitam da lei para obter vantagens particulares, deixando de existir os jogos proibidos. Enquanto isso não se fizer, decretos pífios não resolverão o problema.

**GRIPE/
RESFRIADOS/
NEURALGIAS**



**DÓRES
DE CABEÇA**

TRANSPIROL

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

**AOS SRS. DISTRIBUIDORES E
ASSINANTES DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

SAMBA, FORTINARI E MINISTÉRIO DA...

(Continuação da pág. 25)

mar que semanalmente as nossas missões diplomáticas no exterior recebem pedidos de jornais e revistas, interessados em publicar suas fotografias, o que demonstra a curiosidade existente.

A moralidade da fábula é, mais ou menos, a do «Patinho Feio», de Andersen. Não sei se ainda se recordam dessa história infantil, como também ignoro se as crianças de hoje modelam seus sonhos em Andersen ou apenas no Fantasma Voador. Aos que não conhecem a história recomendamos a sua leitura, pois o caso é idêntico. Durante muitos anos — aqueles em que estivemos preocupados em exaltar as belezas naturais do nosso país, o samba, Fortinari e o Ministério da Educação foram, sistematicamente, combatidos. Porque o nosso grande erro foi, sempre, sobrepor a natureza ao homem. A este compete dominar aquela — verdade que jamais quisemos enxergar. O Pão de Açúcar pode ser grandioso, mas o caminho aéreo que o liga à terra é muito mais importante. E por isso para o resto do mundo o «Tico-Tico no Fubá» é infinitamente mais interessante que a «pororoca» do Amazonas...

JOÃO DE BARRO

(Continuação da pág. 19)

O que aconteceu depois, ninguém sabe.

O negro Benedito, peão das «Três Cruzes», que voltava da pescaria, jurou que ouvira gritos de mulher e um tiro surdo, entre paredes. Parecera mesmo escutar u'a maldição com a voz de Ben-tinho.

A fazendola de Laércio era retirada; a enchente desviava as atenções para os cuidados ao gado e às plantações.

Só três dias depois é que alguém foi até lá: da casa havia quatro paredes de barro, todas sujas de fuligem. O teto tinha arriado, comido pelo fogo. E para se entrar nela foi preciso abrir brecha no muro, porque o lugar da porta e das duas janelinhas tinha desaparecido — fora tudo barreado. Lá dentro havia dois corpos carbonizados.

No piquete, um cavalo douradinho pascia calmamente, sozinho.

— Isto é lenda: querer dar aos pássaros as mesmas paixões que nós, os humanos, padecemos...

— Ora, seu moço! Passarinho também pode ter sentimento, quem sabe?

— Maldade como a do homem, não tem, Laércio!

Os olhos do velho se embaçaram, fitando o azul do céu, muito ao longe. E repetiu, entre lábios:

— Maldade como a do homem, não tem mesmo, seu moço!

Arrepiado, tremulando as asas mal abertas, um João de Barro gritou por longo espaço.

LUIGI PIRANDELLO...

(Continuação da pág. 17)

imprestável lirismo que se obstinava em jorrar e só parou quando completamente esgotada.

Naquela renascença dos últimos anos voltou a ser poeta por um dia. Escreveu dois «Improvisi», que começam assim:

«Quem disse que o tempo passa?

Passa é o tempo que não diz nada...»

Leu-nos timidamente. Uma maravilha. Ficou espantado com o nosso entusiasmo. E, como acabava de escrever uma peça em que se conta a história de um escritor que aos setenta anos publica um volume sob pseudônimo (e que para a opinião pública se torna o símbolo de uma literatura nova, contrária à do velho mestre), perguntei por que não tinha aproveitado aqueles versos na cena em que o herói da peça se põe a declamar. Sorriu e disse: «Eu me envergonharia».

Os versos citados na peça são do filho de Pirandello.

As preocupações do mestre tornaram-se metafísicas. A idéia do mistério e da transcendência abalava-o. Os últimos contos e os dois atos de sua tragédia inacabada revelam essa obsessão do sobrenatural. O drama «Non si sa come» foi interpretado por uns como uma adesão à psicanálise, por outros como uma conversão religiosa. Tudo o que se pode dizer é que constituía mais um capítulo dum pensamento inimitável.

Por querer assistir à estréia de «Non si sa come» foi que Pirandello morreu. Saiu de casa com uma gripe fortíssima, numa noite de neve. O público festejou o mestre, mas a peça não o entusiasmou. Aconteceu naquela noite a coisa mais pirandelliana do mundo. O herói do drama diz, morrendo, algumas palavras que podem ser comparadas com as últimas de Hamlet. No momento em que cai, atingido por uma bala de revólver, ele exclama: «Isso também é humano». O pano cai logo depois, num silêncio de fatalidade.

Naquele mesmo momento, na noite da estréia, explodiu num camarote uma gargalhada formidável, de uma moça elegante que, evidentemente, estava prestando menos atenção ao palco que às piadas de certo cavalheiro.

«Aquilo também era humano» — e impressionou profundamente Pirandello. Ele virou a cabeça de repente, suspendendo aquele murmúrio que os seus amigos sempre relembram. Ele sabia de cor suas peças, e acompanhava a execução repetindo todo o texto à meia-voz, em sincronismo com os atores.

Tudo isso se passou no Teatro Argentina, de onde, dezoito anos antes, Pirandello havia sido obrigado a fugir num taxi, com a filhinha a tremer-lhe nos braços, — depois da estréia de sua obra prima, «Sei personaggi in cerca d'autore», perseguido por uma multidão enfurecida.

Naquela noite de 1936 Pirandello voltou a casa tremendo de frio e deitou-se para nunca mais levantar. Morreu depois de uma semana. Não teve a menor dúvida de que ia sarar e retomar o trabalho. Na noite de sua morte compôs mentalmente todo o terceiro ato dos «Gigantes da montanha», pensando que ia ditá-lo a um estenógrafo na manhã seguinte. Ou talvez pensasse colocar sobre a cama a sua máquina de escrever, batendo nela com um dedo só, como sempre tinha feito na vida.

Morreu pensando em trabalho, em coisas cheias de vida. Morreu sem renegar nada, sem despedir-se de nada. Morreu carregando consigo vida e mais vida. Morreu apaixonado. Apaixonado, sim, e sem esperança, por uma mulher. Isso também deve ser dito. Ele gostaria de vê-lo escrito. Achava a morte o acontecimento menos importante da existência. Seu testamento dizia: «O carro dos pobres, ao amanhecer, e nenhuma pessoa atrás de mim. Que o corpo seja queimado e as cinzas dispersadas ao vento».

WILLIAM POWELL...

(Continuação da pág. 21)

Veio então a pior fase da vida do grande ator. Empréstado à Fox, Bill adoeceu seriamente e foi operado várias vezes. Apesar de desenganado pelos médicos, sua vontade de viver triunfou. Pode-se dizer que William Powell ressuscitou, para espanto dos entendidos. Descansou um ano e voltou às telas com um novo filme Nick Charles. Milhares de telegramas, cartas e presentes dos fãs celebraram a sua volta. O mais recente filme da popularíssima série, «Song of the Thin Man», ainda não foi exibido no Brasil.

O atual contrato de Bill com a Metro-Goldwyn-Mayer vai até outubro de 1952, incluindo ainda mais dois filmes. Além desse contrato, tem um outro com o produtor Nunnally Johnson, para cinco filmes, o primeiro dos quais é «The Senator Was Indiscreet», que será distribuído pela Universal-International.

William Powell é um dos atores mais queridos pelos companheiros de trabalho. Suas amizades são numerosíssimas, tanto entre os companheiros de profissão como entre os jornalistas especializados. É magnífico num «bate-papo», cheio de boas piadas, e suas reações diante de pessoas como de acontecimentos são muitas vezes tão engraçadas como qualquer dos papéis que já tem feito. Além de ser um camaradão, Bill é um verdadeiro «gentleman». Não consentiu de modo algum em ser fotografado ao meu lado sem a presença de minha esposa, admirador que é da «South American ladies», embora se tenha feito fotografar de paletó de pijama...

William Powell já se casou três vezes. Sua primeira mulher foi Eileen Wilson, de quem teve um filho, William Jr. Esta união terminou em divórcio, alguns anos depois. Quando trabalhava na Warner, conheceu e desposou Carole Lombard, terminando tudo também em divórcio, muitos anos antes da morte trágica da então esposa de Clark Gable.

No dia 5 de janeiro de 1940 Bill chispou para Las Vegas com Diana Lewis, uma talentosa atriz e cantora que estava sob contrato com a Metro. Os Powell mantêm duas casas. Uma em Beverly Hills, que compraram de Rex Harrison, e outra em Palm Springs. Adoram o deserto e sempre que podem refugiam-se em Palm Springs; menos no verão, quando o sol é quente de mais mesmo para esses «eratos do deserto».

A principal distração de Bill é a leitura, mas a pequenina madame Powell é uma grande tenista. A biblioteca de Bill é enorme, e sua discoteca faz água na boca de muita gente.

William Powell já não é nenhum rapazote. No entanto, nem sequer pensa em aposentadoria, já que não pode viver fora do meio cinematográfico. E' como diz: «Seria terrível aposentar-me e não ter mais motivos de aborrecimento!».

Os últimos filmes de William Powell são: «Ouro no Barro», já antigo; «Minha vida com papais» (Life With Father) e «The Song of the Thin Man», ambos da Metro, e «The Senator Was Indiscreet», da Universal-International.

SORTE GRANDE

(Continuação da pág. 23)

- Jamais discutiram.
- Excesso de tolerância.
- Fraqueza.
- Não é homem.
- E' um banana.
- E os longos diálogos que as janelas abertas já denunciavam?
- Muito pior é quando as janelas estão fechadas!

(Conclui na pág. 45)

"UM PORTO REMANSOSO"

Um folhetim sintético ilustrado
da "REVISTA DA SEMANA"

Novela de OLIVE HIGGINS PROUTY

Ilustrações de GEORGE TETZEL



De madrugada, separaram-se com um adeus...



— E' o nome da árvore lá de casa!



As anotações eram da mão de Murray.

Joe quis saber quais os planos de Nora. Ela explicou: — Vá para Bangor e aguarde as ordens da armada. Depois embarque... e não se esqueça de telegrafar a Seth, avisando que foi para a guerra. — Ótimo — respondeu Joe. — Por enquanto não tenho coragem de enfrentar mamãe e Windy. Ainda não mostrei que sou homem de verdade. Mas agora tenho uma oportunidade, e é você, Nora, quem me está proporcionando. — Acenderam uma fogueirinha e sentaram-se. — Amanhã — disse Nora — vou à sua cabana, para dar sumiço em tudo o que possa servir de pista. — Você sabe onde o relógio está escondido — disse Joe. — Guarde-o. E' só o que lhe posso dar. Onde está o seu? — Na sua mochila, Joe. Trocamos

os relógios. São as nossas alianças de noivado. — Toda a noite eles passaram ao lado do fogo. De madrugada Joe partiu. Nora voltou para o acampamento e encontrou o pai ainda dormindo...

Lisa, a mãe de Joe, e o filho mais moço, Christopher, saíram de manhã bem cedo, para um passeio pelas redondezas, antes de Nora acordar. Viram as cabanas e os seus nomes, parando durante algum tempo diante de uma que se chamava «Sophora». — E' o nome daquela árvore lá de casa — disse Chris. — A nossa não é a única sophora do mundo — respondeu Lisa, embora já intrigada. O cão policial que os acompanhava conhecera Murray, e agia agora estranhamente, farejando e arranhando a porta.

Lisa deu uma desculpa qualquer ao filho e abriu a porta. Seu coração batia excitadamente... Ao lado da janela havia uma armação cheia de gavetas, quase igual à que Murray tinha em casa para guardar os insetos. — E' melhor levar o cão para fora — disse ela a Chris. — Ele é capaz de derrubar qualquer coisa. — Assim que Chris saiu, Lisa correu para o armário e abriu a gaveta superior. Ali, estendidas na sua frente, estavam fileiras arrumadinhas de borboletas, moscas e outros insetos alados. Cada espécime estava rotulado na grafia miúda e caprichada de Murray... Lisa ficou imobilizada, pensando... Não podia haver dúvida. Encontrara o esconderijo do filho «morto»...



Lisa surpreendeu-se ao ver fumaça...



— Encontrou-o? — perguntou Nora.



Surgiu um laço entre as duas.

Depois da descoberta, Lisa deixou calmamente a cabana. Naquela mesma tarde conseguiu falar com Seth e perguntou-lhe quando o guia estaria de volta. Seth respondeu: — Ele não volta mais. A Marinha o agarrou... A cabana «Sophora» atraía Lisa como um ímã. Conseguindo se livrar dos outros, ela correu para lá. Aproximando-se, ficou surpresa com a fumaça que saía da chaminé. Ao entrar viu que muita coisa já fora queimada, mas os insetos de Murray estavam arrumados em malas. Nora chegou. — Oh, srta. Brock, — Lisa sorriu, — estou apenas espiando! — Nora a olhava com hostilidade. E Lisa prosseguiu: — Estava admirando... — Esteve aqui de manhã? — perguntou Nora. — Sim, sou a culpada!

Estava procurando um tesouro oculto. — Achou-o? — Sim, achei — respondeu Lisa, imperturbável. «Ela sabe», pensou Nora. «Cheguei tarde. Fracassei. Ela sabe». A situação era de grande tensão. Nora falou: — Joe contou-me tudo. De modo que não precisa disfarçar. — O que foi que ele lhe contou? — O bastante para que eu me surpreenda em vê-la tão calma, ao descobrir que o seu filho não está morto. — Eu nunca o julguei morto. Hoje descobri apenas o esconderijo dele, nada mais. Mas não quero que outros o descubram. Meu filho Christopher pode aparecer à minha procura a qualquer instante. Que vai fazer com a coleção? Ela pode denunciá-lo. — Vou levar tudo para o automóvel, por en-

quanto. — Você sozinha não pode levar tudo. Vou ajudá-la. — Christopher é capaz de fazer perguntas, caso a veja. E os outros também. — Tem razão. Mas isso não pode ficar aqui. Onde podemos escondê-la? — O «nós» saiu inesperadamente. Sem qualquer intenção, plano ou combinação, as duas tinham se tornado aliadas no segredo. — Por enquanto podem ficar no quarto dos fundos — disse Nora. — Cobri-las-ei com um cobertor. E' melhor cuidarmos disso agora mesmo.

Nenhuma das duas compreendeu a enorme significação daquele pequenino ato de passar as malas para lugar mais seguro. Nenhuma percebeu que surgia um laço entre elas...



— Veja isto, — disse Nora.



Ouvindo, os temores de Lisa dissiparam-se...



— Preciso deste relógio!

Uma vez tudo pronto, Nora mostrou a cabana a Lisa. — Veja isto — disse ela, segurando um caderno de folhas soltas. Lisa leu na primeira página: «Animais alados que conheço por Elliot Jones». — Elliot? — Lisa estremeceu ligeiramente. — Pensei que estivesse usando Joe Jones. — Quando ele assina é Elliot — Nora explicou. Lisa virou a folha e fez comentários... Nora, que a princípio estivera pronta a brigar, já começava a sentir qualquer coisa por Lisa. Acabou aceitando um convite para ir aquela noite à cabana de Lisa, para contar-lhe tudo sobre a vida de Murray desde que chegara ao acampamento. Sentadas

lado a lado, Nora perguntou: — Como foi que descobriu que ele estava vivo? — E Lisa falou na descoberta de Jim Billings, dos óculos de Murray, etc. Depois Nora contou como Briggs morrera, exatamente como ouvira de Murray. Ouvindo, os temores de Lisa se desvaneceram. Não há maior alegria na vida, pensou, do que se ver esclarecida uma dúvida tão triste. A história parecia verdadeira. Mas haveria os céticos... E as duas discutiram o que poderiam fazer para provar a veracidade da história. A inspiração veio quando Nora perguntou se Lisa gostaria de ver a sua aliança de noiva, e mostrou-lhe o relógio de Murray, que retirara anteriormente do escon-

derijo da parede. — Já não marca o tempo. Nem mesmo se pode lhe dar corda. Joe nunca o mandou consertar depois que gastou o pino contra o fundo da canoa, com o péso morto de Briggs por cima. Ele ficou admirado como o pino não quebrou. — O coração de Lisa batia descompassadamente. — Nora! — exclamou. — Eu preciso deste relógio! — Para que? — E' a nossa prova! — Nossa prova? — Exato. Ouça, Nora. Já lhe falei sobre as tais marcas do fundo da canoa. Até hoje Jim Billings não sabe a causa delas. Talvez tenham sido feitas pelo pino do relógio, o que provará que Murray lutou muito para salvar Briggs!

UM PORTO REMANSOSO

Este folhetim
termina nesta
página

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate

Tradução de JORGE A. FORTES



Billings comparou as marcas...

Quando Jim Billings recebeu o relógio das mãos de Lisa, comparou o pino com as marcas feitas no fundo da canoa. — Combinam perfeitamente — disse ele, sorrindo. — Isto é mais o lenço com os nós com que Murray amarrava os pulsos de Briggs provam sem sombra de dúvida a verdade.

As coisas correram com rapidez naqueles anos de guerra. Enquanto Murray treinava para o serviço naval, Nora fez um curso na Cruz Vermelha... e logo que pôde seguir para perto da base em que Murray servia, casaram-se sossegadamente. Em março de 1942 Murray cruzou o Pacífico. Semanas depois Nora o seguia numa unidade da Cruz Vermelha. Teve a sorte de ir para a área que escolhera. A primeira notícia que Lisa recebeu foi uma



Joe e Nora casaram-se tranquilamente.

carta de Nora, da Nova Guiné, anunciando que também ela estava em uniforme, trabalhando na Cruz Vermelha. «A maioria dos rapazes não sabe que sou casada e que estou apenas esperando que o meu marujo dê com os costados aqui no porto», dizia Nora. E foi o que aconteceu! O navio de Joe passou uma quinzena inteira onde estava Nora; e toda vez que Joe desembarcava, Nora estava à mão.

«O resultado», escrevia Nora algum tempo depois, «é que perdi o emprego, pelo menos temporariamente. A Cruz Vermelha está me despachando para os Estados Unidos, porque, acredite ou não, estou esperando um bebê! Estou orgulhosíssima. Doida para gritar para todo mundo. Mas não vou logo para Boston. Vou esperar por Murray na



Sem vacilar, Joe atirou-se ao mar...

costa do Pacífico, onde talvez ele aporte. San Diego, creio. Talvez o navio dele apareça lá». O bebê de Nora foi um garotão. Recebeu o nome de Murray V. Jones. O «V» era pela Vitória. Nora explicava a quem perguntasse. Em San Diego, ela ficou com uma amiga, que também tinha um filho...

Bem longe, em pleno Pacífico, o navio de Murray viu-se diante dos aviões suicidas japoneses. Embora as metralhadoras matrassem sem cessar, o navio foi atingido com terrível explosão, e logo veio a ordem de «Abandonar o barco!». Murray estava na balsa quando viu um homem sobre uma massa flutuante que se incendiava. Era a oportunidade, ele sabia. Sem vacilação, atirou-se ao mar e nadou rapidamente para o homem inconsciente, quase presa das chamas...



Todo o remorso desapareceu...

Desta vez Murray não fracassou. Era o momento por que estivera esperando... esperando. Arrancou o homem desmaiado dos destroços fumegantes... a balsa desaparecera... as ondas estavam violentas, mas Murray lutava valentemente... desta vez havia de salvar Briggs!

Alcançou uma ilha, com o homem ainda vivo. Todo o remorso pelo anterior fracasso desapareceu da sua consciência, mais tarde, quando o almirante afixou-lhe a medalha no peito. Pagara a dívida... provara o seu valor.

Windy encontrou numa revista a fotografia de Murray sendo condecorado. Não podia haver dúvidas de que se tratava de Murray. — Vai ser um choque terrível para mamãe, — disse ele, — mas sempre fiquei intrigado pelo



— Passa para cá! — gritou Windy.

desaparecimento do corpo. — Resolutamente, pôs a revista no bolso. Deviam jantar com Lisa naquele dia. Lisa dissera que lhes queria apresentar uma moça da Cruz Vermelha. E os acontecimentos se precipitaram. A revista caiu do bolso de Windy e foi apanhada pelo jovem Christopher. Estava aberta na página. Windy estendeu a mão. — Passa para cá. — Ora, por que é que eu não posso ver? — Cala a boca, Chris. Por Deus, cala essa boca. — Para que isso tudo? — perguntou Lisa, que viu Windy arrancar a revista das mãos do irmão. Windy suspirou. — Há uma coisa nesta revista. Você... você algum dia tem mesmo que saber. — Esperando, Lisa teve aquela sensação de quem desce num elevador. Enfim, já apren-



— Há muito que sei disso...

dera a usar os freios de emergência. Qualquer que fosse a catástrofe próxima, estava pronta a recebê-la. — Mostre-me, Windy — disse ela, calma. Windy passou-lhe a revista. Lisa ficou imóvel por um momento, com os olhos na página, lendo sobre o heroísmo de Murray. Depois olhou para os outros. — Há muito tempo que eu sei disso. E sei mais algumas coisas, também. — Então, na secretária, apanhou um livro intitulado «Animais alados que conheço», de um tal Eliot Jones, e o exibiu com orgulho. — É o nome literário de Murray — explicou. — Submetemos os apontamentos dele a um editor. — Submetemos? — perguntou Windy. E Lisa olhou pela janela. — Eu e a esposa de Murray — respondeu. — Vocês vão conhecê-la agora mesmo...



— Alô, pessoal. Cheguei atrasada?

Todos olharam pela janela, enquanto Nora, com o uniforme da Cruz Vermelha, saltava do taxi. Pouco depois estava parada na porta, olhando-os, muito empinada, confiante, toda sorrisos... Lisa sentiu-se desordenadamente orgulhosa. Ali estava a esposa de Murray... a esposa de Murray, o que tirava a importância de qualquer outra mulher presente. — Alô, pessoal! — disse Nora com simplicidade. — Cheguei atrasada? — Lisa tomou-lhe as mãos, carinhosa. — Alô, meu bem! Venha conhecer a família. Alguns, naturalmente, você já conhece do acampamento. — Nora foi recebida com todo carinho e retribuiu da mesma maneira. E o que se falou sobre Murray, naquele jantar, foi exatamente o que ele teria gostado de



— O lugar de honra, — disse Lloyd.

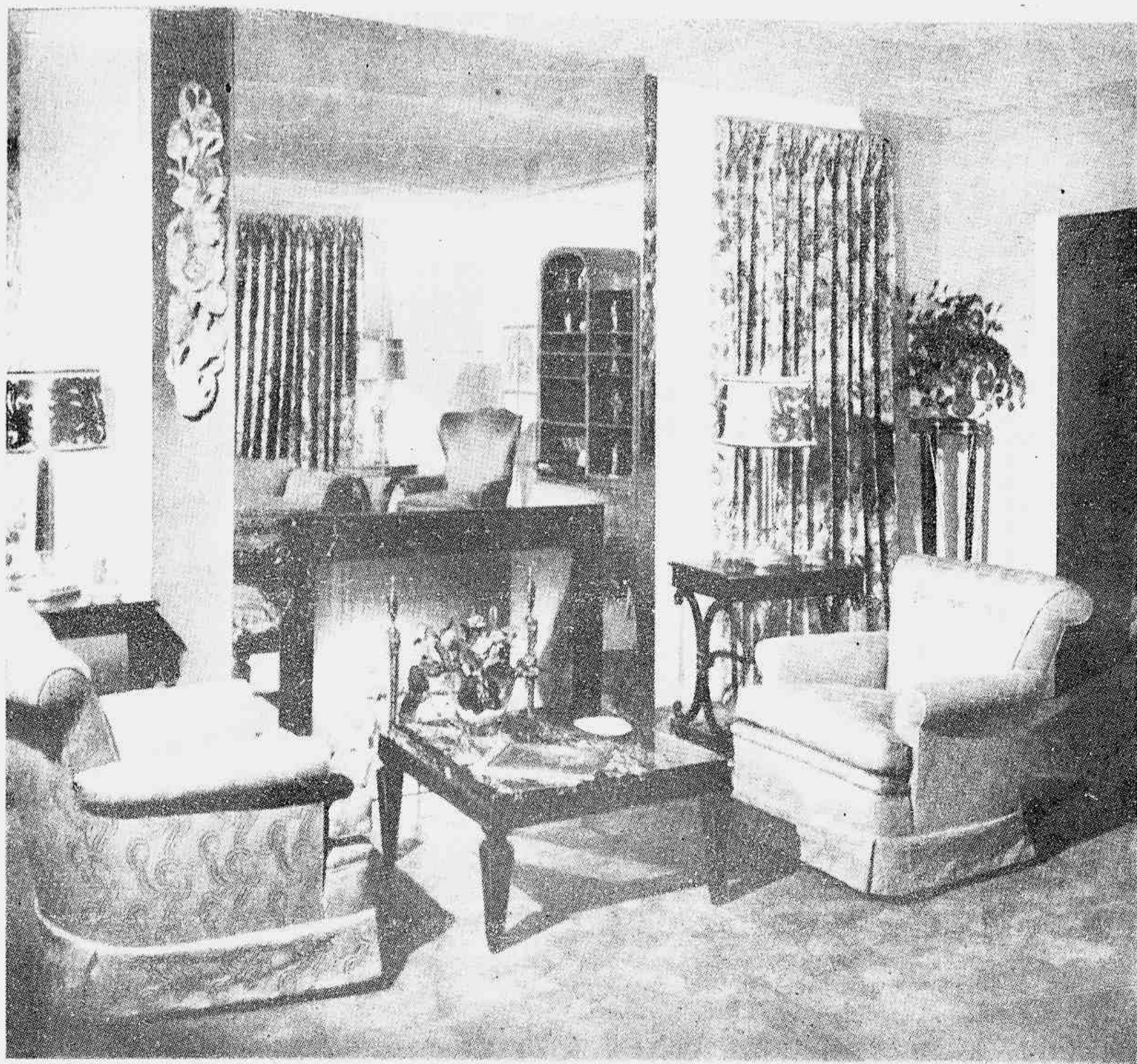
ouvir, quando vivera saudosos nas matas do Maine... seu heroísmo na Marinha, o livro sobre insetos, que estava vendendo tão bem...

E foi o respeitável tio Lloyd quem falou com Lisa sobre o grande retrato de Murray, que já uma vez estivera no saguão. — Lisa, a noite de hoje é bem importante — disse ele com voz profunda e sonora, como se fazendo um discurso. — Muito importante, na verdade. Estamos todos orgulhosos de Murray. Trouxe honra e distinção a toda a família. — Lloyd ergueu os olhos para a parede do saguão. — O retrato de Murray deve ocupar o lugar de honra nesta casa. — Lisa pediu a Deus para não chorar. Procurou dizer: — Muito agradecida, Lloyd.



O barco volta ao bom porto...

Na tarde seguinte, quando Christopher voltou da escola notou qualquer coisa diferente no saguão. Chegou perto e deu com o retrato de Murray. Lisa acendera as luzes especiais, que faziam o retrato quase vivo, com nova expressão. Lisa encontrou Christopher ali, admirando. Passou o braço pelo ombro da caçula e ficaram os dois olhando em silêncio. — Creio que agora sei o que eles queriam dizer quando disseram que Murray voltara — disse o menino. Lisa pensou em algumas linhas de uma história bem conhecida. — Da viagem tormentosa regressa o barco vitorioso com a missão cumprida — disse para Chris. E depois de uma pausa: — Sim, o barco volta ao bom porto, a um porto remansoso.



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES

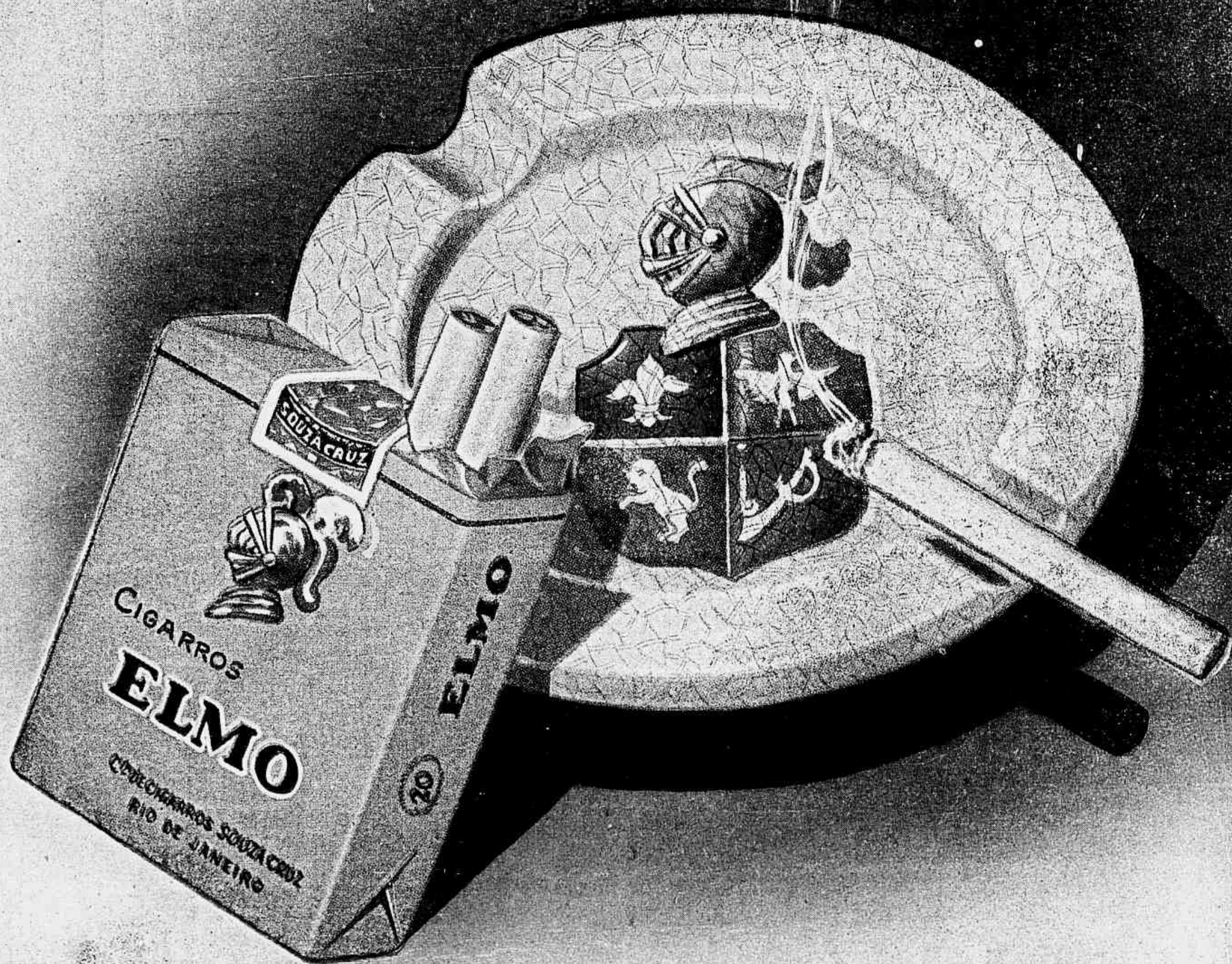


Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIÓCA - 67 - RIO

Himmel

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*

REVISTA DA SEMANA

Nº 10

Cr\$ 2.00 em todo o Brasil

6-3-48



O ANO ESPORTIVO

SINTESE COMPLETA



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948 À VENDA

Este e inúmeros outros assuntos (contos, romances policiais e de amor, calendário e informações sobre o ano, história, ciência e arte) são encontrados no **ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948**, à venda em toda parte por Cr\$ 15,00. Pedidos à **Cia. Editora Americana**, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio. — Rua Maranguape, 15, Rio.

UM HOMEM DE MUITAS VIDAS

BASILIO Vianna Junior viveu muitas vidas. A do homem do esporte, fundador do Botatogo e frequentador do Jockey Club. A do artista que fazia vitrines da Souza Cruz, a do repórter marítimo mais madrugador do Rio de Janeiro, a do boêmio, — a vida de todos os dias e a de todas as noites. E, mais, ainda, a vida que sonhava viver e que inventava, vivendo-a na imaginação. Amigo, era fiel e dedicado como poucos. Quando aluno do Lycée Français representara peças de Molière no original. Vivera alguns anos em Paris, em contacto com artistas de teatro e "music-hall". Tornara-se um "parigot". Dizia-se íntimo de príncipes e princesas. "Um destes dias eu te mostro um relógio de ouro que recebi de presente de Eduardo VIII, quando ele era príncipe de Gales e pegamos um pileque juntos em Montmartre". Ou, então: "Vou te dar uma gravata, que recebi por via aérea de Paris". Não cumpria essas promessas, mas alegrava as conversas sensaboranas, dava um rumo novo à palestra. Havia nele um fundo fantasista. Procurava criar um mundo seu evitando o contacto com a realidade quotidiana. Quando se era seu amigo, tinha-se de aceitá-lo, com essas fantasias, certos de que encontraríamos, da parte dele, a máxima boa fé, na aceitação das nossas. Poderíamos fazer, assim, um perfeito intercâmbio de sonhos.

Tão grande era a sua boa fé que, às vezes, não se advertia da perversidade de alguns colegas. Um dia, chegara tarde a um navio, cuja entrada no porto teria de registrar nas páginas d'"A Noite". Perguntou o que havia de importante. Um colega, — creio que foi Edmir Pedernheiras, — disse-lhe que de importante, propriamente, não havia nada. Mas havia uma coisa pitoresca: chegara Grock, o famoso palhaço europeu. E deu-lhe um retrato de um vasto homem, de nariz rubicundo e fisionomia sorridente. Saiu, n'"A Noite", o registro da chegada do "ilustre palhaço". E, no dia seguinte, o homem de fotografia subia as escadas da antiga redação do largo da Carioca, para reclamar:

— Isto é um absurdo! É uma indignidade! Eu, um palhaço!

Era, apenas, o chefe de uma sisuda delegação comercial inglesa, em visita de negócios à América do Sul. Tratava-se de uma "barriga", como se diz na linguagem de imprensa, — pregada por seus próprios colegas. Desde então, talvez para vingar-se, Basílio descobria príncipes e princesas, milionários em férias, estrelas de cinema, etc., em tudo quanto era navio. Algumas vezes, pegava. Os colegas davam a "barriga". Outras vezes, entretanto, ele mesmo acabava crendo naquilo. Com a rotina da reportagem marítima, habituou-se a certas fórmulas. Um diplomata em trânsito, — digamos, o embaixador de Portugal na Argentina, passando aqui, a caminho de Lisboa, diria sempre: "Estou encantado com a Argentina. É uma nação em franco progresso, acolhedora e magnífica. O governo argentino está realizando um belo esforço para desenvolver a jovem civilização, etc.". Acontece que, um dia, o diplomata era um embaixador japonês, que voltava indignado, depois de um caso a respeito da paralisação dos vistos em passaportes de súditos nipônicos. Caso tão grave que importara numa alteração nas relações diplomáticas entre o Japão e a Argentina. Dessa vez, houve um protesto formal contra as expressões gentis... Coisa com que Basílio, artífice do bom entendimento internacional, nunca sonhara...

A par de incidentes como êsse, entretanto, quantos "furos"! Não era raro vê-lo entrar na redação arrastando pelo braço uma celebridade internacional, — um Gigli, um Schipa, uma Josephine Baker, um Bing Crosby, a pretexto de tomar um cafézinho de jornal...

Com suas roupas mais ou menos espantosas, bengala e monóculo, chapéu debruado, sapatos de pano, Basílio era um tipo bizarro. Mas era também, apesar dessa aparência de "dandy" fora da moda, um esplêndido colega, sempre jovial e bem humorado. Não fazia mal a ninguém. Ajudava sempre que podia ajudar. Aos 60 anos de idade, — três anos antes de sua morte, — poucos lhe dariam cinquenta. Vivia roído pela saudade de Paris, — e talvez pela certeza de que para lá não voltaria. De regresso de sua última viagem, contava maravilhas aos amigos. A um deles, — Sérgio da Rocha Miranda, — descreveu com minúcias uma luxuosíssima indumentária de "maharajah" autêntica, que recebera de presente de um potentado, creio que o Aga Khan. Mais tarde, o amigo querendo brilhar num baile de carnaval, pediu-lhe a indumentária indú emprestada, afim de utilizá-la como fantasia. Basílio não titubeou:

— Vou mandar abrir minhas malas para procurar... Dentro de cinco ou seis dias, você me telefone...

E voou para o antigo Parc Royal, onde gastou cerca de uma dezena de contos com um deslumbrante traje indú, na melhor seda que ali encontrou... e com a condição de não colocarem qualquer etiqueta! Era assim. Fabricava a realidade, como queria que ela tivesse acontecido.

Caso parecido é o das bengalas de junco. Um dia, aparecera no Palace Hotel com uma delas, extremamente flexível. Um amigo gabou-a.

— Artigo inglês, — disse Basílio. — Vêm diretamente do meu bengaleiro, em Bond Street. Como perco sempre muita bengala, faço meus pedidos em duplicata... Eu te dou a outra.

E deu mesmo. Mas, meses depois, esse amigo foi provar uma roupa no Almeida Rabello. Lá encontrou um porta-bengalas, com várias outras, no mesmo estilo.

— Como? Tem dessas bengalas aqui?

— Sim... E o senhor não calcula como se vendem! Só o dr. Basílio Vianna já me comprou dez!

Bacharel em direito, depois de haver conquistado um diploma de farmacêutico não exerceu nem uma, nem outra profissão. Foi, apenas, um homem de jornal, suprimindo com entusiasmo uma ou outra lacuna de ordem intelectual. Amou sua folha, "A Noite" como amava os esportes, sua cidade natal, o Rio, e aquela outra, Paris de que se fizera filho pelo coração. No seu entêrro, — a que compareceram todos os que lhe queriam bem, — só faltou uma coisa: um padre que tivesse recitado o Padre-Nosso em francês. Foi para o céu, ele que era um bom. E se o céu não for exatamente aquilo que esperava, não fará mal. Inventará um outro... Um céu parisiense.

R. MAGALHÃES JUNIOR

(Para REVISTA DA SEMANA)

LEIAM

COLABORAÇÃO:

Um homem de muitas vidas (R. Magalhães Junior)	3
O homem que proclamou a República (Viriato Correia)	16
Luigi Pirandello, como o conheci (Ruggero Jacobbi)	17
Portinari, samba e outras coisas (Jorge Maia)	25

BIOGRAFIA:

A vida de John Locke (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	24
---	----

CARICATURA:

Bom humor	12/13
---------------------	-------

REPORTAGENS:

O jogo acabou... Pois sim! (Ney Machado)	6/11
William Powell está de cabelos brancos (Luís Serrano)	20/21
Carnaval... mas em Dunquerque! (Romain Lesage)	26/29

CONTOS:

Uma esposa compreensiva (Hercília Lins)	14/15
João de Barro (Alberto Leal)	19
Sorte Grande (Sebastião Fernandes)	22/23
Oh! As mulheres... (Gino Palmisano)	30

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	31
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	32
Muro das lamentações	33
O espírito feminino através dos tempos	36
Mães e filhos (Zóia de Laet)	37
"Weeek-end" na cozinha (Marie Cook)	40

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	18
Cancioneiro Internacional	42
Música	43
Caixa de Ressonância (Mary Agnes Hamilton)	41

FOLHETIM:

"Um porto remansoso" (Olive Higgins Prouty e George Tetzl)	49/50
--	-------

ILUSTRAÇÃO:

Armando Pacheco, Fernando Pereira, R. de Laet e Orlando Matos.

NOSSA CAPA

EVA Todor, uma das "estrelas" de maior prestígio do nosso teatro de comédia, vai partir dentro de alguns dias para Portugal, com sua homogênea companhia, afim de apresentar ao público de Lisboa comédias de Viriato Correia, Joracy Camargo, Luís Iglézias e outros autores nacionais, além de obras estrangeiras como "Cândida", "Claudia" e outras. Essa excursão representará, sem dúvida, mais um êxito expressivo em sua triunfante carreira artística.

a Semana em Revista

O QUE FAZ FALTA AO CINEMA BRASILEIRO



Os filmes nacionais estão tendo mais público e estão dando rendas consideráveis. Já era tempo de melhorarem. Ainda agora, acabamos de ver um filme, "Esta é fina", em que não podia ser maior o desleixo técnico e artístico, ao ponto de muitas cenas e artistas (inclusive a protagonista), serem pateados pelo público. O filme anterior, "E" com este que eu vou!, embora um pouquinho melhor, tinha também lacunas técnicas graves e abusava de recursos condenáveis. Em sua seção denominada "Ecos e comentários", o vespertino "A Noite" se referiu, com muita justiça, a esses abusos, escrevendo: "Existe uma lei de amparo à cinematografia nacional. Mas essa lei já está atrasada, em relação à realidade do momento. Foi feita numa época em que

nos escasseava a produção de películas e, ao mesmo tempo, não existia boa vontade alguma por parte dos exibidores, nem do público. Hoje existe boa vontade do público e, quase sempre, um filme nacional se não tem uma história boa e defeitos insanáveis de ordem técnica, geralmente produz rendas maiores do que uma super-produção importada, qualquer que seja a sua origem. Surge, por isso mesmo, uma situação diferente. Os exibidores já não repelem, como antes, o filme nacional. Este passou a ser negócio lucrativo, para o exibidor, como para o produtor. É necessário, por isso mesmo, que se faça uma revisão da lei, no sentido de ampliá-la e de torná-la igualmente mais exigente. Por exemplo: já se pode pensar em criar a obrigatoriedade para um número maior de películas brasileiras, bem como de fazer o levantamento da renda das casas exibidoras, de modo que essas películas tenham automaticamente assegurada a permanência, em cartaz, de mais um período, quando no período anterior tiveram feito a renda média semanal da casa. Mas, deve-se pensar, igualmente, na adoção de um critério de censura mais severo e mais técnico, que impugne, em benefício do público, o que houver de mais gritantemente errado e de mau gosto, em tais películas. Cenas fora de foco, ausência de sincronismo, sonoridade deficiente, tudo isso deve ser esmerilhado, para que não acabe constituindo a lei de proteção ao cinema nacional um incentivo ao desleixo, à incompetência, ao descaso. Igualmente, certos abusos e demonstrações de mau gosto — como, por exemplo, a deplorável exibição de Grande Othello como uma pretensa "rainha das mulatas" em película recente — deviam ser escoimados severamente, pois não se compreende que se perverta a sensibilidade de uma platéia com a cumplicidade do Estado, especialmente porque este tem indeclináveis responsabilidades morais pelas quais deve zelar. Tudo isso são lacunas existentes na lei de proteção ao cinema brasileiro — que deve proteger até mais do que protege, mas jamais anunciando a pornografia ou o mau gosto."

A ETERNA MANIA DA CENTRAL DO BRASIL



A Estrada de Ferro Central do Brasil continua a dar os máus exemplos. Não vamos falar dos trens perenemente atrasados, das obras essenciais ao conforto do público dos subúrbios que se eternizam, nem da burocracia emperrada que impera nos seus andares. Queremos frisar um mal maior, cujas consequências atingirão imediatamente milhares de pessoas. Queremos protestar em nome de operários, comerciantes e pequenos funcionários públicos, contra o aumento de fretes já anunciado. Segundo consta, a direção da ferrovia já enviou circulares a todos os agentes do interior, comunicando-lhes que a partir de 1.º de março corrente todas as suas tarifas sofrerão um aumento. De quanto? Ainda não se sabe. Mas qualquer que seja isso já significa que as mercadorias transportadas pela Central chegarão ao Rio mais caras. E nós já sabemos o que resulta do aumento do preço de uma mercadoria na fonte de produção. Porque o agricultor vai cobrar mais duzentos réis no quilo de tomates, o atacadista cobrará mais quarenta centavos, o distribuidor mais um cruzeiro e o varejista, para não perder a alta, cobrará na quitanda mais dois cruzeiros em quilo. E com todos os gêneros acontecerá a mesma coisa. E isso tudo por que? Porque os notáveis diretores da Central do Brasil não se convenceram que a nossa principal ferrovia, responsável pelo maior escoadouro de alimentos das zonas produtoras, terá — a bem do povo e do governo — que exercer função econômica e não financeira. Estrada de ferro que dá lucro ao governo — a não ser com raras exceções — empobrece as populações a que serve. Sempre foi assim. Mas acontece que os últimos diretores da Central não conseguem aprender economia. Para provar o que dizemos bastaria a estatística do último

ano, consignando que das quarenta e quatro ferrovias nacionais, apenas vinte e uma apresentam saldos. As vinte e três restantes dão "deficits". Entre as deficitárias encontram-se a Viação Federal Leste Brasileira que serve à Bahia e Sergipe (com trinta e dois milhões de cruzeiros de "deficit" por ano); a Rede Mineira de Viação, que encampou a Estrada de Ferro Oeste de Minas (com quinze milhões de cruzeiros por ano); a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (com vinte e um milhões de cruzeiros por ano); a Rede Viação Cearense (com dez milhões de cruzeiros por ano); a Estrada de Ferro de Bragança e a Bahia e Minas (com mais de sete milhões de cruzeiros por ano). O balanço da Central do Brasil não é ainda conhecido, mas pelo que se vê, os seus diretores querem forçá-la a dar lucro, seja como for. Os prejuízos anuais das ferrovias são cobertos pelo governo em verba especial do Ministério da Viação e Obras Públicas. O dinheiro de que lança mão o governo vem, em grande parte, do imposto de renda e de outras taxas que não atingem os humildes, mas os mais abonados. Logo quem mais lucra é a população humilde, que pode comprar mais barato os gêneros de primeira necessidade transportados pelas ferrovias. Pois é esse sistema razoável de economia que a Central vai quebrar mais uma vez.

As passagens estão caríssimas e o passageiro — principalmente o do interior — tem o mesmo conforto que seus avós, há quarenta anos, quando a passagem custava dez vezes menos. A Central continua dando o mau exemplo nos aumentos de fretes e passagens e tornando impossível a estabilidade dos preços de gêneros. Não havendo concorrência eficiente do transporte nas rodovias — pois o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem conserva muito bem os buracos das nossas estradas — a Central enriquecerá de alguns milhares de cruzeiros. O povo, que está no outro prato da balança, verá ainda mais baixo o seu nível de vida. Comerá menos, comprará tudo mais caro, para que a Central do Brasil não sofra a vergonha de ser uma empresa deficitária...

CHUVAS DE CASOS POLÍTICOS...



O general Eurico Gaspar Dutra, no seu governo, tem revelado, inegavelmente, propósitos de conciliação, promovendo o entendimento entre os maiores partidos nacionais, que se tornou conhecido como "o acordo". A inspiração desse entendimento foi do chefe do governo e não teria sido o mesmo possível sem sua decidida intervenção no sentido de harmonizar as forças partidárias, vencendo sabotadores desse esforço em vários campos. Foi, finalmente, assinado o acordo, no Palácio do Catete, perante o chefe do Governo, não só sendo lavrada uma ata, mas ainda proferidos solenes discursos pelo sr. Nereu Ramos, em nome do PSD, pelo sr. José Américo de Almeida em nome da UDN e pelo sr. Arthur da Silva Bernardes, em nome do PR. Por isso mesmo, causou espécie a rebelião política do Estado do Piauí, de onde só não espirrou o governador Rocha Furtado, embora apoiado maciçamente por metade dos deputados estaduais, menos um, porque teve o decidido apoio do Catete e do ministro da Justiça. Mas, mal se encerrou o caso do Piauí, como se o país não

nudesse prescindir do clima de agitação, dos mexidos partidários, das intrigas de campanário, outros casos foram surgindo e obtendo espaço nos jornais cariocas. Falou-se de um caso de Goiás. Falou-se de um caso da Paraíba. Falou-se de um caso de São Paulo. E fala-se agora, também, de um caso de Minas Gerais, onde se diz que o PR está muito aborrecido e ameaçador, tendo se afastado do governador Milton Campos, para cuja eleição contribuiu com os votos do seu eleitorado. Já está uma coisa que precisa mudar, no Brasil: é essa mania de que a função das Assembleias Estaduais é meramente política. A função dessas Assembleias é, especialmente, legislar, — e legislar no sentido do bem comum. É conveniente que elas se mantenham dentro dos seus limites, no campo das suas atribuições, deixando as questões políticas para serem decididas pelos partidos. Essas Assembleias têm objetivos definidos, têm finalidades a cumprir. Não podem se converter em campo de dissensões e de intrigas, agindo em esfera baixa e mesquinha, quando deviam, antes de mais nada, auscultar os interesses populares. Essas constantes notícias de "impeachments" não revelam senão desrespeito para com os princípios democráticos, sede de vinganças políticas ou processos de intimidação contra os governadores, afim de que certos grupos partidários obtenham destes o que eles entendem que não é moral conceder-lhes. De qualquer modo, uma vergonha e um abuso.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 10 — 6-3-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap.

Salomão, 97 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro

Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

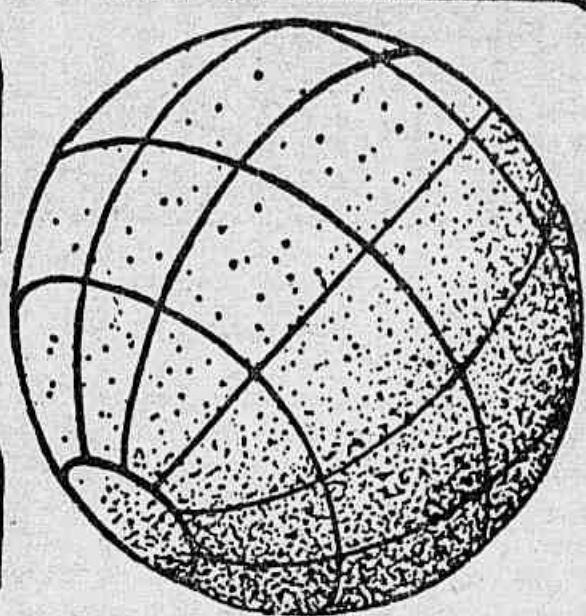
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O MUNDO Marcha



Gigantesca explosão destruiu vários edifícios do centro comercial de Jerusalém, causando cinquenta mortos e mais de uma centena de feridos. Árabes e judeus acusam os ingleses como responsáveis pelo monstruoso ato terrorista... Um hidroplano francês naufragou perto da costa normanda. Pereceram os dezenove tripulantes... A criminalidade vem aumentando dramaticamente. Um dos números de «Folha Carioca» da semana passada trazia em grandes títulos: «Assaltou e depredou a casa da própria mãe»; «Araci continua na cadeia»; «Esfagueou o companheiro de quarto»; «Arreventou-lhe o crânio com uma machadinha»; «Foi separar a briga e terminou esfaqueado»; «Esfagueou o amigo por causa de um papagaio»; «Matava à fome um irmão, preso no galinheiro». Isso quanto às tragédias maiores. Criminosos menores contavam-se às centenas... O professor Oscar Pereira, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, comunicou a essa sociedade ter descoberto um anti-biótico, extraído do agrião, capaz de destruir o bacilo de Koch mais resistente em menos de vinte dias. Em Chicago está sendo empregada com êxito a sulfa na cura da lepra. Informes como estes justificam o título desta seção... Notícias de Belém anunciam que dezenas dos infelizes ex-soldados da borracha continuam em extremo desamparo, implorando que, ao menos, lhes dêem passagens para voltar ao Nordeste. Por que até agora não responderam a processos certos diretores do S.E.M.T.A.?... A Argentina está comprando material bélico na Inglaterra e em outros países, no valor de vinte milhões de libras esterlinas. Pretende possuir mil aviões e tornar-se a maior potência aérea da América do Sul. Depois de convenientemente armada pela Inglaterra, discutirá com essa o problema das Ilhas Falklands... Faleceu no dia 24 próximo passado o antigo ator do teatro brasileiro Atila de Moraes, marido de dona Conchita de Moraes, afastada há pouco da ribalta, e pai de Dulcina de Moraes, grande figura do nosso teatro... O cardeal-arcebispo de Milão, d. Ildefonso Schuster, resolveu não absolver dos pecados todo aquele que for adepto do comunismo. Pobres dos «comunas» milaneses! Não conseguem mais passaporte para o céu... Os comunistas conseguiram estrangular a democracia na Tchecoslováquia, obrigando o presidente Benes a aceitar novo gabinete formado somente por «vermelhos». Que isto sirva de lição aos eleitores da Itália!... Irrompeu um movimento grevista nas oficinas da Estrada de Ferro Mogiana, em Campinas, paralisando o tráfego desta cidade e de outras próximas... Faleceram os ex-presidentes Juan Esteban Monteiro, do Chile, e general Alfredo Baldomir, do Uruguai... O professor Clovis Monteiro, secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal, aumentou a verba da alimentação gratuita das escolas primárias do Distrito Federal para sete milhões de cruzeiros. A verba anterior era de novecentos mil cruzeiros. Muito bem, professor! Como ilustração comparativa vamos assinalar que em Londres a distribuição de leite nas escolas públicas vai a mais de trezentos milhões de cruzeiros por ano. Apesar da crise e do racionamento... A Palestina continua sendo um «abacaxi» para as Nações Unidas. Enquanto o secretário da O.N.U., sr. Trygve Lie, advoga a divisão do país, os árabes da Palestina (setenta por cento da população) e de outros Estados árabes ameaçam os Estados Unidos de cancelar todas as concessões petrolíferas norte-americanas no Oriente Médio, caso a terra de Tio Sam continue na política de apoiar a divisão da Palestina... A Guatemala está se aproveitando da onda reivindicacionista do Chile e Argentina e declarou à Inglaterra que, por força de direito, irá proceder à ocupação das Honduras Britânicas. A Inglaterra enviou para as Antilhas o cruzador «Sheffield», a fim de garantir a sua soberania. Se as coisas continuarem assim, dentro em pouco os cruzadores da armada britânica não chegarão para as encomendas... As reservas de ouro do governo dos Estados Unidos atingiram o valor de quatrocentos e sessenta bilhões de cruzeiros (Cr\$ 460.000.000.000,00), quantia jamais alcançada por qualquer país em toda a história, e isso equivale a quase quatro quintos do dinheiro em ouro de todo o universo... Deu entrada no Pronto Socorro de Belo Horizonte o gastrônomo Joaquim Rodrigues da Silva. Depois de uma operação de três horas os médicos, estupefatos, retiraram do estômago do homem-avestruz o seguinte: um quilo de pregos de todos os tamanhos, dois parafusos, dois grampos para cabelo, uma moeda «getulinho» (essa era mesmo difícil de sair), grande quantidade de lâminas para barba, cem gramas de cacos de vidro e dezenas de agulhas de vitrola. Talvez o «seu» Joaquim tenha se submetido a tal regime como protesto pela alta dos preços de gêneros... O Tribunal de Contas do Estado de São Paulo negou registro ao contrato de dez milhões e quinhentos mil cruzeiros feito pelo recém-nomeado secretário da Agricultura Hugo Borghi com uma firma do Rio. O «rei do algodão» esquecera-se de uma coisa: de abrir concorrência para a compra do material... Henrique Oest, ex-deputado comunista, perdeu as eleições para presidente da Associação dos Ex-Combatentes, sendo vitorioso o coronel Delmiro de Andrade, que comandou na campanha da Itália o glorioso 11º Regimento de Infantaria, sediado em São João del Rei... Em declarações a um vespertino, o sr. Félix Martins de Almeida, diretor do Sindicato da Indústria de Construção Civil, afirmou que dez mil sacos de cimento estariam sendo desviados, mensalmente, para o «mercado negro». O «mercado negro» do cimento é uma das explorações mais antigas do Rio. Nomes de poetas e pessoas gradas são reconhecidos, à boca pequena, como interessados na contravenção... A respeito da anulação dos exames vestibulares na Faculdade Nacional de Medicina, em virtude de um dos alunos ser apanhado com o resultado antecipado das questões que iriam entrar em exame, o professor Alfredo Monteiro citou casos curiosos de «cola», entre os quais o de uma aluna que trazia a «cola» escrita na coxa. Surpreendida colando, como poderia o professor lavrar flagrante? Está aí um caso para ser resolvido pela U.N.E... Continua o grande êxito cômico de «A Pequena Catarina», com Bibi Ferreira, Alma Flora e outros, no Serrador. Outra glória conquistou o Teatro do Estudante com a encenação de «A Castro». Liuba Vatnyck é outro grande talento revelado por Pascoal Carlos Magno... Por hoje é só... até sábado...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Lembre-se sempre.

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

“REVISTA DA SEMANA” ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

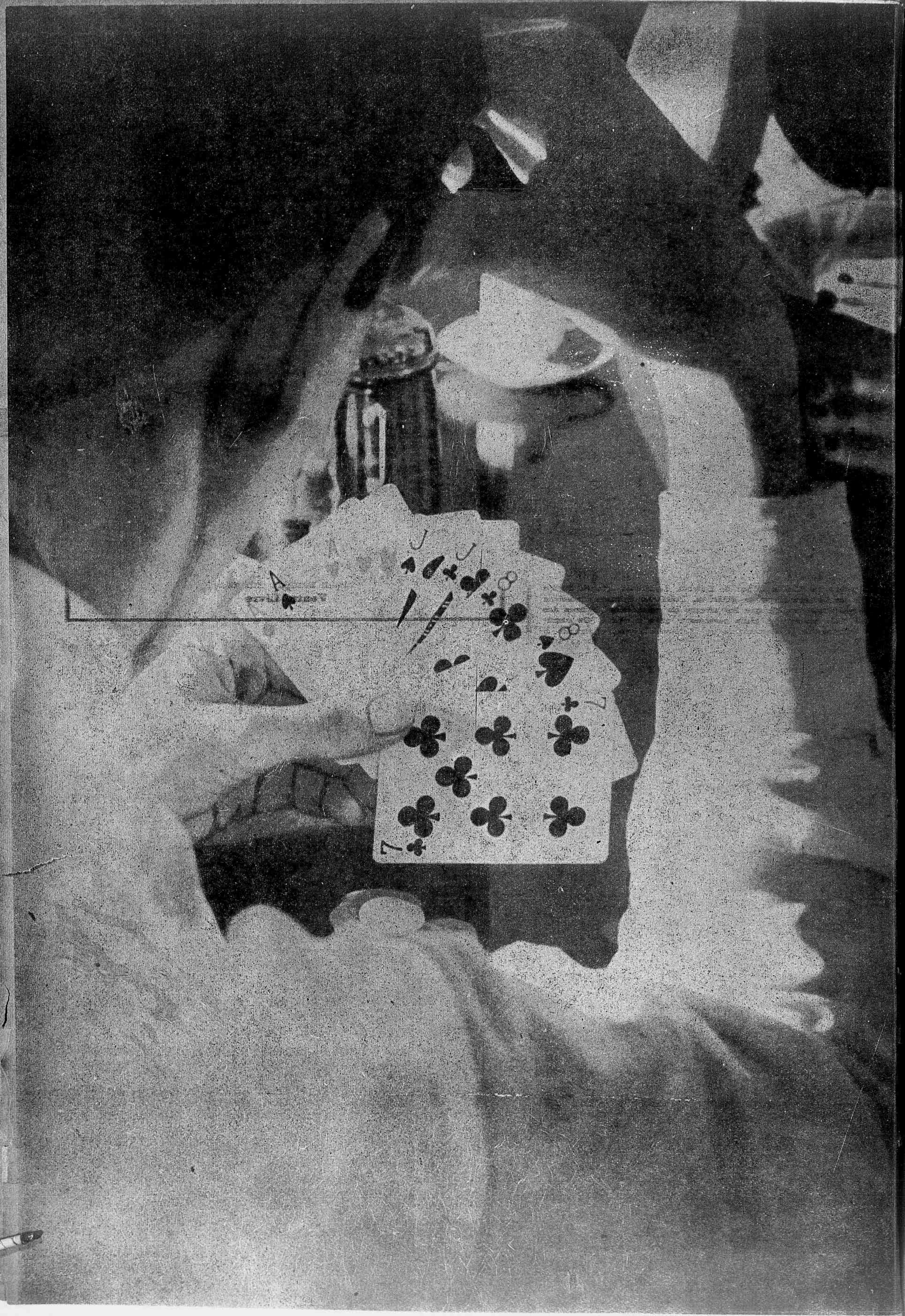
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

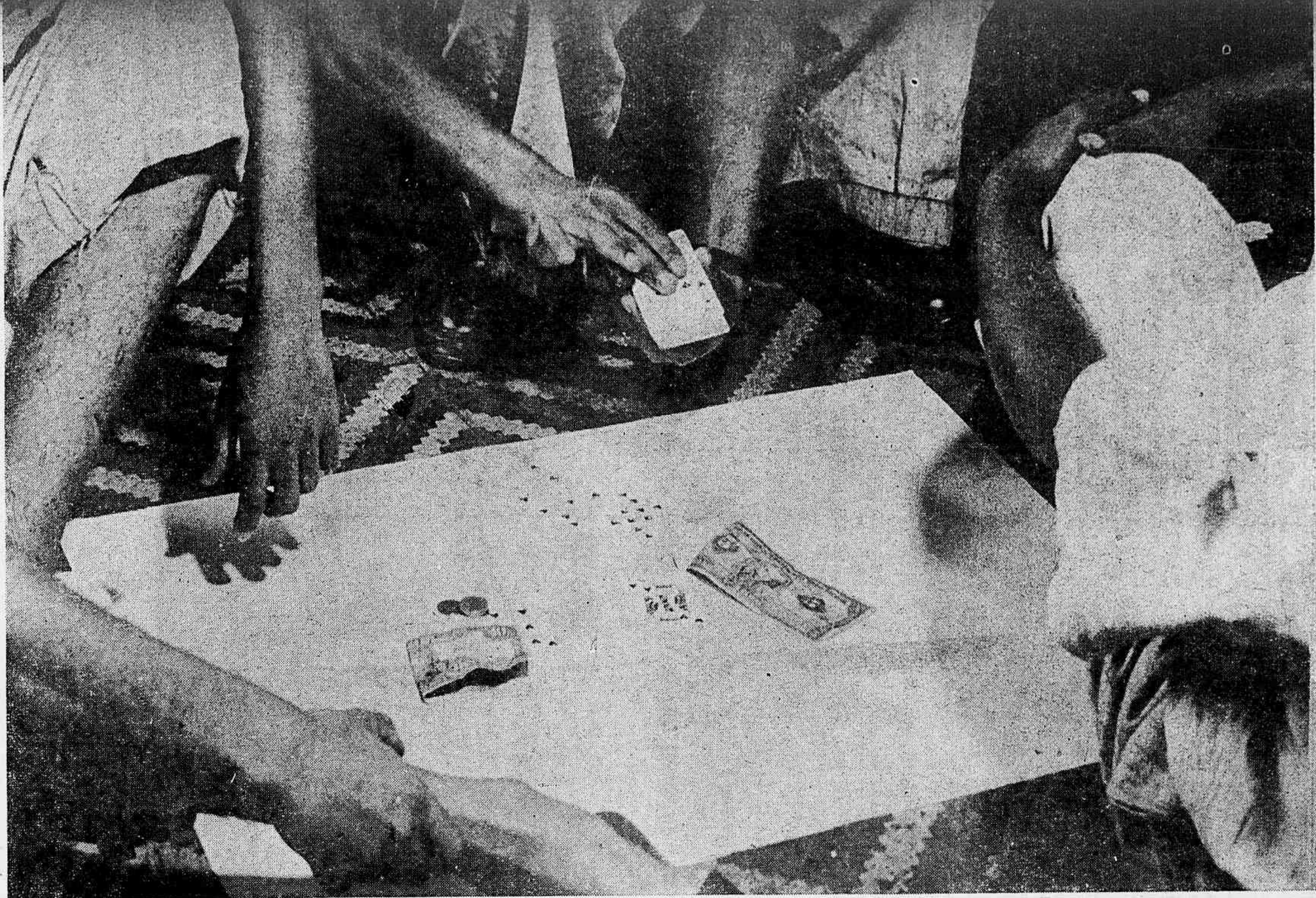
3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — “Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA”.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





Na página ao lado: a atitude característica da indecisão do parceiro de pife-pafe na hora de fazer o descarte. Ficará no par de oitos ou descartará um deles, ficando à espera do seis e do nove de páus? O cérebro se cansa, as forças orgânicas se esvaem, enquanto o jogo prossegue durante dez, vinte, quarenta horas consecutivas. Em cima: o jogo de ronda, que se faz em qualquer esquina. Como granfinos não jogam "ronda", esse é um dos jogos mais perseguidos pela Polícia.

O JOGO ACABOU... POIS, SIM!

O RIO AINDA É CAPITAL DO BARALHO E DO PANO VERDE — POR QUE NÃO DESAPARECE O JOGO DO BICHO? — O DONO DO "BARATO" GANHA MAIS QUE QUALQUER PARCEIRO — SESSENTA HORAS DE PIFE-PAFE À CUSTA DE LEITE QUENTE E EXCITANTES — CLUBES "RECREATIVOS" QUE NÃO CUMPREM SUA FINALIDADE — SÃO PROIBIDOS JOGOS BANCADOS E... JOGA-SE "STICKEY" — A PRAGA DOS CASSINOS CLANDESTINOS AQUI E NOS ESTADOS — OS FELIZARDOS "BOOK-MAKERS" — QUANDO SE JOGA ATÉ NAS DELEGACIAS DE POLÍCIA... — A NECESSIDADE DE "COMANDOS" CONTRA O JOGO — MILHARES DE PESSOAS VIVEM PARASITARIAMENTE DOS PROVENTOS DO JOGO CLANDESTINO — ROLETAS ATÉ NA RUA DO CATETE, PERTINHO DO PALÁCIO DO GENERAL EURICO GASPAR DUTRA...

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de D. VARELA

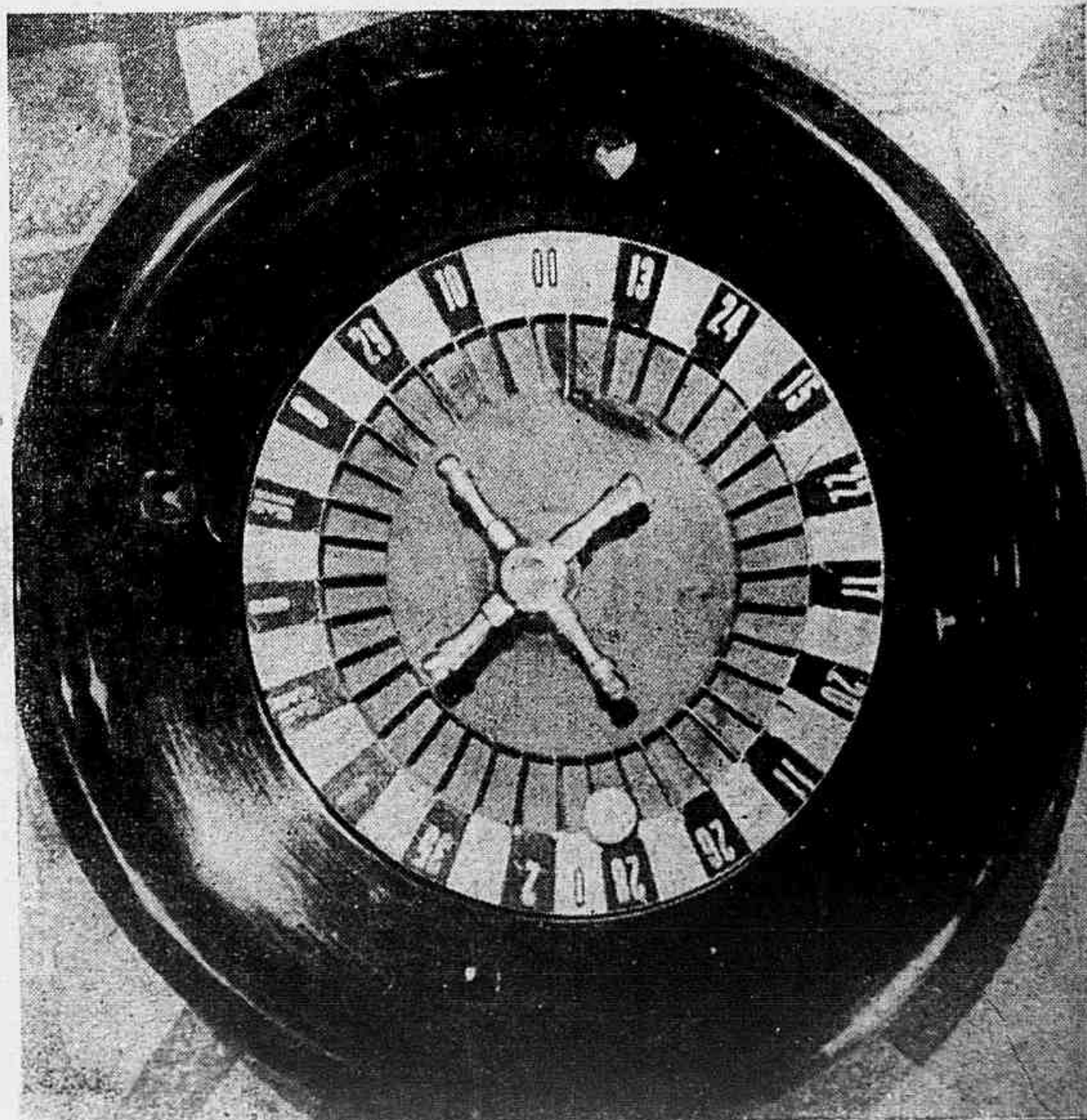
QUANDO o presidente Dutra tomou conta do governo, pareceu ao povo que o general iria acabar com as mazelas do tempo da ditadura Vargas. Um dos primeiros atos, que tão gratamente repercutiu no coração de milhares de famílias brasileiras, foi a extinção dos cassinos, que infestavam o Brasil de norte a sul. Daqueles palácios do jogo o País nada aproveitara para si. Não intensificavam o turismo e não contribuíam com impostos elevados para a educação ou saúde do pobre. Atraiam com suas luzes e seus «shows» milhões de incautos, arruinando-os. Depois de fechados os cassinos, certos jornais aventureiros, prejudicados no balcão de anúncios, arvoraram-se em defensores de uma classe de trabalhadores, esquecendo propositadamente que o momentâneo desequilíbrio da situação dos empregados dos ex-cassinos representava a estabilidade em milhares de orçamentos domésticos. Mas a impressão que os jogos de azar tinham se acabado foi se desvanecendo

pouco a pouco. Os viciados que os cassinos haviam criado descobriram múltiplas formas de ludibriar o decreto presidencial e mesmo as portarias policiais. Cassinos dissimulados foram aparecendo. E o pior é que, atualmente, a transgressão já se faz às claras, se não com a criminosa complacência dos que deviam reprimi-la. O Rio transformou-se na capital dos jogos proibidos. Pululam pela cidade, nos apartamentos de Copacabana, Flamengo e Centro, nos clubes chamados «recreativos», «esportivos» e carnavalescos, nos parques de diversões e até nas próprias Delegacias de Polícia!!! O jogo acabou... mas só oficialmente. Está franco o jogo proibido. Sem impostos, sem perseguições, vai de vento em pópa. Vejamos o mais antigo deles, o nacionalíssimo «jogo do bicho».

MAIS FORTE QUE A LEI

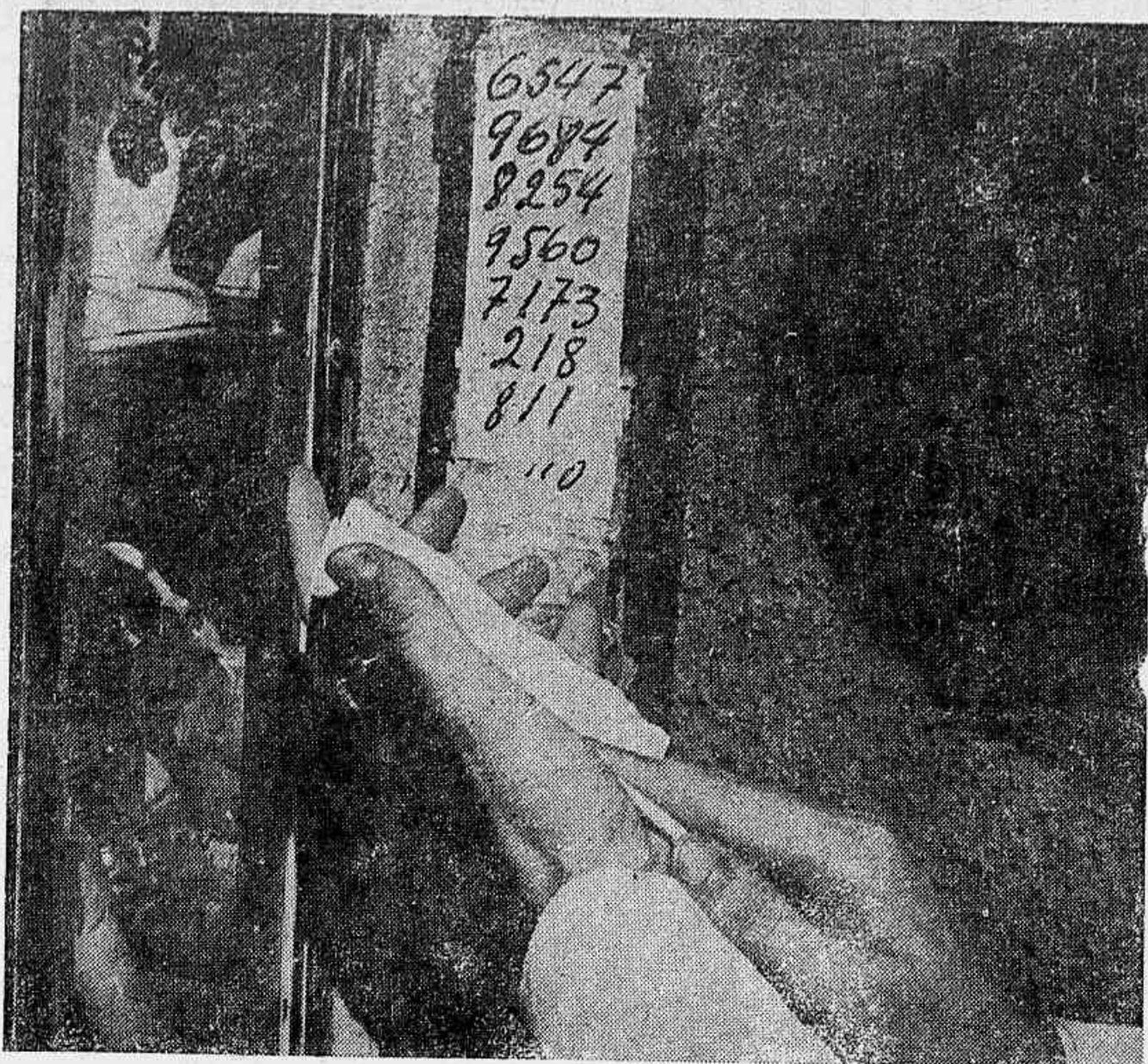
Muita gente se pergunta por que o «jogo do bicho» não desaparece do País. A resposta é fácil, embora muitos te-

Esta é uma roleta de brinquedo, em tudo igual às que giravam nos antigos cassinos. Não houve proibição de venda nas casas de brinquedos e a guriçada desde cedo contral o vício da jogatina. Vendem até panos verdes com tôdas as figurações. Não admira que o número dos «viciados» não diminua.





A hora da "batida" no pife-pafe. "Chega", grita o parceiro nervoso, que passou horas e horas sem ver cair a "boa". Em baixo, um que está jogando "batido". Distração ou cansaço? Enquanto o seu dinheiro vem e vai, a caixinha do "barato" aumenta...



Conferindo os cinco prêmios mais o "moderno" e o "Rio". A Polícia combate o Jôgo do bicho quase que desde seu aparecimento. Não consegue vencê-lo... Por que?

nham medo de dizê-la. O «jôgo do bicho» não desaparece do Brasil em razão dos «interesses criados». A própria Polícia não faz questão de exterminá-lo. Tolerá-o, na meia clandestinidade. As batidas policiais contra os antros dos banqueiros têm mais o caráter do aticamento das brasas da fogueira. Quando o «calor» diminui, os policiais aproveitam-se do texto da lei para cotucar os bicheiros. Aí o «calor» reaparece e tudo fica na melhor das harmonias. Raros os delegados que levam a sério o combate ao «bicho». Um desses foi o dr. Renato Bittencourt, — o terror dos bicheiros. De resto, a missão é difícil. E' preciso encontrar homens de confiança no seio de uma corporação que se habituou a ser complacente e a fechar os olhos. Muitos, aliás, não resistem à tentação de jogar no «bicho», — para ganhar o necessário «zero que está faltando no seu ordenado». Ou a jogar outros jogos. Ainda há pouco tempo o delegado Dulcídio Gonçalves, outra das autoridades excepcionais, dos raros, a que nos

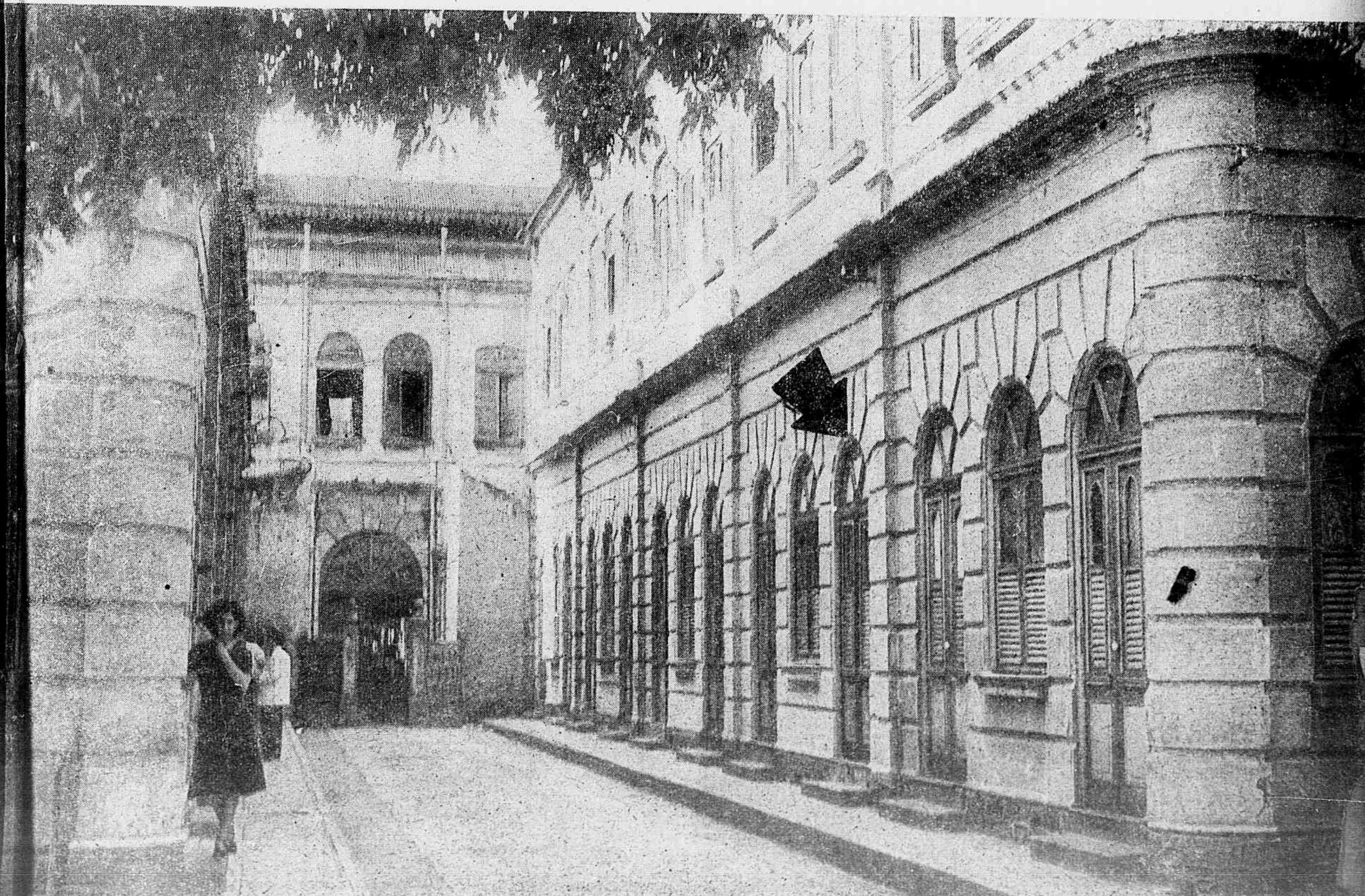
referimos acima, autuou em flagrante quatro investigadores do 1º Distrito Policial que jogavam «ronda» naquela Delegacia a dinheiro forte. Na Churrascaria Gaúcha, em Copacabana, houve no ano passado um conflito. Que era? Que não era? Simplesmente isto: elementos da Polícia do Distrito Federal, embriagados, haviam trocado tiros, ao fim de uma festa de confraternização com os «bicheiros», que haviam pago o bródio e feito, ainda, o pagamento de uma gorda contribuição mensal à «caixa» daqueles «agentes da lei», um pouco entusiasmados de mais com as libações que se sucediam à partilha da «gaita». E' certo que nem todos os policiais são assim. Mas como podem os que são honestos agir com eficiência, se encontram os que não são sabotando os seus esforços? Que autoridade moral poderão ter investigadores como êsses, que jogam pife-pafe e outros jogos de azar com banqueiros e bicheiros? O «jôgo do bicho» não é mais forte do que a lei, como querem alguns. A fraqueza moral de certos policiais

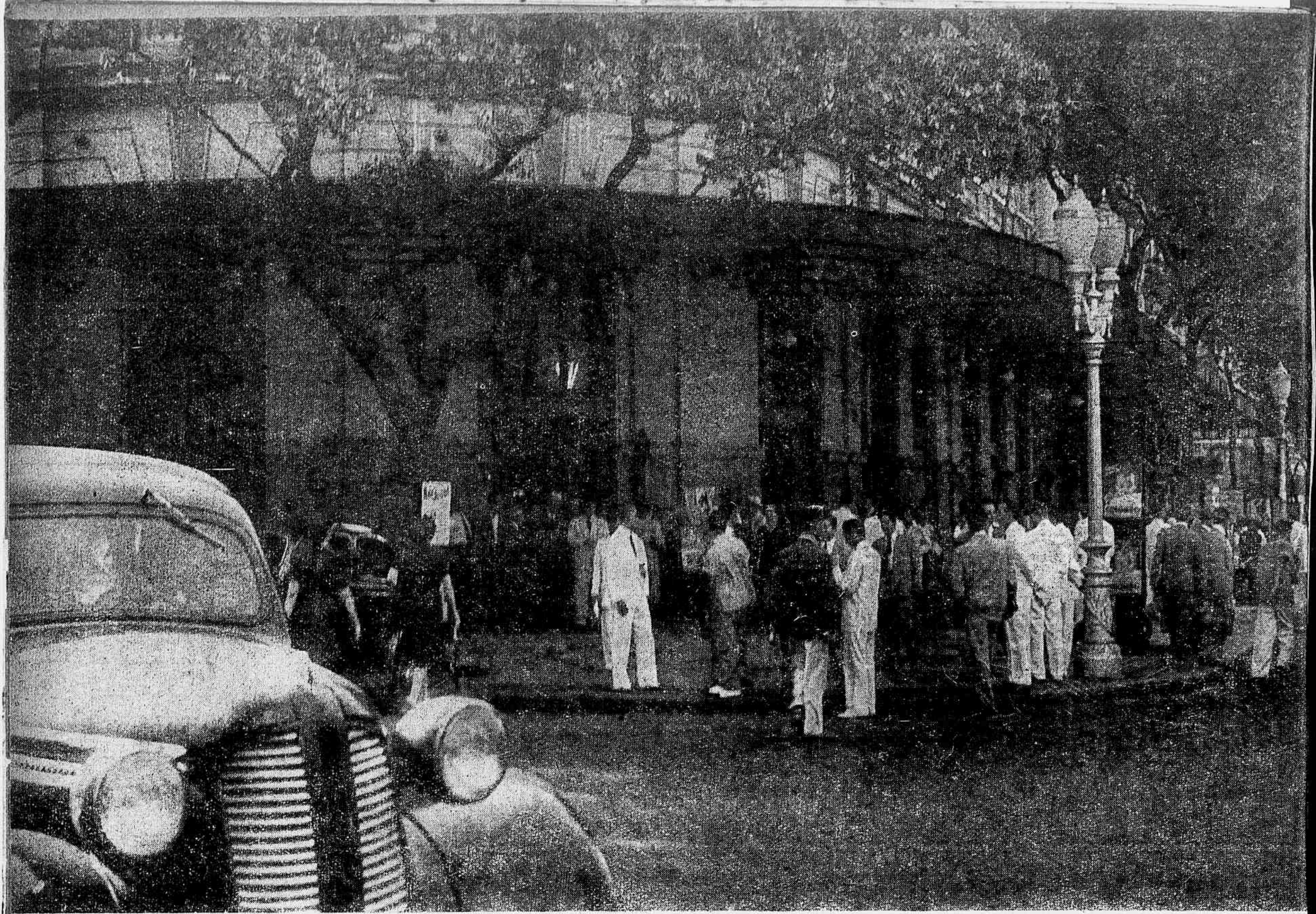
Rara é a esquina de um quarteirão que não tenha pregado diariamente a célebre lhistinha consultada por muita gente, inclusive investigadores, guardas-civis e até vereadores...





Nesta página, aparecem dois detalhes da Vila Rui Barbosa, um dos quartéis-generais do Jôgo do bicho no Rio de Janeiro. A célebre "Fortaleza" fica situada entre as ruas do Senado, Lavradio, Relação e Henrique Valadares, parede-mela com outro quartel-general, o da Polícia do Distrito Federal. O reduto dos banqueiros do bicho nunca foi incomodado. Vive em perfeita "boa vizinhança" com os seus inimigos teóricos... na fotografia de baixo, aparece a Travessa Chiquita, da Vila Rui Barbosa, e assinalada por uma flecha a casa dos banqueiros. Quando chegamos a esta travessa o movimento era intenso. Percebendo a máquina, bicheiros e banqueiros desapareceram. Se a Polícia ainda não sabia do endereço fica aí a nossa modesta contribuição à campanha contra o jôgo. Esperamos que não nos ouçiram mal por isso...



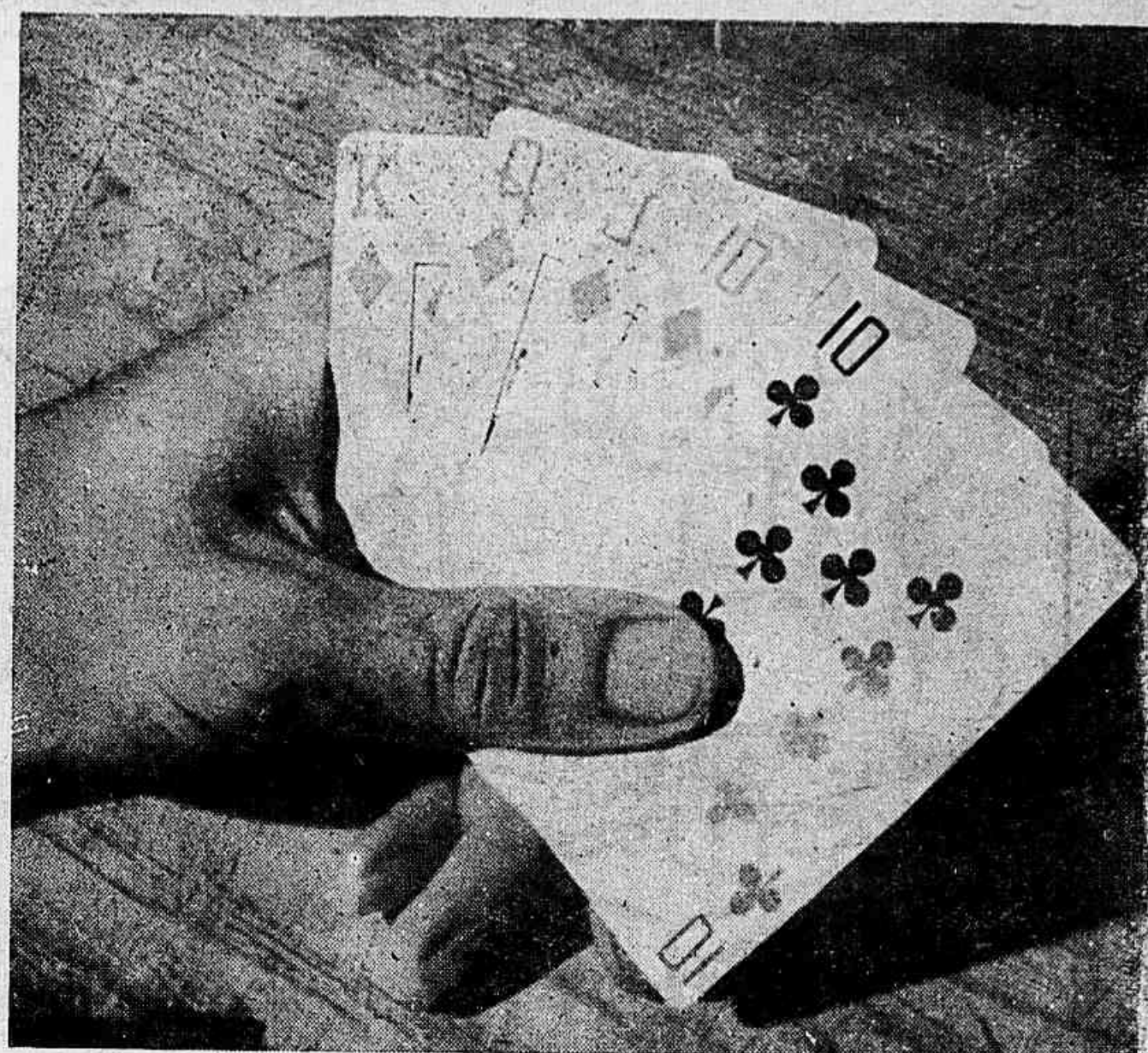


Em cima: a esquina da avenida Rio Branco com Almirante Barroso, em frente ao antigo Café Belas Artes, sede permanente dos "book-makers" do Rio. Quem quiser fazer uma fezinha nos cavalos sem ir ao hipódromo, não faça cerimônia... Não precisa ter receio de punição. Em baixo: a sede do Club dos Fenianos (à esquerda) durante todo o ano mantem jôgo forte na sua sede. A direita, a sede dos Tenentes do Diabo, outra sociedade dita "carnavalesca". No carnaval, conseguem subvenção, saem com os préstitos e pronto! Depois voltam ao que lhes interessa: a exploração do jôgo.



corrompidos, pagos para combatê-lo, e que é mais forte que a obrigação do cumprimento do seu dever. O «jogo do bicho» só se extinguirá quando a totalidade dos investigadores e policiais responsáveis pela campanha for composta por homens probos. A continuação do «jogo do bicho» no Rio e em outras cidades é o atestado da corrupção que há tanto tempo lavra em nosso país. Onde está o baluarte do «jogo do bicho»? Todos os cariocas sabem onde está localizada a «Fortaleza dos Bicheiros», a Bolsa da Jogatina, o Instituto de Resseguros das Apostas, onde uns descarregam nos outros o que não aguentam: é ali na Vila Rui Barbosa, entre a rua do Senado e a avenida Henrique Valadares, — a dois passos da própria Chefatura de Polícia do Rio de Janeiro. Será que a Polícia não sabe?

cinco por cento somente das paradas jogadas na banca, pagando integralmente as paradas do ponto. O dono da roda de pife-pafe, em troca de meia dúzia de cervejas e de uns reles sanduiches, retira de cada mesa o seu quinhão de cinco por cento. Em média, cada roda de pife-pafe acumula na mesa quatrocentos cruzeiros. Em certas rodas em que o cacife (a compra das fichas) vai de mil a cinco mil cruzeiros, o montante das apostas chega a dois e três mil cruzeiros. O dono do jogo ganha, pois, em cada mesa (calculando-se a média de quatrocentos cruzeiros), vinte cruzeiros líquidos. Há, no Rio, muita gente parasitando, fazendo profissão apenas disso. Tais manobras se repetem durante toda a noite. As vezes durante trinta ou quarenta horas seguidas. Não há hora para terminar o jogo nos clubes chamados «recreativos»



Um «royal-straight-flush» quebrado. Entrou outro «dez» para atrapalhar. Enquanto o camarada tenta a sorte no «poker» e no «stickey», o clube vai arrecadando o dinheiro de todos com o «barato» de cinco por cento... Um belo negócio que nutre milhares de parasitas!

fazia somente mil cruzeiros. Sete mil cruzeiros tinham sido retirados no «barato» em dezolito horas de jogo. Não há roubo maior no Rio do que a percentagem tirada pelos donos das rodas do pife-pafe. Os parceiros não reclamam por duas razões. São viciados e, além disso, o jogo é mais ou menos proibido, o que faz a «diversão» custar mais caro.

CLUBES DE JOGOS SOB A APARÊNCIA DO CARNAVAL

Uma palavra, agora, sobre as chamadas «sociedades carnavalescas». Não conhecemos de perto todas elas, mas já estivemos em três — os Tenentes, à rua Visconde de Maranguape; os Fenianos, à rua Sete de Setembro; e a Embaixada do Sossêgo, à avenida Rio Branco, no Edifício São Borja. São verdadeiros cassinos, que arrecadam mensalmente um lucro fabuloso, retirado das percentagens das mesas de jogo. E, ao que sabemos, não pagam nenhum imposto direto sobre

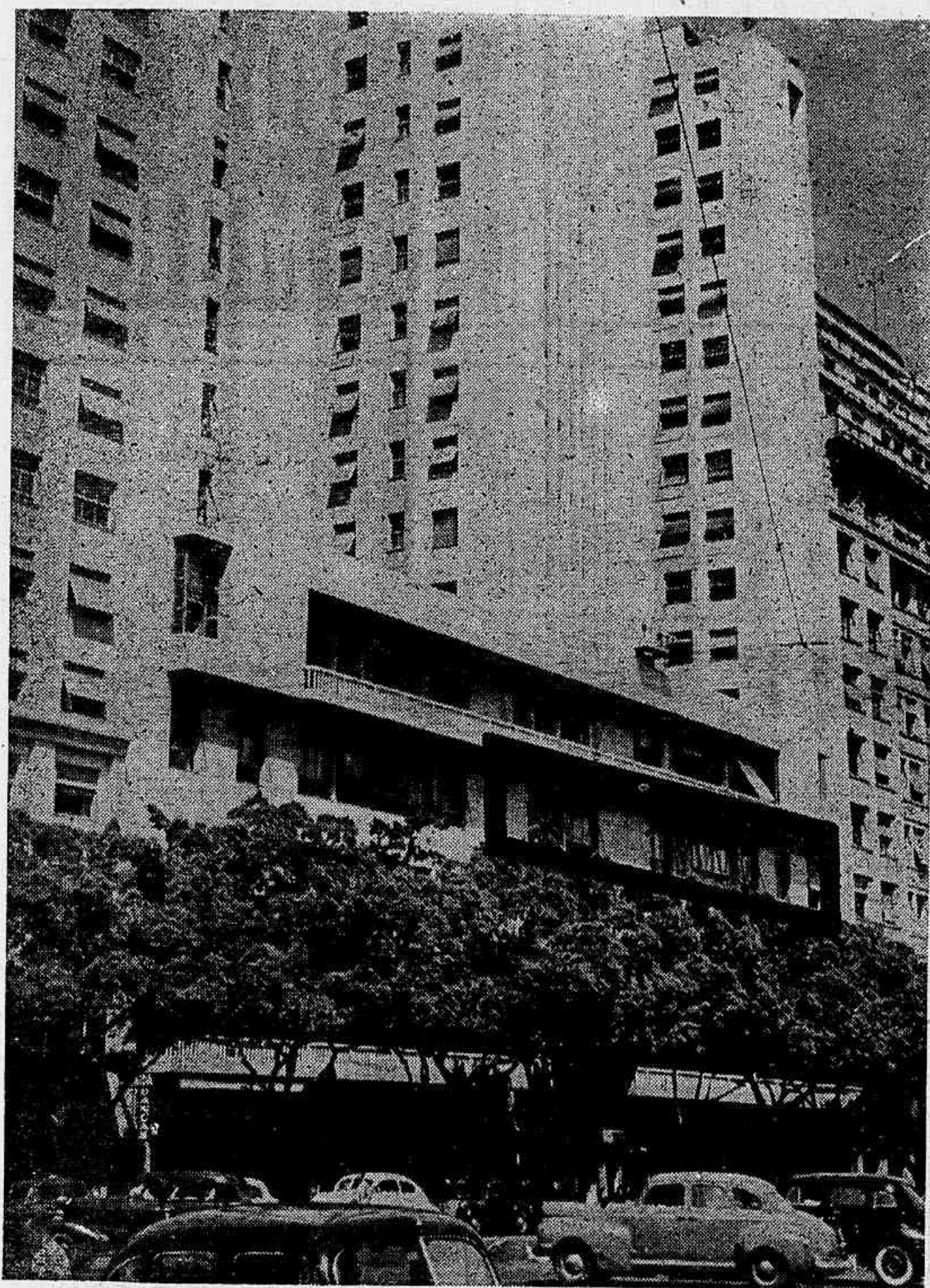
o «barato» tirado todos os dias das mesas do pife-pafe, cacheta e «stickey». O carnaval, as atividades consagradas aos festejos de Momo, na verdade não passam de um pretexto, um subterfúgio, um «blibi de indenidade» para o jogo. Não há mais, em rigor, «clubes carnavalescos». Eles não querem cuidar de programas recreativos. O que eles querem são parceiros para suas mesas de jogo.

O «STICKEY» É UM JOGO BANCADO

O camarada sobe ao andar onde funcionam esses «clubes». Lá dentro ouve o barulho das fichas e os palavrões dos jogadores mal educados. Quer jogar e comprar fichas. Mais de uma dúzia de olheiros «manjam» a «pinta» do tipo. Se parece otário, vendem-lhes sem mais aquela. Se desconfiam do camarada, fazem um rodeio preparatório.

— «O senhor tem que ser sócio do

(Cont. na pág. 47)

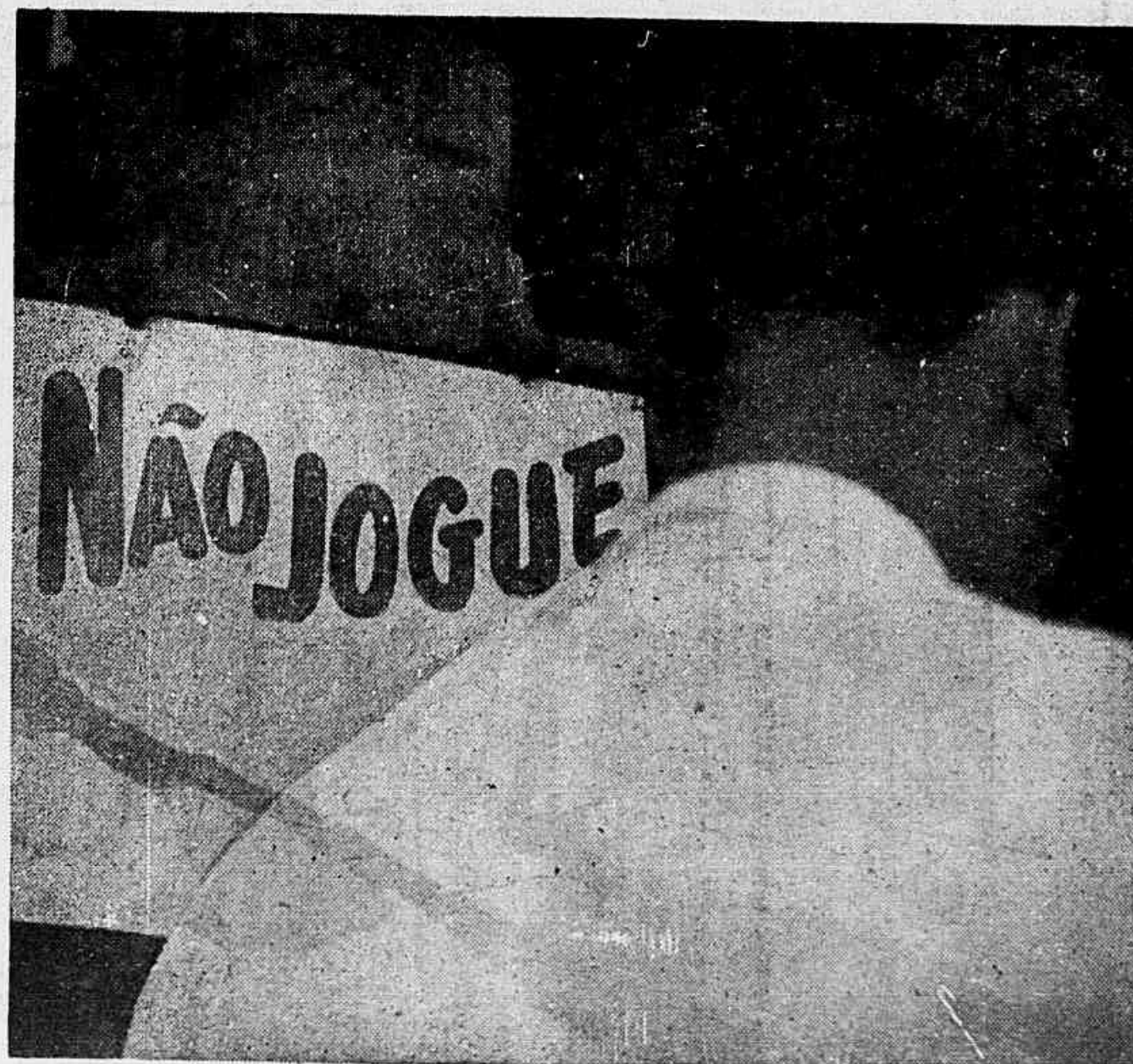


Em plena avenida Rio Branco, bem defronte ao Senado Federal, no terceiro andar do Edifício São Borja, funciona toda a noite a jogatina desenfreada na sede do Cordão do Sossêgo, clube que nasceu carnavalesco e virou casa de tavolagem pouco depois.

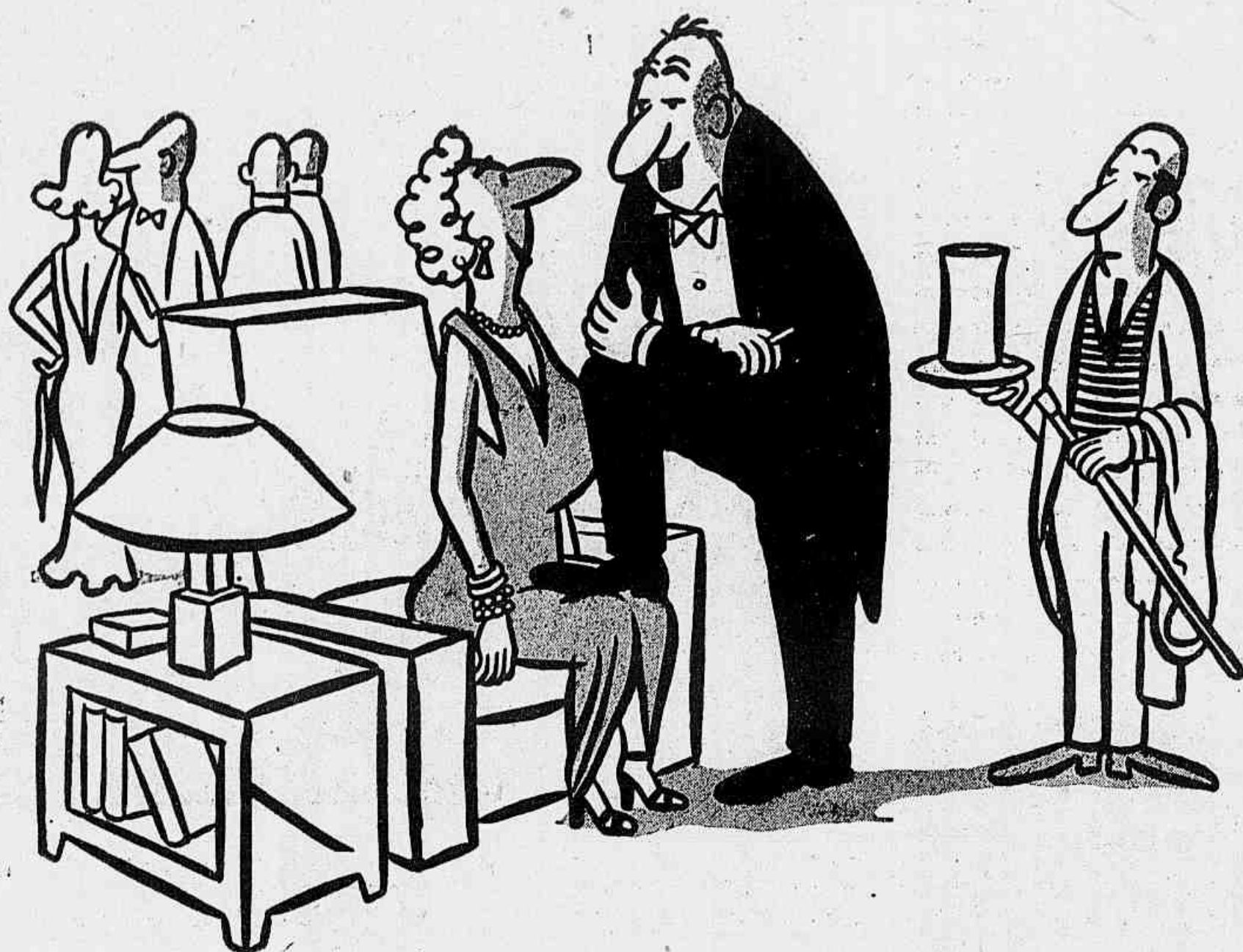
CRIMES DO PIFE-PAFE

Quanto ao pife-pafe, para que desappareça como chaga social, que cada vez mais arrasta os fracos para o sorvedouro do jogo, é necessário que a polícia o considere em portaria especial como jogo proibido e, depois, empreenda uma campanha honesta nos clubes onde é jogado às claras. A praxe para a classificação dos jogos proibidos estabeleceu a proibição para os jogos bancados. Ora, o pife-pafe não tem banqueiro, mas faculto meios de exploração dos parceiros melhor do que se fosse bancado. Um desses meios é o «barato», percentagem que o dono da casa, ou o clube, retira de cada mesa, a cada jogada. Esse «barato» varia de três a cinco por cento do total de cada mesa. Nem nos cassinos se explorava tanto o jogador. O bacarat ou chemin de fer dos cassinos tirava

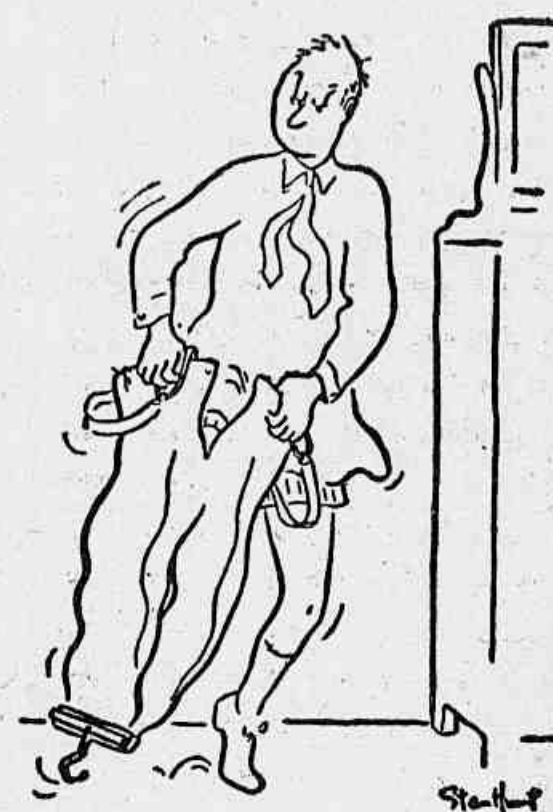
e muito menos nos apartamentos. Enquanto houver dinheiro e dois ou três parceiros o jogo continua. Nos Fenianos, Tenentes, Sossêgo e outros o jogo vai até de manhã cedo. Citaram-nos um apartamento na Glória onde já se jogou certa vez durante sessenta horas seguidas. Para espantar o sono e o cansaço, o dono do pife-pafe servia a toda hora leite quente e cápsulas de pervitin aos jogadores e jogadoras. No fim das sessenta horas uma delas caiu inconsciente sobre a mesa. Foi levada desacomodada para casa, onde ficou vários dias enferma. Casos como esse repetem-se mais frequentemente do que se pensa. Quanto maior a duração do jogo, mais ganha o dono da casa. Um jogador confidenciou-nos que jogou dezolito horas seguidas. No fim desse tempo os parceiros tinham perdido ao todo dezessete mil cruzeiros e o lucro dos ganhadores per-



Detalhe de um jogador quando fazia apostas com um «book-maker» na esquina da Avenida Rio Branco com Almirante Barroso. Um anúncio grita ironicamente em todos os gradis: «Não jogue!» Mas não jogar por que? Se o Rio continua sendo a capital do baralho e do pano verde...



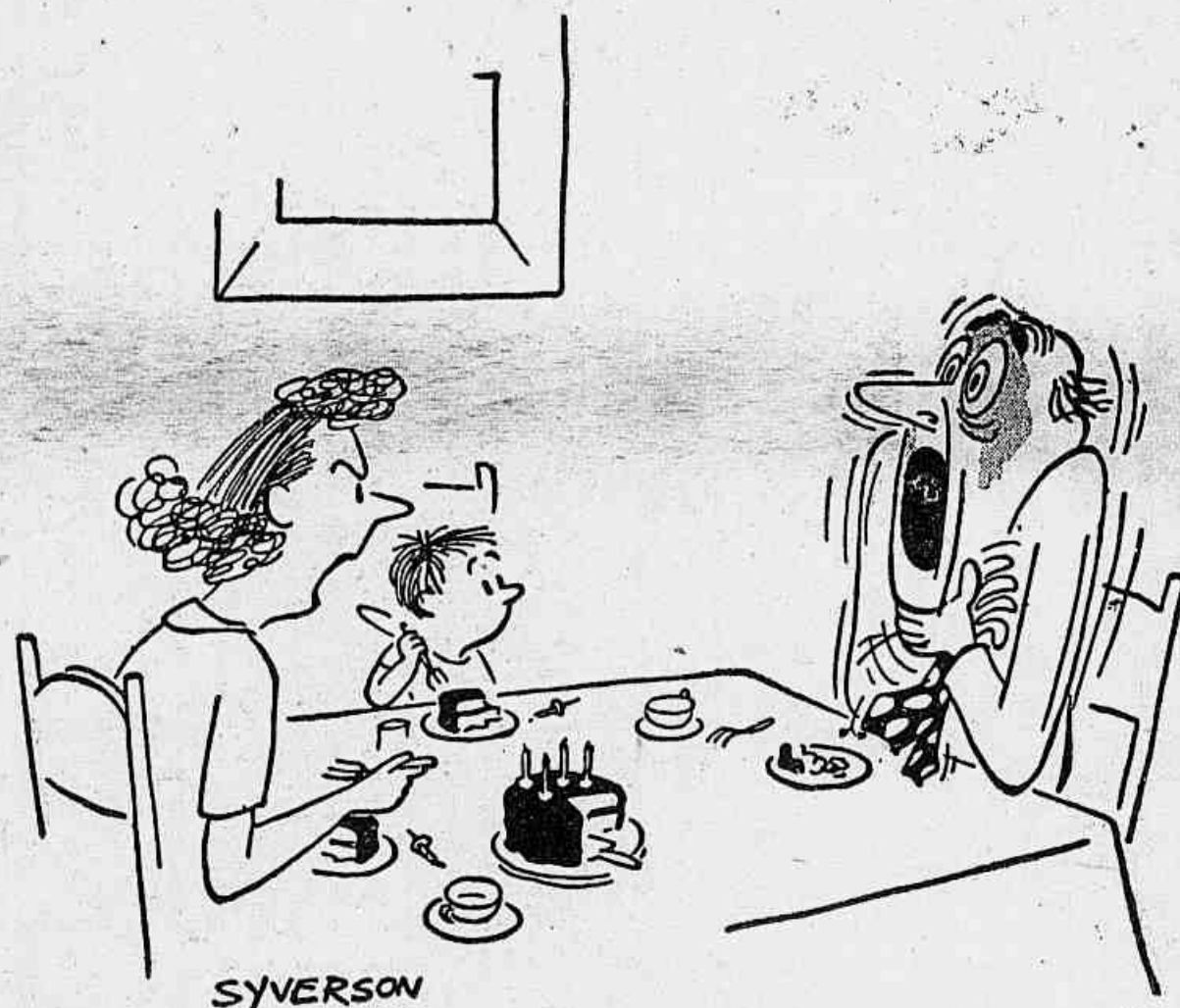
— Gosto muito das pessoas sem formalidade como a senhora, dona Zazá...



**BOM
HUMOR**

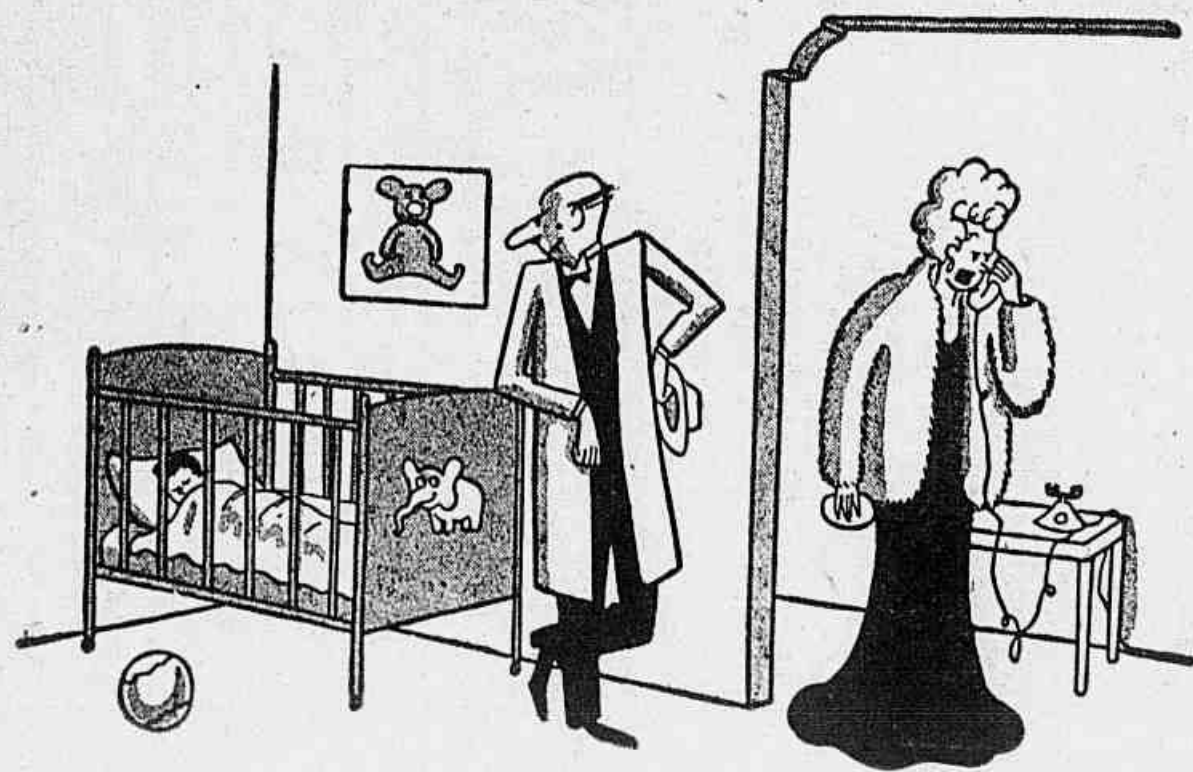


— Espero que não leve a mal, doutor... Mas o meu passatempo em casa sempre foi fazer "abat-jours"...



SYVERSON

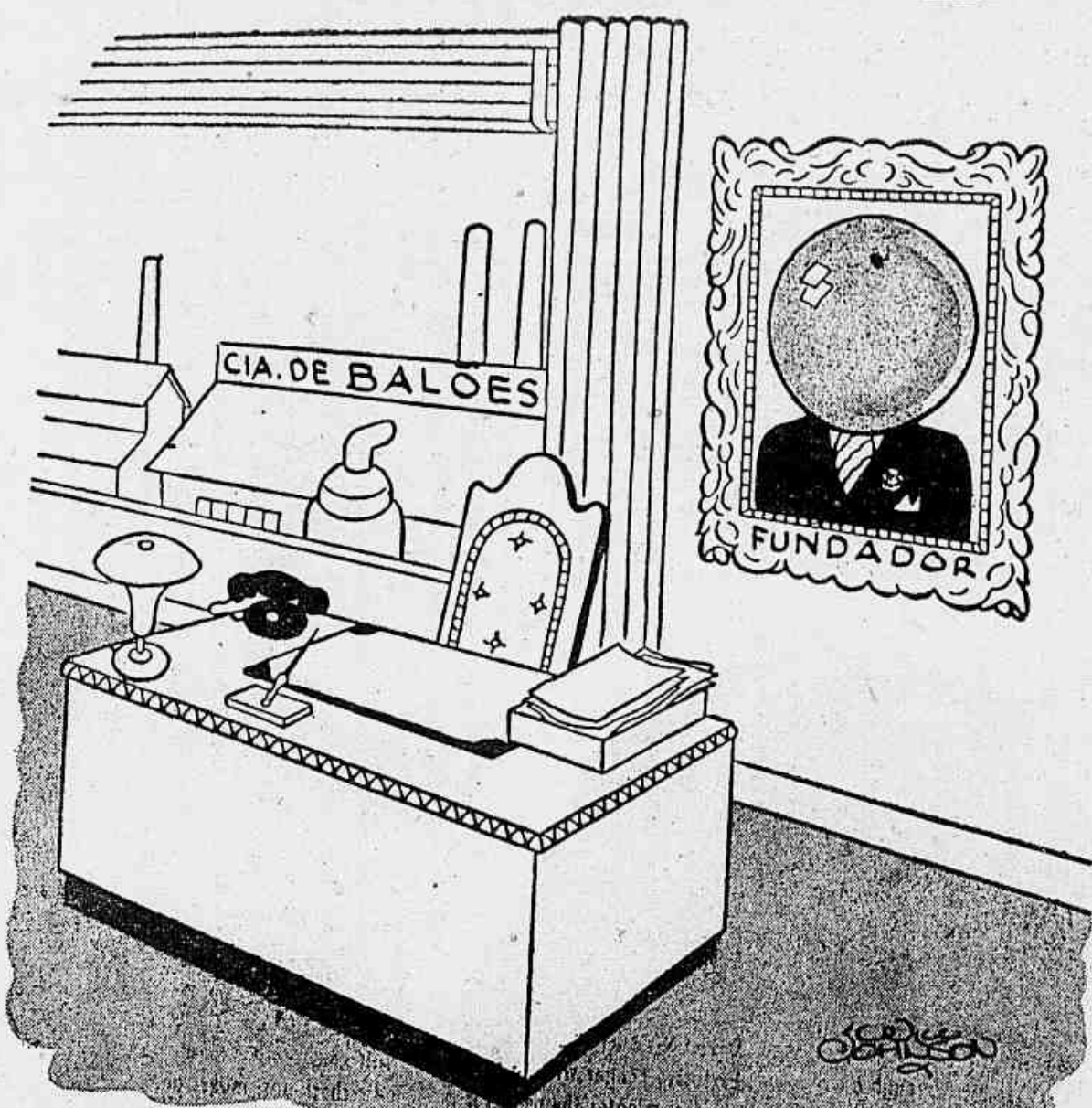
— Desculpe, querido... Você sempre tão distraído e eu me esqueci de avisá-lo sobre a vela acesa...



— Tia Gabriela, não podia vir aqui em casa? O Altamirandinho tem chamado a senhora sem parar...



— Boa tarde, cavalheiro! Em que poderemos servi-lo?

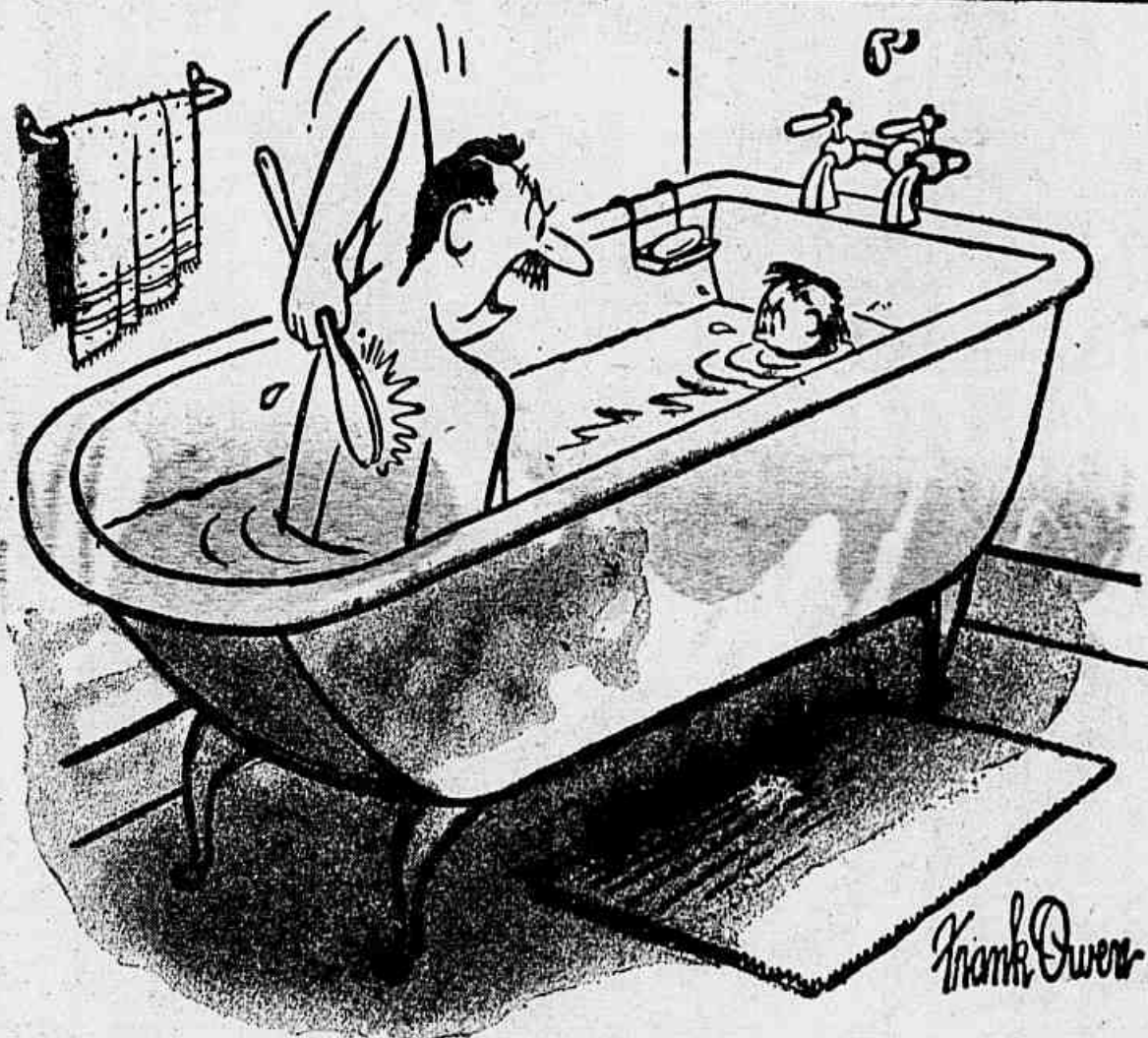


— Despi-me e vesti-me 27 vezes antes de você ficar pronta! Irra!



TOM
HENDERSON

— Precisamos chegar mais cedo amanhã para termos uma mesa melhor.



Frank Owen

— Enquanto estiver com o pé no cano procure se lembrar do que fez com a rolha!



— Por favor! Não preciso acompanhamento!



— O senhor quer agora um artigo mais caro?

Conto de HERCILIA LINS

TENHO ímpetos de tirar a limpo essa história, que a Zindoca veio me contar, de ter visto Adir com uma loira glamurosa numa sorveteria da Cinelândia. Mas... não vale a pena. Para que estragar a paz do meu lar e acabar deixando de ir ao teatro, hoje que as entradas já estão comigo? Vamos na segunda sessão. Coitado do meu

maridinho. Ele é tão bom, carinhoso e trabalhador. Leva-me a divertimentos sempre que lhe sobra tempo. E' isto: um homem não pode ser atencioso com uma mulher que logo dizem cobras e lagartos. Puxa, gente danada! O despeito é que leva êsse "espírito de porco" a por veneno nas coisas... Que necessidade tenho eu de saber que meu marido uti-



Ilustração de ARMANDO PACHECO

liza o "câmbio negro" em todos os negócios? Mas já viu só a ousadia de certa gente? O melhor que faço é rifar as amigas intrometidas e enredadeiras. Nada me aborrece tanto como brigar com alguém. Mormente se êsse alguém é o meu marido. Fico nervosa, irritadiça, insone, sem fome, sem gosto para nada na vida. Depois, quantos dias fica-

mos amuados, quantos! E eu de-
testo não poder conversar com
êle. Por isso, agora adoto o sis-
tema de acreditar piamente em
tudo que meu maridinho me
conta. E vivo muito feliz assim.
Estou até mais jovem. Ainda
outro dia um senhor me pergun-
tou se estou tomando o "elixir
da juventude" e me sentí tão
radiante que devo ter aumenta-



Uma esposa compreensiva

do um miligrama de orgulho. Mas, que diabo, a conversa com a Zindoca não me sai da cabeça:

— “E se eu te contar, Lorí, eu que sou tua amiga verdadeira, que ontem vi, com os meus próprios olhos, o teu “santo” esposo se desmanchando em amabilidades com uma loira em certa sorveteria... E em que trinque estava ela!...”

— Ora, deve ter sido a secretária. Ele é bastante gentil para não deixar a moça ir lanchar sozinha. Inda mais ontem que fizeram serão.

— Estou mesmo convencida de que és muito boba, Lorí, mas muito mesmo! Será possível que ele nunca ponha essa tal de escrita em dia? Escuta aqui. Tu acreditas mesmo nessa história de serão?

— Mas, Zindoca, de que me adianta criar uma atmosfera carregada dentro de casa?

— Pelo menos darias vergonha a esse farrista. Mostrarias que não andas enganada como ele pensa...

— Ora, ora, meu amor. Isto iria envaidecê-lo apenas.

— Não vais me dizer que não tens ciúmes dele.

— Não. Não tenho. Daqui a pouco ele chegará e vamos jantar na maior harmonia, como numa eterna lua-de-mel.

— Não sei como se pode ter “sangue de barata” como tu.

— Mas, minha querida, dentro de casa nada me falta; nem carinho, nem conforto, nem dinheiro. Dessa forma, o que tenho eu com a vidinha de meu marido da porta da rua para fora?

— E' inútil discutir contigo. Custa-me crer como pões a mão no fogo pela fidelidade de um

marido, um homem! Olha, não vais queimar tuas mãos...

— Oh, não tome cuidado, minha bondosa amiga, nem todos os homens são iguais.

— Sim, o homem fiel ainda está por nascer, podes crer!

— Tenho certeza de que o meu Adir ama somente a mim.

— Tens um espírito fantasioso... (como riu a malvada)

— Escute. Quando me casei, não era feliz. Apesar de meus dezesseis anos, amava loucamente o meu marido. Sentia-me amada, adorada. No entanto, vivia infeliz. E por que? Porque vivia a preocupar-me com a demora dele, o que ele estaria fazendo na minha ausência, e isto estragava-me por completo a existência. Muitas vezes preparei um ótimo jantar, com bolos e tudo de que ele mais gostava. Sentia prazer em enfeitar-me como se fosse a alguma festa. E precisamente nos dias que tencionava fazer-lhe uma surpresa, era o dia que ele escolhia para jantar fora com um amigo que chegara do norte.

— E acreditavas nessa “lorota”?

— Absolutamente! Brigava. Chorava. Esperneava. Imaginava mil e uma traições. Não conseguia ler, nem tricotar, nada, nada, nem tampouco jantava à espera dele. Lá pela meia-noite Adir chegava pé-ante-pé, com uma “cara de santo” o patife. Eu fingia acordar e ele, com a maior calma do mundo, beijava-me ternamente, e logo começava a narração do jantar com o amigo. Eu não acreditava e acabávamos arrufando-nos. Então, só para me fazer picardia, muitas vezes ele pôs o chapéu na cabeça e... rua de novo! Aquilo me magoava profundamente.

Era como se eu estivesse morrendo aos poucos. Comecei a emagrecer, a desleixar-me. Chegaram até a dizer que eu estava doente... Um dia compreendi que era bobagem ralar-me tanto. Afinal de contas, eu é que sou a esposa. E pensei que uma esposa é algo assim como o ponto de partida de um navio — embora tocando noutros portos, sempre retorna ao ponto de partida. Desde esse dia resolvi não me apoquentar mais. E sinto-me perfeitamente bem assim.

— Ah, não tenho a tua calma, não. Comigo, todas as vezes que o meu chegar tarde em casa, nós nos atracaremos ferozmente como cão e gato.

— Tolices. Isso nada resolve.

— Não sei para que te servem essas unhas tão longas...

— Ouça esta: Há poucos meses, Adir saiu de manhãzinha. Não veio almoçar. Nem jantar; tampouco telefonou. Estranhei. Contudo, conservei-me calma até às 22 horas, quando comeci a procurá-lo frenética e infrutiferamente, pois ninguém me dava notícias. Sobressaltei-me, é claro. Muita coisa podia ter acontecido. Telefonei para o Pronto Socorro, Necrotério, Polícia... Nada! As duas horas da manhã, eu própria, de automóvel, fui investigar todos os lugares. Espiei até as geladeiras do necrotério! Desesperançada, regresssei à casa, com aquele cheiro de cadáver nas narinas. Confesso que fiquei impressionada de ver tantos defuntos... Não sei por que veio-me à cabeça que Adir se havia atirado ao mar, e entreguei-me ao mais angustioso pranto. As horas pareciam lerdas. Quanto ansiei que o dia amanhecesse depressa! No silêncio da noite, o menor ruído

causava-me sobressalto. Quando o relógio da sala terminara de dar as cinco da manhã... alguém mexeu na porta. Imediatamente abri a viseira. E quem era?

— O teu fidelíssimo maridinho!

— Ele mesmo. Numa “chuva”, coitadinho, que nem acertava com a chave na fechadura...

— E o que fizeste?

— Ri-me das minhas preocupações e jurei, para outra vez, jamais procurá-la.

— E o que te disse o malandrim?

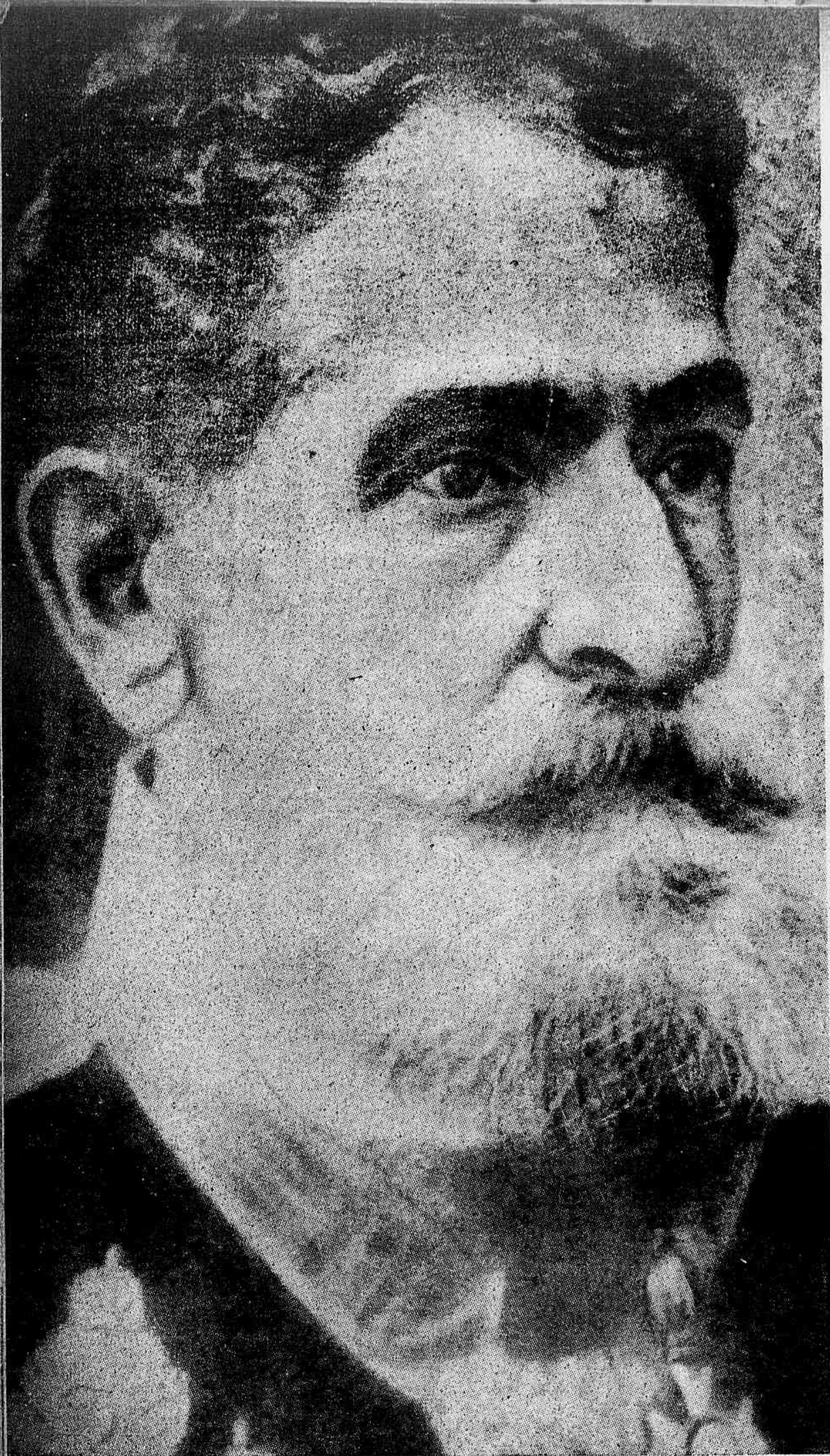
— Como sempre, encontrara-se com um amigo de infância. Distraiu-se bebendo, bebendo... e só lembrou-se de casa quando o “garçon” os pôs para fora do bar.

— Ah! comigo não ficava assim, não. Nesse dia, um de nós dois havia de sobrar...

— Mas o que adiantava brigar por bagatelas. Envelhecer? Estragar a minha preciosa saúde, a minha felicidade? E Adir encontrar em casa, em vez de uma esposa compreensiva, uma mulher carrancuda, rabujenta?...

— Não. Em absoluto não me conformo com o teu modo de pensar. E aviso-te que o meu Joaquim, hoje, vai se arrepender para o resto da vida, por ter ido ao cinema com aquela lambisgóia que a Margarida viu e disse que sustenta na cara do miserável! Ah, se eu os pego juntos!!!... Bem, eu vou indo. “Bye-bye”...

Furiosa por não ter conseguido semear a discórdia no meu lar, foi-se a minha adorável “amiga”. Pus-me a pensar. Então o sangue começou a ferver-me nas veias, sacudindo-me violentamente. Na verdade, este meu marido está-me saindo uma maravilha... Um dia destes chegou tão extenuado que fiquei de véras impressionada com a dedicação dele no trabalho para manter-me com todo este conforto. Depois, alegando estar resfriado, pediu-me uma gema-da. Espere aí, hoje é sábado. Adir não veio almoçar; nem telefonou... O que? Já 9 horas da noite? E o teatro... E Adir que ainda não chegou!? Ah! Hoje ele vai explicar-me direitinho essa história quando eu o pegar pelos cabelos... Ora se vai!...



O marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República.

Por VIRIATO CORREIA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

É também falsa a acusação de deslealdade. Não traiu, não despitou. Não houve no Brasil conspirador mais franco. Durante a primeira quinzena de novembro de 89, a sua casa viveu inconveniente aberta à conspiração republicana. Os vultos sabidamente inimigos do trono lá entravam e de lá saíam, a qualquer hora do dia ou da noite, sem o menor disfarce. Ele, Deodoro, mandava chamar no seu quarto os comandantes dos corpos e, com a maior lealdade, contava-lhes a conspiração e pedia-lhes o apoio. Fez isso até com Floriano, que era ajudante general do Ministério da Guerra.

O proclamador da República era uma criatura bem humorada. Gostava de ouvir pilhérias, de fazê-las.

Tinha um fraco — as mulheres — e esse fraco nem mesmo a velhice conseguiu apagar. Era um incorrigível gostador de saias. Entre moças bonitas florescia-lhe uma alegria de rapaz, entre mulheres de fama duvidosa tinha uma bravura que se aproximava da temeridade.

Esboçando o proclamador, Oliveira Viana escreveu: «Deodoro era um nobre homem de alma franca e cavalheiresca, mas no tocante ao temperamento intelectual pertencia ao «tipo gregário», da classificação de Grasset, e, como todo gregário, — é de Grasset o conceito, — «isolé, il peut être solide dans ses convictions; mais un article de journal, une conférence, un meeting, le font immédiatement changer. C'est un instable, un malléable, dont le polygone se laisse très facilement désagréger et influencer par le contagion des voisins».

E mais adiante: «Deodoro era uma natureza apaixonada, vibrante, dotada de uma grande emotividade. Basta-nos ler a sua resposta à carta confidencial de Cotegipe, quando comandante das armas do Sul, para sentirmos esta ténpera exaltada, exuberante, passional, do velho Fonseca. Com um entusiasmo fácil de explosividade e uma sentimentalidade tumultuosa, Deodoro pertencia bem ao tipo das naturezas ardentes e francas, capazes de dedicações profundas, mas também de antipatias irredutíveis».

Era, no fundo, um homem desprendido, sem ambições. Na conferência com os civis, nas vésperas da proclamação, é ele próprio quem indica Benjamin, e depois Quintino, para a Presidência da República. E fez-o com simplicidade, com sinceridade, na convicção de que o alto

cargo estaria melhor nas mãos de qualquer daquelas duas figuras do que nas suas.

Quando, a conselho de políticos, deu o golpe de Estado, de 3 de novembro de 1891, e que, a 23 do mesmo mês, estalou o movimento para restaurar o regime constitucional, Deodoro tinha elemento para resistir e até para sair vitorioso. Mas não o fez.

— Não quero aumentar o número de viúvas e de órfãos do meu país — disse. — Mandem chamar Floriano. Não sou mais presidente da República e vou pedir a minha reforma.

Em toda a sua existência não foi senão soldado. E rigorosamente, integralmente, visceralmente, soldado.

Para ele o mundo era um grande quartel e a vida só tinha encantos através do prisma de sua classe. O resto não interessava.

Durante o período de conspiração republicana ele via em tudo um mero caso militar.

Quando lhe vieram dizer que era necessário atrair os chefes civis de propaganda da República, teve esta frase que é o corpo de delito de sua mentalidade profundamente marcial: — Que temos nós com os paisanos?

E o curioso é que esse homem, soldado até a medula, que só compreendia o mundo pelos aspectos da marcialidade, morreu com tão fundos desgostos das coisas e dos homens da caserna que não quis ter enterro de militar e recomendou à família que não queria baixar à sepultura vestido com a farda de marechal.

É que Deodoro era uma alma de delicadíssima sensibilidade. Durante o governo os seus companheiros de farda arranharam-lhe fundamentalmente o coração.

Era uma dessas criaturas que pelo coração fazem tudo e que à força nada fazem. Se dava uma alegria a alguém era um homem feliz, e era um desgraçado se ofendia a quem quer que fosse.

Uma ingratidão doía-lhe por toda a vida. Criaturas dessa ordem são feitas para as doçuras da família e não para as durezas do governo.

De 15 de novembro de 89 a 23 de novembro de 91, Deodoro, exercendo a suprema magistratura do País, atravessou o período mais desgraçado de sua existência. Ele próprio o disse, quando, ao assinar a

(Cont. na pág. 47)

O HOMEM QUE PROCLAMOU A REPÚBLICA O PERFIL DE DEODORO

A única impressão verdadeira que se tinha ao ver, pela primeira vez, Deodoro da Fonseca era a da varonilidade.

As outras impressões eram inteiramente falsas. Quem visse aquele velho alto, ereto, cabeça levantada, atitude altiva, imaginava estar diante de uma criatura arrogante, orgulhosa e intolerável. Nada disso. O velho general era apenas um homem doce, de uma brandura e de uma simplicidade de desarmar inimigos.

As suas longas e belas barbas brancas, derramadas pelo peito, davam-lhe um aspecto de severidade e de circunspeção emudecedoras; no entanto no fundo da alma tinha ele muito de criança: era risonho, prazenteiro, ingênuo, juvenil e brincalhão. O olhar, ao primeiro golpe, parecia ter a cintilação agressiva de uma lâmina de espada. Mas em pouco se percebia que o que ali cintilava eram chamas de franqueza, de alegria, de bravura, de bonhomia e de bondade.

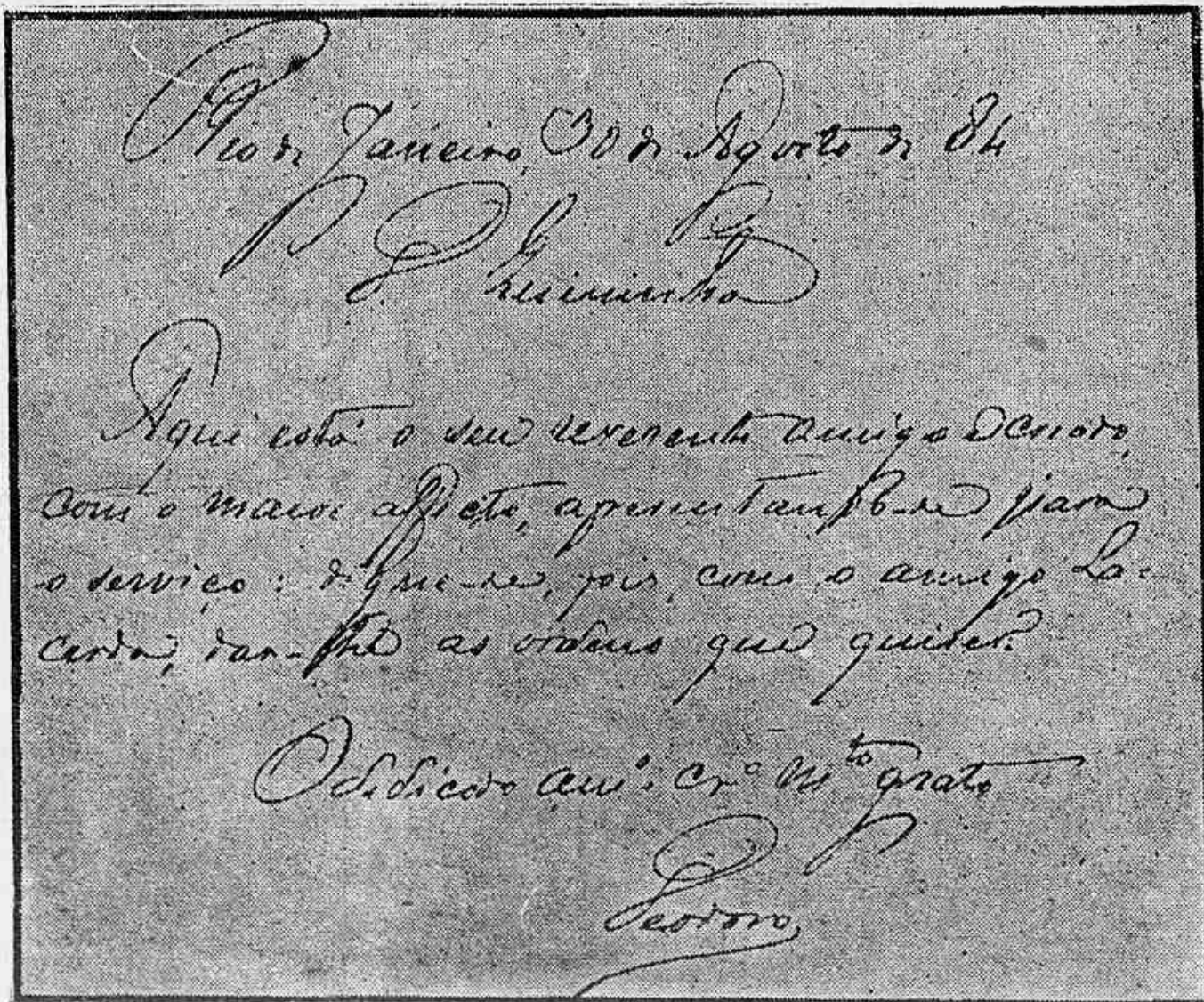
Não havia ninguém mais simples. Ninguém teve boa fé maior. Nem honestidade mais limpa que a sua houve até hoje na terra. As vezes a dogura do seu gênio se perturbava, e nessas ocasiões o temporal esta-

lava com tanto rumor que o mundo parecia vir abaixo. Mas era tudo rápido, um minuto se tanto. A calma voltava imediatamente, a fisionomia se recompunha, e o homem, que se havia transformado em fera, tornava a ser a criatura suave de momentos antes.

Tinha uma virtude que raramente se encontra no militar e no padre — a coragem de reconhecer e de confessar os erros que cometia. Não se julgava diminuído em pedir desculpas ao amigo que havia ofendido, nem em voltar atrás para consertar um ato errado. Depois de ter brigado com Benjamin Constant até quase ao duelo, mandou chamá-lo e, trancado com ele num quarto do Palácio de Itamarati, confessou o seu erro e dignamente lhe pediu o esquecimento para as ofensas que lhe fizera. E nessa ocasião era o ditador da República e tudo podia.

Os monarquistas acusaram-no de ter sido ingrato e desleal com Pedro II, destronando-o.

Ingrato por que? Do imperador não recebeu ele nenhum favor durante a vida. Tudo que teve do monarca foram prêmios de suas altas virtudes de soldado. Não houve um só pôsto que ele não o tivesse galgado por merecimento.



Um autógrafo em que se espelha o espírito decidido do marechal Deodoro: letra, uniforme, igual, segura, traçada sem hesitações.

LUIGI PIRANDELLO

COMO O CONHECI

UM GÊNIO MODESTO E SEMPRE DISPOSTO A ESTIMULAR OS MOÇOS

Por RUGGERO JACOBBI

DIRETOR teatral e cinematográfico na Itália, autor de uma "História da Cinematografia" e de lúcidos ensaios sobre letras e artes, Ruggero Jacobbi trouxe de sua pátria para o Brasil, onde acaba de radicar-se, uma brilhante cultura, uma inteligência vivacíssima e um nome já respeitado, nos jornais e magazines italianos.

Trabalhando presentemente na organização de uma antologia de poetas e prosadores brasileiros contemporâneos, a ser editada por uma casa italiana, e igualmente interessado na tradução de obras teatrais brasileiras para seu idioma, Ruggero Jacobbi, que conviveu com Luigi Pirandello, escreveu especialmente para REVISTA DA SEMANA este artigo sobre o grande dramaturgo, na oportunidade da apresentação de sua comédia "Vestir os Nós", pela C.E.N.A. no Teatro Serrador.

CONHECI um gênio. Eis uma das poucas coisas que um homem pode dizer com orgulho na vida. Nunca vi deuses. Desconfio dos heróis. Vi santos — mas leigos, profanos. Homens. Isto é que é bom: encontrar homens cuja grandeza não consiste em nada fora da humanidade. Diante deles não há desculpas: eles são da nossa mesma matéria, têm os mesmos instintos e sentimentos, continuam vivendo nas nossas mesmas cidades. Apenas eles têm a coragem enorme de se exprimir por completo: de ver tudo, de tudo amar, de não silenciar nada, de nunca se distrair, de nunca esconder-se. A lição é formidável: começa como uma consolação e acaba sendo uma angústia — um desespero ativo, estimulador.

Sempre que na vida me sentir fraco, espiritualmente covarde, pensarei em Luigi Pirandello. Voltarei àquela casa de Roma, menino de dezesseis anos. Sairei de lá à noite, com uma força estranha no peito — como esmagado por uma montanha de deveres a cumprir.

* * *

Pirandello gostava de gente nova. Na casa dele sempre havia rapazes carregados de contos, poemas e peças. Lia tudo. Conversava horas a fio com os autores das mais balbuciantes insignificâncias. Nunca se limitou a dizer «achei bom» ou «não gostei»; sempre corrigiu, discutiu, sublinhou, apontou erros. Certa vez reescreveu uma peça inteira. Colocava-se sempre do ponto de vista do autor: queria ajudá-lo a exprimir-se, sabia como fazer para não substituir-se a ele, estimulando com perguntas um processo mental que levasse o aprendiz a encontrar sozinho as soluções. Tinha passado a vida toda indagando sempre a mesma coisa: o que faz com que os indivíduos sejam indivíduos. Daí nascia esse respeito para com as personalidades, especialmente quando informes.

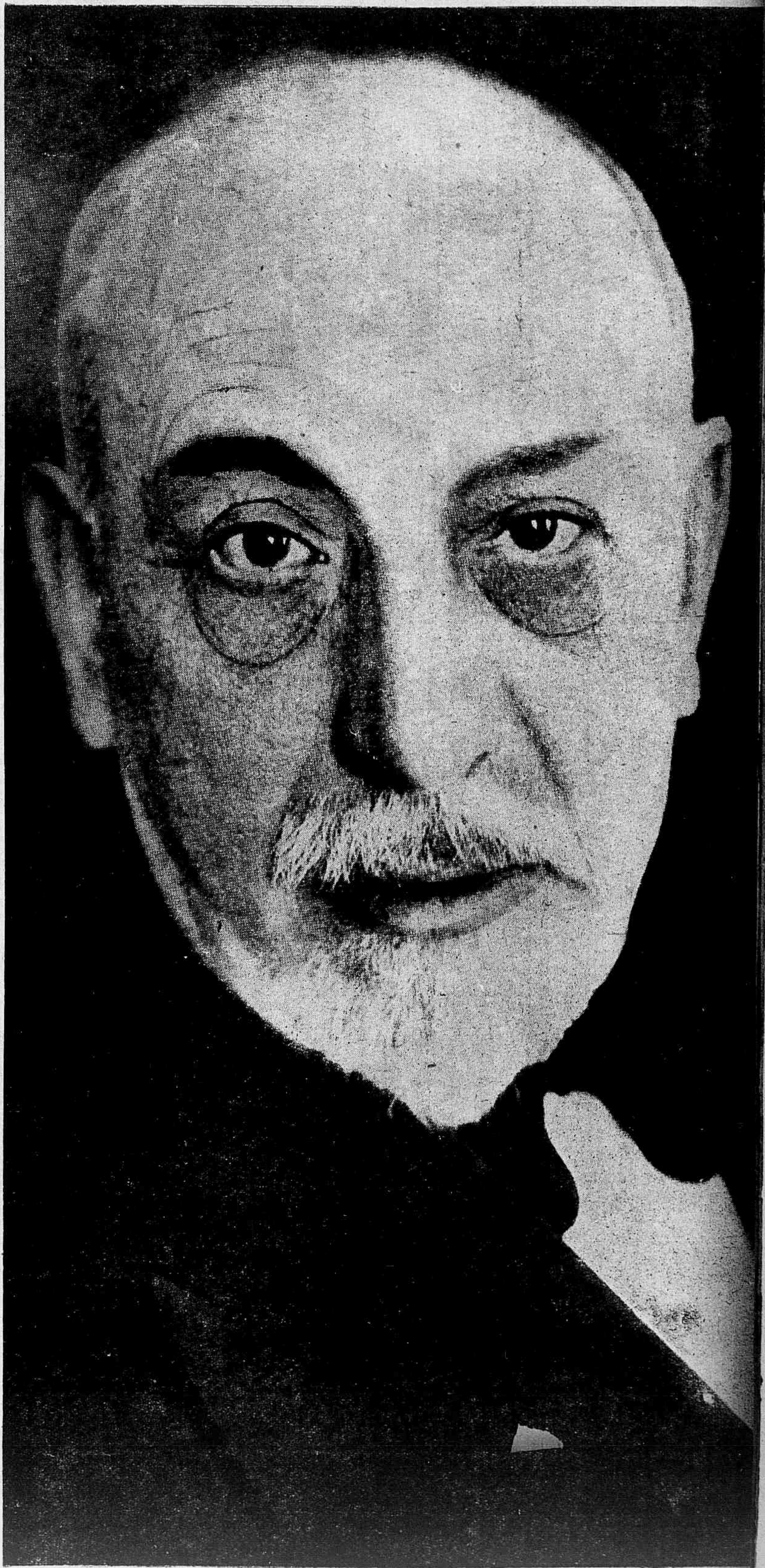
Pirandello andava cheio de afazeres, naqueles últimos dois anos entre o Prêmio Nobel e a morte. Provas para corrigir, ensaios para dirigir, e especialmente livros e peças para escrever. Depois de um curto período de silêncio, tinha surgido nele um escritor absolutamente novo, que desejava começar sua carreira com a mesma impaciência de um novato. O telefone chamava-o continuamente. Queixava-se dos negócios, que lhe roubavam tempo. Nunca, porém, lhe passou pela mente a idéia de que aquelas conversas conosco — com os «meninos» — pudessem ser uma perda de tempo. Porque elas faziam parte daquele milagroso rejuvenescimento.

Não gostava do que eu escrevia. Achava tudo aquilo literário de mais. Naturalmente tinha razão. Como, porém, aquelas minhas produções fossem quase exclusivamente em versos, sempre se escusava de dar uma opinião definitiva: «Eu não entendo muito de poesia — costumava dizer. — Já fui o pior poeta do mundo. Ademais, a gente nunca sabe se o seu destino é de continuar escrevendo versos a vida toda».

Os estrangeiros não sabem disso: que Pirandello escreveu versos até os cinquenta anos de idade, época em que começou a trabalhar no seu teatro. Escreveu dezoito volumes de versos, alternando-os com incontáveis obras de ficcionista. Não tinha jeito para poeta. Mas havia nele uma fonte de

(Cont. na pág. 48)

Luigi Pirandello. Prêmio Nobel de Literatura. Um dos maiores dramaturgos contemporâneos. Dêle já foram representadas no Brasil as peças "Il piacere dell'onestà" (A volúpia da honra), "A verdade de cada um" (Così è, se vi pare), "Vestir os nus" (Vestire gli nudi) e, agora, Pulcinella e Odifone prometem dar "seis personagens em busca de autor" (Sei personaggi in cerca d'autore).





NAHUM SIROTSKY, encarregado dos jornais falados da Globo, é paulista de nascimento. Seu ingresso no rádio data de 1946, quando, como jornalista brasileiro, fez comentários especiais para a National Broadcasting Company. Nessa ocasião entrevistou grandes personalidades, como Henry Wallace, Claude Peper, James Byrnes, Molotov e tantos outros. Regressando ao Brasil, teve a oportunidade de acompanhar Celestino Silveira a Bocayuva, auxiliando-o na reportagem sobre o eclipse. Tanto bastou para que passasse a integrar o quadro redatorial da PRE-3, onde vem trabalhando com bastante sucesso. Jornalista moderno, conhecendo todas as maneiras de conquistar o grande público, Nahum Sirotsky colabora com eficiência na programação da Globo, orientando a matéria de caráter informativo irradiada por essa emissora. Contando vinte e dois anos de idade, sua vocação para a imprensa o projetou no cenário jornalístico do Brasil, fazendo-o conquistar bons amigos e grandes inimigos. Fora da atividade radiofônica, exerce funções de redator do vespertino "O Globo". Sua grande ambição é tornar-se comentarista internacional, função que exerceu quando trabalhava na NBC. Nahum Sirotsky fala diversos idiomas, aprecia a boa leitura, gosta de cinema e não perde tempo com futilidades. Há pouco chefiou a equipe de jornalistas à Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz.



JOVITA Luna, graciosa artista que Fernando Borel trouxe na sua companhia de revistas, foi um dos elementos que a Rádio Nacional apresentou através de seus programas de estúdio. Interprete conscienciosa da melodia portenha, não lhe foi difícil conquistar a simpatia do público ouvinte, uma vez que os números de seu variado repertório são dos mais interessantes. Aparecendo ao público brasileiro através da ribalta, logo despertou o interesse dos radialistas patrióticos, passando a empregar seu valioso concurso ao "broadcasting" brasileiro, uma vez que em Buenos Aires ela era um número de grande aceitação. Natural da Argentina, ainda criança revelou seus pendoros para a carreira artística, logrando triunfar no rádio, no cinema e no teatro. Apaixonada de nossa terra, preferiu ficar entre nós a voltar as "calles" portenhas. Como prêmio a esse devotado amor ao Brasil, Chianca de Garcia acaba de contratá-la para seu novo elenco, devendo-a lançar na estreia de sua companhia. Com repertório próprio, voz bonita e educada, Jovita Luna será uma das grandes atrações da companhia do teatro João Caetano. Além de sua atuação no palco, é bem possível que volte a cantar para os ouvintes da PRE-8, satisfazendo, desse modo, os insistentes pedidos de seus fãs. No momento, Jovita Luna dedica-se a acurados ensaios.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

EDGARD Lafourcade, artista exclusivo da Rádio Mayrink Veiga, é um dos bons interpretes da música mexicana. Sua atuação nos programas de estúdio da PRE-9 colocou-o em posição invejável, fazendo recair sobre sua pessoa a simpatia de quantos apreciam as melodias do país azteca. Com vários anos de atividade ao microfone, não faz muito levou a efeito uma excursão, colhendo os melhores resultados, quer artísticos, quer financeiros. Edgard Lafourcade tem em Agustín Lara, um de seus compositores preferidos, daí o número de composições desse autor que incluiu no seu cuidado repertório. Cantando nos principais programas da Mayrink Veiga, ainda presta sua colaboração ao "Programa Casé", interpretando números do cancionero internacional. Dono de bonita voz, com o cartaz garantido e usufruindo ótima posição, nem por isso ostenta pose, atendendo com urbanidade os fãs, os quais ele considera o termômetro da carreira artística de qualquer cantor. Apreciador dos filmes musicados, é um colecionador de gravações, possuindo regular número de discos, muitos dos quais de seus astros prediletos. Quando o rádio lhe concede uma folga, Edgard Lafourcade vai gozá-la na praia ou no campo, esquecido de tudo. Sua grande ambição é continuar agradando a quantos procuram ouvi-lo.

VALY Cunha, intérprete de nossa música folclórica, figura entre as artistas de maior popularidade, conquanto não se dedique muito à publicidade. Sua atividade radiofônica está ligada aos principais prefixos cariocas. Tendo cantado ao microfone da Rádio Globo, depois ingressou no "cast" da Tamóio, daí se transferindo para a "Jornal do Brasil". Excursionou por vários Estados, tomou parte em diversos espetáculos artísticos, cantou em festas de caridade e tem participado intensamente dos movimentos radiofônicos. Conhecedora de nosso folclore, uma vez que se dedica ao trabalho de pesquisa das melodias populares do Brasil, sua arte é bastante apreciada, sendo inúmeros os louvores recebidos. Fora do rádio, Valy Cunha já teve oportunidade de trabalhar numa das boites cariocas, sendo bem sucedida no contacto mantido com o público. O cinema, por sua vez, tentou aproveitá-la, mas compromissos outros a privaram de enfrentar a câmera. Dona de bom material de voz, com um repertório dos mais ricos, não lhe tem sido difícil aproveitar as oportunidades que se lhe oferecem. Estudiosa dos assuntos ligados ao nosso passado, nem por isso despreza os romances de aventuras policiais. Acompanha também as aventuras de Brucutu e não perde os capítulos das novelas da PRE-8.



A RREPIADO, tremulando as asas mal abertas, bico escancarado, o João de Barro gritou o seu canto no cimo de um mourão da porteira.

— Barreiro, quando a fêmea anda com outro, tira vingança, moço!

— Como? Não me vai dizer que o pássaro sabe dar tiro ou usar faca como a gente destes pagos! Abanou a cabeça:

— Não precisa. Veja lá em cima deste poste. Viu?

— Uma casa de barreiro.

— Sem entrada... Tudo fechado. Ali dentro estão dois passarinhos mortos. Aquilo foi vingança de barreiro.

— Quer dizer que quando o macho surpreende a traição...

* * *

Laércio havia tomado as dores pelo rapaz. Aquêle brutamontes do Castelhana tinha implicado com o Bentinho. Agora, pretextando um tropeção que o outro lhe dera à passagem, resolvera tirar aquela cisma com o moço da fazenda das Malvas.

Pegara o Bentinho pela gola da camisa, levantara-o ao ar, como um palito, e jogara-o sobre o balcão, entre os copos e as garrafas, que tinham quebrando-se, enquanto o sangue escorria pelo zinco, misturado com a cerveja derramada.

Laércio sentira doer-lhe aquilo, como se o fizessem com o próprio filho. Aquêle filho que se não fosse a sangueira do Poncho Verde estaria taludo como o Bentinho! O seu Toneco! Um menino ainda, que morrera lutando ao lado dele, atravessado pela lança de um soldado do Nepomuceno. Desde aí tinha birra de castelhanos e de revoluções.

Quando deu por si estava diante do brutamontes,

rilhando os dentes, com o trinta-e-oito apertado na mão: «Seu...».

Ao palavrão, o sangue subira de novo às faces do agressor de Bentinho, que se havia feito de cera ante o revólver.

Uma cadeirada desceu sobre a cabeça do Laércio, vibrada por um amigo de Castelhana, à traição. Então, êle deu ao gatilho: viu cair um, dois...

Castelhana já estava por trás do balcão e o alvejara. Outros tiros se cruzaram, as mesas viraram, cadeiras voaram.

Gomes e Leandro estavam do seu lado e atiravam no grupo de Castelhana, mais numeroso.

Uma bala raspou a testa de Laércio, e o sangue cegou-o por instantes. O outro gritou:

— Toma, «hijo de perra»!

— Bala trocada não dói! — respondeu o ferido, enxugando a fronte com a mão.

Neste momento, aproveitando a trégua, Castelhana escalava a janela do boliche. Passara uma perna e, sempre empunhando a arma, baixou a cabeça por sob a vidraça, arqueando o dorso enorme.

Então, como um corisco, alguma coisa saltou sobre estas costas, martelando-as, martelando-as...

Viu-se Castelhana amolecer o corpo, pendurar-se ao peitoral da janela e abater-se na rua, pesadamente, num barulho de fardo chocando-se nas pedras, num tinir de esportes, arranhando o chão.

Tendo à mão uma faca de sangrar capados, apanhada numa prateleira, Bentinho virou-se então à procura de novo inimigo. Mas os demais haviam escapado, e só os dois que Laércio havia atingido na barriga estertoravam no chão.

Laércio dirigiu-se ao rapaz:

— Não devias ferir pelas costas!

— Êle me quis matar! Vinguei-me...

JOÃO DE BARRO

— Podias esperar. És moço, êle também o era... Na campanha há sempre ocasião de ajustarmos contas, frente a frente.

— Não gosto de esperar em certas coisas... — e encolheu os ombros.

— Bem, anda daí, Vamos embora antes que cheguem os milicianos. Vai p'ra tua casa, rapaz.

— Eu trabalhava no rancho do irmão dele... — apontou com o beijo para o lado da janela, atrás da qual estava o cadáver.

Laércio pensou um pouco.

— Anda daí, vem comigo. No meu piquete há lugar pro teu cavalo.

Durante vários anos o lobuno de Laércio e o douradinho de Bentinho pastaram a mesma grama e esperaram juntos sob a mesma figueira, à beira do rio, ou, atados aos mourões dos boliche mais próximos; viram clarear juntos muita madrugada de fandango.

Mas um dia o rio encheu de súbito. E Laércio, que fôra arrebanhar umas novilhas do outro lado, não pôde voltar pelo vau. Em vão, porém, o compadre Leandro o quis reter no seu rancho — esperasse descer as águas, até o dia seguinte!

O gaúcho teimou, e foi passar duas léguas abaixo, onde havia a ponte da estrada real.

Chegou a casa quando a passarinhada despertava. Os barreiros, arrepiando as penas do pescoço, tremelizando as asas caídas, gritavam na neblina, parecendo reclamar o sol.

(Continua na pág. 48)

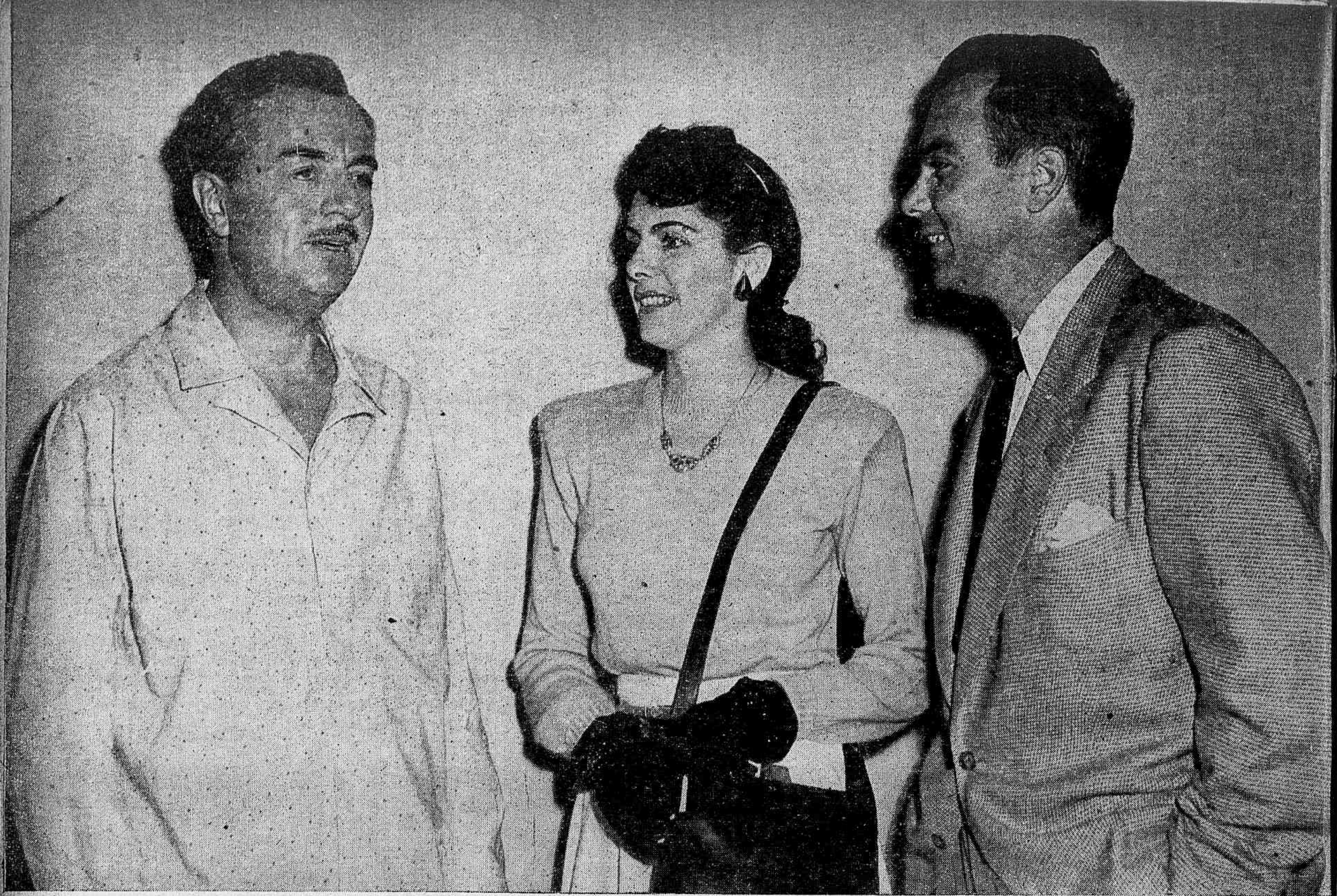
Conto de ALBERTO LEAL



Ilustração de F. PEREIRA

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"





Em cima: William Powell, no estúdio da Universal, quando falava ao nosso correspondente especial em Hollywood, vendo-se ao centro a senhora Luís Serrano. Ele fez questão de tê-la no flagrante, em homenagem às "South American Ladies". Em baixo: William Powell, caracterizado para a filmagem de "The Senator Was Indiscreet", ao lado de sua jovem esposa, a atriz Diana Lewis.



WILLIAM POWELL ESTÁ DE CABELOS BRANCOS

COMO UM ANCIÃO É QUE ÉLE APARECE NA NOVA COMÉDIA DA UNIVERSAL — DEPOIS DE "MINHA VIDA COM PAPAI", "THE SENATOR WAS INDISCREET", FILME QUE REVELA OS BASTIDORES POLÍTICOS DE WASHINGTON

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de A CENA e REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

ASTRO da tela há vinte anos, e com inúmeros grandes desempenhos, William Powell acaba de provar uma vez mais a sua grande «classe» em dois papéis consecutivos, tão deliciosos como todos os outros da sua carreira.

Primeiro no homem de negócios da antiga Nova York, em «Life With Father» (Minha vida com papai), da Warner, e agora no senador dos Estados Unidos, em «The Senator Was Indiscreet», da Universal-International.

Qualquer destes dois papéis seria suficiente para consagrar um ator. William Powell, no entanto, além deles tem mais alguns verdadeiramente consagradores, como os da série Nick Charles, os Ziegfeld e muitos outros, sempre recordados pelos admiradores.

Nesta sua fase mais recente, William Powell abandona os papéis estritamente românticos para fazer um pai e esposo severíssimo e um senador de cabelos brancos, o pomposo Melvin Ashton. Nenhum romance neste último, sendo que o caráter é até antipático. Não obstante, Bill Powell o aceitou com enorme satisfação, interessando-se bastante por levá-lo a cabo com o máximo de fidelidade, como sempre tem feito neste seu quarto de século de cinema.

A invejável posição que hoje desfruta no cenário cinematográfico contrasta bastante com os seus primeiros dias de ator, dias difíceis e cheios de incerteza. Muitas vezes sem emprego e sem tostão por semanas a fio, sua coragem só não foi vencida pela certeza íntima de ter escolhido a profissão exata.

Bill Powell foi o filho único do contador Horatio W. Powell e da senhora Nettie Powell, ambos da Pennsylvania. Nasceu em Pittsburgh, no dia 20 de julho. Estudou primeiro na cidade natal e depois em Kansas City, para onde se mudara. Era desejo dos pais que se formasse em Direito, com o que concordou, até que tomou parte numa peça escolar de fim de ano. Sentiu-se, então, inclinado para os debates e para a oratória, o que para os seus pais significava um futuro advogado e para ele um desejo crescente de representar. E esse desejo aumentou quando figurou numa segunda peça. Depois disso, nunca mais William Powell duvidou da sua verdadeira vocação. Indicado para orador da turma, escolheu um tema comparável a «Calabar» no Brasil. Apesar de bem ingrato o assunto, foi entusiasticamente aplaudido.

Impressionados, seus pais firmaram-se mais ainda na idéia da advocacia. E ele chegou a visitar a universidade onde deveria fazer o curso, quando resolveu arranjar um emprego que lhe permitisse cursar a Academia de Arte Dramática de Nova York. Com 50 dólares mensais, trabalhando na Companhia Telefônica, não tinha possibilidades de economizar.

Desesperado, voltou-se para uma tia endinheirada, cujas relações com a família eram das mais frias. Numa carta de vinte e três páginas, solicitou-lhe um empréstimo de mil e quatrocentos dólares, para custeio de dois anos de estudo na Academia de Arte Dramática. E, para surpresa de todos os Powell existentes, a velha tia mandou-lhe um cheque de setecentos dólares, e ele ingressou na mesma hora na Academia.

Confessa-me Bill que só conseguiu pagar o empréstimo depois que entrou para o cinema, pois, embora tivesse feito sucesso no palco, a remuneração nunca deu para mais nada além de casa, comida e roupa. Essa escassez de «gaita», acrescenta ele, foi a grande razão por que passou a namorar o cinema.

Voltando à nossa história, os setecentos dólares se evaporaram em seis meses. Bill foi obrigado a procurar trabalho e conseguiu uma parte numa peça, que não resistiu às valas mais de duas semanas. Mas Bill ainda conseguiu trabalho para mais quatro semanas, e foi só, durante aquele inverno. Conforme ele próprio, «o pior inverno de toda a minha vida».

Na primavera, porém, a sorte mudou. Personificou um grande patife numa peça que aguentou duas temporadas, e nos quatro anos seguintes o trabalho não lhe faltou. Passou-os sempre em Nova York, tomando parte



Dois retratos do álbum de família de William Powell, nos quais aparece com quatro e cinco anos de idade, respectivamente. Mesmo garoto, ele já tinha aquele jeito de olhar que provoca bofetões...



em mais de duzentas peças, inclusive de Shakespeare. A última em que figurou foi «Spanish Love», que ficou dois anos em cartaz e firmou a reputação de William Powell. Sua suavidade e aquele tom sarcástico da sua voz, qualidades hoje queridas dos fãs, fizeram época na Broadway.

Bill herdara do pai o hábito da economia mas, apesar de todo o sucesso que lograra nos palcos, não possuía um só tostão que o amparasse num dia difícil ou na velhice. E foi por isso que aceitou imediatamente quando Al Parker o convidou para um pequeno papel num filme que estava fazendo, «Sherlock Holmes». Essa sua estréia cinematográfica deu-se em 1921, numa breve ponta ao lado de John Barrymore. A seguir personificou Francisco I, o vilão, ao lado de Marion Davies. Repetiu a vilania em «The Spanish Shawl», com Richard Barthelmess. Pouco depois viajou para a Europa com Ronald Colman para a filmagem de «Romola».

Posteriormente, em Hollywood, Bill Powell, Ronald Colman e Richard Barthelmess tornaram-se amigos inseparáveis e formaram a trinca de «conquistadores» daqueles primeiros dias do grande centro cinematográfico, que então começava a se desenvolver.

Bill foi primeiro para Hollywood contratado pela Paramount, aparecendo em «Beau Geste» e em mais alguns filmes em que fez papéis de detectives. Depois, num desses acontecimentos escandalosos como hoje se dão no Brasil com os jogadores de futebol, a Warner Bros. «cantou» Bill Powell e o arrancou da Paramount. Durante muitos anos ele estrelou no estúdio de Burbank. Emprestado à Metro, trabalhou pela primeira vez ao lado de Myrna Loy, sua futura «esposa cinematográfica» na famosa série Nick Charles. Assim que expirou o contrato com a Warner, a Metro carregou-o. Seu primeiro trabalho dentro do novo contrato foi o primeiro filme da série Nick Charles. Rodada em dezoito dias, a película marcou época, provando que os dramas de mistério podiam ser desenvolvidos com uma ponta cômica. Em seguida Bill logrou uma série de grandes triunfos, trabalhando com Jean Harlow, Luise Rainer, Rosalind Russell, Clark Gable, Spencer Tracy, Joan Crawford e Robert Montgomery.

Durante este período correram muitos boatos de um noivado com Jean Harlow, mas todos falsos.

(Cont. na pág 47)

William Powell ao lado de Irene Dunne, que faz o papel de sua esposa em «Minha vida com papai», na adaptação em technicolor da famosa comédia teatral de Clarence Day, Russell Crouse e Howard Lindsay, — a peça que bateu o «record» de representações consecutivas de todos os tempos nos Estados Unidos.



O trem para Monte Alegre acabou de passar. Desceram um turco, comerciante no lugar, e mais dois caixeiros-viajantes. Foi desembarcado o único caixote despachado para Sorte Grande. O chefe da estação mandou recolhê-lo; deu uma espiadela num grupinho que lia as notícias chegadas da capital.

Eram dez e trinta e cinco quando o trem partiu. Bituca saiu resmungando porque aqueles cinco minutos mostravam o atraso. Também demorava tanto nas outras estações. Com ele, não; era na ordem. E saiu com aquele passo cadenciado de quem é importante e mandão.

Não era preciso pressa. A vida correria todos os dias igualzinha. Amanhã outro trem viria correndo nos mesmos trilhos, assim ininterruptamente aquela sineta, o apito e depois o movimento da bandeira e resfolegar da máquina. Mais uma vez consultaria o relógio e ia resmungar porque o trem para Monte Alegre partira atrasado.

Aquela gente nas janelas não se cansava de ver os comboios à procura duma novidade. As eternas moças de olhos compridos que sempre esperam um destino diferente que salta daquela janelinha como a mágica do prestidigitador. O aparecimento da realidade dum sonho sempre sonhado: o desconhecido príncipe encantado. E toda amanhã, toda tarde o trem passa e a fumaça suja a paisagem.

A vida era a repetição. Cansativa. Mais cinco ou dez minutos de atraso seria sempre o mesmo. Por isso...

Pouco depois um do bando dobrava, com cuidado, o diário e antes de retirar voltou a idéia que predominava.

Belinha... Fosse interessantes as notícias dos jornais, no povoado houvesse mais recentes, como a subscrição para a festa de Nossa Senhora, o trem dava uma vida quase fictícia. Aquelas dúzias de casas não valiam nada. Os assuntos morriam quando o trem sumia por trás da serra do Comial. A vida alheia do vizinho ainda era o prato de maior resistência.

A moralidade tem sua época e seus meridianos. Na província a moral era draconiana. O figurino pode ser atrasado, porém tem que ser obedecido.

Falar todo mundo fala, porque a conversa ainda não era coisa proibida como o pecado. Mas falar da vida alheia é uma das maiores delícias da vida. Principalmente quando se está morrendo de tédio.

Belinha voltava ao cartaz. Aliás não sala do cartaz. Faltava um assunto para Sorte Grande. O assunto apareceu. Era maravilhoso porque era a mulher do próximo. Quantos enredos! Quantas deduções! A imaginação trabalhava solta. Dava-se pasto a todos os recalques.

O sossêgo não estava matando aquela gente de tédio?

Agora, mesmo sem Falstaff, as alegres comadres podiam fazer um ato shakespeariano... O palco estava iluminado, a platéia rejubilava-se. Embora apreensiva. Não era para menos. Pelo menos três pessoas eram culpadas. Três, talvez não. Duas. Ou melhor: uma.

Belinha tinha tomado conta de Sorte Grande. Era de admirar como Bituca se deixava levar pela esposa. Ele que mandava tanto na estação... Ninguém sabia como a esposa, mulher franzina, voz macia, podia se impor a um homem tão forte e gordo! E era homem para mandar. Educado desde pequeno naquele ambiente, o destino levou-o rapidamente a chefe de estação; tinha um jeito todo especial com as pessoas que entravam e saíam no seu domínio, e acabou adquirindo um vozeirão que impunha. Honesto, respeitador, dominando aos mais importantes, mandando em todos os pequenos, tinha prestígio com a farda e o boné de ferroviário graduado.

Dona Belinha era o contrário. Branda, falar macio, sempre alisando a cabeça da filhinha, quando

alguém a encarava abaixava os olhos como envergonhada. Escondia os olhos negros onde apareciam as pestanas sobre olheiras azuladas, lábios finos, sorridente. Enigmática como Gioconda.

O trem para Monte Alegre acabara de passar. Dele descera um rapaz franzino. Na plataforma quase esbarrou com o Bituca e pediu-lhe informações. Vinha com uma carta de recomendação do irmão do prefeito de Três Barras para dona Rosária Gonçalves. O vozeirão do chefe fez-se ouvir indicando uma casinha entre o quilômetro duzentos e nove e o cemitério. E ao partir o rapaz, ficou sorrindo imaginando como passaria ele numa casa onde morava tão esquisita velhota.

Podem falar o que quiserem e dizer todo o bem possível sobre o nosso espírito hospitaleiro, acolhedor, mas o forasteiro é sempre um estranho, e um estranho é olhado de alto a baixo. Daqui que se faça uma investigação em regra, se conjecture em conversas e reticências a biografia que deve ser toda catalogada para sossegar a polícia de costumes, o visitante fica no pelourinho.

Magro, apagado, sem sonho, ninguém lhe sabia o passado; mas, para não ser pesado à velha Rosária, contara a Bituca que era professor, chamava-se Anésio Peixoto, vinte e oito anos, abandonara os estudos porque seu organismo não se dava com o clima da capital, e por ali ser montanha escolhera Sorte Grande.

Naquele ermo, onde qualquer mocinha fugia para ser professora nas cidades circunvizinhas, só mesmo um deserddado da sorte poderia ser professor.

Era costume do Bituca, em casa, falar nos horários dos trens, do número de passageiros, nas atrapalhadas de fretes e bagagens, hoje, amanhã, igualzinho a semana passada. Vida igual, comum, banal, repetida.

Com um sorriso, o chefe contava a história do hóspede que o irmão do prefeito de Três Barras mandara para a velha do quilômetro duzentos e nove. Mas a história do professor era diferente. Tudo começa pela curiosidade.

Dona Belinha levantara os olhos negros e pestanudos, parara de alisar a cabeça loura da filha e lembrou que Leninha estava na época de começar os estudos; e, como sempre fora contrária a mandar a filhinha para a escola pública, o rapaz viria dar-lhe lições em casa. Ela, sempre atarefada com os doces para mandar para a estação e as costuras, não podia dar muita atenção à filha.

— Mas não há o curso das irmãs Portela?

— A menina ainda está pequena e vai sentir muito acanhamento. E aqui está sempre junto de mim e alimenta-se melhor.

Os olhos negros e longos foram fechando devagar, num contentamento que ninguém percebia.

No largo há uma igreja para amparo das almas que precisam do céu. Pequenas elevações mostram que houve canteiros que floriram muito no tempo do bom padre Miguel. Agora o tempo desfez e a preguiça deixou morrer o último pé de dália coberto pela tiririca.

A vida, com os minutos e dias contados meticulosamente como os remédios, levava tudo para o ramerrão que cansa. No dia seguinte lá vinha o remédio pingado e contado e a vida copiando, repetindo, copiando... Um pio triste de pássaro, um canto de galo que não encontra resposta, tudo quieto, sem eco.

Igrejinha branca, parece o enfeite mais bonito de Sorte Grande. Depois vêm os recortes dos morros azuis, verdes, roxos, aquarela arrumadinha como quadro de moça.

A existência de Belinha, que parecia a sua escolhida, no entanto estava adormecida na vida monótona, vulgar, na banalidade do ambiente, era um destino frustrado, abortados todos os seus so-

nhos de moça idealizando a vida das grandes cidades.

O homem estranho, vindo de longe, que lhe entrou pela casa a dentro falando de outras coisas, era o professor da filhinha...

Olhou para o rapaz e seus olhos negros e longos pareciam acariciar o impossível.

Veio uma claridade que não era do sol que morria. Uma luz diferente...

Como se todos fossem obrigados a ser honestos, iguais, ou se o amor só tivesse uma face, a face convencional do quotidiano. Por isso não foi atração cega. Instinto? Foi a luz diferente. Era o meio, a convivência, a monotonia.

Em muitos crimes ninguém se lembra da monotonia como principal culpada.

E dizer-se que os tímidos não amam!

Também para os bisbilhoteiros apareceu outra luz...

Sorte Grande não tem nem um cinema para distrair suas almas ávidas dum divertimento, dum recreio. Também, dali, não se poderá dizer que é diversão cinematográfica que deseduca os espíritos puros e bons, como acontece nas cidades tentaculares e cheias de vícios e enredos complicados. Mesmo sem cinema, mesmo sem ensinamentos perversos dessa distração semanal, os olhares distraídos de dona Nenem deram com o professor saindo da casa do chefe da estação, muito sorridente, enquanto dona Belinha, de olhos baixos, sorriso de Gioconda, alisava os fios lourados da cabeça de Helena.

Dona Nenem pode guardar tudo, menos uma dúvida.

Era preciso observar melhor. Era preciso ter certeza.

Era preciso que as amigas ajudassem a descobrir. Era preciso...

Cada habitante feminino vê o caso à sua maneira e quase todos são unânimes em afirmar. Afirmar o que? Ninguém tinha coragem de prosseguir.

Mas a moral era draconiana.

— A senhora nunca leu Eça?

— Quem é Eça?

As comadres exigiam para todos o cinto da castidade.

— Mas é regime feudal?

— Só para a alma.

Não há polícia no lugar. Nem mesmo cadeia. Mas a polícia de costumes é ali um fato consumado. Todos os seus habitantezinhos se arvoram em censores da honra alheia. Palmatória do mundo? Não. Porém palmatória de Sorte Grande. Em qualquer tergiversar (síncope da moral ou claudicar do pudor) do preceito bíblico da mulher do próximo ou reedição do capítulo de opereta do «marido enganado» o marido não terá o papel da opereta, sendo o último a saber. Nada de esperar a mudança do sofá.

Na hora do trem, na platformazinha, na porta da farmácia, no fundo do bar, no bilhar ou melhor na rodinha da bisca, o alarme é dado, sendo o espóso esbulhado informado mais ou menos minuciosamente para desagravo do meio social. Evita-se o estardalhaço das grandes cidades, onde os jornais precisam ter assunto retumbante.

O cabeça do casal é criteriosamente pôsto a par de tudo. E como nos cenários pequenos só acontecem dramas relativamente pequenos, todos estão mergulhados no drama como se fossem comparsas ou culpados; mas tudo é pequeno — alegrias ou dores — não pertence a uma só pessoa, faz parte da coletividade; mas o entreccho sentimental não chega a abalar os municípios circunvizinhos. Contudo o marido toma precauções, mudando-se ou mandando a «companheira» visitar parentes distantes, e a honra do lar é lavada sem sangue.

Mas o alvoroço tomava conta de tudo.

Era um assunto novo. Por algum tempo afugentaria o tédio.

ade

E o assunto veio vindo, entrando como um maléfico vento sul pelas frinchas das janelas, frio, cortante, tomando conta de todas as criaturas.

— Mas ora veja, quem havia de dizer que... Logo quem? E ainda... Quem é que pode confiar em mulher. Enfim... cala-te, boca.

Mas ninguém se calou.

Dizeram que... talvez não tivesse visto, porém podia ser, porque contaram deles contudo sem afirmar, mesmo sendo duvidoso, só havendo quem ouvisse, e o zum-zum veio vindo, tocando de boreste e encurralando no adro da igreja com um bordejão pela porta da farmácia e espiadela na estação e, enquanto esperavam o trem das dez e meia, esquelhavam umas olhadelas compridas para ao menos se certificar de que os nervos do Bicudo eram mesmo calmos.

Ninguém mais descansou. Todos falavam e cochichavam, e a imaginação fazia o resto. A maledicência estava nas suas grandes noites de orgia.

Quando Bituca entrava no café e ia até a sala do fundo onde fica o bilhar, para encontrar os velhos parceiros, nem sentia que as conversas tinham mudado. Repentinamente. Era mesmo opereta: só o Bituca tudo ignorava. Belinha aparentava uma calma angelical, serena como só pode aparentar serenidade a mulher quando no espírito há um drama e um crime no coração. E isto enfezava mais os moralistas.

A doce Belinha, que conseguira mandar no forte Bituca, era agora dominada pelo professor raquítico.

— Não é possível! Pois ela tem tanta ascendência sobre o chefe da estação, como é que se deixa dominar por um tuberculoso?

— Só pode ser amor.

— Amor de velha...

— Velha não, que ela é da minha idade.

Mas o problema psicológico multiplica-se. Ninguém ali leu «Tereza Raquin», para saber que a mulher dejava o homem forte. Se lessem, a história ficaria ainda mais complicada, porque a doce Belinha manda no chefe; porém era, sem querer, completamente governada pelo franzino Peixoto.

— Belinha, diz a «seu» Bituca para mandar apressar as listas dos festeiros para o dia de Nossa Senhora da Glória.

No dia seguinte Bituca estava agindo como se fosse ele o espírito administrativo de apressar os festejos.

E lá podia entrar na cachola de alguém que o anêmico Anésio inspirasse paixão?

De tanto bisbilhotarem, de tanto ficarem de alcatéia e medirem os passos do terceto amoroso, ou melhor geometricamente, medirem os ângulos do triângulo, vieram à luz das comadres e compadres fatos absurdos de tão realistas.

Vozes de todos os cantos. Todo mundo fala, cochila, murmura. Stendhal aconselhava que não se deve nunca nada repetir sem um exame prévio; do contrário a pessoa se expõe a leviandade. E em matéria matrimonial nada mais perigoso do que repetir sem um exame prévio. Aliás o exame também pode falhar...

Quem é que ia amoiatar nas redondezas da casa do Bicudo para verificar a verdade? Sim, porque a verdade tem que ser verificada. Não sendo verdade dá nessas entalhadelas de que ninguém sabe como começou e muito menos como vai acabar.

Sorte Grande está nos seus grandes dias. Tem assunto para matar o tédio.

- Mas por que não aparece o ciúme?
- Então todos são obrigados a ter ciúmes?
- Um dos dois tem de ser o pecador.
- Aliás os três têm culpa no cartório...
- Mas quem é réu?
- Até parece doente de tanta resignação.
- E tomam café juntos, lá no bar!



A VIDA DE JOHN LOCKE

(1632 — 1704)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

«Logo que me vi no mundo encontrei-me numa «tempestade», escreveu John Locke a propósito do seu nascimento. A «tempestade» verificou-se na pequena cidade de Wrington, ao norte de Somersetshire. Era, com efeito, uma tempestade, um tornado de inquietação política que de Whitehall se espalhara pelo interior ensolarado de Inglaterra. O rei Carlos I — primeiro em intolerância, arrogância e tirania — dissolvera o Parlamento inglês e tentara governar sozinho. A grande luta entre o direito divino da realeza e a realeza divina do direito, deixara o reino da teoria política. Era, aquela, uma época em que se punham à prova os corações e em que se rompiam as cabeças.

O pai de John Locke era um advogado do interior que acreditava na liberdade. Tomou armas contra o rei e alistou-se na cavalaria. Espalharam-se, os revolucionários, pela Inglaterra. Arrebataram a Carlos o seu trono e aliviaram-no de sua cabeça. O estrondo da coroa real ao cair do cadafalso fez-se ouvir no mundo todo. Um povo livre ousara levantar-se e desafiar a santidade da lei investida na pessoa do rei. Tinham-no chamado a julgamento; tinham-no acusado de crime contra a soberania popular e tinham-no feito pagar por esse crime, pela transgressão premeditada de um só contra as prerrogativas de muitos. Tremaram os sangue-azuis de toda a Europa sobre as suas botas de salto alto e, ternamente, apalpam o plúmbo pescoço. Numa vasta e solitária extensão, a muitos milhares de milhas de distância, bandos de pioneiros puritanos, expulsos de seus lares em razão de suas crenças religiosas, sob o regime de Carlos, esfregaram as mãos frias sobre as suas lajeiras da Nova Inglaterra e sentiram-se vingados.

Tais foram os tempos inquietos da infância de John Locke. Em todos os sítios, à volta dele, havia disputas e derrame de sangue. Quando Carlos foi desonrosamente demitido das fileiras da vida, limitou-se Oliverio Cromwell a substituir uma tirania por outra. Durante onze anos foi, a Inglaterra, uma ditadura militar. O período escolar de John Locke foi miserável. Educaram-no segundo os dogmas puritanos. Os chefes do Estado, «divinamente eleitos» embora não elegidos popularmente, tinham suprimido toda a liberdade do instinto na educação. A vida estudantina era apenas um lúgubre desfile de sermões. Em toda a Inglaterra, os teólogos administravam surras espirituais aos estudantes, por não atentarem estes em sua salvação com uma fúnebre e adequada reverência.

Em todos os recantos do país o Dogma devorava o Dogma. A intolerância estava na ordem do dia. Em seu próprio lar, entretanto, encontrou John a tolerância adequada. Viva, a família Locke, uma vida de cooperação livre e igual. Quando Locke atingiu a maioridade chamou-o, o pai, em seu escritório e disse-lhe: «Meu rapaz, devo-te desculpas».

«Por que, pai?»

«Creio que uma vez, há vários anos, perdi a calma e te bati.»

II

Aos vinte anos de idade, entrou Locke na Igreja de Cristo, em Oxford. Não sentia prazer em estudar. Era-lhe a educação pouco melhor que um exílio que tivesse imposto a si mesmo. Tinha o currículo tanta alma quanta existia na palmatória de seu mestre. E o ensino mal alcançava uma parte mais susceptível da anatomia. «Descobri que muito pouca luz me era trazida ao entendimento», ob-

servou Locke, falando de seu curso universitário, vários anos depois. Entendeu que a escola não o conduzia a nada. Enganava-se, porém. Desenvolvia-se-lhe no íntimo, saudável desprezo pela educação dogmática e foi tão violenta a sua reação que, sem o saber, estabelecia o fundamento de um novo sistema de conhecimento. Tal é o benéfico efeito de um mau ensino sobre o espírito de um pensador.

Pouco depois de sua formatura foi nomeado professor de grego na Igreja de Cristo. Em adição aos seus deveres acadêmicos entrou a interessar-se por política prática e pelas pesquisas médicas — bom começo para um rapaz que despreza os estudos em seus dias de estudantes.

Por volta dos vinte e cinco anos, viu-se privado de toda a sua família. Morreram-lhe a mãe quando ele era ainda uma criança. O pai sucumbira a uma enfermidade pulmonar pouco depois da formatura do filho. Acompanhou-o seu único irmão, pouco depois. O jovem filósofo bem que precisava de sua filosofia.

Os deuses, porém, tinham-no dotado de um esplêndido talento — o poder de fazer amigos. As numerosas amizades transformaram-lhe a vida numa «festa contínua de alegria».

Um de seus amigos mais íntimos era Lord Ashley, influente par do reino. Conheceram-se, Locke, quando ainda estudante em Oxford (em

1666), poucos anos depois de Cromwell e os seus impertigados puritanos terem sido despojados do poder. Fora trazido de volta o regime Stuart sob a chefia faceta de Carlos II. Restauraram-se, furiosos, os prazeres de uma sociedade recaída. Transformou-se a obscenidade em uma das belas-arts. Sistematizou-se a depravação por ordem da corte. A velha solteirona, Tudor Bess, já mais sonhara com aquilo em seus momentos mais imodestos. E os seus sonhos não tinham ficado acima de suspeitas.

Socorreu-se, Carlos, da licenciatura como meio de restaurar o governo sem licença de seus pais. A velha serpe do absolutismo arastava-se debaixo da árvore da ciência e estava com o povo que este colhesse os frutos do pecado. Era o tempo da colheita na Alegre Inglaterra. Mas não tardaria a chegar o inverno.

Lord Ashley, o recente amigo de Locke, era um dos mais destacados opositores políticos do rei, de suas depravações e de seus «direitos» divinos. Batia-se pela decência do governo parlamentar. Assim, era iminente novo choque entre o rei e a classe média. E Locke haveria de ter um excelente ponto de observação no grande drama político prestes a instaurar-se.

Locke, todavia, não tinha inclinação para espectador. Era ator por natureza. Conquanto tivesse a esse tempo, atingido notabilíss-

ma proficiência nos estudos, já não era um simples acadêmico. Era, no verdadeiro sentido da palavra, um douto, um profissional do saber. A maior parte das pessoas, ao grangear o saber, perdem o bom senso — isto é, o senso dos interesses comuns da humanidade. Tornam-se exclusivistas, aristocráticos, distantes. Têm o seu conhecimento na conta de um perfume raro e volátil que precisam conservar cuidadosamente selado afim de que se não escape e evapore no ar. Locke, porém, admitia toda a gente no espaço aberto do seu pensamento. Convidava os que haviam sido dotados de um par sadio de narinas, a sorver um hausto liberal de bom ar puro. Partilhemos todos da fragrância do conhecimento. Beneficiemo-nos, todos com ele.

Entre os primeiros a tirar partido do extraordinário conhecimento de Locke estavam Lord Ashley e sua família. Tornou-se, Locke, conselheiro de Lord e Lady Ashley, tutor de seus filhos e médico de todos. Quando o filho mais velho de Lord Ashley atingiu a idade casadoura, Locke descobriu-lhe uma esposa. E quando a jovem Lady Ashley se viu na iminência de dar à luz ele lhe ofereceu os seus serviços de obstetriz. Nessa conjuntura não havia recebido o diploma de médico nem jamais exercera a medicina. Toda a sua Ciência médica era teórica. Não hesitou, entretanto em servir de parteiro e fê-lo com êxito. Pouco depois do nascimento da criança realizou uma operação difícil no avô Lord Ashley, removendo-lhe, do peito, um tumor. E, milagre dos milagres, a operação também foi coroada de êxito. Um tal proceder impressionaria hoje a classe médica. Mas Locke, como Bacon, era um estudioso universal, e por conseguinte, um profissional universal. Cabiam todos os ramos da ciência em sua província teórica, e, sempre que possível, punha em prática as suas teorias. Poderia ter dito como o poeta latino Terêncio «Sou um homem, e nada do que é humano está fora do campo de minha atividade». Tocante à sua atividade médica, um dos mais eminentes médicos da época, o dr. Sydenham, escreveu a um amigo, que Locke possuía não só o máximo discernimento como também a máxima perícia. Chegava a ponto de referir-se a Locke como uma autoridade profissional. «Você sabe que John Locke aprova completamente o meu método de curar febres».

Eram os interesses de Locke quase tão multiformes quanto os de Francis Bacon. E ele possuía uma qualidade que faltava ao filósofo do tempo de Elisabeth — o senso da honra. A semelhança de Bacon, exerceu atividades políticas. Mas, diversamente de Bacon, foi um político honesto. Por intermédio de Lord Ashley foi nomeado membro do conselho administrativo da colônia de Carolina, pertencente à coroa. Ajudou a redigir a constituição da colônia, acentuando o programa de tolerância política, social e religiosa. De uma constituição dessa ordem, tinha tanta precisão a Inglaterra quanto as colônias.

Até aquele momento vivera Locke no lado ensolarado do destino. Os seus amigos eram, influentes, o seu espírito, vigoroso a sua nomeada, sólida. Mas agora, ao aproximar-se da casa dos quarenta, manifestou-se nele uma doença dos pulmões. Até ao fim de sua vida atormentou-o uma tosse que, gradualmente, lhe minava as forças. Mas era jovial apesar de sua enfermidade. E era bom que o fosse. Porque a carreira política de Lord Ashley e sua pró-



JOHN LOCKE

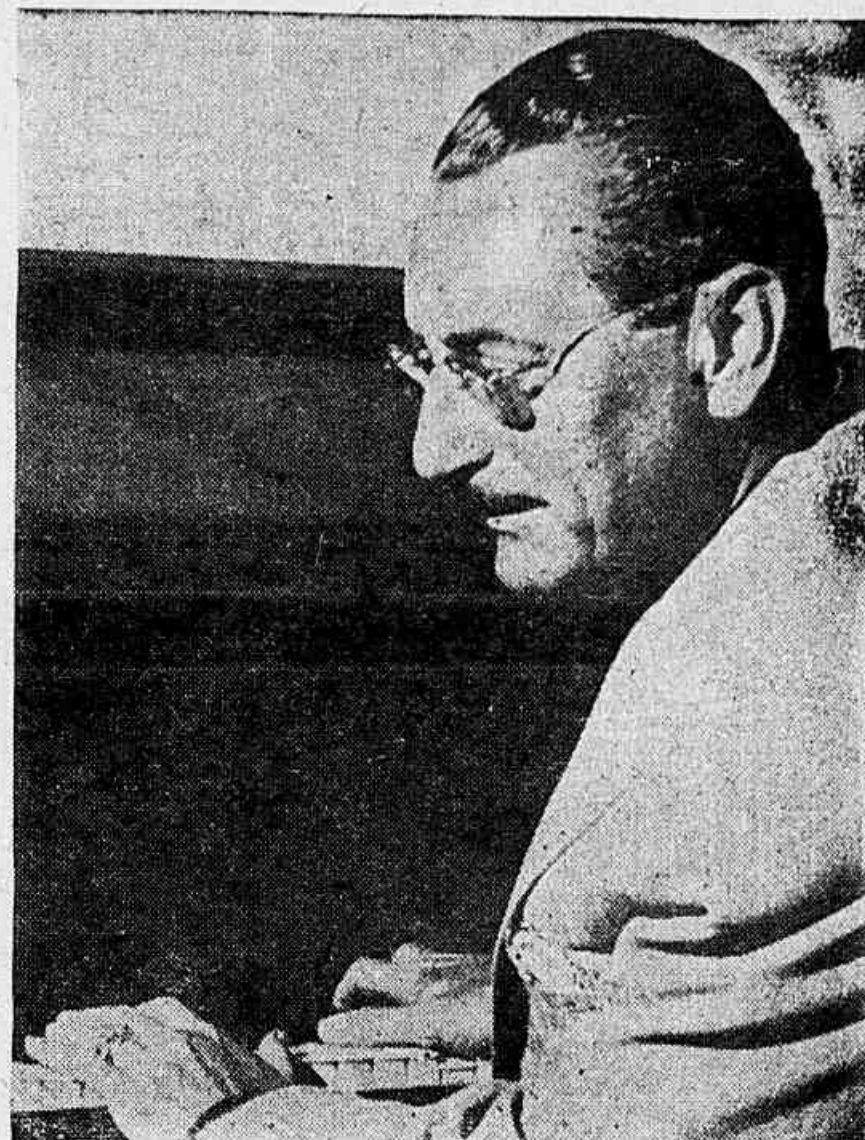
(Continua na pág. 42)



Vila-Lobos — "Bachianas Brasileiras"

no café, na borracha, em tantas outras coisas... E depois, Copacabana — a praia mais bela do mundo... O nosso céu, onde o bom Deus havia carregado no azul, numa escandalosa política de protecionismo estético. As nossas belezas naturais... Sorriamos satisfeitos quando alguém nelas nos falava, pois, no íntimo, sabíamos que eram insuperáveis. E brigávamos com quem ousasse nos contrariar, fechando qualquer questão com referência à matéria...

Assim foi, durante muito tempo. No entanto — do que não nos apercebíamos — tudo isso era para uso puramente interno. No exterior ninguém sabia da existência de tanta coisa grande, porque, na verdade, ninguém estava se importando com isso. Dissemos a um americano que a nossa Iguaçu «dava poeira» no Niagara, e ele não brigaria por tão pouco. Quando muito, aceitava uma aposta. Mas o contrário poderia provocar discussões azedas e acaloradas, de resultados quase imprevisíveis. Os negociantes, os grandes financistas, esses, sim, sabiam da existência do ferro, das minas de ouro, e até do petróleo. Mas não eram tolos em proclamar tais coisas, que só serviriam para despertar a cobiça internacional. O segredo do petróleo, por exemplo, foi guardado cuidadosamente e, ao contrário das outras vezes, todos nós acreditamos piamente, durante muitos anos, que no Brasil não existisse uma só gota do precioso produto. Agora, porém, que as complicações da Ásia não permitem a sua exploração na proporção de outrora, não me surpreenderei se, milagrosamente, começar a aparecer petróleo em Mato Grosso, Goiás, e até nos fundos da minha casa, em Copacabana... Mas tudo isso deve seguir u'a marcha lenta, de acordo com as conveniências internacionais. E a nossa hora se aproxima, o que talvez



Ary Barroso — "Aquarela do Brasil".

SAMBA, PORTINARI E MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Por JORGE MAIA

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA na Inglaterra)

LONDRES, fevereiro — Durante muitos anos o Brasil viveu preocupado com o «maior do mundo». O culpado, apuradas convenientemente as responsabilidades, ainda foi Pero Vaz Caminha, com o seu áulico otimismo em relação à terra que acabava de ser descoberta por Cabral. Sentia-se que a sua alegria não era grande, propriamente pelo mundo que acabava de ser descoberto, mas, sobretudo, porque ele pertencia ao rei D. Manuel, a quem o cortejo apressava-se em agradar. Mas, enfim... isso já vai longe, perdido nas páginas da História. E esta anda tão depressa que não convém ressuscitar controvérsias e discussões acerca da nossa descoberta. O que interessa — e isso ainda não foi esclarecido — é a origem de um complexo de superioridade, que nunca trouxe qualquer vantagem à nossa vida, mas do qual custamos a nos desvencilhar.

Assim, a nossa propaganda girava em torno ao «maior do mundo». Falassem-nos em rios, e o último dos peões da fronteira com o Uruguai sorria satisfeito, considerando-se proprietário de alguns litros do Amazonas. Cachoeiras? De pronto, enumerávamos as nossas: Iguaçu, Sete Quedas, Paulo Afonso, capazes de competir, vantajosamente, com as maiores do mundo. Ferro? A nossa abundância era capaz de abarrotar, durante gerações, todos os mercados mundiais. Que não estivesse em condições de ser usado, não tinha a menor importância. Porque as montanhas estavam logo ali, no fundo do quintal. Era só abaixar a mão, porque, onde os dedos tocassem era minério, e da melhor qualidade. Tínhamos a mina de ouro mais funda do universo — Morro Velho. Não importa que, durante vários lustros, jamais tivéssemos enxergado uma só pepita, pois estas passavam, diretamente, de Minas Gerais a Londres. Tudo isso sem falar

nos permita, em pouco, incorporá-lo entre o nosso acervo de «maior do mundo».

Com tudo isso, porém, não éramos conhecidos no exterior. Ficávamos indignados quando, na Europa, na velha e displicente Europa, embalada pelo sibirismo de sua milenar civilização, alguém, displicentemente, «para manter conversa», nos perguntava se Buenos Aires era a capital do Rio de Janeiro, ou se o rio Amazonas pertencia realmente à Argentina. Gritávamos, com todas as nossas forças, que os europeus não sabiam geografia, que eram ignorantes, como se saber geografia constituísse, realmente, índice de cultura, ou, apenas, exigência das necessidades naturais de cada região. Assim, quando os franceses ignoravam as capitais dos nossos Estados, «ipso facto», passávamos a considerá-los refinados toupeiras, esquecidos talvez de que os habitantes do Haiti, provavelmente, são muito mais fortes em geografia do que todos nós. Não apenas são obrigados a conhecer tudo o que sabemos com relação à Europa e Ásia, mas, ainda, a decorar os nomes de todas as pequenas cidades e aldeias da América Central, o que para eles tem enorme importância. Confesso que tenho pena dos ginasianos de Port-Au-Prince, obrigados a tanto esforço de memória!

De repente, porém, tudo mudou. Em dez anos o Brasil apareceu. Ficamos, subitamente, mais conhecidos do que quando nos julgávamos os únicos proprietários de coisas grandiosas e singulares. Enquanto os nossos livros escolares timbravam em insistir nessa propaganda interna, de nenhum valor no exterior, enquanto o extinto DIP inundava o universo com folhetos e material colorido, que se perdiam nos depósitos das Embaixadas ou dos escritórios comerciais, enquanto os nossos políticos e estadistas teimavam em seguir a mesma linha de seus antepassados, o samba ia aparecendo. E de um dia para outro ele invadiu a América do Norte, depois de se haver espalhado pela nossa vizinhança. Zequinha de Abreu, o autor de «Tico-Tico no fubá», é hoje mais merecedor de nossa gratidão do que tudo o que se escreveu ou se produziu em matéria de publicidade do nosso país. A «Aquarela do Brasil» e a «Baixa do Sapateiro» foram argumentos mais sólidos do que todas as montanhas de ferro ou os milhões de litros d'água do rio Amazonas. Porque eles, na verdade, abriram as portas do sucesso para o nosso país. E assistimos, presentemente, ao mesmo fenómeno de que a Argentina desfrutou após a outra guerra, quando o tango, furiosamente, invadiu a Europa, derrotando as suas danças tradicionais, introduzindo um ritmo novo e absorvente. Hoje, o tango está relegado a um plano quase secundário, e não poucas orquestras já o baniram completamente.

Pessoalmente, discordo dessa tendência, porque não posso negar a minha simpatia pelos descendentes musicais de «La Cumparsita». Mas, em compensação, nenhum conjunto se animaria a riscar o samba. As calças bombachas foram substituídas pelas blusas coloridas, e o «bandoneon» pelo pandeiro.

Em Londres e Paris, todas as noites, ouvi o «Tico-Tico no fubá», provando que o Brasil existe, é uma realidade, porque a sua música, hoje, obriga todo o mundo a dançar. E esse sucesso vai num impressionante «crescendo», porque todos se deixam arrastar pelo seu ritmo absorvente e gostoso, tão gostoso que as orquestras de

samba não têm um minuto de sossego, tal a insistência dos bailarinos.

Depois do samba vem, indiscutivelmente, Portinari. E' certo que Vila-Lobos é conhecido em todo o universo, porém, apenas de um público especializado; aquele que se interessa pelos grandes concertos. Portinari é, contudo, discutido, controvertido, estudado, em todos os recantos deste Velho Mundo. A sua exposição, em Paris, no ano passado, foi uma surpresa para aquele grave mundo da crítica artística, que jamais pôde imaginar que o Brasil pudesse revelar tão notável artista. E isso, depois da consagração que ele havia recebido nos Estados Unidos, equivale a um novo triunfo para todos nós, que temos assim um novo elemento de divulgação do que é nosso.

A terceira força é o nosso edifício do Ministério da Educação, hoje tão reproduzido, em todos os países, quanto a Torre Eiffel, o Empire Building ou o Taj Mahal. O Ministério da Educação tem provocado debates, não raro, polêmicas, mas por toda parte desperta extraordinário interesse, contando-se mesmo uma história, que se teria passado numa escola de arquitetura, situada ao norte da Grã-Bretanha, onde um grupo de alunos resolveu protestar contra o que lhes estava sendo ensinado. Um deles, mais audacioso, pegou de uma fotografia do nosso Ministério da Educação e, apresentando-a ao mestre, exclamou:

— E' «isso» o que desejamos aprender, e não essas velharias que o senhor nos tem ensinado!

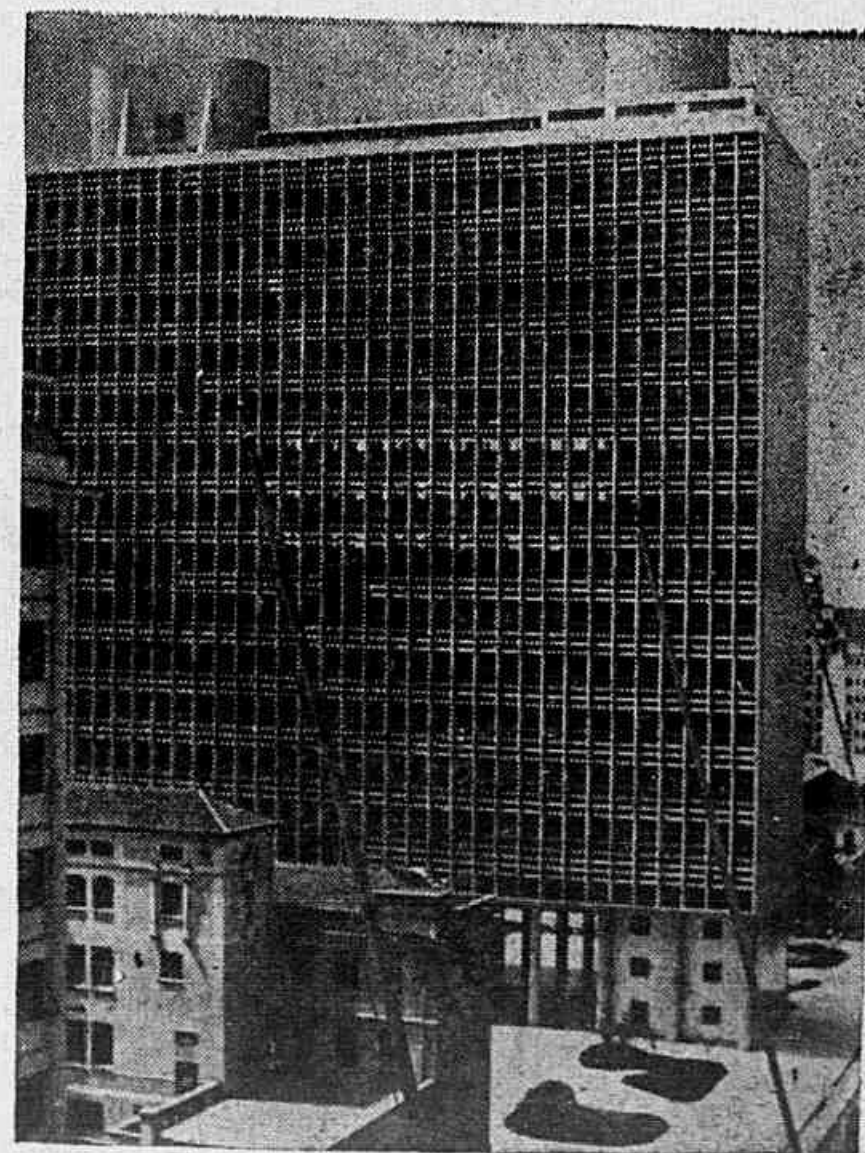
Não sei se o fato, que me foi relatado por um arquiteto britânico, é verdadeiro. Em todo o caso, posso afirmar

(Cont. na pág. 48)

Portinari — "Espantalhos" e "Retirantes".



Ministério da Educação — Uma sinfonia de Le Corbusier, na orquestração de Oscar Niemeyer, Lucio Costa e outros.





Em cima: o "mestre de cerimônias" do carnaval de Dunquerque, Mr. Faes. Sua especialidade é beber álcool absoluto sem se embriagar. E' fiscal das docas e tem doze filhos.

DUNQUERQUE — Dunkerque para os franceses, Dunkirk para os ingleses — também festejou o carnaval. E o carnaval trouxe momentos de alegria a um dos recantos mais dramáticos da Europa. Foi como um raio de sol sobre as misérias e os destroços da guerra. Nessa cidade da França, dominando uma ampla baía, sofreram as forças aliadas, na última guerra, um dos seus maiores desastres. Desastre para os belgas, para os franceses e para os ingleses. Desastre para o mundo democrático. De astre, sobretudo, para Dunquerque. Os alemães ali esmagaram as forças democráticas, aniquilando-as. Teria sido maior a vitória germânica, se não fosse o heroísmo, a presteza e a tenacidade com que os ingleses, sob o fragor da metralha, efetuaram uma das mais ex-



Em cima: não se trata de um grupo de foliões de Recife, dançando o "frevo" de guarda-chuva em punho, mas de habitantes de Dunquerque, divertindo-se graças ao donativo dos norte-americanos de uma cidade de igual nome. Em baixo: foliões nas ruas.



CARNAVAL... MAS

UM POUCO DE ALEGRIA SOBRE
DA GUERRA NA CIDADE MAIS D

Texto e fotos de
ROMAIN LESAGE

traordinárias retiradas da história. Mas quando terminou a retirada Dunquerque estava reduzida a apenas dez por cento de suas edificações!

Noventa por cento da cidade havia desaparecido! Era, agora, um montão de calça, de destroços, e escombros!

Foi essa cidade mártir que o rei Momo visitou novamente. Menos famoso que o do Rio e que de Nice, o carnaval de Dunquerque já foi, no entanto, dos mais alegres do norte da França. E' tradicional a alegria dos seus habitantes. Melhor do que nunca procurou o povo dunquerqueense festejar, este ano a terça-feira gorda, o famoso «Mardi Gras», — e o fez sob um frio de dez graus, na cidade em ruínas, destruída pelas bombas de 1940, com algumas bombas de 1944 como contrapêso.

Antes da guerra os dunquerqueenses que, por ocasião do carnaval, tinham apertos na bolsa, corriam ao Monte de Socorro, onde faziam empréstimos sob





EM DUNQUERQUE!

AS MISERIAS E A DEVASTAÇÃO
DESTRUIDA DO CESTE DA EUROPA

Especial para
REVISTA DA SEMANA

penhor, ali largando suas bicicletas, máquinas de costura, relógios de ouro e lembranças de família, porque «fazer o carnaval» é, em Dunquerque, uma questão de honra. Mas agora o Monte de Socorro está entre os noventa por cento das edificações destruídas pela guerra. Foi graças a um donativo da cidade americana de Dunkirk, madrinha da cidade francesa, que puderam os habitantes desta festejar este ano o carnaval, na forma do costume. Monsieur Faës, fiscal das docas, ajudado por seus doze filhos e vestido no seu uniforme de granadeiro napoleônico, exatamente como fizera pela última vez há dez anos, em 1938, foi o «mestre de cerimônias» das festividades carnavalescas de Dunquerque, sob o nome de guerra de Co-Trois-Six, sucessor muito digno de Co-Pinaud, morto depois de 62 anos de reinado. Um dos títulos que impuseram monsieur Faës a esse posto foi sua capacidade de beber álcool absoluto, nesta época de frio, sem se embriagar...

Em cima: carnavalescos da cidade mais destruída do oeste da Europa, dançando nas ruas na 'terça-feira gorda'. Em baixo: um músico improvisado toca uma música carnavalesca... Seria o Serafim tocando "Tem gato na tuba"?







Na página à esquerda: os follões, com frio a dez graus, saíram com roupas de lã e tocaram seus instrumentos com grossas luvas. Os guarda-chuvas numerosos denunciam o tempo chuvoso da terça-feira gorda em Dunquerque, tal qual como a do Rio. Em cima: músicos improvisados iniciam uma retreta, em meio das ruínas da cidade fantasma de Dunquerque, onde, apesar de tudo, a alegria não morreu... Em baixo: uma janela cheia de gente curiosa, vendo os desfiles dos mascarados, e o "tambour-majeur", anunciando a chegada de Co-Trois-Six, o rei Momo de Dunquerque vestido de granadeiro...





PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

HEGUEI exatamente àquela idade em que a gente não é mais jovem e não se sente ainda um velho. Este começo de crepúsculo me parece certos ocultos de verão, quando a luz persiste ainda na sua intensidade máxima, e, no entanto, a gente percebe que o céu está vazio de sol e procura, em torno, a noite escondida em emboscada.

Há dois meses apenas, eu ainda me sentia sinceramente um rapaz; mas, como acontece aos metais, eu tive também o meu ponto de fusão, um grau exato de calor que no meu caso foi representado por uma senhorita. Já não era tão jovem, mas atraiu para si todos os remanescentes vivos da minha paixão. Muitas vezes perguntei-me por que ainda não teria surgido alguém que conduzisse ao altar aquele conjunto gracioso de beleza e de formas.

A única pessoa a quem posso confiar a minha exultação é um jovem sobrinho meu, bacharel, órfão de minha irmã e que às vezes me pede dinheiro, coerente com a tradição dos sobrinhos. Busco-o prazenteiramente, não já pela necessidade de contar a outrem intimidades minhas, mas porque, desta vez, sou eu quem precisa dele. Sei que Jorge tem muita sorte com as mulheres

e pode aconselhar-me sobre certa idéia que me passa pela cabeça. Encontro-o, como já esperava, sentado na «Brasileira», a tomar tranquilamente um «Martini». Assim que me vê, multiplica-se em manifestações de afeto e, depois das rituais batidinhas no ombro, me pergunta:

— Que posso oferecer-lhe?
Já sei que o que quer que ele me ofereça terminará sendo pago por mim mesmo. Enfim, respondo:

— Um conselho.
— Quer dizer que já tinha uma decisão tomada?

Não nega o sangue. E' inteligente o meu sobrinho. Com efeito, a caminho eu tomara a minha decisão.

— Não se ponha a agradecer comigo — acentuo, apenas para salvar as aparências.

— Então, diga-me.

— Trata-se do seguinte: estou me sentindo um pouco só e acho que quando se chega à minha idade...

— ...precisa-se de alguém que nos aqueça o leito.

— Jorge, não admito que me falte

ao respeito. E, então... eu amo uma mulher e penso ser correspondido. E' maravilhosa! Se você a visse...

— Deixe de lado as clássicas definições; já li todo o José de Alencar.

— Bem, e eu quero fazer-lhe um presente. Não que ela tenha pedido, isso não. Mas você compreende: um dia destes, durante um passeio, admiramos juntos, na vitrine de uma loja de brinquedos, um lindo cachorrinho de pelúcia. Julguei que poderia mandar-lhe como símbolo de fidelidade. Você que acha?

— Ótimo!

— Bem. Há também outra coisa: que tal se o mandasse sem um bilhete sequer, apenas como um gesto carinhoso e também para provar que me lembro das coisas que lhe agradam? Que me diz? Faço bem?

— Há dois anos atrás conheci uma menina, um pouco mais velha do que eu...

— Que me interessa isso? Diga-me de uma vez: que lhe parece a minha idéia?

— Ouça-me primeiro, tio. Depois resolva sozinho. Como lhe dizia, era um pouco mais velha do que eu. Nunca soube, ao certo, sua idade; devia andar pelos trinta. Uma senhorita... Senhorita não é somente a mulher que ainda está por casar. Esta se chama nubil. Não é também a que conserva a virgindade. Neste caso é virgem. Senhorita, propriamente, é um ser quase indefinível. Senhoritas são pobres criaturas que devem mistificar as idéias, as palavras, os sentimentos; aparentar aquilo que não são; enfim, erigir uma falsa torre de marfim para não ofender a moral — esta máscara que poderia ser arrancada gostosamente. Pois bem, era assim a minha amiga. Sua máscara já caíra há muito tempo, e quando entrei na sua vida nem sei quantas vezes já havia sido tirada... Não posso defini-la como conquistadora de homens, mas poderia chamá-la de mestra do amor. Pela sua fina cultura, pela sua delicada sensibilidade, pela sensualidade fervida e nervosa, infundida em mim um amor apaixonado, verdadeiramente juvenil. Causava-me tormentos sutis, uma ansia febricitante, e transformava tudo para mim numa vibração de carne e de sangue. Vivamos todos os dias no seu apartamento — um ni-

(Continua na pág. 42)

Ilustração de O. Mattos

OH! AS MULHERES...

Conto de Gino Palmisano



A esquerda: "Tailleur" em gabardine, com recorte arredondado nos ombros e em baixo, no casaco, botões dourados, saia com "macho" na frente. Bolsa muito original em verniz preto com uma cabeça de cavalo em relevo dourado. Sugestão de Alexis Smith, da Warner Bros. Ao centro: Ella Raines, da Universal-International, usa, sobre uma blusa de seda branca, um colete de pele de bezerro, o que sem dúvida, é bastante original. A direita: muito "chic" é este "tailleur" usado por Phyllis Calvert, da Paramount, confeccionado em gorgurão reto. A jaqueta é curta e justa e tem um farto laço de veludo preto de cada lado. "Echarpe" também em veludo preto com broche de pérolas.

NOS BASTIDORES FEMININOS

NÃO se iluda, minha amiga, tudo isso que você vê ao seu redor, toda essa admiração, todos esses elogios e todas essas gentilezas pouco têm de sincero e duradouro. O homem, tem por hábito ser amável para com o sexo oposto, e a sua amabilidade, não raro, esconde uma segunda intenção... Não quero desiludi-la, não quero absolutamente tirar-lhe a confiança que deposita nos homens, mas também não me é nada agradável ver você assim convencida de que todas essas frases boni-

tas que eles lhes dizem são sinceras e verdadeiras.

Uma moça inteligente recebe essas homenagens com naturalidade, não levando em conta os exageros e os excessos a que os homens chegam.

Ela sabe que eles seriam os primeiros a considerá-la uma tola caso percebessem que ela acredita neles.

Por essa razão, você deverá ser sincera e honesta consigo mesma: você deverá saber a que ponto poderá impressionar a alguém e você deverá saber também até que ponto deverá permitir que se

impressionem. Existem criaturas que se convencem de tal maneira do seu domínio sobre os homens e que acreditam e levam a sério o mais simples elogio, que terminam julgando-se irresistíveis.

Uma pessoa assim se torna antipática não só aos olhos dos homens como também das próprias mulheres. Estas últimas não lhe perdoarão a pretensão: afastar-se-ão da "Irresistível", fartas de ouvi-la contar as suas "vantagens". Quanto aos homens dificilmente gostarão de uma pessoa tão disputada e requestrada. Por fim, a "Irresistível" terá

que se conformar com os elogios baratos de uns poucos amigos, sentindo, no entanto, que entre eles não poderá contar, nunca com uma afecção profunda e duradoura.

Acredite, existe em todas as mulheres qualquer coisa de interessante e atraente. Você não é a única que reúne todos esses predicados e, consequentemente, não será a única também a merecer as atenções do sexo forte. Torna-se, assim, desnecessária essa valdade e esse convencimento que a tornam tão antipática e que a tornarão também infeliz.

NETTY

Pijama de cetim usado por Ella Raines, da Universal International. O casaco é "três-quartos", com vriez em tom vivo.



A PERSONALIDADE da Semana

JOANIDIA SODRÉ

Enquanto esperava que a diretora da Escola Nacional de Música encerrasse uma conversa técnica, a moçoita contou-me, em voz entusiasmada, quanto já foi realizado em dois anos de administração.

— Um dinamismo que muitos homens poderiam invejar. Fez um trabalho de organização no Rio. Agora está empenhada no melhoramento da sala de concertos. Vai ampliá-la, pintá-la, melhorar as luzes, substituir as cadeiras por poltronas agradáveis...

Quando Joanidia Sodré abandonou sua mesa e veio ao meu lado, perguntei à única regente profissional do Brasil como veio a escolher profissão tão pouco comum para uma mulher.

— Foi o meu desejo desde sempre. Quando nasci, minha mãe, que tinha inclinações artísticas, ficou decepcionada pois sonhara com um filho que se tornaria regente de orquestra! Resolvi que eu seria este regente! Desde pequena, frequentei com meus pais os concertos, a ópera. Estudei piano e composição, mas sempre com o intuito de preparar o caminho que me permitiria dirigir uma orquestra algum dia. O maestro me aconselhou-me a esquecer este projeto porque era quase impossível que uma mulher chegasse a realizá-lo.

— Encontrou muitas dificuldades?

— Não encontrei muito incentivo, nem aqui, nem na Alemanha, onde fui estudar após ter ganhado por concurso um prêmio de viagem.

— Com quem estudou na Alemanha?

— Estudei composição na Hochschule com Paul Juon, de quem me tornei assistente-hóspede. Estudei regência na Ópera de Berlim, com Ignatz Waghalter. Ambos eram poloneses.

— Dirigiu concertos na Ópera de Berlim?

— Só regentei ensaios de ópera. Mas regentei a Filarmônica de Berlim em concertos públicos. Depois voltei ao Brasil.

— Faz muito tempo que não está regendo?

— Quando minha mãe morreu deixei todas as minhas atividades artísticas durante certo tempo. Além disso, fui nomeada diretora da escola e trabalho muitíssimo aqui. Mas tenciono voltar a reger.

— Quais são seus planos?

— Este ano festejaremos o centenário da Escola, com o maior brilho possível. Os compositores brasileiros vivos regerão as próprias obras. As dos mestres de outrora serão apresentadas por diversos regentes. A mim caberá a direção das obras de Nepomuceno e, talvez, Leopoldo Miguez.

Contou-me que executou uma sinfonia de Milhaud que não fora mais ouvida desde o Império.

— É uma obra difícil. Exige, além da orquestra, uma banda, uma fanfarra e um coro em latim!

— Falando em coro, Joanidia Sodré lembrou que a primeira a pensar em dirigir um coro de crianças em grande escala.

Oito mil crianças cantaram no Estado do Rio. Naturalmente só pudemos dar o Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Mas foi um primeiro passo e todas as crianças das escolas tomaram parte nesta manifestação. Foi antes da minha viagem à Alemanha.

— E a orquestra infantil que fundou em 1940? Por que parou iniciativa tão interessante?

— Não tive mais tempo porque as crianças exigiam um esforço constante. Não bastava reger, era preciso ensinar e fiscalizá-las individualmente. Além disso, formei esta orquestra infantil sem nenhuma ajuda oficial.

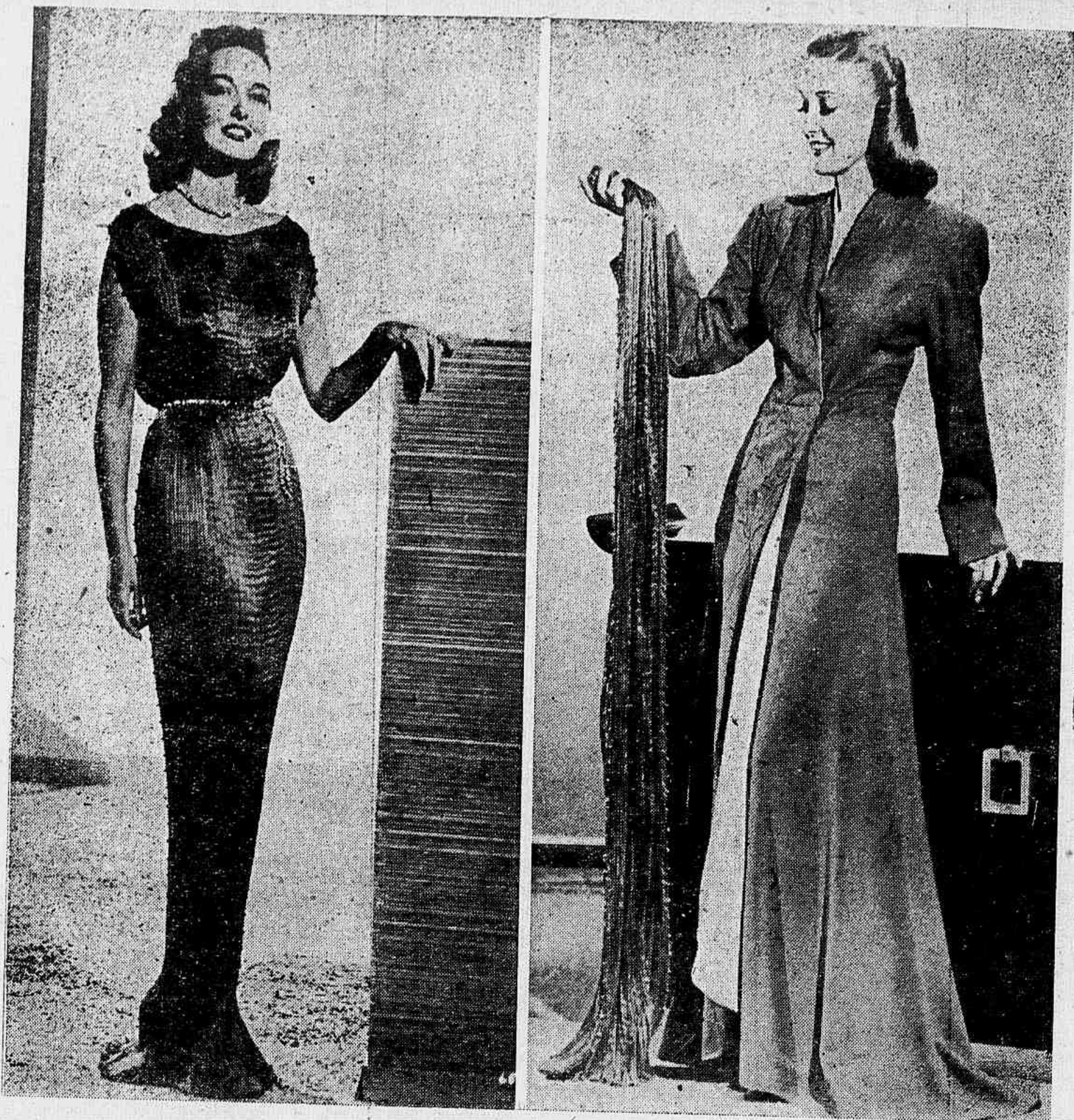
Mostrou-me fotografias que sinto não poder reproduzir aqui. Crianças de quatro a onze anos sentadas diante dos instrumentos com ar entusiasmado! Entre elas, Yelê, hoje, primeiro bailarino do Conjunto Coreográfico Brasileiro e diversos moços que fazem parte, atualmente, da orquestra dos estudantes.

Manifestei meu entusiasmo por tal iniciativa.

— Valeria a pena formar novamente uma orquestra infantil. Acredito que agora seria fácil conseguir apoio oficial pois todas as iniciativas relacionadas com a juventude têm dado ótimos resultados. E nada é mais importante do que acordar nos jovens o amor à arte. Deles depende o futuro artístico do País!

— Agora não tenho tempo, mas talvez mais tarde... — respondeu Joanidia Sodré, acrescentando que esta orquestra proporcionou-lhe muitas e muitas horas de real alegria.

YVONNE JEAN



PREPARE-SE para uma grande surpresa. Karin Booth, da MGM, vai lhe mostrar como se realiza um autêntico milagre... Ao alto, da esquerda para a direita: um elegantíssimo vestido de baile executado em puríssima seda, todo plissado, com pequenos nós de ambos os lados. Um cinto de pedras marca a cintura.

UM VESTIDO COM





VÁRIAS FINALIDADES

Tirando do corpo, ele aí está. Parecem duas tiras de seda plissada... Que podem ser usadas como "charpe"... Ou como faixa para um vestido preto... Em baixo, à esquerda: agora um lindo "turbant" imitando tranças. Para finalizar, à direita: um elegantíssimo chapéu para noite. Que tal a sugestão? Ótima, não?



MURO DAS Lamentações

VOLTA À NATUREZA

A civilização criada pela inteligência do homem, em vez de melhor condicionar a sua integração na natureza, procurou ambiciosamente superá-la. Proclamando-se valiosamente o rei da criação, o homem se colocou numa posição falsa da qual lhe advieram todos os enormes transtornos físicos e mentais da época atual. Pensou ter suprimido a vida natural criando a asfixiante aglomeração das cidades, substituindo a relva pelo asfalto, a moradia agreste pelos cubículos dos arranha-céus, o ar puro pela onipresente poeira urbana, cheirando a óleo queimado e a gasolina; trocando tanto quanto possível o trabalho manual, que desenvolvia o sistema muscular, pelo trabalho neurastênico das máquinas; desprezando os instintos naturais, como o prazer da nutrição, pelas refeições sintéticas, sanduíches apressados, pílulas e bebidas de alto teor alcoólico; reduzindo o amor à condição de divertimento sexual, no fim das contas sempre exasperante; criando os mitos da velocidade, do super-homem, do dinheiro.

Ora, o resultado não podia ser outro. Hoje, a infelicidade é o pão quotidiano do homem moderno, principalmente do que habita os grandes centros. Com as raízes cortadas, deshumanizado, batido pelas enervantes dificuldades que diariamente o asfixiam, ele não encontra solução para tantas insatisfações. Tal solução existe, no entanto, mas repugna ao homem de hoje, verdadeiro verme de calçada: seria a volta à natureza.

As condições de nossa vida rural ainda são precárias, é verdade, mas tendem a melhorar, ao passo que as dos grandes centros urbanos só tendem a piorar, pelo crescente congestionamento. Mesmo agora, quando o nosso interior carece de tanta coisa, a vida de seus habitantes é muito mais feliz e saudável, que a dos habitantes das cidades. Vida mais tranquila, mais verdadeira, mais humana. A alegria das crianças do interior, soltas em grandes espaços cheios de brinquedos naturais, não se pode comparar com a nevropatia das pobres crianças das cidades, que têm de conter sua ânsia de movimento dentro de quartos estreitos e porões sem luz e sem ar.

Mas seria uma solução muito radical, desagradável para aqueles que estão apegados aos pequenos divertimentos urbanos, proporcionados pela cidade grande como compensação aos danos causados. Preferem eles um cineminha de vez em quando, uma boite ou uma gafieira, segundo as posses, e a aglomeração das festas populares, a vida mais simples e mais saudável do interior. Para esses, também será possível obter uma aproximação maior da natureza mesmo continuando em suas atuais condições de vida.

Como? — Prestando atenção a certas coisas muito corriqueiras, que todo o mundo sabe mas que ninguém se preocupa em praticar, relativas ao estado do corpo e ao estado do espírito.

O corpo precisa ter saúde, e a preservação da saúde depende muito mais de pequenas que de grandes coisas. A saúde não é o privilégio de alguns seres eleitos, mas um prêmio que se obtém vivendo certo. Dois pontos são essenciais: repouso e alimentação. É preciso dormir, no mínimo, oito horas por dia. Os que trabalham em serviços pesados devem repousar uma ou duas horas mais. A alimentação precisa ser cuidada, não só quanto ao que se come, mas também quanto à maneira pela qual se come. Além da alimentação variada que os nutricionistas preconizam, precisamos mastigá-la muito bem e com tranquilidade, para que ela realmente alimente. Não se deve ir para a mesa como para cumprir uma obrigação, mas prazenteiramente. É incrível o número de pessoas atacadas de dores estomacais, úlceras e mesmo perturbações nervosas causadas exclusivamente pela maneira errada de se alimentarem. Engolem tudo às pressas, com o espírito preocupado, numa atmosfera de altercações e disputas.

O estado de espírito, sereno e jovial, necessário para absorvermos bem os alimentos, é o mesmo com que devemos enfrentar a luta pela vida. Muito difícil, já se sabe, é manter a serenidade diante de tantas dificuldades, e mais difícil ainda permanecer de bom humor. Difícil mas não impossível. Para conseguir isso, temos inicialmente que aceitar como inevitáveis uma série de impecilhos, e não lhes dar atenção, concentrando a nossa mente com força no fim colimado. A concentração absoluta só se obtém após muitos exercícios mentais, fixando objetos progressivamente mais complexos durante um tempo determinado. Mas sem essa concentração é impossível atravessar o mar de apêlos contraditórios da vida moderna, e impossível realizar alguma coisa com a qual sonhamos.

Obtida progressivamente a concentração, devemos ter permanentemente conosco a idéia de que não adianta correr. A pressa é a inimiga da perfeição, e mais inimiga ainda da nossa saúde. Fixemos o nosso ritmo individual e tentemos mantê-lo ao atravessar o caos. Se não o caos penetrará dentro de nós e nos reduzirá a criaturas incapazes de tirar da vida a felicidade que ela nos pode dar.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Na próxima semana responderemos algumas das últimas consultas que nos foram enviadas.



PARA A INTIMIDADE

MANTER a beleza e a elegância mesmo nas horas mais íntimas é uma obrigação de toda mulher.

Nestas páginas vocês encontrarão alguns modelos realmente maravilhosos para roupa de interior. A esquerda: Dorothy Abbott, uma das belezas de Hollywood selecionada para figurar num próximo filme de Eddie Cantor, para a RKO, usa sobre uma camisola de cetim rosa seco, com aplicações de cetim acolchoado, um casaco "três-quartos" também com incrustações iguais. Ao alto: maravilhoso "robe" em tafetá es-

tampado tom sobre tom, é usado pela encantadora Ginger Rogers, "estrela" da Columbia Pictures. Grande decote, deixa ver parte do busto. Sob o "robe", pijama de cetim preto. Em baixo: Maria Montez, da Universal-International, usa um "robe" de corte impecável, em cetim branco acolchoado. Na página ao lado: mais uma das belezas selecionadas por Eddie Cantor. Esta é Barbara Freeking, que faz brilhar a sua feminilidade num robe de "chiffon" preto, enfeitado com rendas de seda, usado sobre uma camisola de "chiffon" branco, toda plissada.





O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

UM CONSELHO DE ELEONORA DUSE

A grande atriz italiana era frequentemente assediada por admiradoras, que lhe pediam conselhos de amor. Vendo em torno de si o grande drama das mulheres do seu tempo e reconhecendo o perigo que representa a dependência material em relação ao homem, dependência que pode manchar a pureza dos sentimentos e trazer a ruína de um amor livremente escolhido, Eleonora Duse costumava dar este conselho:

— Trabalhe. Peça ao homem o amor e não o pão quotidiano. Somente assim a vida terá o sentido que você procura...

★

DUSE E AS ENTREVISTAS

Um dilúvio de publicidade foi feito nos Estados Unidos, para preparar a apresentação de Eleonora Duse. Antes de pisar em Nova York, ela já era uma celebridade e, assim sendo, foi assediada por inúmeros jornalistas, aos que se recusou a dar entrevista. A imprensa se mostrou ressentida e seu empresário protestou. Duse prometeu mudar de conduta. Apareceu, então, uma jornalista, a quem a atriz italiana declarou:

— Queira desculpar, minha senhora... Sou estrangeira... Ignoro tudo quanto diz respeito aos costumes do seu país. Acusam-me de não dar atenção à imprensa... É que me é inteiramente impossível atender a todos os jornalistas que desejam falar-me. Quer ser minha intérprete junto deles? Nós, mulheres, devemos nos ajudar mutuamente... Peço-lhe, pois, que pergunte aos seus colegas por que razão, quando qualquer operário, após o dia de trabalho, tem direito a uma noite de repouso, não me deixam ter uma tarde de descanso, quando trabalho todas as noites... É coisa penosa e ingrata estar assim, à disposição de todos aqueles que se apresentam à minha porta, alguns dos quais, sob o pretexto de que uma atriz pertence ao público, me fazem uma centena de perguntas indiscretas... Parece-me que uma atriz deve aparecer no palco como alguma coisa de inteiramente novo, sem que a tenham estripado antes aos olhos do público para mostrar como o brinquedo é por dentro...

★

A RAINHA COMPREENDEU...

Duse pouco ligava ao que dissessem de suas maneiras, quer em relação à imprensa, quer em relação às altas personalidades que a homenageavam.

— A noite, das sete às onze, pertence ao público, — dizia ela. — O resto do tempo sou uma mulher como as outras, e tenho o direito de viver como quiser...

Uma noite, quando representava a peça "Magda", de Sudermann, a rainha Margarida, da Itália, entusiasmada com sua interpretação, mandou dizer-lhe que fosse ao camarote real no intervalo, porque queria felicitá-la. Era difícil resistir. Entretanto, Duse declarou que, naquele momento, vivia um papel, como atriz, e por isso lhe era impossível aparecer na parte do teatro reservada ao público.

— Sua Majestade compreenderá, — acrescentou.

A rainha, realmente compreendeu. Como era inteligente, não se mostrou ressentida e no dia seguinte mandou-lhe um lindo ramo de rosas de Florença...

★

MEDIOCRIDADE DOURADA...

Nas suas "Memórias", escritas com grande sinceridade, a grã-duquesa Maria, da Rússia, sobrinha do último czar e um dos raros Romanoff que escaparam ao massacre de Ekaterinburgo, escreveu estas linhas sobre sua educação real: "Eu fui educada dentro de um ideal burguês, comum então à realeza, o qual me tornara igual a todas as princesas. Esse nivelamento penetrara no nosso meio bem antes da igualdade das massas. Uma princesa que se distinguiu pela inteligência ou pelo desejo de qualquer atividade intelectual, despertava a inveja de suas iguais, tornando-se alvo de críticas e ironias se essa atividade ultrapassava o domínio exclusivo da caridade. A mediocridade intelectual constituía, a um tempo, refúgio e proteção, não só na Rússia, como entre os príncipes de todos os países..."

★

O DOENTE DE GEORGE SAND

Quando em Las Palmas, na Maiorca, George Sand definiu do seguinte modo a estranha sensibilidade de Chopin, que tanto a fez sofrer com seu gênio insuportável e suas constantes hemoptises:

— É assim a sua doença, — diagnosticou. — Tem uma alma tão sensível, que se vê emurchecer a pétala de uma rosa ou se vê a sombra de uma mosca, basta isso para fazê-lo esvaír-se em sangue...

(Seleção de L. B., especial para
REVISTA DA SEMANA)



MODELOS PARA ESPORTE



A CRIANÇA E O LIVRO

DESDE o momento em que a criança volta a sua atenção para o mundo exterior, e abandonando o seu nirvana de satisfações físicas imediatas, deve-se familiarizá-la com o livro. Não há nada de mais que se ponha nas mãos reconchudinhas de um bebê de dois anos um livro de figuras; é aconselhável, no entanto, para prevenir uma provável destruição, quando o interesse diminuir, que se dê à criança livros cartonados ou de pano. No princípio somente gravuras; um ano depois uma curta legenda, que provocará a atenção da criança para as letras, e ela nos pedirá, então, que leiamos o que está escrito. A proporção que os anos vão se adiantando, as gravuras irão diminuindo e as letras irão crescendo, até que se transformem em simples vinhetas para, finalmente, ficarem só as letras, permitindo a total abstração.

O interesse pela leitura deve ser cultivado com a cultura musical; bons livros e poucos, para que a criança perceba que os grandes autores devem ser relidos, fixando-se desta forma a excelência da linguagem ou o valor das idéias. Uma criança jamais se cansa de uma boa história e deseja ouvi-la tantas vezes quantas nos propusermos a contá-la: nós, os adultos, sabemos também quanto é arrastável rever páginas já lidas, porque os bons livros, como os amigos preferidos, são sempre bem recebidos em nosso convívio; é conveniente, por isto, que os volumes sejam encadernados, afim de que resistam ao constante manuseio.

Tratemos agora do assunto, passando do conteúdo ao conteúdo: nos primeiros anos as histórias de fadas e bichos satisfarão provavelmente o petiz; mas sempre é bom intercalar histórias verídicas, ou melhor, da vida real, para que a fantasia não domine de uma forma absoluta a mente infantil. A criança já tem para seu próprio uso um microcosmo de irrealidades; daí a dose moderada de fantástico que se deve administrar. Em tese podemos condenar veementemente as histórias de quadrinhos, que são a coqueluche da infância de hoje; mas se refletirmos com a realidade, veremos que não é apenas nos nossos tempos, que o aventureiro atrai a preferência da infância; em outros séculos as histórias de cavalaria e indivíduos fora da lei, que protegiam os fracos e pobres, fizeram o encanto das leituras infantis, e muitas vezes de adultos também. O rei Artur, Robin Hood, Robinson Crusoe, e mais tarde, Buffalo Bill e Morgan prenderam a atenção de sucessivas gerações; os heróis de hoje apresentam uma particularidade que os precedentes não tiveram: a ausência de humanidade; Flash Gordon e o Homem Morcego fogem às limitações que a espécie humana conhece; suas virtudes não se originam da bravura, caridade, autosuficiência ou altruísmo, mas de exquísitas capacidades extra-terrenas, que lhes permitem liquidar incêndios, atravessar paredes e até mesmo o dom da ubiquidade, que é estar ao mesmo tempo em toda parte. Claro que a violentação da realidade não poderá se enquadrar com a psicologia do homem dos nossos tempos, que, apesar de entrever a energia atômica ainda está dominado por um acervo de preconceitos e limitações sociais éticas. Não quero me demorar, sobre este assunto, que exige pormenorizado estudo e observação, mas sim, ressaltar que, mais prejudicial do que a fantástica atuação dos heróis de quadrinhos é o encaminhamento da história, quase sempre versando sobre guerras e inimigos que devem ser aniquilados totalmente; povos, como os orientais são sempre apresentados como a encarnação do mal; fora da propaganda de tempo de guerra, sabemos que isto não é absolutamente verdade, que a cortezia, lhanesa e humanidade se encontram com mais frequência entre os do sol nascente que entre nós, os ocidentais; citamos entre as virtudes dos povos de raça amarela a piedade filial, o espírito arraigado de família, o encanto de maneiras e a filosofia de um povo, que não precisa do inferno para proceder segundo as regras éticas universais.

Noutra ocasião abordarei a fermentação do espírito guerreiro na mente infantil e as suas consequências malélicas; e, prosseguindo neste assunto, falarei na próxima semana sobre a leitura da adolescência.

ZOIA DE LAET



Para os dias quentes do verão aqui estão oito interessantes modelos que você poderá executar nas mais variadas qualidades de tecido, em linho, linon, algodãozinho, ou o moderníssimo tecido plástico. Todos eles são completados por interessantes boleros e blusas, do mais variado estilo.

VESTIDOS PRETOS

★

HA' sempre uma nota de incontestável elegância num vestido preto. Por simples que ele seja, sempre vestirá bem e sempre estará adequado a uma ocasião de maior cerimônia. Eis aqui alguns modelos pretos, verdadeiramente encantadores: A esquerda: mais sóbrio e discreto é este vestido preto, enfeitado com margaridas de renda, formando gola e punhos e tendo dentro de cada uma delas uma pérola. Em baixo: para uma reunião elegante, nada mais "chic" do que este modelo de Eve Arden, da Warner Bros, executado em crepe preto e gaze preta sobre os ombros. Franjas de missangas prateadas são aplicadas na blusa e sobre os quadris. Sáia com original drapeado na frente. Um elegantíssimo modelo em lã preta, bolas douradas. Na página ao lado: Audrey Totter, da MGM, exibe um modelo com a sáia drapeada de forma original. Este modelo, aliás bem como os demais apresentados nestas páginas, é uma prova de que Hollywood também já aderiu às saias compridas. Em tecido preto com pontilhado dourado é este "duas-pezas" da encantadora Audrey. A sáia é de linhas retas, a jaqueta tem "basque" godet e interessante recorte no decote.





"WEEK-END" na Cozinha

COM este calor, nada mais delicioso do que um refresco gelado, um sorvete ou uma dessas sobremesas que se levam à geladeira. Tudo isso é de facilímo preparo, bastando apenas observar as quantidades exatas dos ingredientes e, quando se tratar de sorvete, será conveniente retirá-lo da geladeira antes que endureça totalmente, afim de batê-lo bem com uma colher de pau. Depois disso, o sorvete poderá voltar à geladeira para congelar.

Você poderá enfeitá-lo com pedacinhos de frutas frescas, também geladas, com compotas de ameixas ou de outra qualquer fruta, dependendo isso exclusivamente do seu gosto. Hoje, você encontrará aqui algumas receitas próprias para estes dias de calor.

★

"TODDY" DE MORANGOS

Ingredientes: 30 morangos; 1 calice pequeno de "Kummel" russo; 1 copo de vinho branco; 2 colheres das de sopa de gelo socado, açúcar que baste.

Preparação: Põem-se 20 morangos num recipiente próprio, machucam-se com uma colher, junta-se-lhes um pouco de açúcar em quantidade proporcional aos morangos e adicionam-se-lhes o "Kummel", o vinho e o gelo. Mistura-se tudo e bate-se bem.

Acrescentam-se os morangos inteiros e serve-se.

★

REFRESCO DE CAJU

Ingredientes: 1 litro de calda; 3 litros d'água; 15 cajús.

Preparação: Lavam-se os cajús e cortam-se em pedacinhos do tamanho de um centímetro. Põe-se a água no fogo e quando estiver fervendo retira-se, despejam-se os cajús dentro e deixam-se ficar de infusão pelo espaço de duas horas. Findo este tempo passa-se por um pano fino e acrescenta-se-lhes a calda em ponto de fio branco e completamente fria. Mistura-se tudo muito bem e depois filtra-se e gela-se.

★

CREME DE COCO

Conteúdo: 300 grs. de açúcar; 2 garrafas de leite; 1 coco; 6 gemas; 7 colheres, das de sopa, de malsena; 2 colheres, das de sopa, de manteiga.

Põe-se o açúcar numa caçarola, junta-se o leite e o coco ralado, retira-se e cõa-se. Em seguida adicionam-se a manteiga, as gemas, uma a uma, e a malsena. Leva-se tudo de novo ao fogo, mexendo-se continuamente. Quando estiver bem cozido, põe-se numa forma molhada, levando-se depois de frio à geladeira.

★

SORVETE DE LARANJA

Ingredientes: 500 grs. de açúcar; 1 litro d'água; 12 laranjas; cascas de 3 laranjas.

Preparação: Junta-se a água ao açúcar e leva-se ao fogo para fazer uma calda rala. Quando começar a ferver acrescentam-se as cascas e deixa-se ferver durante mais cinco minutos. Retira-se em seguida, deixa-se esfriar e adiciona-se o caldo da laranja. Mistura-se tudo e põe-se na geladeira para congelar.



UMA BOLSA IDEAL PARA ESTUDANTES

Janet Leigh, da MGM, resolveu o problema das estudantes que têm que carregar livros, equipamento de "maquillage", cadernos, lapis, etc., com uma bolsa apropriada. Os óculos, a caneta e os lapis, os livros, a "trousse", têm um espaço especial reservado nessa bolsa excepcional, feita em feltro verde e enfeitada com tecido de lã escocesa.





HOJE, mais do que nunca, é permitido à mulher o uso de jóias vistosas que maior realce possam dar à "toilette". Os criadores desses enfeites, quer sejam estes verdadeiros ou simples fantasias, têm procurado apresentar sempre os desenhos mais originais. Peggy Stewart, da Republic, exhibe aqui a sua coleção de jóias, onde vemos broches, brincos, colares e pulseiras, vistosos e originais.

JOIAS



O EX-CHOFER ERNEST BEVIN, LIDER TRABALHISTA



O grande público começou a notar o sr. Ernest Bevin atual ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, em 1920. Nesse ano as reivindicações dos trabalhadores das docas de Londres no sentido de uma melhoria dos seus salários demasiado baixos e da regulamentação das condições de incerteza do seu emprego naquela época, foram objeto de um inquérito pelo Tribunal Industrial estabelecido pelo Ato do Parlamento de 1919. Lord Shaw de Dunfermline — um homem de experiência madura, que ocupara altos postos na política e na jurisprudência, era o presidente. O Tribunal se reuniu nas Côrtes Reais de Justiça. O pequeno público que ocorreu no primeiro dia transformou-se em multidões densas no segundo e nos dias subsequentes; a questão dos estivadores estava sendo apresentada por um homem que conseguira inculcar-lhe vida e revestira o litígio da mais alta importância humana; era um homem de barba raspada, de sobrancelhas espessas, grandes ombros pesados e uma voz ressonante de metal de percussão.

Era tal o seu conhecimento dos fatos, seu poder de exposição lúcida, e sua capacidade de re-frear e comandar os sentimentos que, quando se sentou, os homens e mulheres na galeria levantaram-se ao mesmo tempo, aplaudindo e batendo com os pés. Muito formal, Lord Shaw os advertiu: o aplauso não era permitido na Côrte, mas, acrescentou, ele próprio simpatizava com a demonstração: "Desejo agradecer-lhe em nome deste Tribunal, ao sr. Bevin, pelo cuidado e lógica com que apresentou a questão dos trabalhadores das docas. Este Tribunal muito aprecia a esclarecedora declaração que acaba de fazer." Mais tarde, o advogado dos empregadores, que se recusavam atender as reivindicações dos estivadores, predisse-lhe "um grande futuro na causa em que tanto se aprofundou". O que mais interessava ao Sr. Bevin naquela ocasião era que os estivadores ganhassem a questão: o salário mínimo de dezesseis chelins por semana. Isso foi concedido, em resultado à sua advocacia; muitos anos mais tarde ele ainda estava lutando pela outra metade das reivindicações — a certeza de emprego. O grande futuro previsto em 1920 por Sir Lynden Macassey se realizou e os estágios que o produziram têm sido seguros e constantes — constantes, acima de tudo, na devoção à causa na qual tanto se aprofundou.

Nascido no Oeste da Inglaterra, no campo, ele foi o segundo de uma família de cinco crianças e começou a ganhar a vida como empregado numa fazenda em Devonshire. Dall partiu para Bristol e depois de uma série de trabalhos diferentes, empregou-se como motorista de um caminhão de entrega de encomendas, e assim penetrou no grande mundo dos operários de transporte. Esse mundo ele veio a conhecer em todas as suas fases; inclusive a triste fase da falta de trabalho. Da sua parte, não houve uma atitude passiva neste último caso; ele ajudou a organizar o Movimento dos Sem Trabalho do Oeste da Inglaterra e trabalhou como seu secretário.

Com uma notável persistência o Sr. Bevin dedicou quarenta dos sessenta e poucos anos da sua vida ao serviço não somente da sua união mas de todas as uniões trabalhistas na aceção mais ampla da palavra, como uma força nos negócios internos e internacionais. E' evidente que se trata de um realista quando se observa a sua inteligência ativa e capaz. Um bom líder trabalhista tem que ter essas qualidades; nisso está a característica da sua contribuição política. O sr. Bevin, no entanto, não é somente um grande realista. Ele é um patriota sincero — um dos traços que lhe ganharam a afeição do sr. Churchill. Menos evidente mas não menos verdadeira é a sua tendência idealista em que baseia o seu sentido dos fatos.

Não se pode dizer que Ernest Bevin goste de todo o mundo e se dê bem com todos. Nunca se deu bem ou gostou de Ramsay Mac Donald. Os duelos entre ambos costumavam ser os espetáculos das conferências do partido trabalhista, mas e eminentemente capaz de sentir e inspirar admiração na qual existe uma verdadeira afeição. Ele é um herói dos trabalhadores de transporte, de alta ou baixa posição. Mais interessante ainda é que ele é o herói dos funcionários do Ministério do Trabalho, também de alta ou baixa posição. Os ministros nem sempre são heróis dos seus ministérios, mas no Ministério do Trabalho ele não somente inspirou aos seus funcionários orgulho pelo seu chefe, mas também orgulho no trabalho de cada um.

Conhecia seus funcionários, dos chefes até as datilógrafas. Portanto não foi novidade que as datilógrafas e criptógrafas tivessem sido convidadas para a festa que ofereceu quando se reuniu em Londres a Conferência dos ministros do Exterior. Sua reserva pessoal não tem nada de inhumano ou desumano; nasce do profundo respeito

(Cont. na pág. 45)



LESO AO FISCO

SEMPRE lastimamos a pobreza que se verificam nas gravações nacionais. Dificilmente uma orquestra entra num estúdio de gravação para fazer um disco. Em geral nossos sambas, choros e marchinhas são lançados em cera com flautas, cavaquinhos, violões, pandeiros, cuicas e tamborins. Afirmam que querem dar com isso um cunho de maior regionalismo à nossa música. Mas a verdade é bem outra...

O interesse de algumas fábricas é não vender os discos brasileiros. Parece incrível, porque a idéia que se tem é de que as fábricas não procederiam assim, pois teriam prejuízo. No entanto sabemos que algumas fábricas importam músicas norte-americanas gravadas em matrizes e aqui reproduzem essas matrizes, que são sempre gravadas com grandes orquestras e grandes cantores. Ora, essas matrizes são importadas por um preço mínimo na Alfândega. Depois de reproduzidas rendem milhões. Logo, não interessaria a essas fábricas fazer grandes gravações nacionais, que terminariam rendendo tanto quanto as outras que lhes saem de graça, pela maneira exposta. Por esse motivo, nossa música é lançada com uma pobreza de acompanhamento lastimável.

Que devia fazer o governo? Controlar essas importações de matrizes, é lógico, porque elas são um verdadeiro lesão ao fisco. Custam na Alfândega, se não nos enganamos, Cr\$ 15,00. Aqui reproduzidas rendem milhões à fábrica. Como se chama essa maneira de agir?...

NESTOR DE HOLANDA

INCERTEZA

O MUNDO DA TANTAS VOLTAS

Valsa de Raimundo Lopes. — Gravação de Ronaldo Lupo, apresentada na novela "O mundo dá tantas voltas" irradiada com grande sucesso pela "Rádio Nacional".

Meu amor,
Vais partir...
Não tens pena de mim!
Muito cedo esqueceste
Nossas juras de amor!
Nosso romance
Foi um sonho
Lindo que chegou ao fim!

Vou viver
Sem amor,
Mas prá sempre eu hei de te amar!
Sempre te esperarei
Um dia voltarás...
Porque o mundo
Gira, gira sem parar!

Fox-canção de Mario Lago. — Gravado em disco R. C. A. Victor por Carlos Galhardo, apresentada na novela "Amanhã seremos nós" de Eurico Silva na Rádio Nacional.

Odiar-te não devo,
Querer-te não quero,
Porém não me atrevo
A te esquecer.

As vezes supponho
Que já não te espero,
Mas, vendo-te em sonho,
Te quero, querer.

Pensei desprezar-te...
Mas só posso amar-te...
Pois tu fazes parte
Do meu triste viver.

MARIA-LÁ-O

Rumba de Ernesto Lecuona.

Mulata infeliz tu vida acabó
de risas y guarachas se ha he roto el
[bongo]
Que oías ayer temblando de amor
y con ilusión junto a un hombre cruel.
su amor ya se fué de mi corazón
Que hoy te aborrece porque mi pasión
Que lico su traición.
ya tan solo es sed de verle al fin
tendido a mis pies.

Maria-lá-o, ya no mas cantar
Maria-lá-o, llorar es de llorar y de re-
[cordar]
El tiempo feliz de tus besos que fuja
[volo].

Maria-lá-o, todo se acabo
Maria-lá-o, tu amor ya e fué y jamas
[volverá]
Maria-lá-o, seña en morir.

MAM'SELLE

Fox De Mack Gordon e Edmund Goulding. — Versão brasileira de Eivaldo Filho, do filme da "Fox Film Corporation", "O Fio da Navalha".

Relembro, Mademoiselle
Dezembro, Mademoiselle
Um mez feliz, Lá em Paris,
Nós vivemos, Mademoiselle.
Seu coração pulsou...
O meu quase parou!
Depois um beijo...
Sufocou um desejo...
Andamos pelas ruas divagando, a sós...
Mas o destino quis...
Brigamos em Paris...
Hoje relembro
Que em Dezembro
Eu fui feliz!

DEZESETE NO CHORO

(Choro)

Nicola Bruni e José Cunha.

Quando eu ouvi a "Gabriela dizer
"E" com esse que eu vou
Quase que "enloqueci"
Fui procurar a "Geni"
No largo de "Catumbi"
Mas acontece que "O azar é seu"
E que "no meu colchão"
Você não dorme mais
"Princesa de Bagdá"
Não mais serei seu "Pachá".

"Rasguei o meu Picot" de cetim
E por "Vingança" arranhei novo amor
Mas "Si ela reclamar"
Eu não censuro o "Esquecimento"
Não senhor
Trago em meu peito uma "Cicatriz"
O meu viver é um "Tormento" sem igual
Se continuo assim
Vou acabar cantando
"O Minueto nos suburbios da central".

UM LAR E VOCE

(Fox)

Eivaldo Ruy e Lucio Alves. — Gravado por Aracy de Almeida em disco Odeon.

Um lar e você
Depois um bebê
Coisa fatal já se vê...
Varanda p'ro mar,
Romance, luar
E um roxinol a cantar...
Poemas, canções
Juntinhos haverão de compor...
Um lar e você...
Depois um bebê...
Amor!

Oh! as mulheres

(Continuação da pág. 30)

nho encantado. Muitas vezes, lá ficava também à noite, pois ela me dizia que as noites eram longas e não podia, de modo algum, aproveitá-las inteiras para o sono. Além de ter todas estas virtudes, era também desinteressada. Jamais admitiu que eu gastasse com ela; jamais que lhe levasse flores. «Perderiam todo o fascínio no instante em que você chegasse», dizia-me. Certa vez, perambulando através da cidade, estacamos numa loja de brinquedos. Numa rica vitrine, em meio a bonecas e automóveis, resplandecia magnífico cãozinho negro, de laçote vermelho no pescoço. «Esplêndido», disse-me, «ficaria bem sobre o meu leito; faria um contraste estupendo com a colcha azul celeste». Que fazer, tio, com a pequena que custa apenas o bonde que se toma para ir vê-la? Presenteá-la, certamente. Assim fiz. Quis, também, mandar-lhe o presente sem nenhum bilhete para infundir ao ato um sabor de surpresa. No dia seguinte, procurei-a radiante, certo de me afogar numa delirante festa de amor. Recebendo-me à porta, suas primeiras palavras foram:

— «Ah! E' você?»

— «Como, se sou eu — respondi.

— «Esperava alguém?»

— «Não» — pronunciou ela, dis-
tratamente. Sobre o cachorrinho
nem uma palavra.

Já se vê, pensei, que ainda não
havia sido entregue. Trá-lo-ão ago-
ra, enquanto estou aqui. Que des-
dita! No entanto, já o deixara pago
de manhã. Cheguei a pensar que ela
se ofendera. Não suportava mais a
curiosidade. Houve uma luta breve
dentro de mim, ao cabo da qual ex-
clamei:

— «Desço um minuto para com-
prar cigarros.»

— «Para que descer? Fume dos
meus.»

— «Não gosto.»

— «Fumou-as tantas vezes...»

— «Sim, mas hoje não quero. Vou
e volto num instante.»

Pude, assim, sair e telefonar à
loja de brinquedos. O cãozinho fôra
entregue logo de manhã cedo...
Voltei como um bólido. Da janela
ela acompanhava meus movimentos
e fez-me encontrar a porta aberta.
Eu devia estar com o rosto cor de
terra.

— «Que lhe aconteceu?» — per-
guntou.

— «A mim, coisa alguma. A você,
sim, que não me diz nada sobre o
cachorrinho.»

Se estava o meu rosto como ficou
o dela depois da minha frase, devia
ser horrível.

— «Perdoe-me.»

Afinal, encurtando a história, jul-
gava que lhe tivesse enviado o pre-
sente certo jogador de futebol, com
o qual me traíra e em cuja compa-
nhia vira tempos atrás aquele cão-
zinho. No primeiro momento pensei
em me matar; depois, achei mais
prático viver uma noite de farra
num cabaré qualquer, brindando a
morte do meu amor por Clara.

— Como é que você disse que ela
se chamava?

— Clara... Clara Gonçalves.

— Bem, não se fala mais nisso.
Está convidado para jantar...

Que meu sobrinho fosse um bom
garfo eu já sabia; mas que me fosse
mais conveniente fazer-lhe um terno
do que levá-lo a jantar, eu não po-
dia conceber. Mas foi isto que ele
me pediu. A juventude se consola
bem depressa.

— Não come, tio? — Interrogou-
me preocupado, vendo que eu quase
me abstinha de tocar nos pratos...

— Não tenho muita fome.

— E então... quanto ao presente,
que resolveu fazer?

A minha resposta é incisiva:

— Precisa de dinheiro?

Ele me fita estupefato. Repito a
pergunta.

— Bem, de dinheiro eu preciso
sempre...

— Dois contos bastam por agora?
O garfo lhe cai da mão. Ponho
sobre a mesa três contos e me le-
vanto.

— Está sentindo alguma coisa,
tio?

Mostrava-se sinceramente interes-
sado. Enquanto tomo o chapéu para
sair, consulto-o em resposta:

— Prefere ir gastando desde já
a herança que lhe deixarei, ou ter
uma velha amante por tia?

Não ouço a resposta; apenas uma
tosse afogada. Decerto o alimento
atravessara-lhe a garganta. Quanto
a mim, tinha atravessado na gar-
ganta toda a minha segunda juven-
tude.

(Tradução de Eivaldo Dantas Fer-
reira do original em italiano.)

A vida de John Locke

(Continuação da pág. 24)

pria sorte estavam prestes a ser
severamente experimentadas.

Lord Ashley, sem embargo do
seu conhecido liberalismo, fôra ele-
vado ao mais alto cargo do reino
— o de Lord Chanceler. Daquele
momento em diante seria conheci-
do na história como o Conde de
Shaftesbury. Tornara-se o pri-
meiro grande chefe das classes
mercantis de Inglaterra. Em vir-
tude da ascensão dessas classes
mercantis, experimentava a políti-
ca britânica, uma evolução da au-
tocracia no sentido da democracia.
O reinado de um partido, constituí-
do do monarca absoluto e de seus
nobres, ia sendo substituído pelo
reinado de dois partidos — o dos
nobres e o dos negociantes. Shaf-
tesbury era chefe do partido mer-
cantil apelidado o dos Whigs con-
tra o partido que sustentava o rei,
denominado o dos Tories.

A carreira de Shaftesbury foi
como a subida e a queda de um
mar tormentoso. Após a sua as-
cenção à chancelaria, o rei entrou,
subitamente, a suspeitar d'ele, de-
mitiu-o do cargo e mandou-o para
a Torre. Locke, que, segundo todos
os indícios, havia de partilhar da
fortuna de seu amo, boa ou má,
achou conveniente procurar um cli-
ma mais quente, tanto para a sua
saúde política, quanto para a sua
saúde física. Viajou para o sul da
França e, ao regressar à Inglater-
ra, encontrou Lord Ashley não só
restituído às boas graças de el-rei,
mas, também, entrincheirado no
cargo de presidente do conselho
real. Decorridos dois anos, toda-
via, foi novamente Shaftesbury
mandado para a Torre, acusado de
alta traição.

A vida de Shaftesbury foi uma
sucessão de sentenças penais e a
de Locke uma sucessão de excu-
sões ao continente. Mas ao con-
de aproveitou, ainda mais que
ao filósofo, a estranha rotina.
Pois se Locke, ao tornar do exílio,
viu-se livre para especular sô-
bre as vicissitudes da vida, Shaf-
tesbury, ao deixar a Torre, viu-se
livre até da própria necessidade
de especular, porque se recolheu
de uma cela a outra — o túmulo.

O que quer que possamos dizer
do recolhimento de Shaftesbury, o
de Locke foi bem aproveitado. A
grandeza medra na solidão. E a
glória é, muita vez, lançada sobre
um país pelos filhos que esse mes-
mo país expulsou de seu seio. A fa-
mília humana tem sido salva,
amíde, pelas suas «ovelhas ne-
gras». Os infratores espirituais
das leis da história são uma verda-
deira galeria de marotos — santos.

Morrera Shaftesbury na desgra-
ça e Locke era um homem marca-
do, porque fôra o companheiro in-
tímo de Shaftesbury. Espalhou-se
o boato de ter sido ele o autor de
um panfleto advogando a rebelião
contra a tirania. Tinham-no por
perigoso radical e o governo des-
tacou espias para vigiá-lo em Ox-
ford. Observavam-lhe todos os ma-

vimentos. As autoridades da escola, interrogadas, declararam nada saber concernente às suas intrigas «Whig». Diante disso, os espíritos começaram a praticar com êle na esperança de que lhe saísse dos lábios alguma palavra suspeita. Em vão. «Nenhuma palavra já mais se lhe desprende da boca que indique algo de suas maquinações internas».

Contudo, o rei, temeroso de arriscar-se, ordenou que o demitisse da faculdade de Oxford. Compreendendo a sua precária posição, partiu Locke para a Holanda, abrigo de todos os refugiados liberais. Enviou, o rei, agentes para «desentocá-lo». Moveram-se contra êle processos de extradição e preparou-se para julgá-lo, o tribunal do rei. Um obstáculo, contudo, ergueu-se ao triunfo real. Locke não era encontrado em parte alguma. «Dissipara-se no ar». Na verdade, arranjara um esconderijo na casa de um medico amigo, em Amsterdam. Deparava-se-lhe, agora, a excelente oportunidade de compilar os méritos do governo liberal dos Países-Baixos com os defeitos do governo coercitivo da Inglaterra. Sentiu que o mundo necessitava de uma nova filosofia, novo código de ética, nova religião de tolerância. O homem deve ser tolerante — há-de ser o seu único dogma.

III

Sic cogitavit de intellectu humanae Johanes Locke, anno 1671. «Deslarte cogitava John Locke sobre os problemas do intelecto humano em 1671». Assentara, Locke, esta anotação, em seu livro de notas uma década antes, quando a discussão, em seu clube, versava sobre o mistério da inteligência humana. Esse problema filosófico sempre o fascinara. Mas quando mais aprendia acerca das operações do espírito humano tanto mais desesperava de sua sanidade. Em França, suavam e morriam à fome as grandes massas populares para a maior glória de uns poucos nobres indolentes. Na Inglaterra a tolerância religiosa estava fora de moda, e aqueles que tentavam fazê-la ressurgir tinham boas razões para temer por suas vidas. Em todo o continente europeu os milhões de carneiros, alimentados por uns poucos pastores astutos nas pastagens do preconceito, permitiam que se lhes tosquiassem as propriedades. A sociedade era um sistema «divinamente ordenado» de castas — em que a maioria dos homens era constituída de réprobos. Entretanto, um pouco de bom senso teria modificado tudo isso.

Na Holanda, apenas, ao que parecia, imperava algum bom senso. A classe média holandesa possuía vitalidade. Era constituída de banqueiros e comerciantes que aplicavam o seu arguto ceticismo comercial aos mistérios do governo vezados a pesar a sua política como pesavam a sua mercadoria. O trato das mercâncias era uma questão de dar e tomar. Assim, também, arrazoavam êles, devia ser o trato do governo. Os negócios etribavam-se em contratos entre o vendedor e o comprador. Da mesma forma havia de basear-se o governo em contratos entre o dirigente e o dirigido. Não assistia ao rei nenhum direito divino de impor ao povo a sua autoridade. Cobia-lhe meramente o direito comercial de vendê-la a um preço que satisfizesse o freguês. O rei, em resumo, devia entrar num ajuste, mutuamente aceitável, com o seu povo. Na filosofia comercial da classe média em ascensão discerniu Locke o fundamento de uma filosofia maior — a filosofia de uma base mais perfeita para as relações humanas, a vitória sobre

(Cont. na pág. 45)

MÚSICA

MUSICÓLOGO EM APUROS — UMA TEORIA SOBRE A PRECOCIDADE — A NOVA GERAÇÃO — ESCAPOU DE IR PARA O INFERNO

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para REVISTA DA SEMANA)

Registramos, com entusiasmo, o avanço cultural do nosso povo, atestado pelas atividades musicais em todo o país. Por toda parte, têm surgido, com efeito, organizações artísticas, desafiando a falta de recursos, a ausência de apoio efetivo, mantidas, somente, pelo entusiasmo dos fundadores e pelo acolhimento que o público lhes proporciona.

O interior não é mais, unicamente, a fonte onde musicólogos de caderno de notas em punho colhem material para seus estudos sobre música folclórica. A obra dos principais compositores nacionais e estrangeiros fez mais do que uma marcha para o oeste; seguiu em todas as direções... Aliás, nem sempre os dados colhidos naquelas viagens de pesquisa dos musicólogos traziam luzes à análise do folclore. Conta-se, até, com muita malícia, a «estranha aventura de um «erudito» professor que trouxe, de uma dessas investigações in loco, uma série de notas. Mal chegou ao Rio, fez anunciar que era portador de documentário da maior importância. Mas, quando exibiu o que achara, para grande desapontamento de todos e seu particular embaraço, descobriu que eram sambas do carnaval de alguns anos atrás, partidos da Cinelândia para chegar em — digamos — Santa Rita de Caixa Pregos com muito atraso e algumas alterações...

Temos recebido, aqui, no Rio, a visita de inúmeros artistas formados nos Estados e a solidez dessa formação, assim como o talento desses jovens intérpretes, depõem a favor do ambiente de cultura musical que se vai adensando. Ordinariamente, o menino — ou a menina-prodígio é a coisa mais detestável deste mundo. Muitas vezes êsse pro-

cesso de apressar o desenvolvimento das crianças, amadurecendo à força suas vozes mal esboçadas, tem os resultados mais contraproducentes. Entretanto, a experiência manda logo abrir exceções à regra. Entre estas exceções, pretendo situar a jovem professora (!!) Iris Silva Oquist, de 14 anos de idade.

ACORDEON E PRECOCIDADE

O Rio Grande do Sul nos mandou essa moça que desde os 11 anos vem dando concertos em seu Estado natal e que, de passagem pelo Rio, nos deu, na Associação Cristã de Moços, uma amostra de sua arte. Misturando, no programa, música ligeira com algumas peças de maior responsabilidade e valor, ela demonstrou, na variedade de seu recital, uma espontaneidade e um entusiasmo juvenis que, aliados à técnica já segura e brilhante, agradaram, imensamen-

te, ao público que se reuniu para ouvi-la.

Essa representante da nova geração de músicos gaúchos, que tão precocemente se apresenta — e já com o peso do título de professora — dá-nos mais uma prova de que dos Estados é que receberemos o talento moço que há de renovar os nossos meios musicais, extraído da sua capacidade de adaptação e aperfeiçoamento, os elementos necessários para, com o esforço constante destinado a superar os sucessos já obtidos, compor as personalidades artísticas que dominarão, no futuro, o panorama musical brasileiro.

O PRESIDENTE FOI AO INFERNO...

O recital de Iris Oquist contou com a presença de inúmeras personalidades. Não o tantas, porém, como Chaliapin conseguiu reunir certa noite no Metropolitan, para ouvi-lo cantar o Mefis-

tófeles. Naquela ocasião até o presidente Coolidge ocupava um camarote e, desejando conhecer pessoalmente o grande artista, mandou chamá-lo. Faltando-lhe tempo para trocar de roupa, no curto intervalo, Chaliapin apresentou-se ao chefe do governo americano sem desmanchar a impressionante caracterização que preparara para interpretar o papel do Diabo. Com uma reverência, observou o cantor ao ser apresentado a Coolidge;

— Como as conveniências impediam que o presidente dos Estados Unidos fosse para o diabo, este mesmo personagem veio cumprimentar o presidente dos Estados Unidos...

Coolidge achou muita graça e agradeceu ao artista:

— Fico-lhe imensamente grato. Afinal de contas, o senhor poupou-me uma viagem ao inferno...

Aliás, Chaliapin nunca perdia a presença de espírito. Nem mesmo quando lhe sucedia um desastre. De uma feita ficou imprensado entre o elevador que o trazia do subterrâneo e um alcapão por onde deveria entrar em cena, mas que, na hora, não abriu. Chaliapin, na iminência de ser esmagado, pediu que parassem o elevador, sem perturbar-se. Depois de salvo, endireitou o capote de Mefistófeles, o personagem que ia interpretar, e disse:

— Uff! Cheguei a pensar que, em vez de «interpretar» o papel do Diabo, fosse, hoje mesmo, conhecê-lo, no outro mundo...

Depois, sorrindo diante do espanto dos que o cercavam, entrou em cena.



Iris Silva Oquist — Uma professora de 14 anos.



SOIRÉE

JANIS Paige, encantadora "estrêla" da Warner Bros; é quem apresenta-nos êstes dois interessantes modelos para noite. O primeiro, da esquerda, é um modelo em tule negra, sobre fundo de tafetá da mesma côr. Grandes bordados de flores em "paillete". O segundo modelo também de grande elegância foi executado em setim preto e lamé prateado, modelo bastante vistoso e original.

A vida de John Locke

(Cont. da pág. 43)

o preconceito por meio do bom senso.

Ao passo que Locke preparava as suas notas sobre a importantíssima questão do preconceito humano, um preconceito no mundo dos homens era pôsto para sempre de lado — o preconceito dos Stuarts. Por um giro feliz da roda da fortuna o rei holandês, Guilherme de Orange, subira ao trono inglês. Os liberais ingleses e a classe mercantil crescente haviam conspirado com êle, em segredo, para derrubar o hipócrita Stuart e fazer com que o primeiro substituisse o segundo. A Grande Revolução de 1688 foi uma revolução da classe média. Desembarcou, Guilherme, no litoral inglês e realizou um levante da burguesia sem derrame de sangue. Esta instalou-o no trono depois de o haver ligado a um contrato, como bons comerciantes que eram.

Locke podia, agora, voltar à sua terra natal. Publicou o seu Ensaio sobre o Entendimento Humano, a maior parte do qual compilara durante o exílio. «Ensaio» é um termo modesto. É, o livro, uma obra monumental, perfeitamente à altura dos monumentais sucessos que então ocorriam.

Por algum tempo, conhecera Locke o que andava errado na filosofia do mundo. Os homens relutavam em experimentar a suas idéias

morais, como o tinham feito com as idéias comerciais e políticas. Começavam a duvidar do direito divino dos reis mas acreditavam, ainda, implicitamente, no direito divino do preconceito. Mestres sectários e filósofos dogmáticos constrangiam a ilimitada capacidade do espírito humano para fazê-lo alcançar certas verdades «infallíveis». Acreditava-se que nascesse o homem com idéias preconcebidas a respeito de Deus e dos homens — idéias não sujeitas à revisão, não susceptíveis de disputa. Aquêles que se recusavam a aceitar essas idéias, fôsse no domínio religioso, fôsse no das relações sociais, eram condenados à perseguição. Tal era o fundamento da poderosa estrutura de intolerância, hipocrisia e malevolência que escravizava o espírito humano.

IV

Qual é a verdade real em relação às chamadas «infallíveis» verdades da humanidade? A resposta de Locke a essa pergunta, caiu como uma bomba sobre o mundo.

«Os nossos espíritos não são tão grande como a verdade nem conformes com a extensão total das coisas». Sejam sinceros com nós mesmos e admitamo-lo. «Quadrar-nos-ia melhor considerarmos bem as nossas próprias fraquezas e exigências, para o que fomos feitos, e do que somos capazes». Tal deve ser o nosso modesto princí-



HARLEY-DAVIDSON

A motocicleta dos campeões

Temos para pronta entrega os tipos 750 c.c. e 1.200 c.c. desta afamada marca

Em Exposição:
RUA DO PASSEIO, 48/56

PEÇAM CATÁLOGOS

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MESBLA

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE - PELOTAS - B. HORIZONTE - RECIFE - NITERÓI

TEM FALTA DE APETITE?

DYNAMOGENOL

VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

SORTE GRANDE

(Cont. da pág. 48)

Podia haver irreconciliação ou incompatibilidade de gênios. Mas a tranquilidade de Bituca apavorava.

Ainda se houvesse mistério para Bituca descobrir, sim, podia ser difícil; mas uma coisa que estava entrando pelos olhos de todo mundo!

A tarde caiu com tonalidades de inverno, tons cinzentos no poente triste, e logo a noite escureceu tudo sem luar. Não havia pirilampos, porém naqueles olhos e bocas o faiscar da maledicência punha fagulhas que só o marido calmo não sabia descobrir.

A polícia especial da honra alheia estava desorientada. Desorientada porque de investigação em investigação, vigílias e inquéritos chegou ao caso positivo: o professor era mais do que professor dentro do lar do chefe da estação. Afinal a sociedade estava ao sabor dum aventureiro, dum conquistador barato.

Mais desorientada porque se é verdade que há culpa tem de ser dada uma sentença; o tamanho de Bituca assustava. Demais, ver, propriamente ninguém viu. Propala-se.

— E' preciso que sejamos fortes. Estamos também fazendo papel de banana. O momento requer uma força especial.

— E' melhor ir uma comissão. Todos reunidos têm mais prestígio. Avisar é uma coisa, provocar é outra.

Houve um alívio. Idéia salvadora. Todo medroso gosta de andar em bando. Os adeptos de grupos de partidos são sempre covardes. Encheram-se de coragem. Apanhariam juntos.

Não citaram Zola, nem contaram a anedota do sofá. O caso não era para literatura nem para historietas.

— O que os senhores me vêm delatar eu não posso levar em conta.

E com voz mais grossa:

— Como poderia minha esposa me trocar? Aquilo é homem que alguém possa temer? E' um caso de lástima. Um pobre coitado. Sou observador. Na minha profissão, e isto há vinte anos, jamais cometi um engano. O mesmo faço em casa, observando tudo. Agora reparo que os senhores são bisbilhoteiros. Bisbilhoteiros e de péssimos costumes.

Como têm tempo para viver olhando pelas cercas de bambus dos quintais alheios, provam que são mal educados; e se fizessem perguntas a respeito da esposa de cada um dos senhores? E se tivessem tempo para acompanhar os passos de suas filhas junto aos namorados? E as irmãs que vão ao dentista sozinhas?

CAIXA DE RESSONÂNCIA

(Cont. da pág. 41)

to pela personalidade humana e seus direitos sagrados que fez dele um socialista, como também fez dele o mais adversário da ideologia nazista e todas as suas obras. Uma grande comunidade de vistas, e o fato de que ambos são, de maneira diferente, intensamente britânicos e, da mesma maneira, intensamente patriotas, fez com que ele gostasse do sr. Churchill desde o princípio e tivesse se dado bem com êle todo o tempo. Foi Ernest Bevin que em 1935 fez um discurso decisivo que arrastou o Partido Trabalhista, na sua Conferência de Preparativos para as Eleições, a votar a política de sanções contra a Itália, perfeitamente ciente das suas consequências. Esse discurso provocou a resignação de George Lansbury como líder e colocou o sr. Attlee no seu lugar. Muito antes de 1935 êle se declarou contra o apaziguamento; nunca abrigou ilusões ou permitiu que alguma subsistisse a respeito dos regimes nazista e fascista.

Há fogo dentro desse homem. Ele encerra uma esperança de luz para o nosso caminho obscuro.

MARY AGNES HAMILTON

Que fossem cavalheiros e se abstivessem de tocar na honra alheia.

Quem sabe se não estavam equivocados?

E isto é uma afronta porque é uma mentira.

Como podem tomar uma simples sugestão pela verdade?

Como podiam intervir na vida íntima dos outros?

Com que facilidade opinavam em definitivo numa simples suposição?

Já falaram com o padre? Pergunta-lhe se a virtude duma senhora casada não é sagrada?

E o pecado da difamação?

Quantos poderão ir para o inferno?

A comissão ficou boquiaberta. Olhos espantados, caras ruborizadas. Depois quis protestar. Quis reagir. Mas olhou o tamanho de Bituca. O chefe da estação de Sorte Grande estava com olhos esbugalhados e pulsos cerrados; amarrou a cara como quem queria dar uma amarrada de animal bravo de descampado, esperando o primeiro movimento.

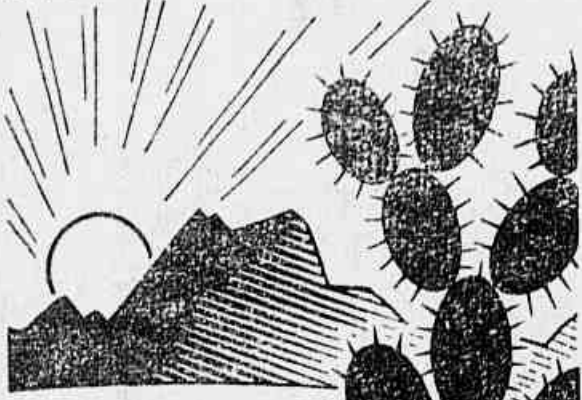
Estava com ódio de terem inventado tanto.

Pasma, mas ainda calma e refletindo bastante para evitar um pugilato, a comissão voltou para suas casas, a fim de notar o que faziam as esposas, filhas e irmãs quando iam ao dentista ou passeavam com os namorados. Não convinha brigar. E ainda mais apanhar por causa alheia. Todos estavam desajeitados; o assunto tinha acabado, ou por outra, havia muito assunto por demais remoldo, mas era melhor ficar no ponto morto.

A tarde, depois que o trem partiu, Bituca, enrolando a bandeirinha, relanceou o olhar por Sorte Grande e resmungou:

— Cambada de intrigantes! Bem minha Belinha sempre fala que lugar pequeno quando não se tem o que fazer é inventar coisas da vida alheia. E é só no pecado que vivem pensando,

NOS CLIMAS TROPICAIS...

**Dr. José de Albuquerque**

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosário, 98 — Rio de Janeiro

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorre sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

pio. Longe de possuímos algum conhecimento inato e bem arrumadinho, das coisas, nas reentrâncias de nosso espírito, cumpre-nos encarar o fato único de que não podemos conceber idéias verdadeiras além de nossa experiência

O espírito humano não tem idéias próprias. É um espelho, apenas, que reflete o que quer que lhe seja apresentado por meio de nossos sentidos. Ou talvez possamos considerá-lo como uma camada de cêra modelada consoante a forma das idéias que recebe. Não possui, o espírito, poder criativo próprio. Não lhe é dado, sequer, criar a idéia de Deus. Deus existe, independentemente da inteligência humana, assim como existe o mundo sensorio fora da inteligência humana. Mas a idéia de Deus é tomada de maneira diferente das idéias do mundo exterior. Na realidade, há duas maneiras pelas quais o espírito recebe as suas idéias. A primeira, por meio da simples sensação, pela percepção das idéias do mundo exterior. A segunda, por meio da reflexão, pela assimilação e classificação das idéias que o espírito recebe dos sentidos. O espírito tem um jeito de combinar e repetir as impressões sensoriais. Quando o espírito, destarte, combina e repete as suas impressões sensoriais — isto é, quando reflete sobre as suas próprias operações — dá origem as idéias conhecidas como o duvidar, o querer, o pensar e o acreditar.

A única maneira, pela qual o espírito pode dizer se assimila as suas idéias em proposições verdadeiras ou falsas, é por meio do poder da intuição. A intuição é, em realidade, a base de todo o nosso conhecimento fundamental. «É irresistível e, como a clara luz solar, impõe-se, imediatamente, à percepção». É exclusivamente através da intuição que nos conhecemos a nós mesmos. E é através do conhecimento de nós mesmos que percebemos o nosso Criador.

Há, logo, duas espécies de idéias, observa Locke. As nossas idéias simples a propósito do calor e do frio procedem inteiramente de nossa experiência; as nossas idéias simples a propósito da vontade e da dúvida procedem de nossa reflexão sobre a nossa experiência. Estas idéias simples são matérias sobre as quais não temos poder algum, «nem para criar nem para destruir». Tudo o que podemos fazer é «uni-las umas às outras» ou colocá-las umas ao lado das outras, como faz o construtor com os seus tijolos. De onde, portanto, procedem as idéias complexas que temos de beleza, resignação, justiça e amor? Da experiência, também. Porque essas idéias complexas são feitas de combinações das idéias simples de sensação e reflexão. Exemplifiquemos: recebemos a idéia simples de um objeto que

nos proporciona um prazer de ordem estética. No decurso da nossa experiência recebemos outras idéias de natureza semelhante. O espírito assimila e combina tôdas essas idéias numa unidade coordenada que, após reflexão, denominamos «beleza». Ela torna-se, para nós, uma abstração. As experiências simples de certos objetos e sensações belas são reais, mas o espírito, depois de refletir, toma das realidades «soladas e transforma-as numa abstração geral. E assim é que recebemos as mais complicadas de tôdas as concepções — as concepções de eternidade e infinito. Em nossa vida cotidiana experimentamos definidos limites de tempo. Tomando êsses definidos limites de tempo — segundos, minutos, horas, dias, anos, séculos — como medida, estendêmo-los em ambos os sentidos na duração indefinida, ou infinita, do passado e do futuro. O mesmo é verdadeiro em relação à nossa concepção do espaço. O espírito possui um jeito a acrescentar unidades concretas de experiência a abstrações intermináveis — segundos à eternidade, polegadas ao infinito, afeição individual ao amor universal.

Tudo o conhecimento é, portanto, baseado sobre a experiência. O conhecimento de Deus é baseado sobre a experiência de nós mesmos. O cérebro não pode ultrapassar a sua ambiência. Porque o cérebro nasce apenas através das forças dessa ambiência. É uma parte integrante de sua ambiência. O cérebro está condenado ao fracasso quando procura teorizar além de seus limites imediatos. Ele nutre-se de si mesmo como um sapo se nutre da própria pele.

Deixemos, pois, de especular sobre abstrações impossíveis, verdadeiras «infalíveis» e estados inconcebíveis de perfeição. Não nos é dado experimentar infalibilidade ou perfeição nessa vida, da mesma maneira que não podemos experimentar o infinito ou a ausência do tempo. Na realidade, constitui conclusão lógica a de que, assim como Deus existe como verdade eterna e como eterno testemunho das leis da razão, assim deve a moralidade absoluta, que depende da vontade de Deus, existir como verdade razoável. E, contudo, os olhos humanos jamais viram um ato de justiça ideal ou de bondade perfeita. A conduta, neste nosso mundo, é coisa relativa. Ensina-nos a experiência que o homem buscará o bem e evitara o mal pelo mais utilitário dos motivos. Aquilo que traz ao homem o maior prazer, chama-lhe ele o bem. Aquilo que lhe traz o maior sofrimento, chama-lhe o mal.

Uma vez que o espírito humano é incapaz de apreender a verdade absoluta, conclui Locke, é-nos necessário, em nome do bom senso, permitir a todo homem o direito



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da estenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuá (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias a que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal da sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface «Brilhante» ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantado à vista.

A pele que não resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface «Brilhante» permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface «Brilhante». Experimente-o.

É um produto das Laboratórios Alface & Freitas.

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante



de ajustar-se ao Senhor à sua maneira. A sociedade não deve tentar impor padrões à consciência particular do indivíduo, enquanto os atos deste não interferirem no bem-estar público. Que cada homem faça o bem à sua maneira. O procedimento da comunidade como um todo deve basear-se sobre a sua utilidade comum. O que contribui para o prazer do maior número deve ser estimado como o maior bem. Deixai cada qual com a sua consciência e a sua religião. Os protestantes, os católicos e os judeus, todos, semelhantemente, procuram fazer a vontade de Deus. Porque o que os olhos são incapazes de medir é o coração capaz de sentir. E o coração humano tem uma capacidade de bondade e piedade que chega toleravelmente próximo à perfeição.

V

O século de Locke foi um grande século no progresso humano. Uma trindade de célicos tolerantes

O HOMEM QUE...

(Cont. da pág. 16)

sua renúncia, exclamou: — Assino a carta de alforria do derradeiro escravo do Brasil.

Para ele um amigo era tudo. E o destino, que não tem entranchas, teve o capricho de reservar-lhe esta dor que alanceou o coração do velho general até a morte: ser abandonado pelos amigos no momento difícil do seu governo. E, ao que parece, o maior número dos ingratos estava entre os seus colegas de farda. E' a ilação que se tira dos ressentimentos que, no fim da vida, magoavam a alma do proclamador.

Ao deixar a Presidência da República, Deodoro fazia questão de não querer ouvir falar em assuntos militares. Conta Ernesto Sena que o grande soldado não permitia aos poucos oficiais do exército que lhe ficaram fiéis entrarem-lhe em casa fardados.

Os ressentimentos eram tão grandes que o próprio tempo não os apagou.

Ao sentir que ia morrer, Deodoro chamou a família e recomendou que o enterrassem à paisana. E, para não ter aparato militar junto à sepultura, deixou declarações expressas dispensando as honras fúnebres que lhe competiam como marechal.

— três ingleses — apresentava a humanidade as maneiras do «suave discernimento». Eram homens simples, sadios, sem pretensões, sem ilusões, sem o senso do martírio ou qualquer outro gênero de complexo messiânico. Tinham, porém, sido abençoados com a graça da grandeza. E todos os três eram amigos íntimos. O primeiro era William Penn, que trouxe luz ao novo mundo. O segundo, Isaac Newton, que definiu as leis do Universo. O terceiro, John Locke, que abriu o caminho da compreensão entre os homens. Até o derradeiro verão de sua vida continuou John Locke a ser um ardente soldado no campo de batalha da boa vontade. Com a ascensão de Guilherme e Maria tornou a desempenhar parte ativa na vida pública. Assentou-se na Câmara de Comércio e ajudou a desenvolver as indústrias da Grã-Bretanha. Escreveu panfletos defendendo os direitos do trabalho a uma partilha equitativa na produção da riqueza. Interessou-se pela educação das massas. Defendeu, com todo o seu vigor, uma lei para assegurar a liberdade de imprensa, afim de que todo o homem tivesse «o direito de imprimir o que quer que falasse».

E nos seus anos de declínio, quando já se havia pôsto o seu sol político e sentiu que «não estava muito longe a dissolução da choupana», chamou a si os amigos e disse-lhes que se alegrassem, pois agora, finalmente, encontrava o caminho para a compreensão que existe além de todas as diferenças e dúvidas — a verdade infalível. (Do livro «Vidas de grandes filósofos»).

O JOGO ACABOU? POIS SIM...

(Continuação da pág. 11)

clube para poder jogar. Só admitimos sócios.»

Isso faz com que o palerma mostre sua carteira de identidade para preencher a ficha, o que na maioria das vezes não chega a fazer. Verificado ser um inofensivo, — nem policial, nem fiscal, — vendem-lhes as fichas e arranjam-lhes o lugar à mesa. Preferem sempre levá-los para a mesa do «stickey». Esse jogo demora menos que o pife-pafe e por isso traz mais vantagens para a casa, pois o «barato» é tirado de minuto em minuto. Quando não há parceiros suficientes, três ou quatro empregados fazem companhia à mesa e o infeliz joga sozinho contra toda a casa. Apesar de o «stickey» ser primo do «poker», é um jogo visivelmente bancado, tanto quanto o «bacarat» dos cassinos. O banqueiro da casa dá as cartas e os jogadores apostam entre si com o jogo que têm nas mãos. Enquanto isso, em cada rodada o banqueiro retira os indefectíveis cinco por cento para a casa. Revezam-se os banqueiros pela noite a dentro, sempre dando as cartas e comandando o jogo. Se isto não é jogo bancado, não sabemos o que a Polícia define como tal. O clube paga ainda toda aposta duvidosa, para não dar margem a reclamações. O «barato» dá para todas as despesas, inclusive para cervejas e jantares gratuitos. Esse é o ambiente de todas as noites nas sociedades chamadas carnavalescas. Não importa que as diretorias venham a público declarar que nada têm com o jogo na sede das mesmas, jurando que o clube é alugado a fulano ou beltrano. A verdade é que se joga escandalosamente em quase todos os clubes do Rio. Explora-se o parceiro por todas as formas. E a Polícia devia saber disso. Se não sabe é porque faz questão de ser a última a saber...

OS CASSINOS CLANDESTINOS

Em menos de um ano os jornais noticiaram o fechamento de vários cassinos clandestinos no Rio e adjacências. Em Caxias chegaram a funcionar dois ao mesmo tempo. Outro, também no Estado do Rio, tinha férias diárias de cem mil cruzeiros. Telegramas do Pará acusaram há poucos dias o aparecimento de uma casa de tavolagem cujo proprietário teria tido o apoio e a defesa de um ex-governador do Estado... Há quinze

dias foi fechado em Belo Horizonte um cassino clandestino que arrecadava diariamente oitenta mil cruzeiros dos clientes. O gerente desse cassino acusou de convivência com os donos da tavolagem o delegado dos estrangeiros, Nilo Andrade, e o delegado de Jogos e Costumes, Carlos Lourenço Jorge. Adiantou ainda que o delegado Nilo Andrade avisou a batida da polícia minutos antes que ela se desse. O caixa do cassino apontou como proprietários do cassino o advogado Antônio Machado e os srs. Odilon e Plínio Fonseca. E' por essas e outras que o jogo clandestino continua... Assistimos, há tempos, ao fechamento de um cassino em Caxias. O gerente ou co-responsável pelo jogo era um ex-empregado do extinto Cassino Atlântico. A prisão foi em flagrante, e no próprio local ele confessou sua responsabilidade. Pois bem: que penalidade foi imposta ao infrator? Nenhuma, pois daí há dias revíamos o tal gerente passeando lampeiramente pela rua Gonçalves Dias. A falta de punição aos que têm «costas quentes» — todos os donos de cassinos clandestinos estão apoiados em altos figurões — faz com que o desaparecimento de um cassino clandestino seja fato temporário. Coincide com a subida à Delegacia especializada de um comissário íntegro. No fim de pouco tempo o honesto comissário é substituído e os cassinos clandestinos se reabrem com os mesmos donos, mudando apenas de sede... Quando mudam!

CASSINOS AO AR LIVRE

Uma modalidade nova da exploração do jogo de roleta, ou algo muito semelhante àquela, começou há pouco na cidade em alguns «parques de diversões». Entre estes mereceria sumário fechamento o «parque de diversões» instalado à rua do Catete, próximo ao largo do Machado. Os que olham o parque do lado de fora e vêem girando as barquinhas da roda-gigante têm a ilusão de que aquilo foi aberto para divertir os moradores do bairro. Puro engano. Durante quase todos os dias da semana o parque fica deserto, com exceção das barracas de jogo. Os brinquedos servem apenas de despistamento e chamariz para as roletas. Joga-se da seguinte maneira: no balcão da barraca estão desenhados números de 1 a 12. Ao lado, as figurações de Grande, Pequeno, Par e Impar, tal como nas roletas dos cassinos. A ficha mais barata é de cinco cruzeiros. Só pelo preço da ficha verifica-se que o intuito do baraqueiro é apenas bancar o jogo. Ninguém iria comprar uma ficha de cinco cruzeiros para arriscar a sorte e, caso fosse contemplado, receber um dos objetos que se empilham na prateleira. O freguês compra as fichas e começa o jogo. Pode jogar em pleno, semi-pleno, etc. — Tudo copiado da Urcia, Copacabana, Atlântico e congêneres. Pagam dez vezes mais no pleno, duas vezes mais nas figurações, e assim por diante. Se o jogador tem a sorte de sair ganhando, troca as fichas por dinheiro com um dos sócios. O pagador, para maior segurança, fica passeando pelo parque, como se fosse um simples curioso. O banqueiro, para animar os jogadores, grita de vez em quando:

— «Senhores, façam jogo! Pagamos qualquer parada! Ainda ontem um felizador ganhou vinte contos!»

E o jogo continua franco, absoluto, até altas horas da noite. Não é apenas o «parque de diversões» da rua do Catete que explora descaradamente os jogos de de azar. Já estivemos em outros, em Cascadura e Nova Iguaçu, que usavam e abusavam da convivência dos responsáveis pela fiscalização desses parques. Também a Prefeitura, pelo seu departamento especializado, que faz a concessão de licenças para essas tavolagens ao ar livre, tem responsabilidade em tais abusos. Onde está a sua fiscalização, que não vê essas coisas?

OS MAIS «INOCENTES» DOS CONTRAVENTORES

Aí está um ligeiro resumo de como se joga hoje em dia no Rio de Janeiro, a capital dos jogos proibidos. «Jogo de bichos», pife-pafe, «stickey» e «poker», cassinos clandestinos, roletas nos parques de diversões... Isso para não se falar nos jogos de «ronôa», «donas» e outros, que ao pé daqueles são simples brincadeiras. Entre todos os contraventores dizera que os menos incomodados são

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplicar Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

os «book-makers». O principal prejudicado é o Jockey Club, que tem milhares de apostas desviadas dos seus «guichets» oficiais para esses «book-makers». Com o fechamento das agências do Jockey Club da avenida Rio Branco, de Madureira, da Penha e de Niterói, o número de banqueiros por conta própria aumentou. Acreditamos que são os únicos contraventores que não sofrem perseguição da Polícia. A maioria das contravenções que assinalamos só existe porque há complacência, porque há tolerância, porque há «interesses criados». Sancada a organização policial dos elementos que se aproveitam da lei para obter vantagens particulares, deixariam de existir os jogos proibidos. Enquanto isso não se fizer, decretos presidenciais não resolverão o problema.

**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fúria, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

SAMBA, PORTINARI E MINISTÉRIO DA...

(Continuação da pág. 25)

mar que semanalmente as nossas missões diplomáticas no exterior recebem pedidos de jornais e revistas, interessados em publicar suas fotografias, o que demonstra a curiosidade existente.

A moralidade da fábula é, mais ou menos, a do «Patinho Feio», de Andersen. Não sei se ainda se recordam dessa história infantil, como também ignoro se as crianças de hoje modelam seus sonhos em Andersen ou apenas no Fantasma Voador. Aos que não conhecem a história recomendamos a sua leitura, pois o caso é idêntico. Durante muitos anos — aqueles em que estivemos preocupados em exaltar as belezas naturais do nosso país, o samba, Portinari e o Ministério da Educação foram, sistematicamente, combatidos. Porque o nosso grande erro foi, sempre, sobrepor a natureza ao homem. A este compete dominar aquela — verdade que jamais quisemos enxergar. O Pão de Açúcar pode ser grandioso, mas o caminho aéreo que o liga à terra é muito mais importante. E por isso para o resto do mundo o «Tico-Tico no fubá» é infinitamente mais interessante que a «pororoca» do Amazonas...

JOÃO DE BARRO

(Continuação da pág. 19)

O que aconteceu depois, ninguém sabe.

O negro Benedito, peão das «Três Cruzes», que voltava da pescaria, jurou que ouvira gritos de mulher e um tiro surdo, entre paredes. Parecera mesmo escutar u'a maldição com a voz de Benedito.

A fazendola de Laércio era retirada; a enchente desviava as atenções para os cuidados ao gado e às plantações.

Só três dias depois é que alguém foi até lá: da casa havia quatro paredes de barro, todas sujas de fuligem. O teto tinha arriado, comido pelo fogo. E para se entrar nela foi preciso abrir brecha no muro, porque o lugar da porta e das duas janelinhas tinha desaparecido — fôra tudo barreado. Lá dentro havia dois corpos carbonizados.

No piquete, um cavalo douradinho pascia calmamente, sozinho.

— Isto é lenda: querer dar aos pássaros as mesmas paixões que nós, os humanos, padecemos...

— Ora, seu moço! Passarinho também pode ter sentimento, quem sabe?

— Maldade como a do homem, não tem, Laércio!

Os olhos do velho se embaçaram, fitando o azul do céu, muito ao longe. E repetiu, entre lábios:

— Maldade como a do homem, não tem mesmo, seu moço!

Arrepiado, tremulando as asas mal abertas, um João de Barro gritou por longo espaço.

LUIGI PIRANDELLO...

(Continuação da pág. 17)

imprestável lirismo que se obstinava em jorrar e só parou quando completamente esgotada.

Naquela renascença dos últimos anos voltou a ser poeta por um dia. Escreveu dois «Improvisi», que começam assim:

«Quem disse que o tempo passa?

Passa é o tempo que não diz nada...»

Leu-nos timidamente. Uma maravilha. Ficou espantado com o nosso entusiasmo. E, como acabava de escrever uma peça em que se conta a história de um escritor que aos setenta anos publica um volume sob pseudônimo (e que para a opinião pública se torna o símbolo de uma literatura nova, contrária à do velho mestre), perguntei por que não tinha aproveitado aqueles versos na cena em que o herói da peça se põe a declamar. Sorriu e disse: «Eu me envergonharia».

Os versos citados na peça são do filho de Pirandello.

As preocupações do mestre tornaram-se metafísicas. A idéia do mistério e da transcendência abalava-o. Os últimos contos e os dois atos de sua tragédia inacabada revelam essa obsessão do sobrenatural. O drama «Non si sa come» foi interpretado por uns como uma adesão à psicanálise, por outros como uma conversão religiosa. Tudo o que se pode dizer é que constituía mais um capítulo dum pensamento inimitável.

Por querer assistir à estréia de «Non si sa come» foi que Pirandello morreu. Saiu de casa com uma gripe fortíssima, numa noite de neve. O público festejou o mestre, mas a peça não o entusiasmou. Aconteceu naquela noite a coisa mais pirandelliana do mundo. O herói do drama diz, morrendo, algumas palavras que podem ser comparadas com as últimas de Hamlet. No momento em que cai, atingido por uma bala de revólver, ele exclama: «Isso também é humano». O pano cai logo depois, num silêncio de fatalidade.

Naquele mesmo momento, na noite da estréia, explodiu num camarote uma gargalhada formidável, de uma moça elegante que, evidentemente, estava prestando menos atenção ao palco que às piadas de certo cavalheiro.

«Aquilo também era humano» — e impressionou profundamente Pirandello. Ele virou a cabeça de repente, suspendendo aquele murmúrio que os seus amigos sempre relembram. Ele sabia de cor suas peças, e acompanhava a execução repetindo todo o texto à meia-voz, em sincronismo com os atores.

Tudo isso se passou no Teatro Argentina, de onde, dezoito anos antes, Pirandello havia sido obrigado a fugir num taxi, com a filhinha a tremer-lhe nos braços, — depois da estréia de sua obra prima, «Sei personaggi in cerca d'autore», perseguido por uma multidão enfurecida.

Naquela noite de 1936 Pirandello voltou a casa tremendo de frio e deitou-se para nunca mais levantar. Morreu depois de uma semana. Não teve a menor dúvida de que ia sarar e retomar o trabalho. Na noite de sua morte compôs mentalmente todo o terceiro ato dos «Gigantes da montanha», pensando que ia ditá-lo a um estenógrafo na manhã seguinte. Ou talvez pensasse colocar sobre a cama a sua máquina de escrever, batendo nela com um dedo só, como sempre tinha feito na vida.

Morreu pensando em trabalho, em coisas cheias de vida. Morreu sem renegar nada, sem despedir-se de nada. Morreu carregando consigo vida e mais vida. Morreu apaixonado. Apaixonado, sim, e sem esperança, por uma mulher. Isso também deve ser dito. Ele gostaria de vê-lo escrito. Achava a morte o acontecimento menos importante da existência. Seu testamento dizia: «O carro dos pobres, ao amanhecer, e nenhuma pessoa atrás de mim. Que o corpo seja queimado e as cinzas dispersadas ao vento».

WILLIAM POWELL...

(Continuação da pág. 21)

Velo então a pior fase da vida do grande ator. Empréstado à Fox, Bill adoeceu seriamente e foi operado várias vezes. Apesar de desenganado pelos médicos, sua vontade de viver triunfou. Pode-se dizer que William Powell ressuscitou, para espanto dos entendidos. Descansou um ano e voltou às telas com um novo filme Nick Charles. Milhares de telegramas, cartas e presentes dos fãs celebraram a sua volta. O mais recente filme da popularíssima série, «Song of the Thin Man», ainda não foi exibido no Brasil.

O atual contrato de Bill com a Metro-Goldwyn-Mayer vai até outubro de 1952, incluindo ainda mais dois filmes. Além desse contrato, tem um outro com o produtor Nunnally Johnson, para cinco filmes, o primeiro dos quais é «The Senator Was Indiscreet», que será distribuído pela Universal-International.

William Powell é um dos atores mais queridos pelos companheiros de trabalho. Suas amizades são numerosíssimas, tanto entre os companheiros de profissão como entre os jornalistas especializados. É magnífico num «bate-papo», cheio de boas piadas, e suas reações diante de pessoas como de acontecimentos são muitas vezes tão engraçadas como qualquer dos papéis que já tem feito. Além de ser um camaradão, Bill é um verdadeiro «gentleman». Não consentiu de modo algum em ser fotografado ao meu lado sem a presença de minha esposa, admirador que é da «South American ladies», embora se tenha feito fotografar de paletó de pijama...

William Powell já se casou três vezes. Sua primeira mulher foi Eileen Wilson, de quem teve um filho, William Jr. Esta união terminou em divórcio, alguns anos depois. Quando trabalhava na Warner, conheceu e desposou Carole Lombard, terminando tudo também em divórcio, muitos anos antes da morte trágica da então esposa de Clark Gable.

No dia 5 de janeiro de 1940 Bill chispou para Las Vegas com Diana Lewis, uma talentosa atriz e cantora que estava sob contrato com a Metro. Os Powell mantêm duas casas. Uma em Beverly Hills, que compraram de Rex Harrison, e outra em Palm Springs. Adoram o deserto e sempre que podem refugiam-se em Palm Springs; menos no verão, quando o sol é quente de mais mesmo para esses «ratos do deserto».

A principal distração de Bill é a leitura, mas a pequenina madame Powell é uma grande tenista. A biblioteca de Bill é enorme, e sua discoteca faz água na boca de muita gente.

William Powell já não é nenhum rapazote. No entanto, nem sequer pensa em aposentadoria, já que não pode viver fora do meio cinematográfico. E' como diz: «Seria terrível aposentar-me e não ter mais motivos de aborrecimento!».

Os últimos filmes de William Powell são: «Ouro no Barro», já antigo; «Minha vida com papai» (Life With Father) e «The Song of the Thin Man», ambos da Metro, e «The Senator Was Indiscreet», da Universal-International.

SORTE GRANDE

(Continuação da pág. 23)

- Jamais discutiram.
- Excesso de tolerância.
- Fraqueza.
- Não é homem.
- E' um banana.
- E os longos diálogos que as janelas abertas já denunciaram?
- Muito pior é quando as janelas estão fechadas!

(Conclui na pág. 45)

"UM PORTO REMANSOSO"

Um folhetim sintético ilustrado
da "REVISTA DA SEMANA"

Novela de OLIVE HIGGINS PROUTY

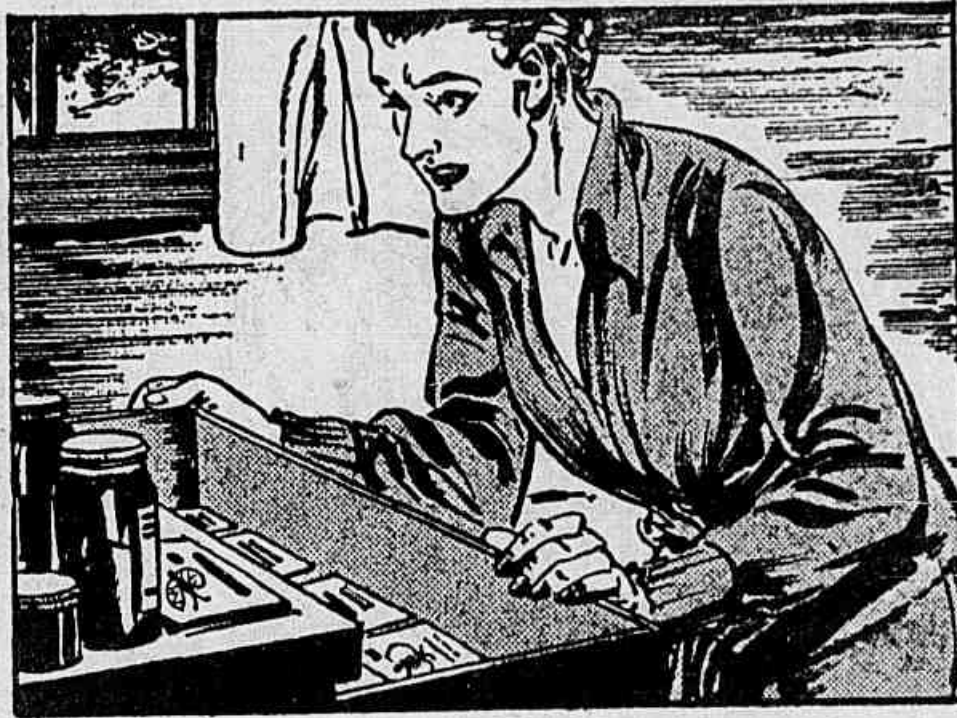
Ilustrações de GEORGE TETZEL



De madrugada, separaram-se com um adeus...



— E' o nome da árvore lá de casa!



As anotações eram da mão de Murray.

Joe quis saber quais os planos de Nora. Ela explicou: — Vá para Bangor e aguarde as ordens da armada. Depois embarque... e não se esqueça de telegrafar a Seth, avisando que foi para a guerra. — Ótimo — respondeu Joe. — Por enquanto não tenho coragem de enfrentar mamãe e Windy. Ainda não mostrei que sou homem de verdade. Mas agora tenho uma oportunidade, e é você, Nora, quem me está proporcionando. — Acenderam uma fogueirinha e sentaram-se. — Amanhã — disse Nora — vou à sua cabana, para dar sumiço em tudo o que possa servir de pista. — Você sabe onde o relógio está escondido — disse Joe. — Guarde-o. E' só o que lhe posso dar. Onde está o seu? — Na sua mochila, Joe. Trocamos

os relógios. São as nossas alianças de noivado. — Toda a noite eles passaram ao lado do fogo. De madrugada Joe partiu. Nora voltou para o acampamento e encontrou o pai ainda dormindo...

Lisa, a mãe de Joe, e o filho mais moço, Christopher, saíram de manhã bem cedo, para um passeio pelas redondezas, antes de Nora acordar. Viram as cabanas e os seus nomes, parando durante algum tempo diante de uma que se chamava «Sophora». — E' o nome daquela árvore lá de casa — disse Chris. — A nossa não é a única sophora do mundo — respondeu Lisa, embora já intrigada. O cão policial que os acompanhava conhecera Murray, e agia agora estranhamente, farejando e arranhando a porta.

Lisa deu uma desculpa qualquer ao filho e abriu a porta. Seu coração batia excitadamente... Ao lado da janela havia uma armação cheia de gavetas, quase igual à que Murray tinha em casa para guardar os insetos. — E' melhor levar o cão para fora — disse ela a Chris. — Ele é capaz de derrubar qualquer coisa. — Assim que Chris saiu, Lisa correu para o armário e abriu a gaveta superior. Ali, estendidas na sua frente, estavam fileiras arrumadinhas de borboletas, moscas e outros insetos alados. Cada espécime estava rotulado na grafia miúda e caprichada de Murray... Lisa ficou imobilizada, pensando... Não podia haver dúvida. Encontrara o esconderijo do filho «morto»...



Lisa surpreendeu-se ao ver fumaça...



— Encontrou-o? — perguntou Nora.



Surgira um laço entre as duas.

Depois da descoberta, Lisa deixou calmamente a cabana. Naquela mesma tarde conseguiu falar com Seth e perguntou-lhe quando o guia estaria de volta. Seth respondeu: — Ele não volta mais. A Marinha o agarrou...

A cabana «Sophora» atraía Lisa como um ímã. Conseguindo se livrar dos outros, ela correu para lá. Aproximando-se, ficou surpresa com a fumaça que saía da chaminé. Ao entrar viu que muita coisa já fora queimada, mas os insetos de Murray estavam arrumados em malas. Nora chegou. — Oh, srta. Brock, — Lisa sorriu, — estou apenas espiando! — Nora a olhava com hostilidade. E Lisa prosseguiu: — Estava admirando... — Esteve aqui de manhã? — perguntou Nora. — Sim, sou a culpada!

Estava procurando um tesouro oculto. — Achou-o? — Sim, achei — respondeu Lisa, imperturbável.

«Ela sabe», pensou Nora. «Cheguei tarde. Fracassei. Ela sabe». A situação era de grande tensão. Nora falou: — Joe contou-me tudo. De modo que não precisa disfarçar. — O que foi que ele lhe contou? — O bastante para que eu me surpreenda em vê-la tão calma, ao descobrir que o seu filho não está morto. — Eu nunca o julguei morto. Hoje descobri apenas o esconderijo dele, nada mais. Mas não quero que outros o descubram. Meu filho Christopher pode aparecer à minha procura a qualquer instante. Que vai fazer com a coleção? Ela pode denunciar-lo. — Vou levar tudo para o automóvel, por en-

quanto. — Você sozinha não pode levar tudo. Vou ajudá-la. — Christopher é capaz de fazer perguntas, caso a veja. E os outros também. — Tem razão. Mas isso não pode ficar aqui. Onde podemos escondê-la? — O «nós» saiu inesperadamente. Sem qualquer intenção, plano ou combinação, as duas tinham se tornado aliadas no segredo. — Por enquanto podem ficar no quarto dos fundos — disse Nora. — Cobri-las-ei com um cobertor. E' melhor cuidarmos disso agora mesmo.

Nenhuma das duas compreendeu a enorme significação daquele pequenino ato de passar as malas para lugar mais seguro. Nenhuma percebeu que surgia um laço entre elas...



— Veja isto, — disse Nora.



Ouvindo, os temores de Lisa dissiparam-se...



— Preciso deste relógio!

Uma vez tudo pronto, Nora mostrou a cabana a Lisa. — Veja isto — disse ela, segurando um caderno de folhas soltas. Lisa leu na primeira página: «Animais alados que conheço por Eliot Jones». — Eliot? — Lisa estremeceu ligeiramente. — Pensei que estivesse usando Joe Jones. — Quando ele assina é Eliot — Nora explicou. Lisa virou a folha e fez comentários... Nora, que a princípio estivera pronta a brigar, já começava a sentir qualquer coisa por Lisa. Acabou aceitando um convite para ir aquela noite à cabana de Lisa, para contar-lhe tudo sobre a vida de Murray desde que chegara ao acampamento. Sentadas

lado a lado, Nora perguntou: — Como foi que descobriu que ele estava vivo? — E Lisa falou na descoberta de Jim Billings, dos óculos de Murray, etc. Depois Nora contou como Briggs morrera, exatamente como ouvira de Murray. Ouvindo, os temores de Lisa se desvaneceram. Não há maior alegria na vida, pensou, do que se ver esclarecida uma dúvida tão triste. A história parecia verdadeira. Mas haveria os céuticos... E as duas discutiram o que poderiam fazer para provar a veracidade da história. A inspiração veio quando Nora perguntou se Lisa gostaria de ver a sua aliança de noiva, e mostrou-lhe o relógio de Murray, que retirara anteriormente do escon-

derijo da parede. — Já não marca o tempo. Nem mesmo se pode lhe dar corda. Joe nunca o mandou consertar depois que gastou o pino contra o fundo da canoa, com o péso morto de Briggs por cima. Ele ficou admirado como o pino não quebrou. — O coração de Lisa batia descompassadamente. — Nora! — exclamou. — Eu preciso deste relógio! — Para que? — E' a nossa prova! — Nossa prova? — Exato. Ouça, Nora. Já lhe falei sobre as tais marcas do fundo da canoa. Até hoje Jim Billings não sabe a causa delas. Talvez tenham sido feitas pelo pino do relógio, o que provará que Murray lutou muito para salvar Briggs!

"UM PORTO REMANSOSO"

Este folhetim
termina nesta
página

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate

Tradução de JORGE A. FORTES



Billings comparou as marcas...

Quando Jim Billings recebeu o relógio das mãos de Lisa, comparou o pino com as marcas feitas no fundo da canoa. — Combinam perfeitamente — disse ele, sorrindo. — Isto é mais o lenço com os nós com que Murray amarrou os pulsos de Briggs provam sem sombra de dúvida a verdade.

As coisas correram com rapidez naqueles anos de guerra. Enquanto Murray treinava para o serviço naval, Nora fez um curso na Cruz Vermelha... e logo que pôde seguir para perto da base em que Murray servia, casaram-se sossegadamente. Em março de 1942 Murray cruzou o Pacífico. Semanas depois Nora o seguia numa unidade da Cruz Vermelha. Teve a sorte de ir para a área que escolhera. A primeira notícia que Lisa recebeu foi uma



Joe e Nora casaram-se tranquilamente.

carta de Nora, da Nova Guiné, anunciando que também ela estava em uniforme, trabalhando na Cruz Vermelha. «A maioria dos rapazes não sabe que sou casada e que estou apenas esperando que o meu marujo dê com os costados aqui no porto», dizia Nora. E foi o que aconteceu! O navio de Joe passou uma quinzena inteira onde estava Nora; e toda vez que Joe desembarcava, Nora estava à mão.

«O resultado», escrevia Nora algum tempo depois, «é que perdi o emprego, pelo menos temporariamente. A Cruz Vermelha está me despachando para os Estados Unidos, porque, acredite ou não, estou esperando um bebê! Estou orgulhosíssima. Doida para gritar para todo mundo. Mas não vou logo para Boston. Vou esperar por Murray na



Sem vacilar, Joe atirou-se ao mar...

costa do Pacífico, onde talvez ele aporte. San Diego, creio. Talvez o navio dele apareça lá». O bebê de Nora foi um garotão. Recebeu o nome de Murray V. Jones. O «V» era pela Vitória, Nora explicava a quem perguntasse. Em San Diego, ela ficou com uma amiga, que também tinha um filho...

Bem longe, em pleno Pacífico, o navio de Murray viu-se diante dos aviões suicidas japoneses. Embora as metralhadoras matrassem sem cessar, o navio foi atingido com terrível explosão, e logo veio a ordem de «Abandonar o barco!». Murray estava na balsa quando viu um homem sobre uma massa flutuante que se incendiava. Era a oportunidade, ele sabia. Sem vacilação, atirou-se ao mar e nadou rapidamente para o homem inconsciente, quase presa das chamas...



Todo o remorso desapareceu...

Desta vez Murray não fracassou. Era o momento por que estivera esperando... esperando. Arrancou o homem desmaiado dos destroços fumegantes... a balsa desaparecera... as ondas estavam violentas, mas Murray lutava valentemente... desta vez havia de salvar Briggs!

Alcançou uma ilha, com o homem ainda vivo. Todo o remorso pelo anterior fracasso desapareceu da sua consciência, mais tarde, quando o almirante afixou-lhe a medalha no peito. Pagara a dívida... provara o seu valor.

Windy encontrou numa revista a fotografia de Murray sendo condecorado. Não podia haver dúvidas de que se tratava de Murray. — Vai ser um choque terrível para mamãe, — disse ele, — mas sempre fiquei intrigado pelo



— Passa para cá! — gritou Windy.

desaparecimento do corpo. — Resolutamente, pôs a revista no bolso. Deviam jantar com Lisa naquele dia. Lisa dissera que lhes queria apresentar uma moça da Cruz Vermelha. E os acontecimentos se precipitaram. A revista caiu do bolso de Windy e foi apanhada pelo jovem Christopher. Estava aberta na página. Windy estendeu a mão. — Passa para cá. — Ora, por que é que eu não posso ver? — Cala a boca, Chris. Por Deus, cala essa boca. — Para que isso tudo? — perguntou Lisa, que vira Windy arrancar a revista das mãos do irmão. Windy suspirou. — Há uma coisa nesta revista. Você... você algum dia tem mesmo que saber. — Esperando, Lisa teve aquela sensação de quem desce num elevador. Enfim, já apren-



— Há muito que sei disso...

dera a usar os freios de emergência. Qualquer que fosse a catástrofe próxima, estava pronta a recebê-la. — Mostre-me, Windy — disse ela, calma. Windy passou-lhe a revista. Lisa ficou imóvel por um momento, com os olhos na página, lendo sobre o heroísmo de Murray. Depois olhou para os outros. — Há muito tempo que eu sei disso. E sei mais algumas coisinhas, também. — Então, na secretária, apanhou um livro intitulado «Animais alados que conheço», de um tal Elliot Jones, e o exibiu com orgulho. — É o nome literário de Murray — explicou. — Submetemos os apontamentos dele a um editor. — Submetemos? — perguntou Windy. E Lisa olhou pela janela. — Eu e a esposa de Murray — respondeu. — Vocês vão conhecê-la agora mesmo...



— Alô, pessoal. Cheguei atrasada?

Todos olharam pela janela, enquanto Nora, com o uniforme da Cruz Vermelha, saltava do taxi. Pouco depois estava parada na porta, olhando-os, muito empenhada, confiante, toda sorrisos... Lisa sentiu-se desordenadamente orgulhosa. Ali estava a esposa de Murray... a esposa de Murray, o que tirava a importância de qualquer outra mulher presente. — Alô, pessoal! — disse Nora com simplicidade. — Cheguei atrasada? — Lisa tomou-lhe as mãos, carinhosa. — Alô, meu bem! Venha conhecer a família. Alguns, naturalmente, você já conhece do acampamento. — Nora foi recebida com todo carinho e retribuiu da mesma maneira. E o que se falou sobre Murray, naquele jantar, foi exatamente o que ele teria gostado de



— O lugar de honra, — disse Lloyd.

ouvir, quando vivera saudosos nas matas do Maine... seu heroísmo na Marinha, o livro sobre insetos, que estava vendendo tão bem...

E foi o respeitável tio Lloyd quem falou com Lisa sobre o grande retrato de Murray, que já uma vez estivera no saguão. — Lisa, a noite de hoje é bem importante — disse ele com voz profunda e sonora, como se fazendo um discurso. — Muito importante, na verdade. Estamos todos orgulhosos de Murray. Trouxe honra e distinção a toda a família. — Lloyd ergueu os olhos para a parede do saguão. — O retrato de Murray deve ocupar o lugar de honra nesta casa. — Lisa pediu a Deus para não chorar. Procurou dizer: — Muito agradecida. Lloyd.



O barco volta ao bom porto...

Na tarde seguinte, quando Christopher voltou da escola notou qualquer coisa diferente no saguão. Chegou perto e deu com o retrato de Murray. Lisa acendera as luzes especiais, que faziam o retratado quase vivo, com nova expressão. Lisa encontrou Christopher ali, admirando. Passou o braço pelo ombro do caçula e ficaram os dois olhando em silêncio. — Creio que agora sei o que eles queriam dizer quando disseram que Murray voltara — disse o menino. Lisa pensou em algumas linhas de uma história bem conhecida. — Da viagem tormentosa regressa o barco vitorioso com a missão cumprida — disse para Chris. E depois de uma pausa: — Sim, o barco volta ao bom porto, a um porto remansoso.



MOBILIARIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses, portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES

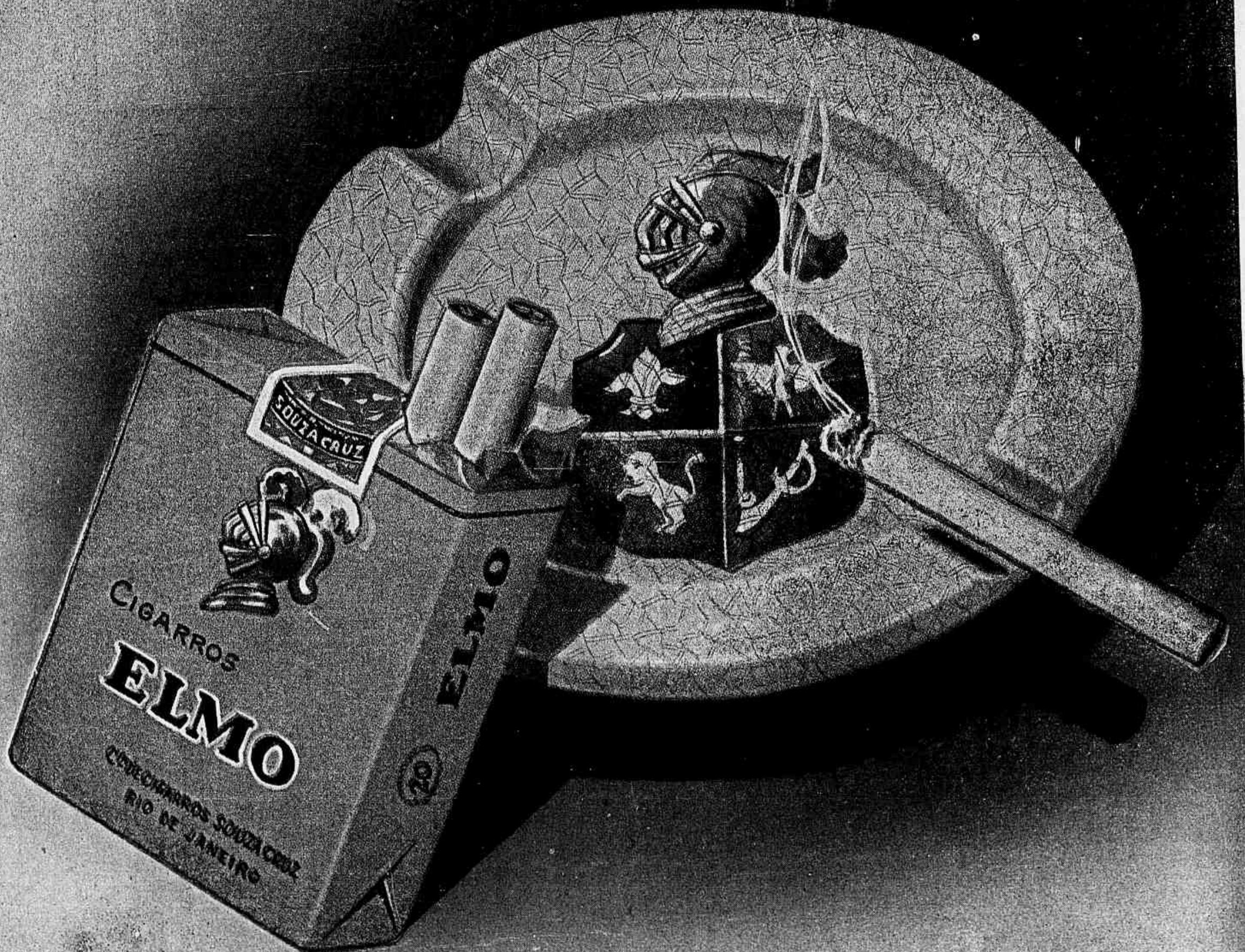


Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIÓCA - 67 - RIO

Himmel

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*